

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL**

**ENTRE LETRAS-MULHERES:  
LEITORAS BRANCAS E ESCRITAS NEGRAS ATRAVÉS DE UM  
GRUPO DE LEITURAÇÕES NA CIDADE DE PORTO ALEGRE**

**Aline de Moura Rodrigues**

**Porto Alegre**

**2024**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL**

**ENTRE LETRAS-MULHERES:  
LEITORAS BRANCAS E ESCRITAS NEGRAS ATRAVÉS DE UM  
GRUPO DE LEITURAÇÕES NA CIDADE DE PORTO ALEGRE**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Antropologia Social, pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Dr. Handerson Joseph

Porto Alegre

2024

CIP - Catalogação na Publicação

de Moura Rodrigues, Aline  
ENTRE LETRAS-MULHERES: LEITORAS BRANCAS E ESCRITAS  
NEGRAS ATRAVÉS DE UM GRUPO DE LEITURAÇÕES NA CIDADE DE  
PORTO ALEGRE / Aline de Moura Rodrigues. -- 2024.  
219 f.  
Orientador: Handerson Joseph.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do  
Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências  
Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia  
Social, Porto Alegre, BR-RS, 2024.

1. Leitoras brancas. 2. Escritas negras. 3.  
Antirracismo. 4. Branquitude. 5. Textualidades. I.  
Joseph, Handerson, orient. II. Título.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL**

**ENTRE LETRAS-MULHERES:  
LEITORAS BRANCAS E ESCRITAS NEGRAS ATRAVÉS DE UM  
GRUPO DE LEITURAÇÕES NA CIDADE DE PORTO ALEGRE**

Aline de Moura Rodrigues

Porto Alegre, 18 de janeiro de 2024

Resultado: Aprovada com conceito final A

Banca examinadora:

---

Orientador: Prof. Dr. Handerson Joseph (PPGAS/UFRGS)

---

Profa. Dra. Cláudia Fonseca (PPGAS/UFRGS)

---

Profa. Dra. Fernanda Oliveira (PPGHIS/UFRGS)

---

Prof. Dra. Janaína Lobo (UNILAB – CE)



**ATA PARA ASSINATURA Nº \_\_\_\_\_**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas



Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social  
ANTROPOLOGIA SOCIAL - Mestrado Acadêmico  
Ata de defesa de Dissertação

Aluno: Aline de Moura Rodrigues, com ingresso em 08/06/2021  
Título: **Entre Letras-Mulheres: Leitoras Brancas e Escritas Negras em um Grupo de Leituras na Cidade de Porto Alegre**  
Orientador: Prof. Dr. Handerson Joseph

Data: 18/01/2024  
Horário: 14:00  
Local: Videoconferência (Google Meet)

<b>Banca Examinadora</b>	<b>Origem</b>
Fernanda Oliveira da Silva	UFRGS
Janaína Lobo	UNILAB
Claudia Lee Williams Fonseca	UFRGS

Porto Alegre, 18 de janeiro de 2024

<b>Membros</b>	<b>Assinatura</b>	<b>Avaliação</b>
Fernanda Oliveira da Silva	_____	<u>Aprovada, Conceito A</u>
Janaína Campos Lobo	 _____	- <u>Aprovada, Conceito A</u>
Claudia Lee Williams Fonseca	 _____	- <u>Aprovada, Conceito A</u>

Conceito Geral da Banca: (A) Correções solicitadas: ( ) Sim (X) Não

**Observação:** Esta Ata não pode ser considerada como instrumento final do processo de concessão de título ao aluno.



\_\_\_\_\_  
Aluno

\_\_\_\_\_  
Orientador

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social  
Av. Bento Gonçalves, 9500 Prédio 43322 - 205D - Bairro Agronomia - Telefone 33088220  
Porto Alegre - RS

## AGRADECIMENTOS

Inicialmente, agradeço a ancestralidade e a orixalidade que são parte de mim e permitiram que eu seguisse os caminhos destes trinta e três anos.

Agradeço a primeira mulher negra que vi neste mundo e a quem dediquei meu primeiro beijo de carinho, em minhas primeiras horas de vida. Vera Lúcia Costa de Moura, minha mãe. Atendi seu pedido e segui lendo tudo que pude, mesmo que muitas vezes, sangrando. Agora virei escrita acadêmica, mais uma vez. A minha irmã mais nova, Luna, Ana Moura, a cineasta que me ensina desde que nasceu a partilhar e ser mais velha. Nós cruzamos as tempestades e seguimos vivas e juntas.

A meus irmãos mais velhos, Luiz Abel Proença Rodrigues e Marcelo Proença Rodrigues, que foram meus primeiros professores, aqueles dos quais copiando as letras dos cadernos, fui criando as minhas. Ao Marcelo, por me ensinar a amar a arte, a música e as sonoridades do espanhol. Mas principalmente obrigada me ensinar a amar passeios de joaninhas em dias de sol. Sinto saudades, mas te faço presença mano, sempre.

A meu pai, Severo Moraes Rodrigues, que mesmo na distância que os tempos de fim de mundo instauraram em nossas vidas desde 2018, ainda segue presente em mim quando olho no espelho e nas memórias de seus cuidados. Eu não esqueci e louvo sua existência em minha vida.

A meu companheiro de vida, Alonso Estevam da Silva, que me acompanha cotidianamente e que convive com minhas ondas turbulentas e com minhas maresias. Obrigada pelas longas leituras, abraços, chás de camomila e artemísia.

Ao Coletivo Atinúkê Pensamento de Mulheres Negras, por ser comunidade. Por existirem e animarem tantas vidas de famílias pretas através da educação, do fomento à vida e a possibilidade de reconhecer nosso poder de mulher negra. Em vários momentos, segui existindo porque tinha minhas referências pertinho de mim, fora dos pedestais e perto do coração. Agradeço com especial carinho a irmã de vida e caminhada, Daniela Guedes, por ser apoio, abraço, choro, alimento de alma e de vida durante estes anos desafiadores do mestrado e antes. Eu louvo tua existência e a sabedoria carinhosa que imprime na vida de quem te tem por perto.

Agradeço a Fora da Asa e ao TodAs Escrevemos, pela gentileza com que se fazem espaço coletivo, aberto e plural, no honesto sentido da palavra. Com imenso carinho, agradeço

por me prover a abertura para chegar junto, mesmo em meio ao caos. Especial abraço a todas as mulheres que fizeram parte do Grupo Permanente de Escrita para Mulheres. Mesmo na virtualidade de janelas intangíveis, sinto vocês perto como se adentrassem minha sala de estar com as emoções e aprendizados vividos em nossos encontros.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Handerson Joseph, agradeço a liberdade e parceria, sem a qual não seria possível criar maneiras de seguir em frente nesta pesquisa. Foi uma honra contar com sua honestidade e cuidado.

Também agradeço com carinho, as contribuições de hoje e de sempre, das queridas professoras Fernanda Oliveira, Janaína Lobo e Cláudia Fonseca. Me sinto honrada de ter contado com a leitura e avaliação de mulheres cientistas as quais admiro e tenho a felicidade de ter por perto. Grata mais uma vez por aceitar compor a banca de avaliação deste trabalho.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRGS, por instigar os sentimentos mais profundos de minha escolha pela Antropologia. Por me fazer constantemente tecer diálogos agrídoces.

A CAPES, pelo fomento através do qual no primeiro ano de mestrado, pude me dedicar mais diretamente a pesquisa. Foi extremamente importante contar com este fomento em tempos obscuros para a sobrevivência da ciência no Brasil.

Não posso deixar de citar e agradecer a alguns espaços acadêmicos e políticos que tive a oportunidade de conhecer durante este período e que me proveram além de importantes referenciais teóricos, trocas que estão talhadas na minha memória afetiva: as aulas de Raciolinguística ministradas de forma aberta pela Prof. Gisela Carlos Fregoso, no curso de Antropologia Linguística da Universidad de Guadalajara; o curso No Rastro do Povo Preto, ministrado também de forma aberta pela Prof. Aline Najara, na Universidade Estadual da Bahia – Campus XIII; a disciplina Oralidades Africanas na Educação, ministrada pela Prof. Sandra Petit, no âmbito da Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará; os encontros do NUBRAC – Núcleo de estudos sobre branquitude, do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais e também as muitas discussões e trabalhos desenvolvidos no âmbito do GT Cuerpos, Territórios y Resistencias, do Conselho Latino americano de Ciências Sociais, o qual componho desde 2020 e que tive a oportunidade de participar da coordenação desde o início deste ano, junto a Prof. Xochitl Leyva Solano e a Prof. Maydi Estrada Bayona, que me ensinam como tejer otros mundos posibles, mesmo frente as

muitas dificuldades. Vamos tecendo aprendizados e alternativas pluriversas de viver juntas, mesmo na distância.

Agradeço a todas as mulheres negras que se fizeram letras e com seus ensinamentos de vidas coletivas, propiciaram que jovens como eu e muitas outras pessoas, sigam trilhando a coragem de publicar, de dizer e de circular conhecimentos também em letra acadêmica. Finalizo agradecendo a todas as mulheres que se permitem olhar no espelho de seus privilégios e encarar sua branquitude, ativamente. Agradeço aquelas que avançam frente aos cacos de saber-se herdeiras de um contrato racial incontestável, assinado em seu favor, pela cor de sua pele, que as concede abertura a possibilidades de vida, entre as quais, muitas vezes, a chance de escrever e publicar. Agradeço aquelas que efetivamente se comprometem para além da palavra, com a urgente necessidade coletiva de ser antirracistas na prática.

Nos ler não é um favor. É uma necessidade coletiva. Há muito mais a ser feito além de citar nossos nomes e reduzir nossas palavras. Há muito a aprender, juntas.



Lê tudo minha filha, ainda que tu não entenda na hora, continue lendo.

Vera Lúcia Costa de Moura

Quais as palavras que você ainda não tem? O que você precisa dizer? Quais as tiranias que você engole dia após dia e tenta tomar para si, até adoecer e morrer por causa delas, ainda em silêncio? Para algumas de vocês que estão aqui hoje, talvez eu seja a expressão de um dos seus medos. Porque sou mulher, sou negra, sou lésbica, porque sou quem eu sou – uma poeta negra guerreira fazendo o meu trabalho -, então pergunto: vocês têm feito o trabalho de vocês?

Audre Lorde

Por que sou levada a escrever? Porque a escrita me salva da complacência que me amedronta. Porque não tenho escolha. Porque devo manter vivo o espírito de minha revolta e a mim mesma também. Porque o mundo que crio na escrita compensa o que o mundo real não me dá. No escrever coloco ordem no mundo, coloco nele uma alça para poder segurá-lo. Escrevo porque a vida não aplaca meus apetites e minha fome. Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você.

Glória Anzaldúa

## RESUMO

Nesta etnografia, a partir da inserção da pesquisadora como parte do Grupo Permanente de Escrita para Mulheres, atividade promovida pelo Selo Editorial Todas Escrevemos em parceria com a ONG e Coletivo Fora da Asa, buscou-se documentar e analisar os encontros entre mulheres diferencialmente racializadas que juntas leem e escrevem não apenas seus projetos de publicação, mas também alternativas de enfrentamento aos privilégios e desconfortos que as experiências de racialidade e racismo geram, também através da escrita. O objetivo desta pesquisa é analisar a maneira pela qual as mulheres brancas autodeclaradas antirracistas se relacionam com escrita de autoria negra feminina. Entre memórias de escutas de outro tempo e relatos de vidas perpassadas pelas letras-mulheres nos anos de 2021 e 2023, esta etnografia foi tecida em meio a pandemia e engendrada entre telas. Esta etnografia buscou incitar olhares para as interseccionalidades de privilégios e de opressões presentes na trajetória de leitoras brancas de escritas de autoria negra e feminina. Quais as localizações dos saberes gerados por leituras feitas por pessoas autoconscientes de sua racialidade branca? Quais os caminhos de diálogo podem ser tecidos neste reconhecimento de si, através de letras-mulheres negras? Longe de explorar em profundidade a discussão teórica sobre o tema das leituras, aqui o interesse é pensar dimensões da etnografia enquanto texto tecido e lido por existências antropológicas racialmente diversas, das quais em muitos casos, se colocam também na busca por uma prática antirracista no seu fazer leituras e escritas coletivas. O texto etnográfico é, por si só, intrinsecamente plural, porém se faz necessário explicitar a dimensão racial das alteridades envolvidas no trabalho de campo, assim como no âmbito de organizações sociais e pessoas em movimento, neste trabalho tendo se direcionado o olhar mais detidamente a mulheres brancas autodeclaradas como antirracistas.

**Palavras-chave:** Leitoras brancas. Escritas Negras. Antirracismo. Branquitude. Textualidades.

## ABSTRACT

In this ethnography, through the researcher's involvement as part of the Permanent Writing Group for Women, an activity promoted by the Editorial Seal 'Todas Escrevemos' in partnership with the NGO and Collective 'Fora da Asa,' the aim was to document and analyze the meetings among racially diverse women who collectively read and write not only their publication projects but also alternatives to address the privileges and discomforts generated by experiences of race and racism, also through writing. The objective of this research is to analyze how self-proclaimed white women who identify as antiracists engage with writing by Black women authors. Amidst memories of listening to another time and accounts of lives shaped by women's letters in the years 2021 and 2023, this ethnography was woven amidst the pandemic and engendered among screens. This ethnography aimed to provoke reflections on the intersections of privileges and oppressions present in the trajectory of white readers of Black and women-authored writings. What are the locations of knowledge generated by readings made by individuals self-aware of their white racial identity? What paths of dialogue can be woven in this self-recognition through Black women's letters? Far from delving deeply into the theoretical discussion about reading, here the interest lies in contemplating dimensions of ethnography as a text woven and read by racially diverse anthropological existences, many of whom also seek an anti-racist practice in their collective readings and writings. The ethnographic text is inherently plural, yet it's necessary to clarify the racial dimension of the alterities involved in fieldwork, as well as within social organizations and people in motion, with this work focusing more closely on self-proclaimed white women as antiracists.

**Keywords:** White readers. Black writing. Antiracism. Whiteness. Textualities.

## RESUMEN

En esta etnografía, a través de la participación de la investigadora como parte del Grupo Permanente de Escritura para Mujeres, una actividad promovida por el Sello Editorial 'Todas Escrevemos' en colaboración con la ONG y el Colectivo 'Fora da Asa', el objetivo fue documentar y analizar los encuentros entre mujeres racialmente diversas que leen y escriben colectivamente no solo sus proyectos de publicación, sino también alternativas para enfrentar los privilegios e incomodidades generados por las experiencias de raza y racismo, también a través de la escritura. El objetivo de esta investigación es analizar cómo las mujeres blancas autodeclaradas como antirracistas se relacionan con la escritura de autoras negras. En medio de recuerdos de escuchar otro tiempo y relatos de vidas moldeadas por las letras de las mujeres en los años 2021 y 2023, esta etnografía se tejió en medio de la pandemia y se engendró entre pantallas. Esta etnografía buscó provocar reflexiones sobre las intersecciones de privilegios y opresiones presentes en la trayectoria de lectoras blancas de escritos de autoras negras y mujeres. ¿Cuáles son los lugares del conocimiento generado por lecturas hechas por personas conscientes de su identidad racial blanca? ¿Qué caminos de diálogo pueden tejerse en este autorreconocimiento a través de las letras de mujeres negras? Lejos de adentrarse profundamente en la discusión teórica sobre la lectura, aquí el interés radica en contemplar dimensiones de la etnografía como un texto tejido y leído por existencias antropológicas racialmente diversas, muchas de las cuales también buscan una práctica antirracista en sus lecturas y escritos colectivos. El texto etnográfico es intrínsecamente plural, sin embargo, es necesario aclarar la dimensión racial de las alteridades involucradas en el trabajo de campo, así como dentro de organizaciones sociales y personas en movimiento, enfocándose más estrechamente en mujeres blancas autodeclaradas como antirracistas.

**Palabras – Clave:** Lectoras blancas. Escrituras negras. Anti-racismo. Blanquedad. Textualidades.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Livretos do Ciclo de Autoformación Feminista na Librería La Cosecha .....	24
Figura 2 - Capa do livro <i>Para perderle el miedo a la escritura</i> , organizado pelo DEMAC.....	26
Figura 3 - Primeiro contato de pesquisa com a Fora da Asa .....	29
Figura 4 - Divulgação do Projeto Casa Abierta – 2019.....	33
Figura 5 - Página inicial do Instagram da Fora daAsa @foradaaasa.....	35
Figura 6 – Sujeita, de Brenda Vidal: primeiro livro lançado pelo Selo Todas Escrevemos. Perfil @todasescrevemos .....	36
Figura 7 - Lançamento do TodAs Escrevemos: uma coletânea. Perfil @todasescrevemos.....	37
Figura 8 - Lançamento do livro <i>Corpoesiatrans</i> , de Agda Céu. Perfil @todasescrevemos. ....	37
Figura 9 - Trecho do texto de apresentação do site do TodAs Escrevemos. Publicado em Porto Alegre, em junho de 2020.....	38
Figura 10 - Constelação de autoras da 1ª Convocatória de textos para o site do TodAs Escrevemos, em 2020.....	40
Figura 11 - Dados de Raça das autoras. Fonte: Site TodAs Escrevemos, 2020.....	42
Figura 12 - Dados de identidade de gênero das autoras. Fonte: Site TodAs Escrevemos, 2020 .....	43
Figura 13 - Dados de faixa etária das autoras. Fonte: Site TodAs Escrevemos, 2020.....	43
Figura 14 – Gráfico “Mulheres são maioria entre os estudantes do ensino superior”.....	48
Figura 15 - Capa da Coletânea TodAs Escrevemos. Fonte: Site TodAs Escrevemos, 2020....	50
Figura 16 - Retomada do contato com a Fora da Asa. Fevereiro 2022 .....	65
Figura 17 - Resposta a meu contato de retomada. Fevereiro 2022.....	66
Figura 18 – Imagem do site Literatura RS sobre o lançamento do livro <i>Clã Mulheres que escrevem</i> .....	70
Figura 19 – Imagem sobre o projeto Mulheres Negras na Biblioteca.....	71
Figura 20 – Segunda página da Programação do Grupo Permanente de Escrita para Mulheres .....	76
Figura 21 - Mapa conceitual do projeto de pesquisa, realizado no 2º ano do mestrado.....	95
Figura 22 – Esboço de mapa mental da pesquisa – Chuva de ideias e conexões. Fevereiro de 2022. ....	96
Figura 23 – Chuva de ideias e conexões. Anotações de Fevereiro de 2022.....	102
Figura 24 – Capa do 1º diário de campo-vida desta pesquisa .....	111

Figura 25 – Páginas inaugurais dos dois diários de campo que utilizei durante a pesquisa...	112
Figura 26 – Foto da conversa com parte das mulheres do Grupo de Escrita Permanente.....	125
Figura 27 – Foto de Miranda July .....	138
Figura 28- Foto de Aline de Moura .....	142
Figura 29 - Foto de Carolina Maria de Jesus.....	162
Figura 30 - Mapa de relações conceituais entre leitoras e autorias.. .....	184

## **AGRADECIMENTO À CAPES**

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código 001.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>14</b>
<b>CAPÍTULO 1 – ENTRE LETRAS-MULHERES</b> .....	<b>19</b>
<b>1.1 Fora da Asa e TodAs Escrevemos: o começo dessa história</b> .....	<b>31</b>
<b>1.2 As reuniões abertas e a Oficina de Miranda e Flor</b> .....	<b>55</b>
<b>1.3 O Grupo permanente de escrita para mulheres</b> .....	<b>74</b>
<b>CAPÍTULO 2 – LEITURAS, ESCRITAS E ENCONTROS</b> .....	<b>88</b>
<b>2.1 Caminhos Metodológicos</b> .....	<b>92</b>
<b>2.2 Escrevivendo uma etnografia em Porto Alegre</b> .....	<b>98</b>
<b>2.3 Diário de campo-vida</b> .....	<b>108</b>
<b>2.4. Carta de uma antropóloga negra – Porto Alegre, 2023</b> .....	<b>115</b>
<b>CAPÍTULO 3 – SUJEITAS: REENCONTRO COLETIVO E INDIVIDUAL</b> .....	<b>120</b>
<b>3.1 Conversa coletiva encarnada: encontro além das telas</b> .....	<b>122</b>
<b>3.2 Conversas individuais: adentrar as casas, ser escuta e palavra</b> .....	<b>137</b>
<b>3.3 Miranda July: “Eu sou mais montanha. Ela é vento”</b> .....	<b>138</b>
<b>3.4 Alyne : “Na universidade, eu conheci outros mundos”</b> .....	<b>142</b>
<b>3.5 Carolina Maria de Jesus – “Reescrevendo a história familiar”</b> .....	<b>162</b>
<b>CAPÍTULO 4 – MULHERIDADES E RELAÇÕES RACIAIS</b> .....	<b>172</b>
<b>4.1 Leitoras Brancas e Escritas Negras: estabelecendo um branco tema</b> .....	<b>174</b>
<b>4.2 Gêneros na branquitude – Intersecções invisíveis</b> .....	<b>182</b>
<b>4.3 Escuta negra de palavras brancas: encontros agrídoces</b> .....	<b>195</b>
<b>CONCLUSÃO – Raiva, afeto, cansaço e letras</b> .....	<b>200</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>204</b>



## INTRODUÇÃO

Os nomes das mulheres foram apagados, literalmente, do imaginário social das escritas no Brasil por largo tempo, ainda que estas estivessem produzindo à revelia das vontades de silêncios. Mulheres que escreveram com codinomes masculinos para que pudessem publicar. Mulheres que escreveram diários em papéis retirados do lixo. Mulheres que escreveram à noite, depois de muitas horas de triplas jornadas. Houve aquelas também que escreveram cartas de amor de mulher para mulher. Muitas destas mulheres escreveram e (se) guardaram em suas gavetas e diários ocultos em caixas, por muitos motivos, como por exemplo a falta de espaço no mercado literário, mesmo quando tinham prestígio de mulher branca. Como nos diz Glória Anzaldúa, em um dos escritos que foram semente dessa etnografia, é difícil nos imaginarmos sendo escritoras, muito mais sentir e acreditar que podemos (Anzaldúa, 2000). E seguindo nesta linha, a autora diz, “o que temos para contribuir, para dar? Nossas próprias expectativas nos condicionam. Não nos dizem a nossa classe, a nossa cultura e o homem branco, que escrever não é para mulheres como nós? (Anzaldúa, 2000, p. 230)

Entre privilégios e desigualdades, teimamos em escrever e publicar. Em feiras, em fanzines, pela oralidade e pela letra nos papéis diversos, existem letras-mulheres espalhadas pelo mundo a fora. Esta dissertação é uma memória de encontros e desencontros entre mulheres do hoje, do ontem e do amanhã. Algumas que habitam na minha trajetória pessoal como leitoras ávidas da vida. Outras que conheci nesta caminhada de tomar a coragem para além da caneta e entender isto como ato coletivo. Aquela coragem de publicar e se abrir ao mundo dos olhos dos outros e das outras. Estes mesmos olhos que por vezes me leem como tudo, menos uma mulher que escreve também etnografias. Como Zora Hurston e muitas outras, escrevemos ficção-verdade quem nem todos os editores e editoras publicarão (Hurston, 1979), essa linha tênue entre o que é lido como “folclore” e o que é validado na distância entre o negro-tema e o negro-vida (Ramos, 1954), para citar Guerreiro Ramos mais uma vez.

Nesta pesquisa me aproximo do branco tema<sup>1</sup> em sua intersecção com o gênero. Como mulheres brancas leem escritas de mulheres negras? O que caracterizaria uma escrita negra e

---

<sup>1</sup> Branco-tema é um neologismo conceitual utilizado aqui para expressar essa tentativa de inversão metodológica, em relação ao desenvolvimento de pesquisas que tenham como tema o âmbito das relações raciais. Como abordado por Alberto Guerreiro Ramos, sobretudo nas obras *Introdução crítica a sociologia brasileira* (1957) e *A redução sociológica* (1958), tratar de relações raciais por largo tempo significou falar do negro enquanto tema de análise

uma leitura branca? Quais as contribuições desta alteridade literária nas redes vividas entre mulheres diferencialmente racializadas? Estas são algumas perguntas que animaram esta pesquisa e que estimularam a escrita desta etnografia, etapa em que encontros, silêncios, certezas e dúvidas rodeiam a gente, que em frente a uma folha em branco tece histórias de vozes em autoria confusa. O objetivo geral desta pesquisa é analisar a maneira pela qual um grupo de mulheres brancas autodeclaradas antirracistas se relacionam com a escrita de autoria negra feminina<sup>2</sup>.

O trabalho de campo iniciou em 2021, com os primeiros contatos e participações em reuniões e atividades promovidas pela ONG Fora da Asa – Experiências Plurais, vindo a se intensificar no universo do projeto do que viria a ser o Selo TodAs Escrevemos, desenvolvido no âmbito da ONG. Acompanhei o Grupo Permanente de Escrita para Mulheres, ocorrido de maneira majoritariamente virtual, entre 30 de junho e 8 de dezembro de 2022. Um grupo composto por diferentes mulheres, com diferentes projetos de escrita, que se desenvolviam em meio a reflexões e exercícios orientados. Na elaboração desta teoria do vivido (Peirano, 2008) aqui letreada, me insiro entre as sujeitas (Vidal, 2020) desta pesquisa a partir de histórias pessoais que se entramam na relação com os livros e as mulheres brancas estabelecendo assim um olhar sobre a alteridade, a partir de um exercício de fazer antropológico negro (Dias, 2019), que aprende das outras que vieram antes e que se aventura em tecer letras antropológicas próprias.

É importante fazer algumas considerações sobre a forma da escrita ao longo desta etnografia. Uma ideia preliminar foi posta em prática por meio do exercício parcialmente delineado no subitem Escrevivendo uma etnografia em Porto Alegre (item 2.2 desta dissertação): praticar uma relação entre escrevivência (Evaristo, 2009) e texto etnográfico. Escrever sobre a leitura da escrita foi também uma intenção desta pesquisa, considerando a necessidade de acolher enquanto experiência, esta forma “alinear” que transita entre as descrições, os pensamentos e as citações. Uma escrita que apresenta esta sujeita antropóloga que ouve, lê e escreve, na mesma frequência que sente, pulsa e vê em campo. Entre

---

sociológica e não como ser com personalidade e existência, o que seria o negro vida. Ao tratar de branco tema, me refiro a possibilidade de uma alteração no foco temático, visando pensar as relações raciais tendo como eixo disparador das análises, a branquitude. Para outro uso recente do termo, ver o artigo de Bernardino-Costa e Brito (2022).

<sup>2</sup> Ao longo do texto, fiz a escolha de utilizar os termos “mulheres” e “femininas” de forma intercambiada, buscando alternativas para a repetição da demarcação de que, neste trabalho, escritas e leituras foram observadas considerando-se o marcador de gênero, gerando uma interseccionalidade que seria suprimida se optasse por dizer apenas “leituras brancas” e “escritas negras”, as quais denotam um espectro mais amplo, do ponto de vista de gênero, do que foi aqui documentado.

cosmopercepções e cosmovisões, que tipo de etnografia foi escrita aqui? Esta é uma pergunta que segue aberta, possibilitando as possíveis leituras que interajam com o que aqui encontrarem, que ajudem a respondê-la ao longo do tempo desta constante formação que escolhi viver, a de fazer-me antropóloga todos os dias.

Os trechos de diário de campo-vida<sup>3</sup> ou das conversas com as interlocutoras de pesquisa, estarão com o recuo como de citação. Desta forma busco equacionar a visualização das oscilações de vozes que compuseram este trabalho. Tanto as vozes advindas do acesso a livros e artigos, quanto as compartilhadas ao longo das observações e conversas em campo. Esta etnografia é formada por quatro capítulos. O primeiro, *Entre Letras-mulheres*, é composto por três subcapítulos que contextualizam o campo, através de relatos das aproximações com o espaço e o projeto: a Fora da Asa e o TodAs Escrevemos. Conto um pouco neste item sobre como uma coletânea foi a semente dessa história. Neste capítulo também apresento o Grupo Permanente de Escrita para mulheres, onde foram realizadas observações participantes ao longo de seis meses, de maneira virtual.

O capítulo 2, *Leituras, Escritas e Encontros*, é dedicado a detalhar a feitura dessa pesquisa, começando pelos caminhos metodológicos percorridos, os quais tiveram muito de invenção frente ao contexto da pandemia de covid-19. Também escrevo sobre um velho amigo de caminhada nas Ciências Sociais: o diário de campo, que aqui foi chamado de diário de campo-vida. Através desta relação com os registros tanto do vivido quanto dos desdobramentos pensados a partir disto, buscou-se articular aproximações entre as poéticas negras, sobretudo a escrevivência (Conceição, 2009) como metodologia de ficção-verdade e a teoria etnográfica, para pensar a possibilidade de escrever em uma etnografia. Ficção-verdade é essa fricção entre os limites do narrado e do real, em sua complexa existência. Um exemplo palpável seria o livro *Becos da Memória*, de Conceição Evaristo (Evaristo, 2017). Tomo aqui um trecho da apresentação do livro, que exemplifica da melhor forma o sentido de ficção-verdade aqui aludido: “Também já afirmei que invento sim e sem o menor pudor. As histórias são inventadas, mesmo as reais, quando são contadas. Entre o acontecimento e a narração do fato, há um espaço em profundidade e é ali que explode a invenção” (Conceição, 2017, p. 5).

No capítulo 3, *Sujeitas: reencontro coletivo e individual*, apresento de forma mais dedicada três pessoas importantes desta história, as três mulheres que estiveram do início ao

---

<sup>3</sup> O diário de campo-vida é a forma como denominei os cadernos de anotações que performaram uma presença comigo, durante o campo, muito mais ampla do que somente um diário de campo à la Malinowski. Dediquei um subitem do capítulo 2 para falar mais sobre esta presença no campo.

fim do Grupo Permanente de Escrita para Mulheres. Miranda July, Carolina Maria de Jesus e Alyne, foram os nomes fictícios escolhidos pelas companheiras desta experiência, nas quais por meio do pensar conjuntamente nossas escritas, fomos acessando também trechos importantes de nossas trajetórias e histórias de vida. Neste capítulo consta uma síntese de uma conversa coletiva que tivemos presencialmente na Fora da Asa e as conversas individuais, realizadas virtualmente.

Em *Mulheridades e relações raciais*, aprofundo os debates teóricos sobre branquitude, gênero e privilégio, em suas dimensões interseccionais. No primeiro subcapítulo, *Leitoras brancas e escritas negras*, mesclo experiências do campo, com observações a respeito da presença das autorias negras entre os imaginários de letras das mulheres com quem convivi, assim como estabeleço um diálogo com os estudos das literaturas negras e afro-brasileiras, as dimensões do apagamento do eixo de gênero nas publicações e os diálogos interseccionais que vêm abundando o debate crítico, sobretudo empreendido por pesquisadoras nos campos das Ciências Sociais e da crítica literária feminista. O interesse deste capítulo é trazer para discussão as possibilidades de inversão do ponto de vista temático e de estabelecimento de sujeitos de pesquisa no âmbito dos estudos das relações raciais. Ao pensar as especificidades do branco tema a partir de um olhar antropológico negro direcionado a mulheres brancas autodeclaradas como antirracistas, este último capítulo convida a pensar as potencialidades da alteridade em sua circularidade.

A conclusão traz como subtítulo *Raiva, afeto, cansaço e letras*. Em certa medida, é uma descrição das principais emoções que permearam toda esta pesquisa, a qual não se trata de uma autoetnografia, mas de uma tentativa de equalização de presenças, incorporando entre as sujeitas desta história a minha voz como antropóloga que empreende um fazer antropológico negro. Nesta pesquisa, as autorias de mulheres negras são em grande parte as referências conceituais, analíticas e metodológicas. Deste modo, importa dizer que este referencial, desde a concepção da ideia, até a conclusão da escrita, parte de um diálogo entre observações de campo e pensamento social negro (González, 1988; Santos, 2021; Nascimento, 1978; Silveira, 1970; Silva, 1985; 1987; Bairros, 1988; Ramos, 1954; Santos, N. 2021; Curiel, 2013; Santos, 2015), produzido no âmbito do Brasil e da América Latina<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> Aqui sempre entendida como América Latina, categoria político-cultural ampliada pelos estudos de Lélia González na década de 80 do século XX. (Ver González, 1988)

Este um compromisso que, além de pessoal, é profissional e acadêmico, tendo em vista que muitas das referentes de meu tornar-se antropóloga foram apagadas por longo tempo do seio das leituras obrigatórias nos programas de graduação e pós-graduação das Ciências Sociais e da disciplina antropológica em específico. Este movimento é também aprendizado que trago do campo, das mulheres brancas e não-brancas que seguem tecendo escritas e ações em coletividade, encarando desconfortos e buscando formas de coexistir entre mulheridades diferencialmente racializadas.

Espero que o rompimento com a homogeneidade aqui representada possa aguçar os nossos sentidos enquanto pessoas antropólogas que aprendem na alteridade, para assumirmos as pluriversas possibilidades de aprender, fazer e desconhecer as outridades que somos e que encontramos nas empreitadas cotidianas dos nossos fazeres ciências. Ela, a etnografia, foi aqui uma forma de organizar reflexões adquiridas ao longo de muitos encontros e discussões, acadêmicas e não acadêmicas, sobre as maneiras interseccionais pelas quais as relações raciais operam. Esta pesquisa também reescreve em mim histórias de encontros agrídoces. Seguindo o conselho de minha mãe, busco colocar no papel as letras para seguir lendo, sempre, mesmo que não entenda na hora, entendendo que é no caminhar que se aprende.

## CAPÍTULO 1 – ENTRE LETRAS-MULHERES

### IT'S THE POVERTY

Não tenho imaginação você diz  
 Não. Não tenho língua.  
 A língua para clarear  
 minha resistência ao literato.  
 Palavras são uma guerra pra mim.  
 Ameaçam minha família.  
 Para conquistar a palavra  
 para descrever a perda  
 arrisco perder tudo.  
 Posso criar um monstro  
 as palavras se alongam e tomam corpo  
 inchando e vibrando em cores  
 pairando sobre minha mãe, caracterizada.  
 Sua voz na distância  
*Ininteligível iletrada.*  
 Estas são as palavras do monstro.  
 (Moraga, 1983, p. 62)

\*\*\*

Pensando a gênese desta pesquisa, retomo as primeiras histórias que ouvi envolvendo mulheres e livros. Eu tinha cerca de doze anos e minha mãe me contava com riqueza de detalhes sobre seu encantamento e o frenesi que sentia ao estudar. Entre estas histórias, estavam as vividas nas casas em que trabalhou como empregada doméstica, nos bairros Bom Fim e Menino Deus, em Porto Alegre, sobretudo durante as décadas de 1970 e 1980. Ao limpar as bibliotecas das “casas de família”, um pouco a cada dia ela lia livros inteiros, escondida das patroas. Quando era pequena eu não tinha muita noção do porquê minha mãe tinha que se esconder para ler. À medida que fui crescendo e ouvindo repetidas vezes as histórias vividas neste convívio dela com mulheres brancas, muitas curiosidades foram se movendo em mim. Talvez por isto, desde muito cedo, fui aficionada pelo livro como objeto. Essa coisa que guardava desenhos, que depois aprendi que eram letras. Foi pela maestria de minha mãe em contar histórias agrídoces que me tornei escrevente, estudante, pesquisadora e antropóloga.

Ao trazê-la para dentro do texto, resguardo essa presença que é um dos motivos profundos dessa pesquisa. Uma história com a leitura e a escrita que se inicia muito antes da aproximação com a universidade. Dona Vera Lúcia Costa de Moura escreveu uma etnografia em mim, mesmo sem sabermos o que era uma etnografia. Quando digo isto, me refiro a maneira como ela tinha a habilidade da descrição densa, mesclando análise com observação de detalhes,

uma forma de contar que entendo como escrever pela oralidade, experiências que não vivi. Escutar continuamente estas histórias, por cerca de 25 anos de convivência, influenciou diretamente em minha formação.

Em outros momentos, contei Vera nas notas de rodapé, mas nesta etnografia isso não é possível, pois de certa maneira, as notas de vida que ela compartilhou comigo ao longo dos anos se entremearam nas leituras, nas emoções e nos aprendizados vividos durante o mestrado. Por isto, aqui apresento Vera Lúcia Costa de Moura: mulher negra gaúcha, escorpiana, nascida em 15 de novembro de 1953, nos olhos D'água, em Bagé, interior do Rio Grande do Sul. Trabalhou desde os 9 anos para ajudar a trazer comida para a família e poder comprar o lápis e o caderno para ir à escola. Risonha, inteligente, brava, complexa e uma conhecedora de mundos, sem nunca ter saído do Rio Grande do Sul. Em 2018, no mesmo dia que Vera partiu, eu conheci a força da palavra *Atinúkê*<sup>5</sup>.

Fiz parte da terceira turma do Curso de Formação, gestado pelo Coletivo *Atinúkê* Pensamento de Mulheres Negras, do qual atualmente faço parte. O coletivo é formado por mulheres, principalmente do sul do continente, entre brasileiras e uruguaias. O coletivo “é fruto da inquietação de três mulheres negras, militantes e pesquisadoras, que iniciaram essa aventura com a idealização e a concretização cuidadosa de um grupo de estudos”. (Silva; Rodrigues; Ricardo; Cassal, 2022, p.17).

Durante um semestre, nas manhãs de sábado no Ponto de Cultura Africanamente<sup>6</sup>, local em que acontecem os encontros do curso, a cada módulo lemos, discutimos e aprendemos *com* os pensamentos de mulheres negras acadêmicas e não acadêmicas, ao mesmo tempo que reconhecemos a nós mesmas nesta condição de circuladoras e criadoras de conhecimentos. Um movimento coletivo de mulheres se presentificando através do compartilhamento de suas

---

<sup>5</sup> Traduzido do yorubá, *Atinúkê* significa “aquela que merece carinho desde a gestação”. O termo de origem nigerocongoleza foi designado para Tatiana Machado ao ser iniciada no batuque (Nina Fola em entrevista ao Jornal do Comércio. 22 de abril 2023). Para mais informações, ver “Grupo de Estudos *Atinúkê* aprofunda o pensamento da mulher”, em Portal Geledés e nas redes sociais do Coletivo *Atinúkê* Pensamento de Mulheres Negras (@atinukemulheresnegras)

<sup>6</sup> O Africanamente – Centro de Pesquisa, Preservação e Divulgação de Tradições Culturais Afrodescendentes é um ponto de cultura e espaço-escola que existe desde 2001 e desde 2012 tornou-se ponto de cultura em Porto Alegre. É no espaço do “África”, como carinhosamente chamamos o ponto de cultura, que os encontros das seis edições do curso sobre pensamento de mulheres negras oferecido pelo Coletivo *Atinúkê* acontecem. Para uma visão etnográfica da prática da capoeira angola no espaço-escola, ver o artigo de Marco Antônio Saretta Pogli, *Com a Africanamente: experiência etnográfica em um grupo de capoeira em Porto Alegre*, 2020.

experiências de aprendizado enquanto estudantes, trabalhadoras, professoras e muitas mais ocupações e identidades.

Ver-se na possibilidade do ler enquanto ato coletivo propiciou pensar ativamente as relações entre mulheres através das letras. Ao cruzar essas experiências de aprendizado com a vivência de anos de escuta das histórias de minha mãe com os livros e as mulheres, entendi que aprender/ensinar entre nós, é uma prática circular e pluriversa. A gente lê com o corpo inteiro. Como menciona Rosa (2018) a respeito das estratégias de comunicação mobilizadas nos encontros do curso de Atinúké, “as trocas de energia através de olhares, abraços, carinhos e conversas cheias de atenção também fazem parte das reuniões. Nos encontros, a comunicação acontece através do toque e da escuta atenta”. A própria relação com as letras-mulheres<sup>7</sup> acessadas durante o curso, enquanto referências de leitura para as discussões em roda, se faz desde a premissa do afeto como ação de aprender-nos juntas e poder deixar a palavra girar, no encontro com as que estão fisicamente ali presentes, assim como com as que estão presentes através de suas letras e ensinamentos. Em meio a relações sociais estruturadas pelo racismo e a desigualdade, a experiência do ler muitas vezes se torna fragmento, entre idas e vindas de ônibus ou leituras de pedacinho em pedacinho, escondidas entre a limpeza das bibliotecas alheias. Quando temos a oportunidade de reinscrever essa relação, como acontece durante os encontros do coletivo, também temos a possibilidade de nos relacionar com as letras escritas de outra forma. Estas notas de aprendizado me acompanharam nos anos seguintes, em que vivi outras experiências relacionadas ao âmbito da relação com os livros.

Em 2019, tive a experiência de estudar em Chiapas, no sudoeste mexicano, para desenvolver o projeto de pesquisa que foi selecionado dentro do Programa de Desenvolvimento Acadêmico Abdias do Nascimento (SECADI/CAPES). Durante a realização da pesquisa, que em parte resultou em meu trabalho de conclusão de curso na graduação em Ciências Sociais, os contornos das aproximações entre os temas de gênero, raça e autorias femininas de escritas tomaram rumos de interesse de pesquisa, mais direcionados as relações raciais e a agência leitora.

---

<sup>7</sup> Termo que utilizarei ao longo do texto para me referir as autoras lidas durante os encontros mencionados, compreendendo que muitas das autorias que lemos já não estão mais presentes fisicamente nos encontros, porém se expressam e participam da circulação de aprendizados coletivos, através das letras que deixaram registradas em artigos acadêmicos, dissertações, teses, poesias, romances e um sem-par de outros gêneros literários que também se somam nessa miríade.



A aproximação com espaços de difusão de literaturas de viés crítico, sobretudo em diálogo com a filosofia zapatista na cidade de San Cristóbal de Las Casas, onde residi entre abril de 2019 e janeiro de 2020, trouxeram à tona as relações de outras mulheres com as escritas de autoria negra e isto teve início com uma aproximação à Librería La Cosecha. Atraída pelas autobiografias de Angela Davis e Assata Shakur, expostas em uma vitrine, comecei um diálogo com uma das mulheres livreiras que ali trabalhavam. A Librería é parte de uma cooperativa autônoma e tem como foco uma outra relação do espaço livreiro com as comunidades que a circundam. Como descrevem em sua página no Instagram, a Librería La Cosecha:

Nace como una propuesta de economía alternativa y de organización cooperativa que busca aportar a la cultura local con actividades, talleres y especialmente con el intercambio, el acceso y la promoción de materiales textuales, desde el fanzine hasta el libro. Del clásico de la literatura al libro artesanal transgresor. De la editorial independiente latinoamericana consolidada a la colectividad que se reúne a editar su primera revista. (Cooperativa Editorial La Cosecha, outubro de 2020)

Entre os livros vendidos na livraria, me chamaram atenção pequenas edições, parecidas com fanzines, em papel reciclado e capa maleável, que me lembraram as edições publicadas pela editorial Padê, autônoma e independente, movida por Tatiana Nascimento<sup>8</sup>. Nas contracapas das pequenas publicações realizadas pela La Cosecha, se lia: “Ciclo de Autoformación Feminista” (Figura 1).

Em janeiro de 2022, durante a fase de amadurecimento do projeto de pesquisa que deu origem a esta dissertação, conversei com uma das mulheres livreiras que conheci durante minha estadia em San Cristóbal. Agus é uma mulher cisgênera branca, argentina e que há cerca de 10 anos vive no México. Tem um ativo envolvimento com o mercado editorial independente, construção e difusão de feiras e outras atividades alternativas ao mercado tradicional, que estimulam o acesso e promovem a leitura. Foi com ela que conversei na primeira vez que entrei em La Cosecha, atraída pelas autobiografias que mencionei anteriormente. Em janeiro de 2022, quando conversamos, ela estava em meio a mudança para a cidade de Xalapa, onde iria abrir uma pequena livraria em sociedade com um companheiro de caminhada livreira, como ela definiu. Entre outras coisas, ela me contou um pouco sobre a história dos livretos de Autoformación feminista.

---

<sup>8</sup> A Padê é “editorial artesanal y cartonera, desde 2016 publicando autoras negras y/o LBTs”. Para saber mais e conhecer as publicações da Padê, ver @pade.editorial no Instagram.

Eles nasceram de uma iniciativa impulsionada pelas mulheres que compunham a Cooperativa, entre 2017 e início de 2019. A proposta era utilizar ferramentas acadêmicas e não acadêmicas para debater e conhecer o pensamento de diferentes mulheres, que desde seus “campos de batalhas”, nas palavras de Agus, tinham muito a contribuir para a formação desta crescente massa de mulheres que se aproximavam do espaço e circulavam na cidade, muitas das quais traziam consigo diferentes perspectivas feministas e não feministas. A ideia deu muito certo e no começo estiveram presentes sumamente mulheres cisgêneras, muitas das quais eram de movimentos sociais, como as mulheres zapatistas, mulheres do Kurdistão e estudantes de diversas partes do mundo. Algumas questões animavam e orientavam as escolhas teóricas dos encontros: Como gerar um espaço de horizontalidade, que seja multigeracional e onde se possa conversar? Como montar um mostruário de *certas vozes*<sup>9</sup>?

Os encontros eram as quartas feiras a tarde e se geravam debates interessantíssimos e a ideia era que sempre havia uma pessoa que estava mais próxima ao tema e apresentava um pouco a autora, ou a sua trajetória e logo apresentava o texto e então começava a conversa. Em 2020, pandemia e no ano passado, fizemos o volume dois, com temáticas que sentíamos que não havíamos tocado e ampliando o catálogo e que também estivesse presentes vozes-mujeres trans. Então claro, se criaram outros debates e cada vez, eu sinto que se ia gerando um espaço de maior confiança, apesar de que o tempo é reduzido. Um espaço cálido e de ambiente carinhoso, para falar de temas que nem todas se sentem cómodas ou sabem sobre. (Agus, janeiro de 2022, San Cristóbal de Las Casas/Porto Alegre, tradução minha)<sup>10</sup>

A partir destes e outros questionamentos, cerca de 20 a 25 mulheres se reuniam mensalmente no espaço da Libreria, guiadas por aquela que tivesse maior acercamento com a autora que seria lida e discutida. Como não havia possibilidade de publicar livros inteiros, optou-se por publicar estes livretos, em modelo de fanzine que atendia a intenção de que fosse “uma publicação bonita, chamativa, de estudo e barata, principalmente, que fosse econômica”. Isto me lembra uma entrevista de Djamila Ribeiro, em que comenta a respeito da coleção Feminismos Plurais e as negociações e escolhas que foram feitas para que todos os livros da coleção, pudessem ser vendidos com um valor acessível, o que a coordenadora da coleção

<sup>9</sup> Coloco essa expressão em itálico para destacar uma indefinição do que seriam estas certas vozes. Dentro do contexto de nosso diálogo, compreendi a expressão no sentido da diversidade de vozes de mulheres que escrevem nos mais diferentes cantos e identidades nos mundos.

<sup>10</sup> As duas conversas que tivemos foram realizadas de forma virtual, estando Agus em San Cristóbal de Las Casas, no estado de Chiapas, México e eu em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. As conversas aconteceram pela plataforma Zoom e foram gravadas, com autorização prévia de Agus.

entendia como uma estratégia de democratização do acesso aos livros, os quais contam com lançamentos sempre de autorias negras.

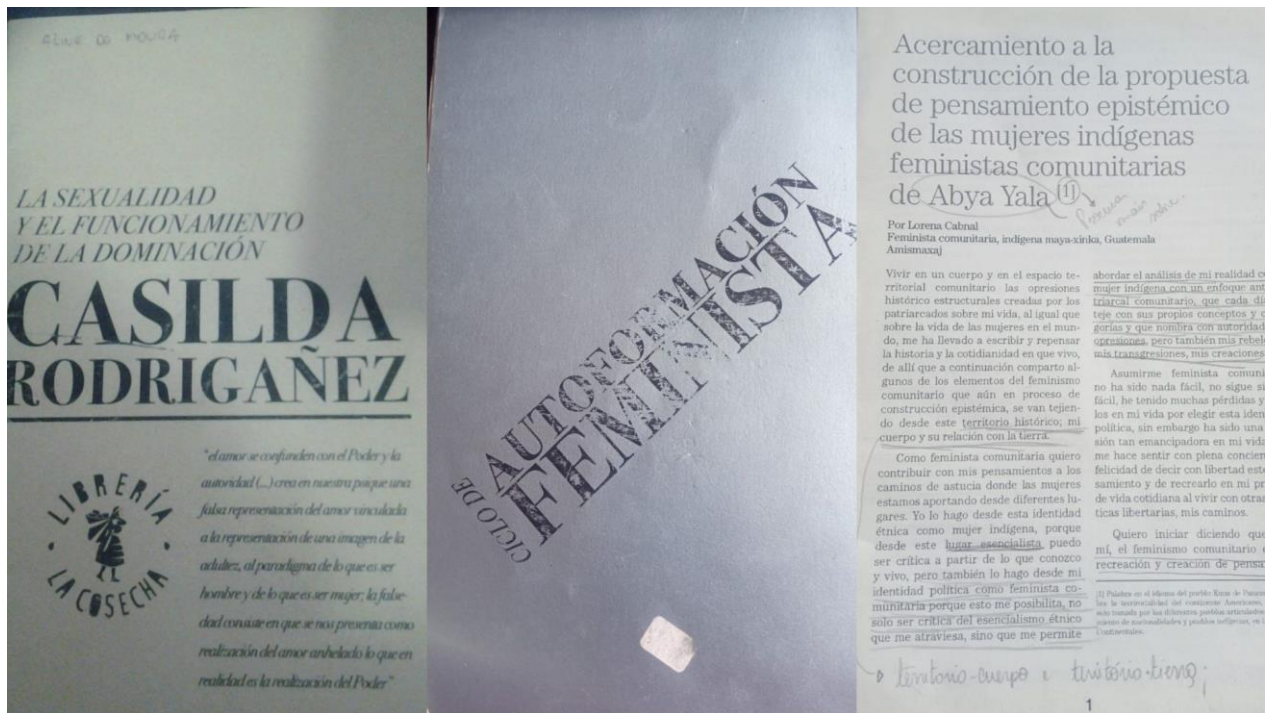


Figura 1- Livretos do Ciclo de Autoformación Feminista na Librería La Cosecha

Logo no começo de nossa conversa, Agus comentou sobre uma inquietação constante em seu cotidiano de trabalho: “como *empretecer* o catálogo”. Segundo ela, em sua experiência de atuação nas atividades de pesquisa e busca de novos livros para compor a livraria, a pesquisa começa por nomes mais conhecidos, “autoras negras famosas” e que, mesmo assim, seriam difíceis de encontrar no México, trazendo a necessidade de importar, o que tornava tais acessos a estes livros mais caros.

Enquanto uma “agente de promoção leitora”, Agus compreende que acompanhar os dados da desigualdade de publicação e acesso a obras de autoria negra não é o suficiente. É necessário um questionamento cotidiano de quais materiais têm lido, que músicas ouve e quais os registros de mundo que tem nutrido através de seus consumos culturais, por entender que este universo simbólico com o qual estiver interagindo, para além da literatura, irá influenciar em um maior ou menor deslocamento a posturas antirracistas e maior incisão no enfrentamento a estas barreiras de acesso a literaturas de autoria negra e feminina. Ou seja, na sua compreensão, ampliar o universo de acessos impactaria diretamente no redesenho da própria ideia de promover literatura como sendo sinônimo de vender livros “diversos”.

El compromiso constante en conseguir autoras que no sean blancas o blanco mestizas<sup>11</sup>, porque como decía antes, son las personas que ocupan un lugar de poder, quienes se publican, es lo mismo. Es una relación colonial y obvia, es racista. Sin embargo, yo creo que ahí no está todo el trabajo realizado, porque en realidad, lo que tenemos que hacer, yo siento que es mi convicción hace pocos años, las mujeres blancas tenemos que leer a personas no blancas, sino más allá de lo que vendo o do que no vendo, sigo reproduciendo las mismas narrativas. Entonces es un juego endogámico donde yo consumo a personas que no me sacan de mi confort ni me hacen reflexionar nada. Son reflexiones antirracistas. Todos los días me estoy preguntando, ¿qué estoy leyendo? ¿con quiénes estoy reflexionando? (...) O sea, ¿de qué manera puedo ampliar mis registros? (Agus, janeiro de 2022, San Cristóbal de Las Casas/Porto Alegre)

Yo siento que el efecto que produce una lectura es diferente al proceso artístico que puede producir una película, o un disco, a una banda. Siento que sí, el libro genera unas imágenes que quedan grabadas en el espíritu de una manera mucho más potente, ¿no? (Agus, janeiro, 2022, San Cristóbal de Las Casas/Porto Alegre)

As conversas que tive com Agus, me fizeram recordar outra experiência desenvolvida por mulheres mexicanas. Conheci o trabalho do DEMAC – Documentación y Estudios de Mujeres A.C. O DEMAC é uma organização da sociedade civil, focada na publicação de livros oriundos de escritas coletivas e individuais de autoria feminina. Minha aproximação se deu durante o desenvolvimento do trabalho de pesquisa-intervenção realizado pela Dra. Mónica Carrasco, minha orientadora durante a estadia no CIESAS Sureste, em 2019. A pesquisa de Mónica tinha como uma de suas práticas a realização de oficinas de teatro-foro<sup>12</sup> como metodologia de pesquisa qualitativa em temas atinentes a Antropologia Médica, com participação de estudantes que vivenciaram experiências de migração de suas comunidades para estudar em centros urbanos universitários, como era o caso de San Cristóbal de Las Casas, por exemplo. A equipe de pesquisa identificou que os temas de violência e abuso sexual emergiram nas dramatizações realizadas nas oficinas. Na busca por uma estratégia que fosse acolhedora para as participantes que quisessem aprofundar a relação com estes temas, foi realizada uma aproximação com o DEMAC. Cerca de um ano depois de meu retorno ao Brasil, vi pelo grupo de WhatsApp da equipe de pesquisa que uma das mediadoras dos encontros estaria oferecendo

---

<sup>11</sup> Blanco-mestiza é uma descrição utilizada para designar a experiência desta branquitude que se distingue do que Lourenço Cardoso chamada de branco-branco (Cardoso, 2020), por ser miscigenada. Duas abordagens interessantes sobre o termo: as discussões realizadas por Gisela Carlos Fregoso no podcast *Hacer una puerta donde no la hay* (Fregoso, 2022); o uso do termo por Tito Mitjans Alayón ao longo de sua tese de doutorado intitulada “La puente prieta”: feminismos disidentes y afrodiáspóricas en San Cristóbal de Las Casas (Alayón, 2020).

<sup>12</sup> Para mais informações sobre a pesquisa e experiência citadas, ver o artigo de Dra. Mónica, *Trabajando con jóvenes en Chiapas: formación, horizontalidad y fortalecimiento académico* (Gomez, 2023).

oficinas virtuais voltadas a mulheres, com o título *Para perderle el miedo a la escritura* (Figura 2).

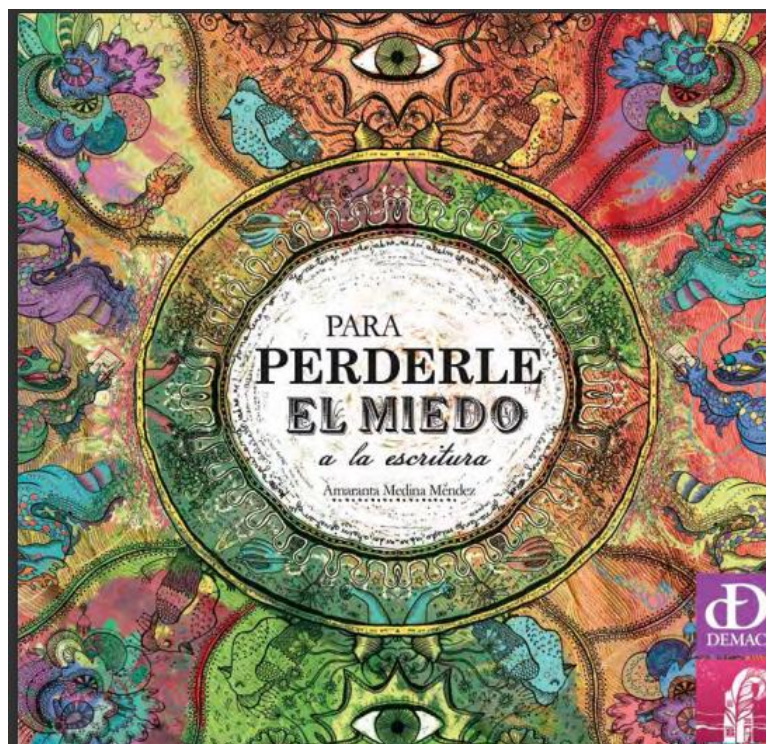


Figura 2 - Capa do livro *Para perderle el miedo a la escritura*, organizado pelo DEMAM

As oficinas eram constituídas de atividades guiadas, em que tínhamos que produzir textos curtos, estimuladas por alguma orientação da mediadora, como por exemplo, “escreva uma carta contando do seu nascimento de uma forma criativa”. Foi uma experiência bastante instigante, que me levou a procurar alguns meses depois a Olga, mediadora do encontro, para conversar sobre a experiência e sobre como surgiu esta ideia das oficinas. Em nossa conversa, realizada ainda antes do início do mestrado, pude conhecer um pouco de sua trajetória com os livros, as escritas e as mulheridades. Ela me contou muitas coisas a respeito da sua relação com a construção de feiras e espaços de fortalecimento do acesso a literatura de autoria feminina. Ainda antes de sua atuação junto a ONG DEMAM, Olga contou que, trabalhando como socióloga na equipe pedagógica de uma instituição de ensino, começou a oferecer este tipo de oficina ao perceber que muitas pessoas, sobretudo mulheres, tinham dificuldades de compartilhar o que escreviam, ainda que escrevessem. Estas perambulações prévias ao início do campo foram importantes para vislumbrar os caminhos pelos quais seguir para delimitar o universo de uma pesquisa sobre a leitura de escritas de autoria de mulheres negras entre mulheres brancas.

Antes que todo, es importante que estés enterada de lo que hacemos en esta asociación. Documentación y Estudios de Mujeres, a.c. (demac) es una asociación civil sin fines de lucro, fundada y dirigida desde 1989 por la doctora Amparo Espinosa Rugarcía. La premisa de Amparo es que, a lo largo de la historia, a las mujeres no se nos había concedido el derecho a la palabra, y mucho menos a la palabra escrita. Por ello decidió fundar DEMAC, una asociación cuya filosofía se centra en el derecho de las mujeres a ejercer la escritura libremente para expresarse, para comunicar y para crear. Al comprobar que la escritura tiene cualidades terapéuticas, transformadoras y constructivas, la misión de DEMAC es promoverla como herramienta de empoderamiento entre la población femenina de México. Y uno de nuestros principales objetivos es lograr que la mayoría de las mujeres mexicanas se apropien de la escritura contando su vida por ESCRITO. (Mendez, 2013, p. 6)

### **Mi nacimiento**

De los primeros recuerdos, que nunca sé si son míos o de ella, la casa-cuerpo que me ha cuidado en su vientre, hay la manera especial de latir que traigo en mi corazón. Sé que he nacido en un día de sol y viento. Un día de descubierta. Creo que cuando he llegado, en aquél 6 de octubre de 1990, de pronto me he encantado y asustado con la vida. Entrar en la casa pequeña de aquel barrio pequeño de Porto Alegre, ha sido mi primera etnografía, mi primera observación participante. Mi respiración, el “sopro” que dijo el doctor para mis papás, quizás es un pedazo de viento que ha hecho casa en mí, cuando boquiabierto en estar viva, salí del hospital. Yo casi me muero, de verdad, antes de nacer. Años después, en una terreira de Candomblé, los orixás han dicho a mi familia que yo, mismo antes de nacer, tenía ganas de huir. Hasta hoy me pregunto: ¿hacia dónde quería yo irme? ¿De cuáles cosas estaba huyendo yo? Solo sé que quizás, la Linoca de los primeros tiempos de vida en esta tierra, Brasil, Rio Grande do Sul, en una familia prieta con brigas y abrazos en la misma medida, por cierto, se ha preguntado muchas cosas. Quizás fue así, de niña, que me he enamorado de las preguntas, y así mismo de las palabras e a la vez, de escuchar historias. (Exercício de escrita, Oficina com Olga, janeiro de 2021, Porto Alegre/Xalapa).

No ano de 2020 acontece minha aproximação com o Projeto Todas Escrevemos, desenvolvido e mantido pelo Coletivo e ONG Fora da Asa – Experiências Plurais, na cidade de Porto Alegre. A Fora da Asa existe como coletividade desde 2018 e seu espaço físico fica no Centro Histórico de Porto Alegre, no coração da José do Patrocínio, conhecida rua da cidade. O Todas Escrevemos, conforme descrição no site, é “um projeto de formação político-

pedagógica na área de literatura, com uma perspectiva feminista e antirracista” (Alexandrini, 2020). Até o momento já foram publicados pelo selo editorial, que é parte central do projeto, quatro livros de autoria única (Vidal, 2020; Rocha, 2021; Alexandrini, 2022; Mayommbé, 2023) e sete coletâneas, entre elas, a coletânea Todas Escrevemos, na qual participei como autora de um texto. Além das publicações, o projeto é composto por oficinas e grupos de escrita para mulheres.

A construção de editoriais, feiras, coletivos e outros formatos de organização dedicadas a publicação, difusão e ampliação do acesso a literatura de autoria feminina tem uma expressiva trajetória no Brasil. Acessando textos e mesmo dentro dos diálogos mantidos em campo, é perceptível uma preocupação contemporânea de que estas atividades não aconteçam de forma apartada de uma consciência racial. Ou seja, não se trata somente de questionar os dados relativos à publicação e leitura de obras escritas por mulheres, mas perguntar-se que mulheres estão sendo lidas e publicadas, quando isto acontece. Que aprendizados estão expressos na decisão de publicar ou não, livros escritos por mulheres negras? Que tipo de engajamento está imbuído na ação branca de ler mulheres negras? Tais leituras, quando acontecem, produzem novas gramáticas de organização social entre mulheridades diferencialmente racializadas? Estes e outros questionamentos se desenvolveram ao longo das experiências de vida e de formação da antropóloga que aqui se expressa, juntamente a outras mulheres. São questões que se intensificaram com as conversas realizadas no período entre o fim da graduação e o início do mestrado, momento em que reorganizei esse mosaico de períodos, histórias, coletividades e mulheres, para decidir por qual destas estradas iria seguir para escrever sobre escritas e leituras entre/desde mulheres diferencialmente racializadas. A escolha foi seguir dentro e ao lado do TodAs Escrevemos (figura 3)





Figura 3 - Primeiro contato de pesquisa com a Fora da Asa

A atividade que acompanhei sistematicamente, entre junho e dezembro de 2022, foi o 1º Grupo Permanente de Escrita para Mulheres. Um espaço criado para acolher diferentes projetos de escrita de mulheres: histórias pessoais, acadêmicas, entre outros sentidos da escrita. Apresento a seguir, os nomes fictícios daquelas que estiveram presentes do primeiro ao último encontro e que se tornaram nesta etnografia, as principais interlocutoras nesses caminhos de pensar como nos lemos e nos escrevemos, dentro e fora de nossos projetos de vida. Os nomes foram sugeridos por cada uma delas, após a realização de conversas individuais, realizados a final das observações, em abril de 2023. Antes havia criado um quadro onde colocava todas reunidas, mas me pareceu claustrofóbico deixá-las ali, em quadradinhos. Por isso dedico a seguir, um breve parágrafo apresentando cada uma das sujeitas interlocutoras dessa pesquisa.

Miranda July é uma mulher branca que já se questionou sobre sua identidade de gênero e hoje se apresenta como cisgênera. Tem 38 anos e nasceu em Caixas do Sul, região central do Rio Grande do Sul, no extremo sul do Brasil. Destaca de sua identidade o fato de ser da classe trabalhadora. É professora em escolas da rede pública e privada de Porto Alegre, além de dar aulas particulares de inglês e cuidar coletivamente dos projetos desenvolvidos pela ONG Fora da Asa – Experiências Plurais.



Alyne é uma mulher branca, cisgênera e heterossexual, nascida em Belo Horizonte, capital do estado de Minas Gerais, na região sudeste brasileira. É formada em Direito e atua com justiça ambiental. Atualmente está finalizando seu doutorado em Ciência Política na Universidade de Piza, na Itália, onde vive com o atual companheiro. Juntamente a Miranda July, é uma das idealizadoras do grupo permanente.

Carolina é uma mulher afro-indígena, de 63 anos, nascida em Porto Alegre, mas com fortes raízes em Rio Pardo, ambas cidades do Rio Grande do Sul. As duas cidades a constituem e estão presentes em suas histórias, oralizadas nas conversas e apresentadas em suas escritas. É assistente social aposentada, mulher cisgênera heterossexual e mãe de três filhos. Durante o período de realização do grupo, estava trabalhando na construção de seu livro, ainda sem título aberto para divulgação.

Ao longo desta escrita se mesclarão todas as sujeitas que permearam e teceram estes aprendizados, o qual escolhi que fossem vividos por meio de uma etnografia. Sendo assim, estarei também visível aqui, pois estas observações e conversas não foram feitas por uma existência oculta, mas por uma presença ativa nas escolhas de por onde seguir. Deste modo, reitero não se tratar de uma autoetnografia, mas de uma experiência colaborativa entre sujeitas que buscam retramar meios de escrever nossas histórias, de maneira heterogênea e reconhecidamente marcadas racialmente. Enfim, o objetivo geral desta pesquisa foi conhecer a forma como um grupo de mulheres brancas antirracistas se relacionam e interpretam escritas de autoria de mulheres negras, em suas práticas de coletividade dentro do projeto *TodAs Escrevemos*. De que maneira esses encontros entre escritoras e leitoras incidem nas relações raciais entre mulheres?

Elaborando, a título de digerir os motivos profundos desta pesquisa, compreendi que a escolha por seguir o campo junto a *Fora da Asa* e ao *TodAs Escrevemos*, se deu por uma mescla de fatos, entre os quais a percepção de uma abertura ao diálogo, desde o primeiro momento em que me aproximei do projeto. Em termos gerais, esta é uma etnografia feita por partes de antes e do durante o trabalho de campo, intersectados carnalmente com as inúmeras letras-mulheres negras que me habitam direta e indiretamente, através de suas histórias e ensinamentos, os quais se expressam na escolha consciente de ser presença entre as sujeitas (Vidal, 2020) desta pesquisa.

## 1.1 Fora da Asa e TodAs Escrevemos: o começo dessa história

Todas fazemos prosa e poema.  
 Todas escrevemos.  
 Todas escrevemos quando dizem  
 que falamos muito, tagarelas  
 ou nos definem como loucas histéricas:  
 o desequilíbrio é um poema de versos longos  
 e sentidos.  
 Todas escrevemos nas costuras de muitas atividades,  
 idas rápidas ao mercado,  
 roupas no varal,  
 maternagem:  
 um bolo que deu muito certo está na trama deste site.  
 Todas escrevemos à noite, com o silêncio da casa  
 e a lua  
 e o gato e a criança e o retrato da avó.  
 Ninguém escreve assim, como as aranhas desenham:  
 só nós. Todas.  
 (Bittencourt, Rita. 2020)

A Fora da Asa Experiências Plurais é uma Organização Não Governamental (ONG) e coletivo, formado majoritariamente por mulheres brancas cisgêneras, com idades e perspectivas variadas, sendo um eixo conectivo o posicionamento feminista. Existe um núcleo de cerca de 15 mulheres, que organizam e mantêm a ONG, porém esse número se amplia exponencialmente se considerarmos também as parceiras que contribuem com as atividades e as quais foram participantes das oficinas, encontros, rodas de conversa oferecidos pelas ONG. Os apoios se dão das mais diversas formas, seja partilhando alguma habilidade que domine, seja se colocando para contribuir na equipe organizativa de alguma atividade.

O coletivo existe desde 2018 e seu espaço físico fica no bairro Cidade Baixa em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Começou como uma iniciativa de professoras e professores frente a falta de espaços abertos a práticas educacionais coletivas, plurais e diversas, para além das paredes escolares e acadêmicas. Desde os primeiros momentos de sua existência, a Fora foi espaço multifacetado, do ponto de vista das presenças que animam e habitam o cotidiano tanto da sede física, quanto das diversas atividades promovidas pela Fora ou apoiadas pela ONG. Dentro da Fora, diferentes coletividades se cruzam.

Estou “aqui” no Instagram da Fora da Asa. Estou assistindo aos stories e dei uma olhada também na linha do tempo. As postagens estão mais centradas nas ações de alimentação. Comida é uma palavra que se destaca bastante. Me vem. Nos stories, me parei a assistir o destaque com o nome Marcelino, em

referência a presença de Marcelino Freire, escritor pernambucano. Os primeiros stories tem vários registros de rodas de leitura livre, com convidados: Transenem<sup>13</sup>, Poetas Vivxs<sup>14</sup> e o próprio Marcelino. Vi muitos rostos conhecidos. (Diário de campo-vida, fevereiro de 2022, Porto Alegre)

No chalé dividido com uma editora de livros espíritas, a longa escada leva ao pequeno-grande espaço que abriga fotos, uma estante preenchida com livros escritos por mulheres e as salas nas quais as atividades acontecem. Na sala maior, a janela se abre para uma grande árvore, que no dia em que lá estive presencialmente, soube que se trata de um pé de ameixas brancas. Olhando para a fachada estreita com azulejos azuis e brancos, não se suspeita tudo que habita ali dentro. Parece maior do que as poucas salas nos mostram, como é aludido no cartaz de uma ação de 2019 (Figura 4). É uma sensação de profundidade. A Fora se organiza em diferentes “asas” de atuação, movidas através das reuniões coletivas, em que se planejam a agenda de articulações, demandas e responsabilidades de todas que fazem parte do quadro de membras. Aquelas pessoas que se aproximam e contribuem de forma mais esporádica com as atividades, são consideradas parceiros e parceiras. Em uma live sobre a história da ONG, algumas membras comentam sobre o fato de que no começo havia homens que compuseram os primeiros ventos da Fora, mas com o passar dos anos, quem ficou e quem foi se chegando cada vez mais, foram as mulheres, em sua maioria brancas e cisgêneras, com idades e sexualidades variadas.

---

<sup>13</sup> Coletivo de educação, que oferece cursos preparatórios para a população LGBTQIAP+, especialmente a pessoas transgêneras. Para conhecer mais, além das redes sociais do coletivo (@transenem), sugiro a leitura da tese de doutorado em Antropologia Social de Alef de Oliveira Lima, intitulada *Sob o prefixo trans: etnografia, transgeneridade e educação em coletivos políticos e programas de extensão* (Oliveira, 2021).

<sup>14</sup> Coletivo constituído de jovens negres de Porto Alegre, que realizam SLAMs em diferentes espaços, promovendo educação e ação antirracista e pela vida da população negra, com foco nas juventudes negras. Em suas redes sociais, se definem como “iniciativa cultural de artistas negros atuantes em escolas e espaços públicos que tem como arma a poesia”. Para saber mais, sugiro o acesso as redes sociais do coletivo (@poetasvivxs e Poetas Vivos). Para um acercamento com o tema dos SLAMs, sugiro a dissertação de mestrado em Psicologia Social e Institucional de Maíne Alves Prates, intitulada *Ensaio de um olhar afrocentrado sobre a juventude negra no SLAM de Porto Alegre* (Prates, 2021).

oficinas  
**CASA ABIERTA**

11 de Setembro  
10h às 17h  
Estaremos de casa aberta para mostrar os trabalhos desenvolvidos dentro do Fora da Asa.

José do Patrocínio, 642,  
Cidade Baixa, Porto Alegre  
Ingresso: 1kg de alimento não perecível

Realização:  
FORA DA ASA

- ✦ Oficina explicativa sobre Barras de Access
- ✦ Roda de conversa sobre atendimento psicanalítico
- ✦ Consultas de tarô
- ✦ Prática de Yoga
- ✦ Demonstração de Breaking
- ✦ Espanhol para ler textos feministas
- ✦ Abertura Exposição Terra Viva
- ✦ Oficina de expressão e projeção vocal

**TUDO QUE CABE NA CASA NÃO CABE NO PANFLETO**  
Vai ter mais terapias e oficinas, acompanhe no nosso @foradaasa

Figura 4 - Divulgação do Projeto Casa Abierta – 2019

#### Lista de ações e projetos desenvolvidos pela Fora da Asa (2021)<sup>15</sup>

*Ação Refeição* – Se fortaleceu durante a pandemia, com oferta de alimentação para a população em vulnerabilidade, sobretudo em situação de rua, residente nas ruas do bairro Cidade Baixa;

*Arrecadação para a II Marcha das Mulheres Indígenas* – Ação realizada em 2021, para apoiar a ida de mulheres indígenas para a marcha, que aconteceu em Brasília;

*TodAs EscreVemos* – Projeto pedagógico e Selo editorial;

*Oficinas de Escrita para Mulheres* – Oficinas abertas a participação de todas as mulheres, com contribuição sugerida para custeio da publicação dos textos produzidos durante as oficinas. As primeiras foram sobre gêneros literários específicos e desde abril de 2023, tem sido realizada a partir de um tema. A última foi sobre amor.

<sup>15</sup> Informações retiradas do vídeo *Conheça alguns projetos da Fora da Asa!* Disponível no canal da ONG, através do link: <https://youtu.be/UZ9cW6LJQ34?si=pvk6Np9FLpy3Ij55>

*Textos no Medium da Fora* – Textos produzidos por membras e apoiadoras da Fora da Asa, de livre acesso através da plataforma Medium: <https://medium.com/foradaasa>

*Leituração* - Começou em 2020, teve três semestres até o momento em que o vídeo estava sendo gravado, iniciado por Miranda e outra parceira – Traz como questionamento o como seria uma prática feminista pensada por mulheres negras e brancas? Encontros quinzenais para tratar de assuntos relacionados a raça e branquitude, sobre o conceito de povo - povo preto, povo branco- e pensar em ações para que se leve a diante esse feminismo antirracista, pensado conjuntamente por mulheres negras e brancas;

*Grupo de Estudo e Leitura Negra e Indígena* - Conduzido pela Luna, começou ainda antes da pandemia e continuou online. Semanalmente, é escolhida sempre uma obra, um livro de poesia ou de contos;

*Espanhol para ler textos feministas* - Experiência para exercitar e praticar o espanhol, através de textos feministas. Para pensar o feminismo em outras línguas e buscando valorizar a América Latina, o feminismo latino-americano; Projeto encabeçado pela Mary e ele começou no começo de 2021. Acontece quinzenalmente.

*Grupo de discussão sobre os micromachismos e a violência cotidiana* - Encontros semanais, sempre online. É um grupo que quer discutir/grupo de conversa, de discussão, de diálogo, que aborda a temática importante do micromachismo cotidiano;

*Violão para Mulheres* - Começou em outubro de 2021. Oferta de aulas de violão para mulheres. Atividade desenvolvida individualmente por uma das apoiadoras, dentro do espaço da Fora;

*Pão Feliz* – Venda semanal de pães feitos em casa. Os valores eram revertidos em parte para a Fora, em parte para a responsável pela realização.

*Caldeirão 13* – Venda de comidas veganas, com cardápio diversificado e atualizado, vendido semanalmente no espaço da Fora;

*Café com Paulo Freire* – Atividade em parceria com a rede de pesquisadores e ativistas de outros lugares do Brasil, na qual são retomados e animados os ensinamentos teóricos, práticos e políticos de Paulo Freire.

Em seu Instagram, a Fora está descrita como “uma organização não governamental de ações educacionais plurais em busca de diferentes modos de existência e de outra humanidade possível” (Figura 5). Ao acompanhar seu posicionamento público enquanto ONG e coletivo, se

apreende que a Fora entende que essa outra humanidade possível não existirá com a manutenção de quaisquer estruturas de opressão. Como o *feed*<sup>16</sup> desta rede social é organizado em ordem cronológica decrescente, navegar entre a primeira e a última postagem nos permite conhecer um pouco das agendas de atividades abertas, parcerias e demais pontos que envolvem a vida da ONG.

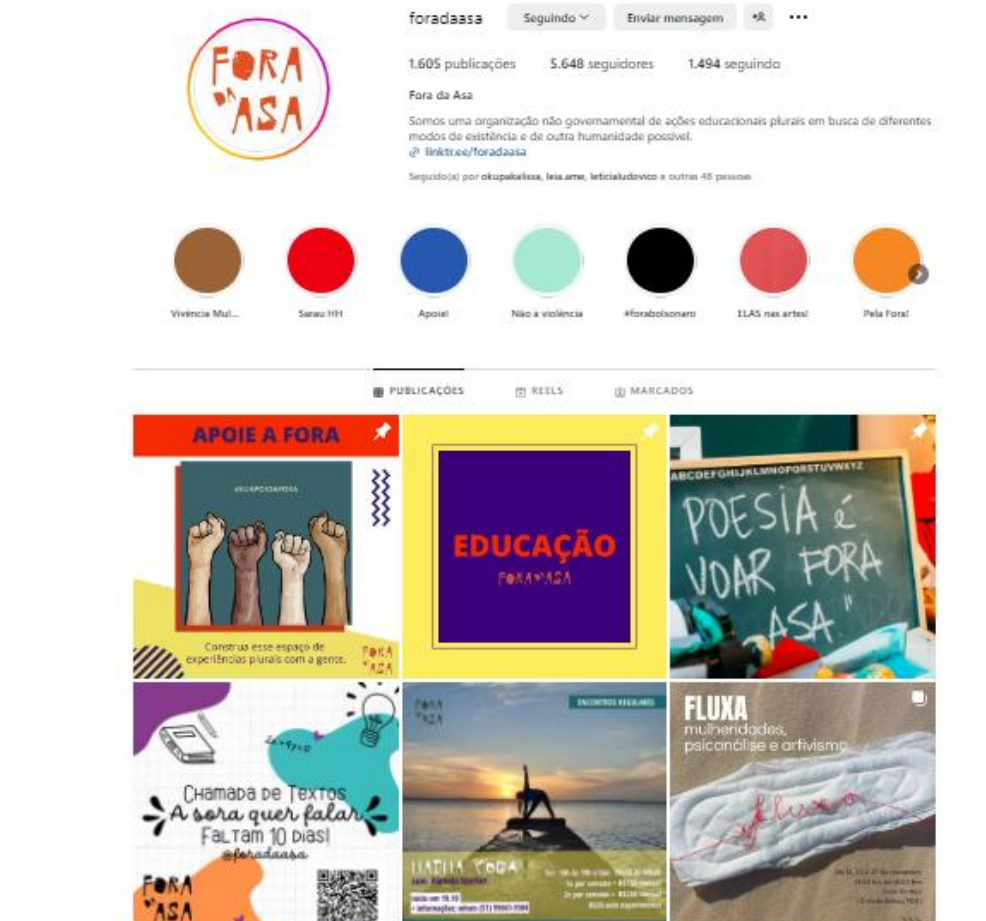


Figura 5 - Página inicial do Instagram da Fora daAsa @foradaaasa.

Antes havia um site, onde era possível acompanhar a agenda, horários de atividades e publicações. Durante a pandemia, essa agenda tem sido disponibilizada através das redes sociais. Entre os projetos desenvolvidos, existem alguns mais recorrentes, tais como grupos de leituras feministas em espanhol, aulas de música, rodas de conversa e diálogos com pessoas convidadas, em sua maioria, ligadas a movimentos sociais e educação, como é o caso dos encontros Café com Paulo Freire.

<sup>16</sup> Termo utilizado para definir a tela em que constam organizadas em trios, as publicações no âmbito da rede social Instagram.

Algumas das atividades, de 2018 até 2021, eram desenvolvidas tendo como foco a comunidade “interna” da Fora. Era o caso do Grupo Leiturações, no qual as componentes do coletivo se reuniam para discutir e se ouvir sobre as afetações e aprendizados advindos de leituras de textos, em geral, de autorias negras e indígenas. Em 2020, movidas pela vontade de abrir espaço para que as escritas feitas por mulheres sejam publicadas, nasce o projeto pedagógico e selo editorial TodAs Escrevemos, no âmbito da Fora da Asa.



Figura 6 – Sujeita, de Brenda Vidal: primeiro livro lançado pelo Selo Todas Escrevemos. Perfil @todasescrevemos

(23 de novembro de 2020 a 8 de janeiro de 2021)<sup>17</sup>

<sup>17</sup> Datas das publicações da direita para a esquerda, respeitando a cronologia de apresentação no feed do Instagram. As demais datas informadas junto as figuras seguintes seguem este mesmo padrão.





Figura 7 - Lançamento do TodAs EscreVemos: uma coletânea. Perfil @todasescrevemos

(3 de setembro de 2021 a 28 de setembro de 2021)



Figura 8 - Lançamento do livro Corposiatrans, de Agda Céu. Perfil @todasescrevemos.

(29 de setembro de 2021 a 17 de dezembro de 2021)



O TodAs Escrevemos, é um projeto iniciado em 2020, advindo de uma intenção: convidar mulheres que escrevem a publicar suas escritas (Figura 9). A Fora da Asa fez esta convocatória aberta para todas as mulheres, independente do gênero literário em que tenham realizado seus textos, para que compusessem uma constelação de mulheres que escrevem (Figura 10).



Figura 9 - Trecho do texto de apresentação do site do TodAs Escrevemos<sup>18</sup>. Publicado em Porto Alegre, em junho de 2020.

No campo do site dedicado ao histórico, sob o título *TodAs Escrevemos: um projeto de formação político-pedagógica, na área de literatura, com uma perspectiva feminista e antirracista*, Camila Alexandrini traz os pressupostos teóricos e políticos do projeto, o qual foi movido por vontades de vida e articulação entre mulheres que tinham projetos de escrita, através da qual em suas trajetórias coletivas e pessoais, se conheceram. Como colocado nas

<sup>18</sup> O texto foi retirado do site criado em 2020 por uma equipe composta por duas professoras, duas comunicadoras, uma web designer e uma escritora. O site pode ser acessado em <https://www.todasescrevemos.com/hist%C3%B3rico>

primeiras linhas do texto, “naquele momento, março de 2020, estávamos iniciando um longo período de distanciamento social e resistência política, cujas dimensões não poderíamos imaginar” (TodAs Escrevemos, 2020, s/p).

A tese que moveu a organização inicial do projeto começou a ser construída nos Saraus das Minas<sup>19</sup>, evento organizado por mariam pessah<sup>20</sup>, e que eu frequentava antes mesmo de ele ser atividade integrante da Fora da Asa durante os anos de 2018 e 2019. Além disso, tinha sido arrebatada por uma leitura que mudou muito a forma de trabalhar com a literatura: “Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo”, de Glória Anzaldúa. (TodAs Escrevemos, 2020, s/p)

(...) Quero contar um pouquinho dessa trajetória, do caminho que a gente fez para chegar até aqui. Eu escrevi um texto porque estou muito nervosa, não tô dando conta de decorar tudo hoje, mas eu queria ler para vocês. No ano passado, a Miranda me procurou para fazer parte de uma ideia, um projeto realizado por mulheres (pausa para retomar o ar, em meio a emoção – “pera aí, que estou emocionada”. Sorri e respira profundo. Retoma a palavra) um projeto realizado por mulheres, que resultaria em um panorama de escrita de mulheres aqui de Porto Alegre. Planejamos e assim foi realizada a convocatória no segundo semestre de 2020. A ideia surgiu, porque segundo a nossa própria apresentação, muitas mulheres escrevem. Escrevem, mas não publicam. Escrevem, mas não se sentem autorizadas a compartilhar. A proposta era oportunizar a publicação de textos escritos por mulheres e assim, nós recebemos ao longo da convocatória cerca de 160 inscritas. O que recebemos é um número bem expressivo. Estes textos viraram uma constelação de mulheres, que podem ser conferidos em nosso site<sup>21</sup>. (...) Ao longo de 2021, o projeto TodAs seguiu trabalhando, para além da coletânea. Foram realizadas três oficinas para mulheres: oficinas de conto, oficina de escrita, oficina de crônica e poesia-manifesto. Em outubro, teremos mais uma oficina, agora de cartas. O TodAs Escrevemos é um projeto de mulheres que fazem acontecer. Temos mais vontade do que investimento, mas queremos oportunizar ainda mais escritas. Por isso em breve teremos outra publicação, da autora Agda Céu Pacheco (Figura 6). Nós todas escrevemos, não vamos parar. (Schleder, 2021, s/p)

A convocatória Todas Escrevemos surge, em um primeiro momento, com o desejo/objetivo de mapear a escrita de mulheres na cidade de Porto Alegre/RS. O recorte da cidade aparece para pensarmos na cartografia de um olhar local, da escrevivência - como diria Conceição Evaristo - do que nos cerca. O recorte de gênero nasce do viés feminista do grupo, que não só reconhece a disparidade das mulheres no mercado livreiro brasileiro, da história da literatura global marcada pelo patriarcado branco, e do impacto de seus

<sup>19</sup> O Sarau das Minas | Porto Alegre nasceu há mais de quatro anos com o objetivo de valorizar a literatura de autoria de mulheres cis e trans e pessoas não binárias. Desde o início é organizado pela escritora e poeta mariam pessah. O evento acontece a cada três semanas, trazendo um tema diferente a cada vez. (Portal Literatura RS, 13/04/2023).

<sup>20</sup> mariam pessah é fotógrafa, ARTivista feminiSta, escritora e poeta. Foi também ativista lésbica-feminista durante 20 anos. Tem cinco livros publicados, sendo os mais recentes: *Em breve tudo se desacomodará* (romance, 2022) e *Grito de mar* (poesia bilíngue, 2019). Organizadora do Sarau das Minas (Porto Alegre), ministra a Oficina de escrita e escuta feminiSta e trabalha como tradutora. (Portal Literatura RS, 09/08/2023).

<sup>21</sup> Site do projeto TodAs Escrevemos: <https://www.todasescrevemos.com/>

dispositivos machistas e misóginos para o atraso, apagamento e invisibilidade das mulheres neste campo, como também que quer ser mais uma iniciativa que ofereça “um teto” para as mulheres chamarem de “seu”. (Vidal, 2020, s/p)

O convite era o de tirar as escritas das gavetas e nos permitir sermos lidas. Fiquei sabendo da convocatória através de uma amiga que fazia parte do projeto. Como escrevo a alguns anos, atendi ao chamado e submeti um texto, intitulado *Sem Saída – Escritos de sangue*. Os textos enviados foram publicados no site, onde se vê um emaranhado de linhas que conectam as fotos das autoras, junto das quais estão seus textos submetidos para a convocatória. Uma série de mulheres, algumas das quais nunca tinham tornado públicas suas escritas antes, agora viam suas letras acessíveis a novas leituras, em um ambiente compartilhado. Uma teia produzida pela vontade de estimular, sobretudo, o aumento das publicações de mulheres.

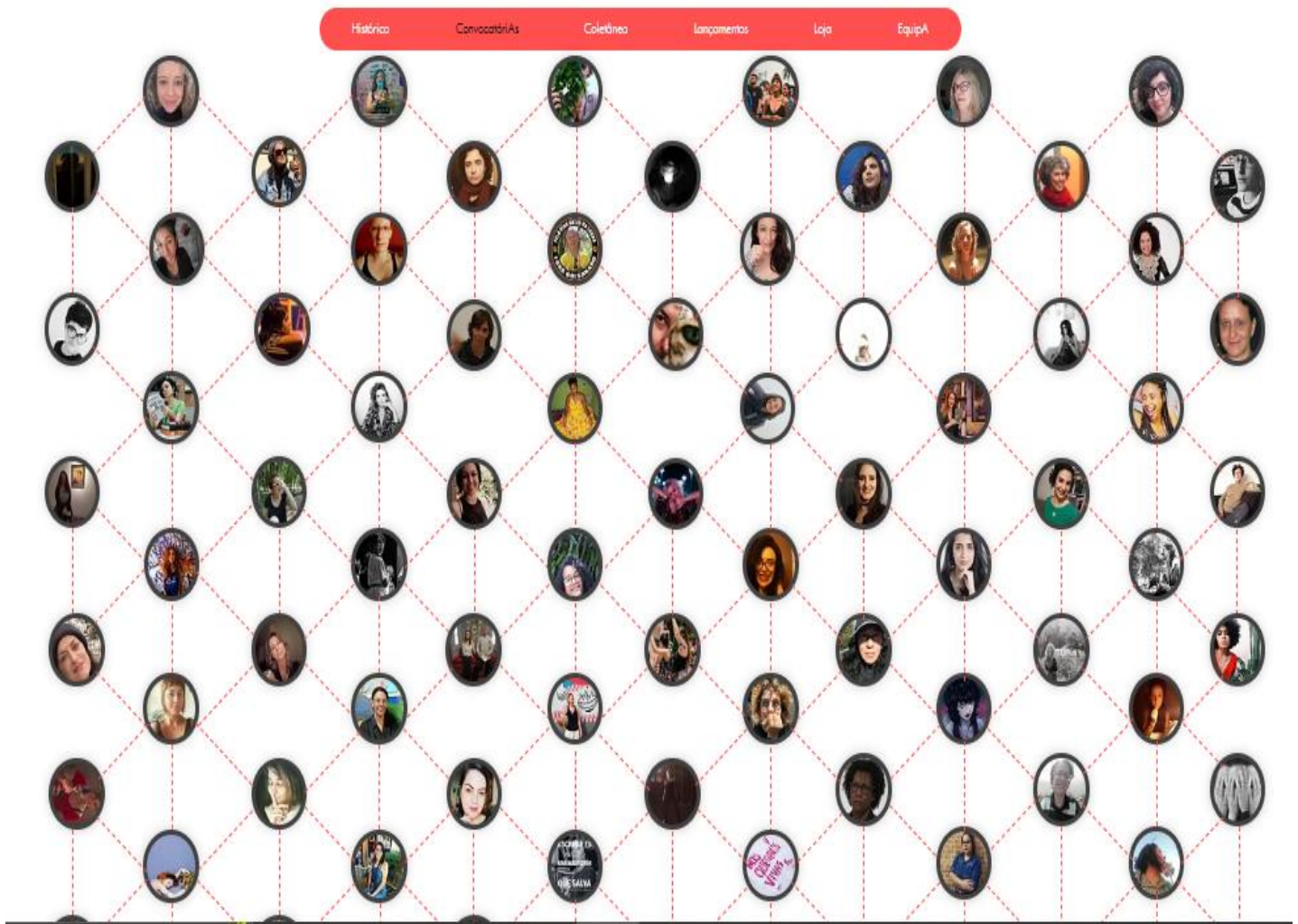


Figura 10- Constelação de autoras da 1ª Convocatória de textos para o site do TodAs Escrevemos, em 2020

Conforme consta na aba *Análise* do site do projeto, o fato de direcionar a chamada às mulheres não pressupõe uma homogeneidade, pois o coletivo assume que mulher é uma categoria intrinsecamente plural, assim como suas experiências. Nas palavras de Brenda Vidal, “sabemos que elas não são um bloco homogêneo. Nem aqui na convocatória, muito menos na sociedade. Por isso, fizemos questão de analisar o perfil das nossas participantes a partir dos seguintes eixos: raça, gênero, faixa etária e localização por bairro” (Vidal, 2020, s/p).

No texto de análise, são apresentados além dos dados elaborados a partir das submissões para o *TodAs Escrevemos*, um diálogo com pesquisas e reportagens que discutem através de cruzamentos de diferentes categorias sociodemográficas, um panorama do perfil de quem publica majoritariamente no âmbito da literatura brasileira contemporânea. Conforme dados apresentados no texto introdutório as análises no site, naquele ano de início do projeto, eram observável uma ascensão da literatura feminista no mercado editorial, tanto em grandes grupos editoriais, como em editoras independentes.

(...) Enquanto isso, a quarta edição da Pesquisa Retratos da Literatura no Brasil, que foi realizada pelo Ibope em 2015, mostrou que as mulheres são a parcela da população que mais lê e que mais incentiva o hábito da leitura. Foram consultadas 5.012 pessoas entre 5 e mais de 70 anos. Eis os resultados: 52% delas eram mulheres e 48% homens; 67% das pessoas afirmaram não possuir nenhum responsável ou pessoa que incentivasse a leitura na infância. Mas, dos 33% que tiveram alguma participação, a mãe ou uma figura mulher foi a principal responsável, seguida de professora ou professor. 59% das mulheres entrevistadas são leitoras, enquanto 52% dos homens o são. (Vidal, 2020, s/p)

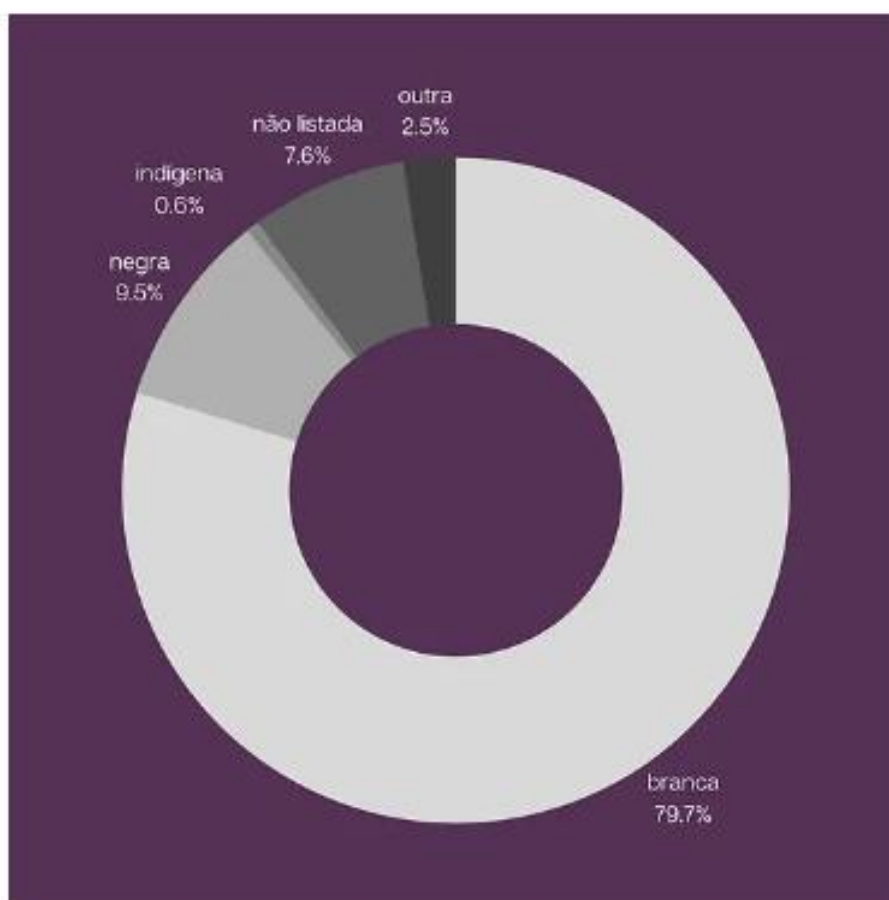


Figura 11 - Dados de Raça das autoras. Fonte: Site TodAs Escrevemos, 2020

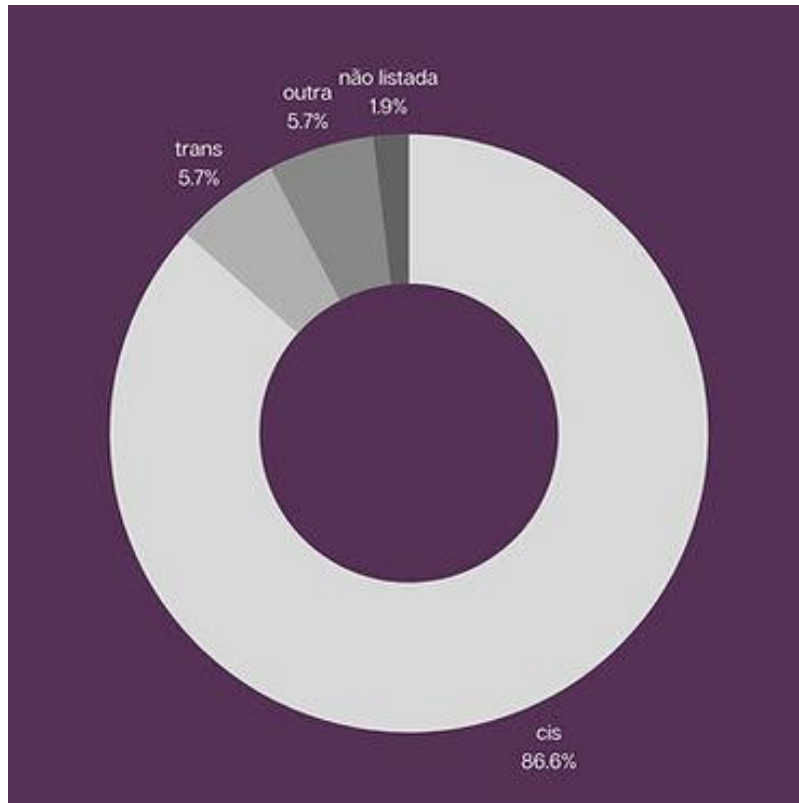


Figura 12 - Dados de identidade de gênero das autoras. Fonte: Site TodAs Escrevemos, 2020

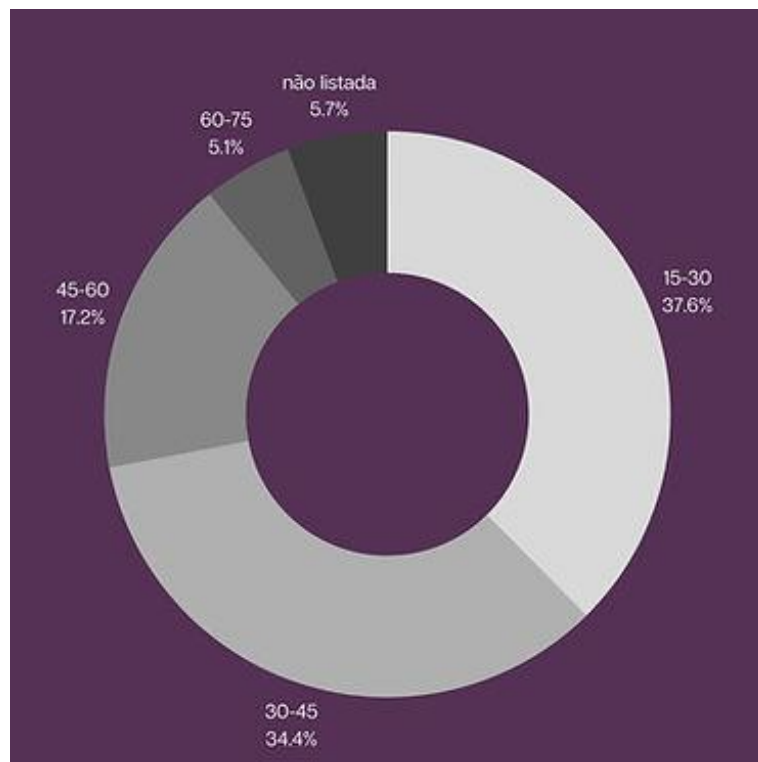


Figura 13- Dados de faixa etária das autoras. Fonte: Site TodAs Escrevemos, 2020

As submissões foram feitas em sua maioria por mulheres cisgêneras<sup>22</sup>, brancas, moradoras do centro da cidade de Porto Alegre, com idades majoritariamente entre 15 e 45 anos, sendo o recorte por faixa etária, “o mais satisfatório no quesito diversidade” (Vidal, 2020, s/p). Estes dados apresentados pelas idealizadoras do projeto dialogam com os apontados nas pesquisas coordenadas por Regina Dalcastagnè sobre a desigualdade social no contexto literário e editorial brasileiro. No texto de apresentação do livro *Literatura e Exclusão* (Eble, Dalcastagnè *et al*, 2017), as organizadoras afirmam que a exclusão não se limita ao âmbito socioeconômico, “ela envolve diversos aspectos da vida social, política, cultural e afetiva daqueles (as) que se quer afastados (as) dos espaços de poder, dos espaços de exercício da autonomia, dos espaços onde se pode imaginar e compartilhar o mundo” (Dalcastagnè; Eble, 2017, p. 11). Tanto nos dados elaborados e apresentados pelo TodAs, quanto nos referidos com base em pesquisas anteriores, a sobre representação branca entre as pessoas que submetem textos a publicação se expressa, salvo as devidas proporções entre a realidade de publicar em grandes conglomerados editoriais e em selos e editoras independentes.

Em tempos de ruptura democrática e de recrudescimento dos discursos fascistas – que se estabelecem contra os direitos dos trabalhadores, mas também das mulheres, dos negros, dos indígenas, dos moradores de periferias, da população LGBT, contra sua inserção social e contra suas formas de expressão – refletir sobre as possibilidades da literatura é um gesto mais do que urgente. Não porque se acredite ingenuamente que a literatura possa, por si mesma, promover a transformação da sociedade e da política, mas porque ela contribui, com sua força expressiva e com a legitimidade simbólica de que ainda desfruta, para construir o universo de discursos em que ocorrem nossos embates e nos quais fazemos nossas escolhas. (Dalcastagnè e Eble, 2017, p. 11)

Considerando que o negócio dos livros tem sido marcado nas duas primeiras décadas dos anos 2000, por um expressivo estrangulamento das livrarias independentes (Schiffrin, 2006), espaços em que o catálogo tem maior presença de livros escritos por mulheres tem diminuído ainda mais drasticamente, com o advento de empresas como a Amazon e sua complexa relação com as editoras, a partir do barateamento do processo apartado de uma

---

<sup>22</sup> Cis ou cisgênera é a pessoa que se identifica com o gênero que lhe foi atribuído ao nascer, com base em construções sociais de significado de partes do corpo como sendo binariamente definidos entre feminino e masculino, apenas. Nos anos 90, os movimentos trans internacionais, especialmente os estadunidenses, começaram a usar gradualmente o termo *cisgender* para designar pessoas não trans. Assim, o termo foi traduzido e incorporado (não sem particularidades e rupturas) pelos movimentos brasileiros (ver Mombaça, 2021; Araújo, 2022; Favero, 2020; Nery, 2011; Nascimento, 2021). Segundo Viviane Vergueiro, a cisgeneridade é um conceito que opera na possibilidade de desestabilizar as naturalizações que permeiam as relações historicamente estabelecidas entre a produção de conhecimento acadêmico e as pessoas trans. (Cavalcanti; Sander, 2019)



curadoria de catálogo. Em outras palavras, o fato de que um determinado processo ou rede de editoras de larga escala venda muitos livros a nível global, não significa um ganho do ponto de vista do acesso à leitura, mas sim uma coisificação de uma cadeia de relações entre escritores, curadores, editores, diagramadores, revisores, pesquisadores e mais um mundo de articulações condensadas no produto físico ou digital que ao tornar-se apenas um produto, elimina processos vitais, apenas sob a ótica da oferta e demanda, ou seja, apenas pelas métricas do mercado. Este é um tema que por si só, promoveria um novo projeto de pesquisa e que, portanto, devidas as proporções de realidade de uma etnografia realizada a nível de mestrado, não será desenvolvido com centralidade. De todo modo, este panorama mais amplo se relaciona com o universo de existência de selos editoriais independentes e orientados por objetivos distintos da lógica do mercado, como é o caso do Selo TodAs Escrevemos.

É em diálogo com esta realidade que a convocatória não apenas reuniu escritas de mulheres, mas também buscou conhecer os dados de quem foram estas mulheres, as quais eram majoritariamente brancas. Junto à publicação dos dados, foi feito o convite a reflexão sobre privilégios de acesso, inclusive de publicação. Mesmo partindo da constatação da desigualdade de gênero, se faz necessário ainda antes uma reflexão sobre os marcadores raciais desta desigualdade, por meio da explicitação do excesso de presença branco entre os dados sociodemográficos das mulheres que submeteram textos.

O TodAs virou um selo e teve sua primeira publicação com o livro *Sujeita*, da jornalista Brenda Vidal, mulher negra, bissexual e periférica e maravilhosa. Brenda, que também fez parte da equipe do TodAs, fez um levantamento de dados da convocatória e foi onde pudemos ver, o que já imaginávamos: a maioria das participantes eram mulheres cis, brancas e da região central de Porto Alegre. Por isso a nossa ideia para seguir, foi investir em ações que pudessem promover a escrita de mulheres negras, pardas, indígenas, transexuais, periféricas e da comunidade LGBTQIAP+. Foi assim que pensamos a coletânea *TodAs Escrevemos*, a partir de textos que fizeram parte da convocatória em 2020. A coletânea reúne textos de 28 mulheres e eu quero agradecer a cada uma delas. Obrigada por escrever, obrigada por partilhar, obrigada por resistir. (Schleder, 2021, s/p)

Em matéria sobre o tema dos impactos do racismo no acesso de mulheres negras a condições adequadas de vida, Gabriele Roza apresenta dados que apontam o quanto as mudanças instauradas pela pandemia se somam ao racismo estrutural (Almeida, 2019), fazendo com que o muro permaneça alto para as mulheres negras.

Neste domingo 25, dia que se celebra o Dia da Mulher Negra Latino-americana e caribenha, é importante olhar para avanços, mas sem deixar de



reconhecer que são as mulheres negras que ainda enfrentam mais barreiras para se manter na universidade e entrar no mercado de trabalho. Elas seguem sub-representadas nas instituições públicas do país. Do total de mulheres negras que entraram em uma universidade, 16% ingressaram em instituições públicas e 84% em instituições privadas. Os dados são do Censo Escolar mais recente do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), órgão vinculado ao Ministério da Educação. Já de acordo com o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese), com base nos dados da Pnad Contínua, a taxa de desocupação das mulheres negras atingiu 19,8% no terceiro trimestre de 2020. (Roza, 2021, s/p)

Voltando um pouco no tempo, encontramos uma contribuição sobre o mesmo tema, com foco no mercado de trabalho, apresentada por Lélia González, em artigo publicado em junho de 1982.

Já no 3º *mulherio*<sup>23</sup>, apresentamos uma série de dados relativos ao lugar da mulher negra na força de trabalho. Ali, a gente constata que, em virtude dos mecanismos da discriminação racial, a trabalhadora negra trabalha mais e ganha menos que a trabalhadora branca que, por sua vez, também é discriminada enquanto mulher. Vimos que 87% das trabalhadoras negras exercem ocupações manuais, justamente nos setores ou subsetores de menos prestígio e pior remuneração; e 60% dessas trabalhadoras não tem carteira assinada. Por essas e outras é que a mulher negra permanece como o setor mais explorado e oprimido da sociedade brasileira, uma vez que sofre uma tríplice discriminação - social, racial e sexual. (González, 2018, p. 127-128)

Menciono estes dados, inspirada no que nos diz Glória Anzaldúa, a respeito da necessidade do pão e da escrita: “Confrontar os limites de nossas próprias limitações. Há um limite para o que posso fazer em um dia” (Anzaldúa, 2000, p. 231). Como mencionei nas primeiras páginas deste trabalho, um dos motivos profundos desta pesquisa é a oralitura (Martins, 1997) aprendida de minha mãe, uma destas mulheres negras mencionadas entre os dados discutidos por Lélia González, sobre a realidade na década de 80. E da mesma forma, a sujeita antropóloga que escreve essa etnografia é uma entre as estudantes-trabalhadoras retratadas nos gráficos da matéria de Gabriela Roza, escrita na segunda década dos anos 2000,

---

<sup>23</sup> Na década de 80, pesquisadoras da Fundação Carlos Chagas envolvidas com o estudo da condição feminina no Brasil preocuparam-se em sistematizar informações sobre o assunto. No início, a proposta era compor um boletim de notícias que fizesse o intercâmbio entre as diversas instituições e estudiosos do tema. Forneceriam dados de forma sistemática e abrangente sobre os problemas que envolviam a mulher brasileira. (Fundação Carlos Chagas). Para mais informações e acesso as edições do *Jornal Mulherio*, lançado em 1981, acesse o site da Fundação Carlos Chagas, disponível em <https://www.fcc.org.br/fcc/mulherio-home/>

do século XXI. Os embates intergeracionais informam da necessidade de olhar de forma ampla para este reiterado apontamento da realidade de que mulheres negras ainda enfrentam desafios desnecessários em sua trajetória. Desafios atrelados a perpetuação do genocídio, operados por meio das intersecções de opressão de raça e gênero (González, 2018; Crenshaw, 2002). Compreender estas intersecções para além dos dados, relacionando com exemplos reais de pessoas atravessadas por estas interseccionalidades em diferentes tempos, pode auxiliar na compreensão da urgência vital para a humanidade, de tirar do lugar de eufemismo acadêmico, esta sensibilidade analítica (Akotirene, 2019) gestada por pesquisadoras negras das mais diferentes áreas, ao longo de anos de produção teórico-política, dentro e fora dos espaços acadêmicos. Se nós, mulheres negras, movemos e criamos alternativas mesmo frente a condições muitas vezes estranguladoras, imaginem uma sociedade onde os muros racistas que nos impedem de seguir não estivessem em nosso caminho a cada dia? São imagens nada românticas ou ingênuas, as que manifesto aqui. Estas são imagens de poder, promovidas por uma inversão na leitura condicionada a vulnerabilização de nossas capacidades, orientada pelas condições que a desigualdade racial impõe à realidade social vivenciada por pessoas negras e brancas<sup>24</sup>, entre demais identidades e localizações étnico-raciais.

Ao evocar estes dados e recordar a interseccionalidade como uma sensibilidade analítica necessária para o letramento racial, imagino uma espécie de lente, capaz de problematizar as naturalizações atreladas a apresentação de dados como os mencionados no gráfico abaixo, questionando mais as excessivas presenças do que as documentadas ausências. Ou seja, em uma sociedade desigual, analisar as sobre representações é uma forma de aprofundar a compreensão das problemáticas sociais envolvidas nos diferentes âmbitos da experiência de vidas diferencialmente racializadas.

---

<sup>24</sup> Em muitos momentos do texto, serão tratadas as relações raciais entre pessoas negras e brancas. Sobretudo, é importante inscrever e recordar que o estudo das relações étnico-raciais compreende uma gama muito mais ampla de posicionalidades étnico-raciais, as quais não serão abordadas neste trabalho, o qual tem um recorte orientado a branquitude em relação a negritude, na maioria do tempo.

### Mulheres são maioria entre os estudantes do ensino superior

Dados mais recentes, de 2019, mostram que mulheres negras têm mais dificuldade em se formar

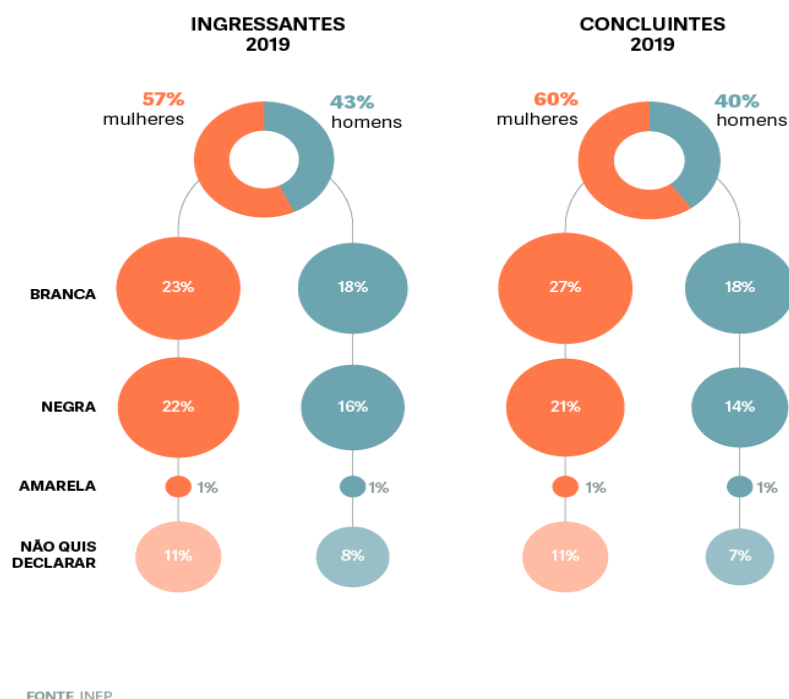


Figura 14 – Gráfico “Mulheres são maioria entre os estudantes do ensino superior”.

Fonte: Portal Gênero e Número (2021)

Retornando aos dados relativos a primeira convocatória do Todas Escrevemos, é importante destacar a escolha por discutir a sobre representação branca entre as autorias, ainda que este dado já fosse suposto, como mencionado por Iasmin Schelder na live de lançamento da coletânea. Esta perspectiva de análise de contexto opera uma mudança de orientação na abordagem sobre desigualdades e relações raciais, em que comumente a chave do questionamento é a ausência e não a presença racialmente marcada. Trata-se de questionar a grande presença de mulheres brancas entre as autoras, direcionando a atenção ao privilégio racial branco como um aspecto estrutural também das desigualdades de gênero. Ou seja, o acesso que a população branca tem a oportunidades de realização de seus interesses é um dado tão relevante quanto a ausência da ocupação dos espaços pela população negra, por evidenciar a posicionalidade racial como operador de dinâmicas sociais que promovem manutenção de privilégios. O protagonismo no dado marca o que o imaginário social nutriu como norma: a representação da proporcionalidade é também um discurso tácito marcado racialmente.

Conduzir pesquisas que olhem para os excessos de presença racial nos dados relativos ao contingente de pessoas auto descritas enquanto mulheridades é inventar outra forma cultural<sup>25</sup> de lidar com as desigualdades, de maneira interseccionalmente orientada.

Aqui, percebe-se a repetição do padrão de protagonismo branco entre as mulheres participantes da convocatória. Uma disparidade que incomoda e se agiganta por sua proporção: apenas 9,5% das participantes são negras, apenas 0,6% indígenas, além de uma parcela não branca de 2,5% que se identificou como “outra” e 7,6 como “não listada”. (...) Convidamos as mulheres brancas a pensarem: quais papéis dominantes você ocupa na sociedade, por conta de sua branquitude? Enquanto uma convocatória organizada por mulheres brancas e negras, e que se mantém alinhada ao antirracismo, é urgente que nós abramos os olhos para o desequilíbrio espelhado em nossos dados, e que pensemos novos modelos e estratégias em próximas empreitadas, para que tal quadro não se repita. Não descartamos a possibilidade de realizar chamadas exclusivas para mulheres não brancas (TodAs Escrevemos, 2020, s/p).

Assim como é verdadeiro o fato de que todas as mulheres estão, de algum modo, sujeitas ao peso da discriminação de gênero, também é verdade que outros fatores relacionados a suas identidades sociais, tais como classe, casta, raça, cor, etnia, religião, origem nacional e orientação sexual, são diferenças que fazem diferença na forma como vários grupos de mulheres vivenciam a discriminação. (Crenshaw, 2002, p. 173)

Alguns meses depois da convocatória, a constelação de textos se tornou coletânea, com projeto selecionado em um edital<sup>26</sup> de fomento cultural. O recurso foi utilizado para a publicação em livro de alguns dos textos enviados para o site. Orientadas pelos resultados da análise de perfil das mulheres que enviaram seus textos e do posicionamento público antirracista do projeto, houve a decisão de priorizar os textos enviados por mulheres negras e indígenas, assim como de mulheres LBT<sup>27</sup>, para esta publicação. Estes foram os primeiros passos da publicação do livro Coletânea TodAs Escrevemos, publicado em 2021 (Figura 7). Todo o processo de construção do livro foi colaborativo, com reuniões semanais para escolha de detalhes como a capa, o tipo de letra a ser utilizado, as cores, entre outros pontos. Nestes momentos, foi possível conhecer algumas das outras mulheres que compunham aquele entramado de fotos e textos que constituíamos no site. Entre elas estava Carolina Maria de Jesus<sup>28</sup> e Miranda July, com quem viria a conviver mais durante o Grupo de Escrita Permanente para mulheres, do qual falarei a seguir. Compunham a coletânea, textos de outras escritoras

<sup>25</sup> Aqui utilizo cultural no sentido de cultura enquanto “idioma geral” antropológico (Wagner, 2012).

<sup>26</sup> O livro pôde ser publicado porque o projeto foi selecionado no edital Marcopolo, de incentivo a iniciativas culturais e educativas no Rio Grande do Sul.

<sup>27</sup> Acrônimo para Lésbicas, Bissexuais e Transgêneres.

<sup>28</sup> Nome fictício escolhido por uma das interlocutoras da pesquisa. A única mulher não declarada branca entre as que frequentaram o Grupo de Escrita Permanente para mulheres, do qual falarei mais adiante.

negras, colegas de universidade, mulheres com quem convivi de forma mais ou menos próxima em outros momentos de minha vida (Pagot, 2021; Vidal, 2021; Rocha, 2021; Gonçalves, 2021; Gambôa, 2021; Ohnmacht, 2021). Foi durante a construção da coletânea que comecei a desenhar, ainda que de forma bastante preliminar, o que viria a ser esta pesquisa que aqui estou letreando enquanto texto etnográfico, dentro de uma dissertação de mestrado.

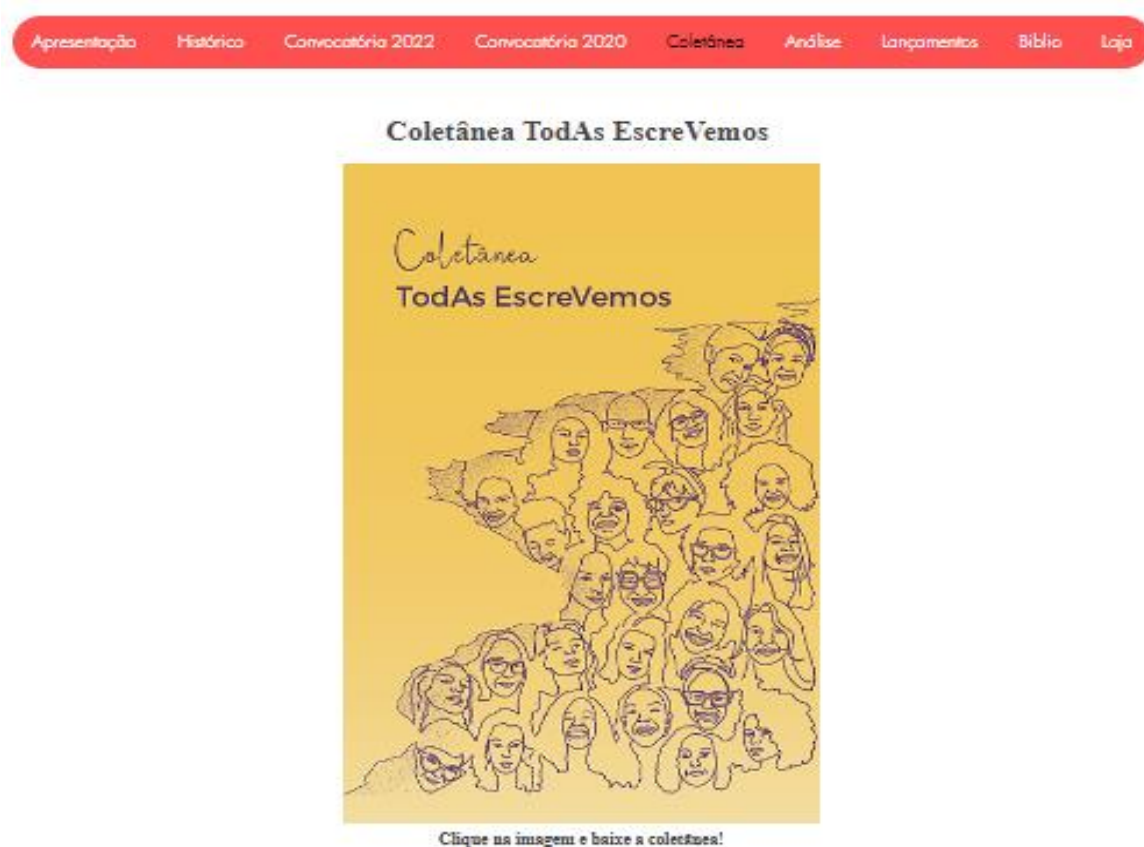


Figura 15 - Capa da Coletânea TodAs Escrevemos. Fonte: Site TodAs Escrevemos, 2020

### **Sem saída**

Os dias vêm passando em uma velocidade triste e matadora. Meus pensamentos tentam driblar a morte, mas é praticamente impossível ignorar a realidade. Busco positividade e me sinto uma idiota. Uma fracassada. Enfim, um alguém fugindo do que tem que lutar. A morte como fardo e não como passagem é enfiada goela abaixo de quem é preto no mundo. Lidar com as hipocrisias cotidianas, lidar com as falácias e com os sentimentos de culpa, lidar, lidar, lidar. Outro verbo para sobreviver. Um sinônimo inconfesso, mas visceral. Lidar com a realidade da vida e da morte. Lidar com as mortes-aviso que vão se somando sobre a mesa. Lidar com a vontade de sumir e ao mesmo tempo de viver. Lidar com a injustiça, com a feiura do mundo e com a incontestável beleza de ser quem sou no mundo. Lidar com as palavras que voam de dentro de mim e se perdem no desrespeito, na falta de fé na minha palavra, na falta de confiança, de mim para mim e de mim para os outros. Lidar, lidar, lidar. Entender e encontrar a minha potência de serenidade ancestral e ter que ignorar, ter que seguir em frente sem saber mais direito o que é mais correto e estratégico. Vejo pessoas jogarem com as vidas de outras pessoas e nem sequer serem vistas como assassinas. Vejo dedos que me apontam como covarde porque não compro mentiras brancas para limpar as mortes. Não acredito em revolução desenhada por brancos e pintada de preto. Não acredito em falácias de união desonesta. Não acredito em sorrisos falsos de sororidade. Não acredito no que se apresenta com cobrança de paz para mim. Não acredito na paz branca que me querem participante. Não acredito na democracia feita de silêncios pretos. Não acredito na ciência feita de silêncios pretos. Não acredito em quem preciso me aliar para conseguir ser ouvida. Não acredito nesta grande prosódia triste que é a realidade que enxergo. A Aline, à beira dos trinta anos, enxerga tristeza. Enxerga saudade e um sonho pintado numa tarde na Casa Verde. Ela se agarra a essa imagem futura a qual às vezes também dúvida viver, em que vai estar em uma rede, na casinha sonhada com seu amor, descansando e ouvindo Leli correr pelo pátio. Vai chorar de cansaço, mas de um jeito feliz. Vai olhar pra si e para essa vida sonhada com orgulho. Vai estar aconchegada no seu denço, sendo olhada com carinho por ele que vai dizer que sempre soube que aquela realidade ali era possível e que se concretizaria. Eu tenho fé nesse sonho. Tenho fé nesta vida que sonho todos os dias. Essa que me faz acordar e, mesmo confusa, querer continuar viva. Às vezes penso em desistir da vida. Escrever uma carta comovente onde digo tudo isso que disse até agora. Desfaço-me em letra pela última vez. Coloco pra

fora tudo que me maltrata. Jogo na cara daqueles para os quais cuidadosamente dirigirei minha carta, o quanto essa minha morte anunciada tem co-autoria. Ninguém vai me julgar por me matar, quando, na verdade, isso não será um suicídio. Eu quero a cabeça dos meus assassinos sangrando. Eu os quero perdidos e sem felicidade. Eu quero a cabeça dos meus assassinos girando. Eu os quero pensando metade do que penei. Eu quero silêncio e desrespeito a cada palavra deles. Eu os quero sendo cobrados de falar mais alto. Eu os quero sofrendo em uma existência medíocre. Eu os quero vazios. Vivendo e sentindo o que me fizeram sentir. Eu os quero duvidando da sua existência. Da sua legitimidade. Eu os quero duvidando de sua origem. Eu os quero sofrendo as mortes de seus ancestrais. Eu os quero sendo humilhados, rasgados e eu os quero sofrendo. Eu não quero nada menos que isso. Eu quero minha alma leve. Eu quero conseguir sonhar com esperança e ver o mundo com a doçura que eu via quando tinha seis anos de idade. Eu quero sentir aquela sensação gostosa de sorrir brincando com a joaninha em minhas mãos, na luz do sol, com o eco do sorriso do meu irmão ao meu lado. Eu quero olhar pra cima e vê-lo sorrindo com um inseto bailando em suas mãos. Eu quero aquela brincadeira de novo. Aquela em que eu subo nos seus pés e caminho com ele. Eu quero saber que ele ainda me ama, mesmo não tendo sido a tia que a filha dele merecia. Eu quero que ele saiba que eu aprendi a desenhar e ler, como ele sempre me estimulou. Eu quero contar para ele que aprendi espanhol e que pude conhecer o México, fazer amigos lá e reencontrar irmãos ancestrais. Eu queria apresentá-lo para meu amor, para meus amigos. Eu queria tanto conversar com ele e contar como foi descobrir que sou lésbica e hoje sentir muito orgulho disso. Eu queria poder ter um encontro com ele. Uma semana que fosse e que, no final, a gente se despedisse e ele me dissesse que se orgulha de mim. Da pessoa que sou e sigo lutando pra ser. Eu queria que ele me abraçasse e me levasse para qualquer lugar que tivesse joaninhas pra brincar. (Rodrigues, 2021, p. 44-49)

Várias autoras da coletânea se aproximaram do coletivo após a realização do livro, se mantendo atentas às atividades e participando, sobretudo das oficinas de escrita. Como destaca Luna Souto no posfácio do livro, “a diversidade de gêneros literários é uma característica dessa coletânea, textos em diversos formatos: crônicas, cartas, poemas que bebem de diversos estilos e formas. Podemos facilmente transitar pelas folhas deste livro e observarmos diversos recursos formais e temáticos diferentes.” (Souto, 2021, p. 95). Complementaria que a mesma diversidade de formatos se expressa nas experiências e ficções ali movidas. São efetivamente letras-mulheres muito diferentes, mesmo que por vezes próximas por seus marcadores sociais de

gênero, raça e sexualidade. Cartas de mãe para filha, poemas de amor e de dor, letras de rir, letras de chorar. Cartas de reencontro e de despedida também. Ainda que o campo não tenha se desenvolvido no seio da construção das demais coletâneas e publicações do selo *TodAs Escrevemos*, entendo o projeto como intimamente ligado à realização do Grupo Permanente de Escrita para mulheres, que viria a acontecer em 2022 e no qual realizei observações mais sistemáticas.

Pessoalmente, os anos de 2020 e 2021 estão entre os mais turbulentos da vida, não apenas pela pandemia, mas também por fechamentos de ciclo tais como a finalização da graduação em Ciências Sociais, recuperações e reacomodações de casa e condições de sobrevivência, assim como doenças familiares graves, que balançavam a sanidade e o senso de urgência. Aprendi que é preciso tempo para digerir tantas mudanças simultâneas.

Solidão: mergulho no profundo

Será que o isolamento social  
de uma mulher negra  
começa só na quarentena?  
Mas e a tal da solidão da mulher preta,  
que foi diagnosticada,  
facada (!)  
antes mesmo dessa nova pandemia?  
(...)  
Desfaço amarras,  
recuso correntes,  
limpo termos coloniais  
da minha mente.  
Troco tudo isso por bell hooks,  
Conceição Evaristo,  
Grada Kilomba,  
Luedji Luna,  
Solange,  
Tássia Reis,  
Angela Davis,  
Xenia.  
(Vidal, 2021, p. 32-34)

Ainda antes de conhecer a *Fora*, cheia de ideias alimentadas pelos aprendizados vividos no CIESAS e nos encontros do trabalho de campo realizado durante o intercâmbio, tinha expectativas de retornar e estreitar os laços entre o tema das políticas públicas e as motivações de quem atua em organizações sem fins lucrativos ou espaços de assistência social e as experiências de pessoas não-brancas no acesso a estes espaços, com ênfase em mulheridades negras. Realizei entrevistas, muitas das quais ainda seguem aguardando um tratamento e



desdobramentos em relação a este tema. Porém, como já apresentei anteriormente, as perambulações anteriores ao ingresso no mestrado, após meu retorno ao Brasil, me aproximaram de outros eixos das relações com as mulheridades. Entre um imbricado processo pessoal e acadêmico, os meses que se seguiram ao meu retorno, sobretudo após o fim da graduação, direcionaram meu olhar ao que era possível para seguir nessa caminhada de pesquisas.

A ideia inicial para o mestrado foi completamente bagunçada pelos devires da pandemia em minha vida. Quando digo isto, me refiro as consequências diretas na arrumação de um retorno a uma realidade completamente diferente da que deixei. Retornar e realinhar possibilidades de subsistência, tendo em vista que ao finalizar o período da bolsa que subsidiou minha estadia no México, não tinha trabalho fixo e mesmo casa, pois para me lançar na oportunidade de intercâmbio tive de finalizar meu contrato de aluguel na casa compartilhada em que vivi, de 2016 a março de 2019. Minha casa familiar já não existia mais de uma forma sustentável e assim, entre janeiro e março de 2020, retorno ao Brasil com a necessidade de me reestabelecer física, econômica e psicologicamente. Desembarquei em uma realidade distante das seguranças que tinha durante a realização do intercâmbio, sobretudo no que se refere a possibilidade de um tempo exclusivo de dedicação para a pesquisa, algo raro em minhas experiências constantes de estudante trabalhadora desde os 16 anos. Encarar o luto da perda de minha mãe, ocorrido em julho de 2018, retomar o curso de Ciências Sociais, o qual estava na fase final e ir em busca de uma forma de sobreviver. Foram com estes desafios e outros que a pandemia me encontrou. Esta parte da história, ainda que possa ser lida como excessivamente pessoal, se faz necessária para informar as pessoas que leiam este trabalho, sobre as condições em que me encontrava durante o processo de plantio desta etnografia.

Nestes tempos, a escrita foi espaço de desafio, descoberta, abertura de mundo e manutenção de redes. Foi também estratégia para registrar tudo, visando que pudesse ser reencontrado em um futuro sem data prévia, por alguém que se interesse por saber da trajetória por trás da jornada acadêmica de uma – entre tantas e com tantas diferentes histórias – mulher negra pesquisadora.

Ler as escritas das outras mulheres que submeteram seus textos naquela coletânea que inaugurou publicamente o projeto *TodAs Escrevemos*, foi a possibilidade de fazer parte de um mosaico. Desigual, diferente e abissal, em que a multiplicidade das experiências de mulheridades se expressava nas letras abertas a leituras dos outros e das outras. É interessante

perceber o quanto um texto, que em algum momento escrevi como um pedido de socorro em meio ao caos, foi o estopim de uma relação presencial na virtualidade, com um movimento de mulheres que escrevem. Um encontro real-imaginarizado através das letras-mulheres.

## 1.2 As reuniões abertas e a Oficina de Miranda e Flor

### *As reuniões abertas*

Entre a publicação da coletânea física, que ocorreu em maio de 2021, e meu primeiro contato com a Fora para negociar minha entrada em campo, em janeiro de 2022, transcorreu um período de nove meses. *Fora* é uma forma carinhosa de reduzir o nome da ONG, bastante utilizado pelas pessoas que se aproximam do coletivo. Neste ínterim, realizei observações nas redes sociais do projeto, buscando conhecer sua história e funcionamento. A princípio, me parecia importante acompanhar da forma mais ampla possível a ONG, para então definir o foco da pesquisa dentro do espaço. Algo próximo do que Leitão e Gomes (2017) vão chamar de “sensibilidade etnográfica transeunte”, ao tratar das perambulações no âmbito de pesquisas realizadas em redes sociais e outros ambientes online. Tracei uma estratégia do que chamei de pré-campo, em que além de consultar e acompanhar as redes sociais da Fora, também busquei conversar informalmente com algumas mulheres que conhecia de experiências literárias vividas no âmbito do meu campo da graduação, na intenção de perambular em trânsitos on/off (Leitão e Gomes, 2017), no sentido de que ainda que estes diálogos tenham ocorrido de forma geograficamente distante, eram com pessoas conhecidas carnalmente<sup>29</sup>, para usar um termo de Carolina, uma das interlocutoras do grupo de escrita permanente.

Essa semana aconteceram momentos<sup>30</sup> que considero importantes nessa trajetória prévia de um campo. Talvez eu possa até falar que para além dessa

---

<sup>29</sup> O uso do termo carnalmente se remete a uma fala de uma das interlocutoras, quando depois de meses de encontros virtuais, nos encontramos pessoalmente no espaço da Fora da Asa, para uma conversa coletiva sobre a pesquisa. Nas palavras de Carolina, “pessoalmente nós já nos conhecíamos a meses, agora estávamos nos conhecendo carnalmente”. Achei a expressão forte e acolhi utilizá-la sempre que possível, para me referir a encontros físicos com pessoas que já conhecia virtualmente ou vice-versa, encontros virtuais com pessoas que conheci ao vivo em outro momento, como no caso das conversas com Agus, com quem convivi no México. No subcapítulo 3.1 consta junto a descrição de nosso encontro na Fora, o momento em que Carolina utilizou esse termo.

<sup>30</sup> Faço aqui uma breve consideração sobre cada um destes momentos, tendo em vista que os aprendizados e inquietações alimentados nestas oportunidades possibilitaram adensar meu olhar ao processo de realização da pesquisa de campo, permitindo que as escolhas feitas não estejam distanciadas dos compromissos teórico-político-afetivos (Rodrigues, V. 2020) que tenho. Participei da equipe de produção textual do site Clubes Sociais Negros do Brasil e Uruguai, dentro do projeto Clubes Sociais Negros – Articulação Sul/Sul. O site encontra-se disponível em <https://clubessociaisnegros.com/identidade-visual/>. Contribuí, junto a letrista e Mestranda em Educação na

semana, esse mês: a produção textual do site Clubes Sociais Negros – Articulação Sul/Sul; A construção do livro *TodAs Escrevemos*; o encontro *Cartas para Atinúkés*<sup>31</sup>; o curso da Prof. Aline Najara<sup>32</sup>; A turma de Antropologia e Literatura do Caleb<sup>33</sup>. Sinto que cada um desses momentos deve ser observado, mas alguns tem que ser em perspectiva. Outros podem inclusive já figurar como campo. Ah! Eu esqueci de falar do taller do DEMAC, do qual participei no ano passado. (Diário de campo vida, setembro de 2021)

Comecei minhas observações pelo Instagram e Youtube da ONG, acompanhando também o site – que do início desta pesquisa até o momento de sua finalização já mudou bastante, tendo recebido as coletâneas resultantes das oficinas de escrita para mulheres que aconteceram desde 2020, assim como atualizações dos textos de suas abas. Considerei esse momento como uma paquera semi-platônica que estabeleci com a possibilidade de realizar trabalho de campo junto a algum projeto desenvolvido pela Fora da Asa, antes de tomar coragem e escrever meu primeiro e-mail de acercamento para realização da pesquisa.

Me chamou a atenção o fato de o canal ter sido criado alguns meses depois da morte de minha mãe, no mês em que o desgoverno Bolsonaro foi eleito. Isto me fez pensar em uma parte importante desta pesquisa que é a emergência de iniciativas contra a mentalidade bolsonarista. Neste contexto em que a Fora da Asa se apresentou ao mundo, o acirramento político e social é grande. Extremo, agudo. (...) Assistindo a um dos vídeos disponíveis me dou conta de algo que já vinha observando: o cansaço de Miranda, uma das idealizadoras da ONG. Miranda trazia uma expressão de orgulho misturado ao cansaço. Uma certa e grande tristeza no olhar, que a fala doce acalanta, mas não apaga. Criei um documento onde pretendo fazer anotações referentes aos perfis nas

---

Unipampa – Campus Jaguarão, Fernanda Vitória Nunes, nos textos do site, especialmente o texto da Identidade Visual, construído a partir de uma histórica foto, à qual remete ao símbolo do movimento clubista negro.

<sup>31</sup> O encontro *Cartas para Atinúkés* foi realizado dentro das atividades da 5ª turma do Curso Atinuké sobre o pensamento de mulheres negras, iniciado no segundo semestre de 2020. Juntamente a escritora e psicóloga Dóris Soares, foi oferecido à turma uma oficina em que nós escrevemos cartas entre nós, mediadoras do encontro e cursistas, e trouxemos simbolicamente outras pessoas para quem gostaríamos de recordar que merecem carinho, lema e significado de Atinúké.

<sup>32</sup> Participei do curso de extensão *no rastro do povo preto: Pesquisas e vivências pretas na universidade*, disciplina do curso de Licenciatura em História da Universidade do Estado da Bahia – UNEB Campus XII. O curso era organizado e ministrado pela Prof. Dra. Aline Najara, a quem agradeço imensamente pelas contribuições teóricas e afetivas nestes encontros poderosos de aprendizado e carinho vividos a cada aula. A cada encontro tínhamos a oportunidade de aprender com pesquisas desenvolvidas sobretudo por historiadoras e historiadores negros e negras, em diferentes fases acadêmicas: de doutorandos a estudantes de IC. Sempre de forma muito dialógica e integrada a oralidade, o ensino de história africana e negra diaspórica se fazia de forma viva, por meio de música, poesia, som de crianças e rezas, às vezes. Tudo isso vivenciei à distância, sincronamente através do Google Meet.

<sup>33</sup> Acompanhei algumas das aulas de Antropologia e Literatura, ministrada pelo Prof. Caleb Farias Alves, com quem tive a felicidade de contar como orientador de meu trabalho de conclusão na graduação. A disciplina era optativa para alunos da graduação em Ciências Sociais e foi ofertada nos primeiros meses de 2022. Foi uma oportunidade maravilhosa de interagir com um olhar antropológico sensível para escritas e leituras. Infelizmente não acompanhei a disciplina até o final, devido a outras agendas do mestrado e de outros âmbitos coletivos acadêmicos e não acadêmicos.

redes sociais da ONG. Não sei muito bem em que isso vai me ajudar, mas pelo menos me faz encarar a Fora da Asa, dar uma boa olhada na forma como a ONG tem sido apresentada ao mundo. (...) (Diário de campo-vida, janeiro de 2022, Porto Alegre)

Durante o período da pandemia, o espaço da Fora passou por muitas dificuldades, inclusive financeiras, tendo em vista que o espaço físico não podia receber as atividades e as contas de manutenção, custeadas por meio de uma campanha contínua de arrecadação de contribuições e por eventuais projetos, foram fortemente impactadas. O coletivo se reinventou, acolhendo processos e atividades virtuais, para sua sobrevivência e possibilidade de fortalecimento de outras iniciativas de ação social, cultural e política na cidade. Neste período foram realizados os projetos de maneira virtual, assim como mutirões de oferta de comida a população em situação de rua e venda de quentinhas e alimentos, a pronta entrega, de forma regulada e dentro dos parâmetros possíveis, como estratégias de manutenção das atividades e extensão da solidariedade com a comunidade dos entornos da Fora.

Primeira observação com a Fora da Asa – Alguns dias atrás escrevi um e-mail informando sobre meu interesse em participar do encontro sobre literatura brasileira em perspectiva étnico-racial e minha vontade de realizar observações participantes nas atividades da Fora da Asa. Quem me respondeu foi Miranda July. Miranda é uma mulher branca cisgênera, professora de inglês e escritora. Sua voz é doce e firme e mesmo na escrita dá para sentir a amorosidade com que se comunica. Em resposta, muito amigável, ela me convidou para ir à reunião do coletivo, que acontecerá hoje, às 20h. Confesso que estou bem nervosa, não sei se conseguirei apresentar bem minha pesquisa, meus interesses. Mas estou indo de peito aberto. A reunião será virtual, o que me traz alguns confortos. Me sinto dividida sobre a realização da pesquisa. Ao mesmo tempo em que me orgulho, me pergunto como meu trabalho pode contribuir efetivamente para além da academia? Por que pesquisar a leitura branca? Penso que isto tem muito a ver com o interesse em pesquisar a mudança social e o impacto político de ler mulheres negras. Como isso tem impactado mudanças na própria forma com que militantes feministas brancas tem visto o seu fazer e ser mulher no mundo. (Diário de campo-vida, janeiro de 2022, Porto Alegre)

A primeira atividade que participei foi uma reunião aberta da Fora da Asa, agendada para dia 10 de janeiro de 2022. Fui convidada a participar desta reunião, após minha aproximação para me inscrever na formação sobre literatura em perspectiva étnico-racial, que estava agendada para acontecer no final daquele janeiro. Me sentia enferrujada, como se fosse meu primeiro trabalho de campo da vida. Um frenesi quase juvenil: coração acelerado, suor nas mãos. Me atralhei com as datas e um dia antes da reunião, entrei no link que me enviaram por e-mail. Fiquei ali naquela janela virtual, um pouco embasbacada olhando para o relógio, as

horas passando, preocupada de estar no lugar errado. Quando enfim revisei com calma, vi que a data correta estava no e-mail e era no dia seguinte.

Ontem, depois de preparar corpo e mente, começar a observar as redes sociais da organização e realizar algumas anotações, percebi que errei a data. Achei estranho a reunião ser marcada para um domingo, mas em tempos de tudo virtual e tudo ao mesmo tempo agora, me preparei igual, mas na verdade vai ser hoje. Como trabalho preliminar, eu comecei a assistir os vídeos disponíveis no perfil da Fora da Asa, que existe no youtube desde 2018. (Diário de campo-vida, janeiro de 2022, Porto Alegre)

Ainda que estivéssemos em diferentes lugares, conectadas por uma tela, era como se estivesse frente a frente com cada uma. Uma sensação estranha de “invasão” com meu diário de campo na mão e aquela vontade de interação. Talvez isso se deva ao tempo que fiquei afastada de realizar esse tipo de trabalho e me aproximar de outras pessoas, especialmente em contextos de pesquisa. Talvez a pandemia e a sensação de viver absurdos constantes no cenário geopolítico nacional e internacional também tenham impactado nessa falta de tato, de quem já estava entrando no penúltimo ano do mestrado. O fato é que entrar naquela reunião, era entrar em um círculo de mulheres que se conheciam e teciam ações já há muito tempo, com propósitos e urgências bastante organizadas. Essa era a visão que tinha da Fora naquele momento, enquanto coletividade para além de seu espaço físico e sua pessoa jurídica. De certo modo, me muni de minhas identidades raciais e de gênero, como pontos de fortalecimento para encarar os incômodos que sempre perseguem minha prática em campo. Faço pesquisa como quem tateia o aprendizado, com medo de errar, mas seguindo em frente com medo mesmo, pois a experiência é o lugar do machucado, que também é parte dos registros do vivido, mesmo por meio da virtualidade de uma chamada no Google Meet.

Agora faltam poucos minutos, dúvidas estranhas palpitam na minha cabeça: como devo estar vestida? Quantas mulheres estarão na reunião? Bom, imagino que pelo menos 25 mulheres, as membras do Coletivo. Acho que vou me sentir desconfortável, mas conseguirei. Estou aberta aos incômodos e para responder certos questionamentos sobre minha pesquisa. Vou observar o tom da conversa para então propor discutirmos sobre restituição e consentimento. (Diário de campo-vida, janeiro de 2022, Porto Alegre)

Fui uma das primeiras a chegar no link. Quem me recebeu na sala, a partir da conta da Fora da Asa, foi Miranda. Ela foi bastante simpática, dando as boas-vindas e buscando me

deixar confortável no encontro. Aos poucos, outras mulheres foram se aproximando. As pessoas novas que se aproximaram neste dia fomos eu, Flávia e Maria<sup>34</sup>. Eu já conhecia e admirava Flávia, mas conversamos muito pouco. Ela não ficou muito tempo na reunião. Se apresentou como uma travesti negra de Porto Alegre, educadora social, performer e poeta. Maria é uma mulher branca, que se apresentou como psicanalista. A maioria das mulheres na sala virtual eram brancas, acredito que quase todas cisgêneras e com ensino superior completo ou em andamento. A única que sei da formação é Miranda, professora de literatura, mestra e doutora em literatura. Tem também a Iris que é Designer, a Luna que é multiartista e pesquisadora das artes. Uma das poucas mulheres negras ali presentes. As demais mulheres eram em sua maioria jovens adultas entre 30 e 50 anos. Miranda conduziu a reunião, iniciando por nos passar a palavra para nos apresentarmos. A roda de apresentação iniciou por Maria e depois fui eu. Me apresentei, contando quem eu era e mencionando que estava ali também como uma primeira aproximação para realizar meu trabalho de campo do mestrado. Percebi olhares levemente curiosos, mas como havia uma longa pauta na reunião, não se desdobraram muitos questionamentos. Miranda acolheu dizendo que da parte dela, seria um prazer poder ouvir mais sobre a pesquisa. As apresentações terminaram e a reunião seguiu com uma dinâmica de abertura. Miranda disponibilizou no chat o link de uma plataforma online que gera nuvens de palavras e pediu que nós escrevêssemos algo que esperávamos para 2022. Na minha cabeça estava a palavra paciência, quase como um mantra interior, o dia inteiro. No final, escolhi *esperança* ao invés de *paciência*.

As palavras que mais se destacaram na nuvem foram *coragem* e *esperança*. A *paciência* apareceu no cantinho e foi escrita por Miranda. Segundo ela, a escolha estava relacionada ao fato de que seria necessária muita paciência naquele ano, tendo em vista as disputas eleitorais e acirramento das violências relacionadas ao movimento bolsonarista. Ela disse que lembrou da palavra paciência, porque foi a escolhida por D. Iracema Gãh Té Nascimento para o ano de 2022. D. Iracema é uma liderança Mbyá Guarani da comunidade da reserva do Cantagalo, educadora e cacica da Retomada Multiétnica Gãh Ré. Após o momento de apresentação e acolhimento, nesta primeira reunião eu realmente mais observei e escutei do que disse algo. Havia muito trabalho pela frente, pautas, decisões a serem tomadas. O coletivo tinha uma série de pontos organizativos listados para serem discutidos, todos bastante viscerais e envolvendo as ações a serem tomadas para a manutenção da ONG, agenda de presença para atender quem

---

<sup>34</sup> Todos os nomes de pessoas presentes na reunião são fictícios.

chegasse ao espaço físico da Fora. Compreendi que não era o momento de atravessar as pautas e negociar a entrada oficial no campo.

Hoje recebi retorno por e-mail de meu primeiro contato oficial com a Fora da Asa. A coragem de escrever veio depois de muito pensar como me aproximar, se deveria ou não seguir com a pesquisa, qual minha disponibilidade de realizar esse campo. Por fim escrevi um e-mail onde falava do meu interesse em participar de um encontro, o primeiro do ano que será promovido pela Fora da Asa e que tem como título “A Literatura brasileira: uma perspectiva étnico-racial”. Venho acompanhando o Instagram da Fora e seu perfil/site onde tem as agendas da organização, um pouco da história e outras questões envolvidas. A pessoa que sempre responde os e-mails e que mais vejo é a Miranda July. Sempre gentil com as palavras, doce e objetiva, também transparece certa irritação às vezes. Me lembro bem de uma live que assisti no ano passado, em que nitidamente havia uma inquietação cansada nela. Agora enquanto escrevo, penso que seria bacana marcar já uma entrevista com Agus. Acredito que seja já o momento de elaborar um roteiro prévio para isso, assim como elaborar meu roteiro de observações. (Diário de campo vida, janeiro de 2022, Porto Alegre)

A reunião seguiu, aos poucos tomando um ritmo mais atribulado, decisões sendo tomadas, responsabilidades se colocando. Me sentia interpelada a também me colocar para pegar alguma das demandas e compor junto. Uma sensação de ser chamada para entrar em campo, jogar junto. Me senti em alguns momentos como quando você chega em uma casa, onde está acontecendo uma grande arrumação, cadeiras em cima da mesa, roupas e livros espalhados. Um clima de mudança e pensei: então devo me jogar, logo de cara e me colocar? Como seria me manter “antropóloga” ali naquele contexto? Não se trata apenas da barganha, da troca. Nenhuma das mulheres me disse diretamente que eu deveria fazer algo, mas frente aquela urgência de encaminhamentos e a nítida sensação de que mais uma mão pegando junto nas tarefas certamente auxiliaria, me geraram certa angústia, pois precisava digerir tudo com muita calma, afinal de contas, a pesquisa era apenas uma parte de minha vida, na qual o equilíbrio precisava acontecer, sob pena de agravos de saúde, o tão conhecido burnout<sup>35</sup>.

No dia seguinte, retomei o diário de campo-vida e escrevi um título em vermelho: *pensar sentir o encontro de ontem*. Ao reler as notas, me pergunto por que escrevi isso. Recordo

---

<sup>35</sup> Síndrome de Burnout ou Síndrome do Esgotamento Profissional é um distúrbio emocional com sintomas de exaustão extrema, estresse e esgotamento físico resultante de situações de trabalho desgastante, que demandam muita competitividade ou responsabilidade. A principal causa da doença é justamente o excesso de trabalho. Esta síndrome é comum em profissionais que atuam diariamente sob pressão e com responsabilidades constantes, como médicos, enfermeiros, professores, policiais, jornalistas, dentre outros. (Ministério da Saúde) Para diferentes abordagens temáticas relacionadas ao Corona Virus, inclusive os impactos sobre a saúde mental e física de pesquisadores das Ciências Sociais, ver o Boletim Cientistas Sociais e o Coronavírus (ANPOCS), disponível em <https://anpocs.org.br/2023/06/16/boletim-cientistas-sociais-e-o-coronavirus/>

que tudo nesses primeiros passos da pesquisa foi sentido de forma intensa. Entendo que a costura de sentidos que a etnografia propõe não seria possível se ficasse “limpando” pedaços poéticos de seu corpo, por isso compartilho essa anotação em que tornei alegoria as percepções, como forma de registrar a observação deste primeiro encontro do campo. Não trazê-lo para a versão final seria amputar uma das dimensões que movimentam a alteridade nesta pesquisa: o pensar sentido que o diário de campo-vida permitiu registrar.

Pensei no movimento entre a linha, a agulha, o tecido e o alinhavo. Existem pontos em que todos estão ali, juntos. Constroem nessa tríade o elo, a relação. Mas depois a agulha segue seu rumo de conectora passageira e produtora de pontos. A linha fica presa ao tecido nesses pontinhos, mas também mantém o ar passando entre ela e o tecido. Elus seguem coexistindo pontualmente, onde foram cruzados pela agulha. A linha e o tecido. O tecido, aparentemente passivo nessa relação, se movimenta, quase pulsa a cada entrada da agulha-linha em si. Não entrei no detalhe da multiplicidade de agulhas e linhas, nem dos tecidos. Mas não queria perder a alegoria. Enquanto eu tiver canetas, papel e vontade de vida, irei escrever. Esse é um fato na minha vida. Escrever é verbo imperativo em mim. Faz parte de quem sou e não tenho por que me envergonhar. Eu sou assim, orgulhosamente escrevente. (Diário de campo-vida, janeiro de 2022, Porto Alegre)

Em anotações que realizei alguns dias depois da primeira reunião que observei, estava bastante preocupada em organizar os pontos que, à primeira vista, me aproximavam ou distanciavam desta coletividade que é a Fora da Asa em sua composição. Para além da diferença étnico-racial, queria tatear aquilo que me animava nestas trocas. O que fazia com que, mesmo frente a uma desconfiança racial grande, eu continuasse neste campo, junto a estas mulheres com quem estava disposta a partilhar janelas de escritas e leituras, em nossas semelhanças e diferenças? E do mesmo modo, porque estas mulheres aceitariam o olhar curioso de uma antropóloga, mesmo em meio a todas as urgências que o contexto pandêmico trazia para a organização?

Hoje fiz uma lista com as semelhanças e distâncias entre mim e as componentes do coletivo. Depois de listar, fiquei me perguntando: o que as aproxima? O que as conecta? O que faz com que estejam desenvolvendo o que desenvolvem no coletivo e não em outras coletividades? (Diário de campo-vida, janeiro de 2022, Porto Alegre)

Como já prevíamos, nessa primeira oportunidade não foi possível entrar em detalhes sobre a minha presença em campo, realizando observações participantes. Foi aludido em minha apresentação, mas não efetivamente conseguimos negociar minha entrada em campo. Eu estava bastante preocupada em estabelecer de antemão esses códigos, deixar explicitado que minha



presença carregava uma intenção outra, que não a de participar do coletivo organicamente, mas de tecer um campo com elas. Acabamos por alinhar que a reunião do dia 21 de março de 2022 seria animada por mim e por Iris, para que pudesse tratar com todas sobre o consentimento de minha presença. Por se tratar de um espaço em que as decisões são horizontais, não havia uma responsável hierarquicamente definida, que me daria aval para ingressar no campo. Nesta ocasião, minha apresentação da pesquisa ficou registrada entre as pautas do dia.

A reunião estava agendada para 20h. Estavam presentes nesse dia Iris, Sirlei, Luna e Lucinda. Conhecia Iris tanto da primeira reunião, quanto do processo de construção da coletânea, em que ela atuou como parte da equipe de diagramação. Ela comentou sobre meu cabelo, que naquele dia estava trançado com linhas de lã vermelha, modelo que usei por um longo período. Sirlei, que não havia conhecido antes, tinha olhos bastante curiosos e observadores, os quais pude sentir mesmo por meio da câmera. Olhou-me com a dúvida de um primeiro encontro. Antes de iniciar minha apresentação, Iris propôs que fizéssemos um exercício de respiração para a ansiedade: “inspiramos e seguramos em 7 segundos, soltamos em 8, puxamos o ar em 4” (Diário de campo-vida, março de 2022, Porto Alegre). Logo após esta respiração, Iris me passou a palavra. Optei por não utilizar apresentação de slides, pois não parecia necessário, tendo em vista o modelo de reunião do coletivo, bastante circular. Optei por abrir o tema da pesquisa, falar sobre as intenções de observação e o porquê estava cogitando seguir a pesquisa tendo a Fora como universo.

Falei de coração aberto. Sentia meu coração acelerado, minhas mãos suavam frio. Isto tem acontecido com bastante frequência. Mas segui falando. Enquanto falava, pensava se não estava falando demais. Mas o que seria falar demais para quem quase não fala? Enfim, quando terminei, algo entre 5 e 10 minutos falando, abri espaço para ouvir as impressões delas. Iris abriu os retornos. Senti ela um pouco desconfortável, mas ela falou mesmo assim. Contou que ler mulheres negras, escritas de autoria negra e feminina, era algo relativamente recente em sua vida. Ela pensava sobre o como ler e perceber-se branca, se descobrir branca através destas leituras, a colocava diante do espelho, “mirando a sua pior versão, aquela que não quero ver”. Citou bell hooks e Maya Angelou. Disse sobre Maya o quanto sua escrita a toca, a faz bem, ainda que gere desconfortos. (Diário de campo-vida, março de 2022, Porto Alegre)

Iris disse que ficava à disposição, na medida do possível e que considerava um tema bastante relevante, o qual transversalizava muitas das atividades realizadas pela Fora. Luna comenta que como uma das poucas mulheres negras dentro do grupo, esse tema era realmente

importante e que não se opunha à minha presença realizando a pesquisa. Sirlei comentou algo sobre o quanto eu seria uma “espiã” do bem, acompanhando as atividades. Ela se apresentou como historiadora e bastante interessada por Antropologia. Disse que é interessante pensar esse tema que estou propondo a partir da Antropologia, pois possibilita outros olhares, que certamente poderão contribuir para o momento de autorreflexão étnico-racial que o coletivo vem encarando. Iris também comenta sobre algumas das atividades que são realizadas e que poderiam ser de meu interesse participar ou saber mais, como o Leituração, por exemplo. Espaço de leitura de escritas de autoria de mulheres negras e indígenas e discussões orientadas, realizadas entre as mulheres do coletivo. A última edição tinha acontecido algumas semanas antes do encontro.

Em seguida, Luna abriu a câmera e a palavra. (...) Ela trouxe coisas importantes na sua conversa comigo/conosco. Falou do quanto o tema da branquitude e das relações étnico-raciais era delicado dentro da Fora, mas que não por isso não era enfrentado. Comentou também o quanto percebe que o contexto pandêmico torna as coisas ainda mais sensíveis. Outra coisa importante é que ela falou do quanto o caráter horizontal da Fora confunde as pessoas, que ficam “buscando um chefe” para entender a organização do espaço. Ela contou também do impacto da leitura de *Pelas Negras, Máscaras Brancas* na Fora. Conta que terem lido conjuntamente este livro mexeu demais com os conflitos raciais dentro do espaço. Ela conta que por muito tempo foi a única mulher negra no coletivo. (Diário de campo-vida, março de 2022, Porto Alegre)

Depois desta reunião, acompanhei a chamada para as demais por e-mail. Em duas das reuniões foi mencionado um grupo de Whatsapp, o qual não sabia se deveria pedir para participar ou esperar que me incluíssem. Entendi que se tratava de um grupo mais fechado, organizativo e sendo assim, se não fui convidada a ingressar, isto era um estabelecimento de fronteiras de quais janelas eu poderia acessar ou não naquele momento. Uma relação que estava se estabelecendo em tempos diferentes e simultâneos. Eu tinha uma sensação ansiosa muito grande em relação ao tempo, que estava passando muito rápido e isto trazia inseguranças ao que seria possível fazer ou não junto com elas. Participei de mais duas reuniões organizativas, nas quais cheguei a me colocar na escala de presença durante os dias em que o espaço físico estaria aberto. No entremeio entre estas reuniões, aconteceram outros movimentos dentro do coletivo e na sociedade: um agravo nos casos de covid-19, a partida de uma das membras mais antigas do coletivo para outro estado, reorganizações que demandaram ao coletivo se acolher e dar passos importantes, como a formalização jurídica enquanto ONG, por exemplo.

Em uma anotação sem data no diário de campo-vida, disse: “uma coisa está me incomodando na relação com a Fora da Asa. Na semana passada houve reunião novamente e eu não fui. Fiquei um pouco em dúvida se deveria ir ou não, pois não senti muita insistência em que eu esteja lá. Também não foi incluído meu número no grupo de Whatsapp. Hoje, passados uma semana desta atividade, vou escrever novamente, buscando retomar o contato. Se trata de uma paquera de pesquisa ainda, calma.”

No último sábado pela manhã, escrevi um longo e-mail para a Fora da Asa. Senti que depois da minha participação na Oficina prévia ao curso sobre literatura feminina em perspectiva étnico-racial, eu tinha me afastado um pouco das atividades. Por isso achei pertinente escrever para elas. (...) Me peguei um pouco preocupada se estava me abrindo demais ao falar de minha saúde mental e a ainda jovem consciência de que faço mais coisas do que as vezes percebo. Não sei bem, mas considero a ansiedade um fator que não posso tangenciar para conseguir realizar um trabalho de campo. (Diário de campo-vida, fevereiro de 2022, Porto Alegre)

Algumas semanas após as reuniões abertas que participei e a oficina, me vi preocupada com a distância (Figuras 16 e 17). Durante esse período segui com algumas perambulações e conversas informais com mulheres livreiras e de outras redes, pois ainda estava definindo quais rumos seguir. Como comentei anteriormente, estava bastante ansiosa em iniciar o trabalho de campo, pois o tempo do mestrado avançava e eu tinha muito ainda a fazer. Escrever para a Fora foi um meio de retomar, de forma honesta e aberta, o contato para continuidade da pesquisa com a ONG. Este movimento e a acolhida recebida acabaram por definir os rumos do campo, no sentido de compreender que havia uma sensibilidade que movia nossa relação, em que os afastamentos não eram lidos como abandono ou desistência, mas realidade de um contexto em que as urgências das vidas todas se materializavam a cada segundo, com notícias de mortes e retrocessos sociais a nível macro e microeconômico. Percebo, ao retomar as notas do diário, que projetei um campo na minha cabeça, o qual era impossível se fazer daquele modo. Em vários momentos, a ansiedade escreveu comigo, caminhou comigo, me gerando confusão.

---

## RETOMADA DO CONTATO E VONTADES DE CONTINUIDADE

3 mensagens

**Aline de moura rodrigues**  
Para: Fora da Asa Experiências 

5 de fevereiro de 2022 13:14

Boa tarde/Bom dia gurias,

Escrevo esperando que esta mensagem as encontre bem e com saúde. Senti que deveria/queria escrever para vocês, não para dar alguma satisfação ou coisa do tipo, mas porque não gosto de engasgar com a palavra não dita/não escrita.

Infelizmente, desde a participação na oficina prévia ao minicurso Mulheres negras na literatura, uma perspectiva étnico-racial, não consegui me inscrever para participar do curso, algo que queria muito, porém não foi possível por muitos motivos, entre eles o grande acúmulo de demandas e a pouca grana no momento. Também não consegui estar mais presente como gostaria junto ao coletivo, pois precisei parar e dimensionar entre as demandas coletivas em que já me encontro envolvida, como conseguiria seguir. Por isso também escrevo esse e-mail, buscando **palavras** sensações, vontades, interesses e possibilidades minhas em relação a Fora da Asa.

Outro motivo que me mobiliza a escrever é a questão da minha aproximação com o coletivo. Gostaria muito de ter a oportunidade de seguir acompanhando e fortalecendo as atividades, porém preciso ser sincera com minhas disponibilidades. Eu tenho passado por um longo e difícil processo de reorganização interna e externa em relação ao meu impulso megalomaniaco de estar e mover ações de forma inteira o tempo todo e em todo o lugar. Essa forma de fazer me levou a um adoecimento intenso, do ponto de vista psicológico, o qual agora estou conseguindo organizar melhor, mas me faz aprender a definir bem os limites de minhas disponibilidades, sem me sentir culpada por isso. A nós mulheres, e diria especialmente a nós mulheres negras, foi negado constantemente o direito de estabelecer limites seguros e afetuosos com nossas vidas como importantes. Conto isso, para ser honesta com o espaço e talvez explicar melhor porque fui tão objetiva sobre o fato de pedir permissão do Coletivo para acompanhar algumas de suas atividades a fim de realizar observações participantes, que constariam no projeto de pesquisa de mestrado que estou desenvolvendo. Fiquei pensando muito como vocês receberam a minha postura de aproximação, se passou a ideia de que queria estabelecer uma relação extrativista, se pareceu desrespeitoso de alguma forma com vocês, enfim, se não foi interessante e gostaria de poder conversar sobre isso, pois não foi minha intenção. Como disse antes, estou buscando estabelecer todos os tipos de relação de forma honesta comigo e com os espaços com/nos quais eu esteja me aproximando, deixando explícito intenções, motivos de me aproximar e o como posso retribuir a acolhida/entrelaçamento de ações.

Nesse sentido, desde minha participação na primeira reunião geral do ano e também na oficina, tive algumas ideias de como posso contribuir para o espaço, dentro das disponibilidades que tenho, por estar envolvida em outros espaços coletivos que também mobilizam mudanças estruturais, das mais diferentes formas. Acho que esse e-mail é uma tentativa de pedir licença pra continuarmos este diálogo, no qual eu me coloco disponível para aprender e ouvir coisas que vocês considerem sobre essa minha tentativa de reaproximação, se julgarem pertinente e possível dentro dos tempos do espaço.

Espero não estar incomodando e agradeço pela acolhida de todas.

Atenciosamente,

Figura 16 - Retomada do contato com a Fora da Asa. Fevereiro 2022



Figura 17 - Resposta a meu contato de retomada. Fevereiro 2022

Comecei a escrita cuidando cada palavra, na intenção de transmitir minha preocupação em ter manifestado uma aproximação e ter me afastado. Precisava comunicar, visando ser honesta com meus limites e com a confiança dada pela Fora em acolher minha presença na condição de pesquisadora. Escrevi um e-mail bastante longo, no qual detalhava os motivos que me afastaram e reafirmava o interesse em seguir tecendo o campo, porém com cuidados que não tinha mais como tangenciar, tendo em vista contextos de saúde que se agravaram durante o período da pandemia. Embora ansiosa, não tinha muita ideia da recepção deste e-mail por parte das mulheres da Fora e ainda mais, como trazer esse ponto para dentro da dissertação, pois em geral não estamos acostumados a estar confortáveis em demonstrar as dificuldades do caminho vivido durante a realização da pesquisa, exceto em anedotas pontuais, as quais se tornam entre os pares, quase memes antropológicos, retirados das ficções-verdade que são todas as etnografias, todas as histórias.

Hoje estou bastante angustiada. Já tive uma crise de ansiedade intensa. Talvez porque daqui a pouco preciso ir para a Ocupa Jiboia<sup>36</sup> para tocar a atividade que propus de Conversa e Corta. Talvez porque no café da manhã conversei com Alonso<sup>37</sup> sobre estar cansada e percebi que criei a ilusão de que em março eu poderia descansar, quando na verdade estou estudando horrores, com prazos da pós, dos cursos de extensão, de idiomas, do GT Cuter, trabalhando, enfim, um monte de coisas que não combinam. Amanhã é outro dia, hoje eu desisti. Desisti de tentar ficar bem para responder a expectativas brancas sobre gente preta, sobre mim. Dói e novamente aquele amargo na boca. Aquele desespero de quem já tentou se matar e não gosta quando isso volta para sua língua, para o seu pensamento. “Isso não é pensamento meu”. “Isso não é pensamento meu”. Não aceito. Me rebelo. Duvido. “Uma bomba explodindo dentro de mim” e “só” o que consigo fazer é escrever. Talvez não faça sentido. (Diário de campo-vida, fevereiro de 2022, Porto Alegre)

A resposta a meu e-mail veio dois dias depois, assinado por Miranda, que dirigindo-se a mim pelo apelido carinhoso de “Ale” com o qual me nomeia desde que nos conhecemos, coloca que o coletivo recebeu com carinho o contato e que seguem abertas a seguir nessas trocas, inclusive convidando que eu pudesse dialogar sobre o projeto de pesquisa com elas. No diário de campo-vida, escrevi sobre a resposta recebida:

“Ale querida” (quase posso ouvir sua voz doce e o sorriso acolhedor) “obrigada por esse e-mail. Vamos marcar de você apresentar a pesquisa pra gente?”. Respirei mais tranquila. De certo modo, receber esta resposta me chegou como um sinal: “você pode escrever, mesmo que as vezes dê medo”. (...) Sempre que escrevo (para a Fora) me direciono ao coletivo, “vocês”, “gurias”, “todas”. Em geral a resposta também vem de uma voz coletiva. Uma entidade plural que se expressa no texto, escrito por uma pessoa. Uma assinatura que significa em certa medida, um momentâneo consenso de muitas pessoas. (Diário de campo-vida, fevereiro de 2022, Porto Alegre)

Ainda que eu já tivesse apresentado antes, aqui ela se referia a possibilidade de conversar mais sobre ele, apresentar mesmo para todas, a título de atividade. Chegamos a alinhar um novo momento de apresentação, porém devido a agendas do espaço, acabamos redesenhando. De todo modo, a partir deste e-mail, oficialmente retomei as observações participantes em reuniões e atividades virtuais.

---

<sup>36</sup> Okupa Jibóia é um espaço de resistência político-cultural autônoma na cidade de Porto Alegre. Gestado por uma coletividade formada sobretudo de pessoas LGBTQIAPN+, do movimento ballroom e demais disciplinas e indisciplinas. Nesta semana, havia me inscrito para contribuir com uma roda de conversa e oficina sobre trajetória de vida e profissional, a partir de minha experiência como cortadora de cabelos. Um especial abraço a todes da Okupa Jibóia.

<sup>37</sup> Companheiro de vida e trajetórias, desde 2017. Cientista Social pela Universidade Federal do Ceará, Mestre em Antropologia Social pelo PPGAS/UFRGS e atualmente estudante de Análise de Sistemas pela Estácio de Sá e Licenciatura em Robótica, pela UFRGS.

Começamos ouvindo À primeira vista<sup>38</sup>; O instagram da Fora foi hackeado, “muitos trolls”, importante pensar segurança da informação; outra membra menciona que perfis de outras associações e ONGs também foram hackeadas naquele período. No meio da reunião, as gurias optaram por trocar o link da reunião. Élide<sup>39</sup> diz que ficará online, por causa de uma viagem relativa a um processo pessoal. “Uma mulher da terra”. Vai para a Bahia, morar com uma amiga que tem um sítio onde vivem “mulheres fortes que trabalham na terra”. Gostaria de trazer conteúdos relativos às histórias destas mulheres da terra. (...) Às vezes sinto que as gurias ficam um pouco desconfortáveis com minha presença. “Eu cato quem é diferente”, disse Élide, em meio os diálogos. O aniversário da Fora da Asa é 13 de maio. (...) Vejo as gurias se equilibrando para dar conta do andamento das atividades. As gurias se organizam por “Asas”. Ficarei fora das asas. Elas são muito sérias e vão conseguindo dialogar sobre as responsabilidades. Uma das gurias diz que eu sou uma *birdwatcher*<sup>40</sup>. Houve uma discussão sobre como coletivamente se pode potencializar projetos individuais. Foram propostas algumas atividades e espaços de cuidado entre as “de Dentro da Fora”, as membras permanentes. Se apontou a necessidade deste fortalecimento entre as membras, para seguir em frente. (Diário de campo-vida, maio de 2022, Porto Alegre)

Hoje não senti a mesma tensão que senti das outras vezes. A dor de cabeça ou a dúvida. Sinto que aquele último encontro foi realmente necessário. Uma vontade grande de seguir me invade. Já não questiono tanto o porquê de minha pesquisa. Preocupações maiores me invadem, como por exemplo, o quanto existe de verdade e cansaço no antirracismo que as gurias vêm tentando construir coletivamente. (...) Miranda tem um magnetismo incrível. Não se trata somente de autoridade e liderança. Se trata de uma capacidade de ser firme e doce, que desnorteia, o que por si só é revolucionário. Vejo ela como alguém muito inteligente. Sagaz é a palavra. Já a Suzana, me incomoda. Sinto que quando nos conhecermos pessoalmente, teremos uma antipatia à segunda vista. Não sei bem por que sinto isso, mas é importante registrar. Mari diz que já fez pesquisa etnográfica e me pergunta sobre o comitê de ética. Eu digo que já conversei bastante com meu orientador sobre isso e meu trabalho não precisa passar pelo comitê de ética. A palavra que vai se repetindo pra mim é antirracismo. (Diário de campo-vida, junho de 2022, Porto Alegre).

Após esta reunião, participei de mais algumas. Entre as anotações, encontro um panorama diferente, de pouco a pouco ir me familiarizando com este campo, que muitas vezes me gerou dúvidas. Dessa vez me sentia mais próxima, mais tranquila em estar junto a elas.

---

<sup>38</sup> Canção de Chico César, disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=kZ9f68Kbn5A&ab\\_channel=ChicoC%C3%A9sar](https://www.youtube.com/watch?v=kZ9f68Kbn5A&ab_channel=ChicoC%C3%A9sar)

<sup>39</sup> Nome fictício de uma das membras do coletivo que durante o ano de 2022, viajou para outro estado, buscando devido a novas oportunidades, tendo que se afastar da Fora. Uma mulher muito querida por todas e que fez parte de momentos cruciais da ONG. Entre outras atividades, era responsável pela feitura dos pães do projeto

<sup>40</sup> Segundo definição do Cambridge Dictionary, *birdwatcher* é “alguém que estuda pássaros em seu ambiente natural, como um hobby”. (Cambridge Dictionary, s/p). Como exemplo de aplicação em uma frase, o dicionário apresenta a seguinte frase: “to the trained eye of a birdwatcher, no two eagles look the same/Para o olhar treinado de um observador de pássaros, duas águias nunca parecem a mesma”. Entendo que ela se referia, como detalhou depois, a esta presença discreta que observará as trocas e estaria ali para oferecer um olhar “diferente” sobre o que vê, um olhar atento. Ela mencionou isso mais de uma vez e novamente, quando nos encontramos em outro momento meses depois, ela se recordou de mim como “nossa *birdwatcher* do bem”.

Como sempre, muito trabalho, muita demanda, mas também muito afeto entre elas. Quem chega é recebido como de casa, mas com bastante cuidado. Elas não querem só conversar. Querem ações. Leituração, conversação, movimento e ação.

*A oficina piloto sobre literatura e relações raciais*

A atividade A literatura brasileira: uma perspectiva étnico-racial, conduzido por Miranda July e Flor<sup>41</sup>, foi o disparador de meu primeiro contato por e-mail com a Fora, depois das trocas realizadas durante a construção da coletânea TodAs Escrevemos. Eu não conhecia Flor e saber de seu trabalho de pesquisa-ação em torno da literatura de autoria negra por meio destas primeiras aproximações com a Fora me instigou a participar. Tratava-se de uma oficina-piloto, desenvolvida para experimentar um modelo para o que viria a ser o curso, com o mesmo título, alguns meses depois.

Cheguei com uma sensação menos nervosa do que a sentida durante a preparação para a reunião aberta, ocorrida algumas semanas antes, pois neste momento já havia anunciado minha intenção de pesquisa e parecia estar mais à vontade para observar, sem o sentimento anterior de invadir com o olhar de pesquisadora, as atividades nas quais participasse. As organizadoras haviam enviado o link de uma canção de Gonzaguinha, na voz de Elza Soares, *Comportamento Geral*, como parte do material preparatório para o encontro.

Você deve notar que não tem mais tutu/E dizer que não está preocupado/Você deve lutar pela xepa da feira/E dizer que está recompensado/Você deve estampar sempre um ar de alegria/E dizer: tudo tem melhorado/Você deve rezar pelo bem do patrão/E esquecer que está desempregado/Você merece, você merece/Tudo vai bem, tudo legal/Cerveja, samba e amanhã, seu Zé/Se acabarem o teu carnaval?/Você merece, você merece/Tudo vai bem, tudo legal (...) Você deve aprender a baixar a cabeça/E dizer sempre: muito obrigado!/São palavras que ainda te deixam dizer/Por ser homem bem disciplinado/Deve, pois, só fazer pelo bem da nação/Tudo aquilo que for ordenado/Pra ganhar um fuscão no júízo final/E diploma de bem-comportado/Você merece, você merece/Tudo legal, tudo vai mal/Cerveja, samba e amanhã seu Zé/Se acabarem o teu carnaval? (Luiz Gonzaga Jr/Elza Soares, 1973/2019)<sup>42</sup>

<sup>41</sup> Nome fictício da pesquisadora independente de literatura afro-brasileira, que juntamente com Miranda July, construiu e conduziu a formação de dois sábados sobre literatura brasileira e relações raciais. Deixo aqui um agradecimento carinhoso a este encontro, que muito me ensinou e, simbolicamente, animou ainda mais a minha continuidade neste universo de pesquisa e na realização deste trabalho de campo.

<sup>42</sup> A canção *Comportamento Geral* foi lançada em 1973 e é de autoria do cantor e compositor Luiz Gonzaga Jr, o Gonzaguinha. O link indicado é da regravação feita pela cantora Elza Soares, em seu disco *Planeta Fome*, de 2019. Colocarei nas referências bibliográficas tanto o link da canção da versão de Gonzaguinha, em apresentação no TV Cultura, em 1990, quanto o link da regravação de Elza Soares, que foi enviado por e-mail pelas organizadoras da formação mencionada na nota de campo.



Ao longo do encontro, foram sugeridos para leitura através do chat da videochamada outros materiais. As sugestões vinham das organizadoras do encontro, mas também das demais participantes, que, animadas pelas trocas, iam se integrando de diferentes formas. Abaixo apresento alguns trechos e imagens destes materiais trocados durante o encontro (Figuras 18 e 19).



Figura 18 – Imagem do site Literatura RS sobre o lançamento do livro *Clã Mulheres que escrevem*

## Coletivo “Mulheres Negras na Biblioteca” lança primeira plataforma para troca de livros de autoras pretas

[MN] Redação - 25 de maio de 2021

0 0



Imagem: Marina Souza

O coletivo **Mulheres Negras na Biblioteca** lançará pelo site ([www.mulheresnegrasnabiblioteca.com.br](http://www.mulheresnegrasnabiblioteca.com.br)) a primeira biblioteca on-line, do Brasil, de troca de livros escritos por **autoras negras**. O lançamento da plataforma será no dia 27 de maio, às 15h, via Zoom, em um evento em parceria com o SisEB (Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas de São Paulo), com as participações de **Ola Ronke** (**The Free Black Women's Library**) que serviu de inspiração para o projeto brasileiro, **Carine Souza** (**Mulheres Negras na Biblioteca**) e Semayat Oliveira (**Nós, mulheres da periferia**). O bate-papo online sobre ações de incentivo à leitura de obras de autoras negras abordará experiências realizadas nos Estados Unidos e no Brasil.

Figura 19 – Imagem sobre o projeto Mulheres Negras na Biblioteca

Em minhas anotações, associo a imagem de Flor à elegância. Descrevo-a como uma mulher elegante, com um turbante bonito e rosado. Ela se apresentou como uma mulher negra, professora e pesquisadora autônoma e independente, focada na literatura afro-brasileira. Percebi que ela e Miranda já tem uma relação bastante próxima, estabelecida por meio da Fora da Asa, onde Flor já desenvolveu outras atividades antes, além do fato de ambas serem professoras da rede pública de ensino de Porto Alegre.

Muito bonita, uma mulher assim que eu consideraria, posso estar equivocada, mas aí na faixa de 50 e poucos anos. Muito elegante. Eu olhei para ela acho que uma das primeiras palavras que pensei foi elegância. Estava de óculos e usando um turbante rosado na cabeça, o que a deixava ainda mais linda. Além disto, muito simpática e acessível. (Diário de campo-vida, janeiro de 2022, Porto Alegre)

Alguns minutos depois da entrada de Flor, chegaram outras participantes da atividade. A primeira foi Maria, alguém que conheci na segunda reunião que participei. Ela se apresentou como psicanalista. Alguém que gosta de escrever e ler e que tem isso muito presente em sua vida. No momento estava se aproximando da Fora, ainda que pelos diálogos ela parecesse já conhecer Miranda e Flor, pois o ar de interação era de reencontro. Maria é uma mulher branca, também na faixa etária dos 50 e poucos anos. Um pouco mais adiante na atividade, ela relata que ter encontrado Flor em sua vida foi muito importante, por estimulá-la a conhecer e ler “outras mulheres”. Aqui cabe pensar essa reiteração da outridade de mulheres não-brancas, o que por vezes nos lança no âmbito confuso e abstrato da “diversidade”, essa multidão fora da norma, que segue sendo escrita como branca, inclusive dentro da categoria plural de *ser mulher*. Ao chegar, Maria foi recebida com alegria por Flor, que disse: “arrastou várias conhecidas para o encontro né Maria?”. Ambas riram, como quem já se conhece de outros encontros.

Além de nós, também se chegaram Sandra, Ariane, Luara e Suzana, todas brancas. Sandra se apresentou como professora de linguística em uma universidade federal. Ariane, como “bióloga de profissão e servidora do trabalho para pagar as contas”. Luara se apresentou como mestranda em Literatura, letrista de formação, nascida no Pará, mas morando em Rio Grande para estudar. Sobre Suzana, não tenho muitas anotações no diário. Sobre Luara, anotei o seguinte: “foi ela que depois de algum tempo fez a temida pergunta: ‘sobre o que é a sua pesquisa Aline?’”.

É bastante comum que as mulheres que participaram em uma oficina ou curso retornem para outras atividades, mantendo um vínculo de parceria, ainda que às vezes com pequenas pausas na continuidade da presença. Particularmente, mesmo que já tivesse uma proximidade com o espaço devido à participação na Coletânea e nas reuniões abertas, ainda nesse momento me sentia um pouco fora de lugar, um tanto desconfiada e confusa sobre a forma como deveria me portar ali. Olhando em perspectiva, ao final deste processo de pesquisa, somente neste momento pareço estar mais confortável com a sensação de que relações de intersubjetividade se estabeleceram de fato. A desconfiança foi uma presença constante ao longo desta pesquisa e considero importante manifestar isto como um dado do campo. O que me tornava tão enferrujada neste processo? Porque calculei tanto os movimentos e as ações que deveria ter “em campo”?

Na atividade falamos sobre a trajetória de uma definição das literaturas feitas sobre e/ou por pessoas negras, em âmbito nacional. Flor, que já se dedica a pesquisas sobre o tema há

muitos anos, partilhou pontos importantes sobre o estado da arte das discussões e categorias utilizadas ao longo do tempo, como o negrismo modernista, as diferenças e reflexões do uso do termo literatura afro-brasileira e literatura negra, entre outros tópicos. Ela e Miranda destacavam também o que era um diferencial da formação: recondicionar o imaginário de perspectiva étnico-racial, também abrangendo o olhar para a literatura produzida por pessoas brancas. Em algum momento foi feita a pergunta para reflexão: “as pessoas são brancas ou não são racializadas?”, no que tange a um olhar para a supressão da identidade étnico-racial dentro de uma literatura universal que, ao não ser marcada racialmente, fica subentendida como branca, cabe um paralelo com a masculinidade subentendida nas citações de sobrenomes em artigos acadêmicos. A velha máxima do homem como sinônimo de ser humano.

A visão pode ser útil para evitar oposições binárias. Gostaria de insistir na natureza corpórea de toda visão e assim resgatar o sistema sensorial que tem sido utilizado para significar um salto para fora do corpo marcado, para um olhar conquistador que não vem de lugar nenhum. Este é o olhar que inscreve miticamente todos os corpos marcados, que possibilita à categoria não marcada alegar ter o poder de ver sem ser vista, de representar, escapando a representação. (Haraway, 1995, p. 19)

Outro ponto importante que foi levantado durante o encontro foi o quanto a literatura de autoria feminina e os movimentos que acompanham sua feitura e difusão representam uma oportunidade de tecer outras formas de ver o mundo. Complementaria, no agora da escrita realizada na retomada das anotações, que esta oportunidade também está direcionada às formas de representar e pensar as representações como parte do processo político de desconstrução das categorias universalizantes. Ao emergirem iniciativas tais como as empreendidas no âmbito da Fora da Asa, vão sendo reposicionadas maneiras de interagir e criar relações com as palavras – faladas, escritas e lidas – que não permitam a universalização homogeneizante de existências. A importância de não somente escrevermos, mas de sermos publicadas e lidas, também foi discutido. Existe uma diferença entre a venda de livros de autoria feminina e as citações destas publicações, por exemplo, em comparação com o circuito de publicações e acessos a literatura escrita pela sobre-representação, ou seja, por homens brancos cisgêneros e heterossexuais.

Tenho que entregar meu projeto até amanhã. Isso me angústia e faz correr como louca. Me ponho então a pesquisar sobre o mercado editorial no Brasil. Vejo a sigla CTP, que significa (científico – Técnico – Profissional). Segundo pesquisa do Sindicato Nacional dos Editores de Livros, este é um dos subsetores do mercado que manteve a queda nas vendas em 2022. Acabo de perceber o quão masculinista é esse sindicato, ao se nomear como sindicato Dos Editores. “Há seis anos o subsetor de CTP registra queda acentuada, resultado da própria crise econômica iniciada em 2015”<sup>43</sup>.

Com o passar do tempo, fui me autorizando a focar no que mais parecia frutífero para a tecitura da pesquisa, compreendendo que seria necessário um recorte dentro do âmbito da Fora, que me possibilitasse estar mais perto das conversas e ações relacionadas ao escrever e ler junto com outras mulheres. Se iniciei o percurso acreditando fazer uma pesquisa em um coletivo e ONG composto majoritariamente por mulheres brancas cisgêneras de Porto Alegre, fui reduzindo o foco para atividades específicas do TodAs Escrevemos, que como descreve Bruna Morelo em entrevista ao programa Radar TV, “é um dos braços da Fora da Asa” (Fora da Asa Experiências Plurais, 2023). Cada projeto dentro da Fora é um mundo, em que se tecem caminhos com objetivos que vão se fazendo possibilidade no encontro. A Fora da Asa foi o universo no qual as relações deste campo foram possíveis.

### 1.3 O Grupo permanente<sup>44</sup> de escrita para mulheres

#### PRIMEIRO POEMA

O primeiro verso é o mais difícil  
 o leitor está à porta  
 não sabe ainda se entra  
 ou só espia  
 se lança ao livro  
 ou finalmente encara  
 o dia  
 o dia: contas a pagar  
 correspondência atrasada  
 congestionamentos  
 xícaras sujas  
 aqui ao menos não encontrarás,  
 leitor,  
 xícaras sujas.  
 (Marques, 2015, s/p)

<sup>43</sup> A citação é do relatório Produção e vendas do setor editorial brasileiro (CBL/SNEL, 2021)

<sup>44</sup> Ao longo do trabalho, quando estiver me referindo ao Grupo Permanente de Escrita, usarei o termo Grupo, com G maiúsculo, para possibilitar uma melhor contextualização durante a leitura.

\*\*\*

O Grupo Permanente de Escrita para Mulheres começou no segundo semestre de 2022, organizado por Miranda e Alyne. Começamos com cerca de oito mulheres, em sua maioria brancas, exceto eu e Carolina, mas ao longo do tempo algumas participantes foram se afastando por diferentes motivos: uma delas viajou para outro país com sua companheira, outra se afastou devido à demanda de estudos e trabalho. O calendário proposto inicialmente previa 13 encontros, entre os meses de junho e dezembro de 2022. A partir da pergunta “o que desejam mulheres que escrevem?” (Figura 20), éramos convidadas a tecer juntas essa percepção, olhar para nossas escritas e as das outras e conhecer juntas estes diferentes desejos de diferentes mulheres que escrevem. Como colocado por Bruna Morelo (Fora da Asa Experiências Plurais, 2023), uma das membras da Fora da Asa, sobre o caráter plural das escritas realizadas nas oficinas do TodAs Escrevemos, de escrita para mulheres, se trata de diversos conteúdos, formas e sentimentos envolvidos nessas trocas.

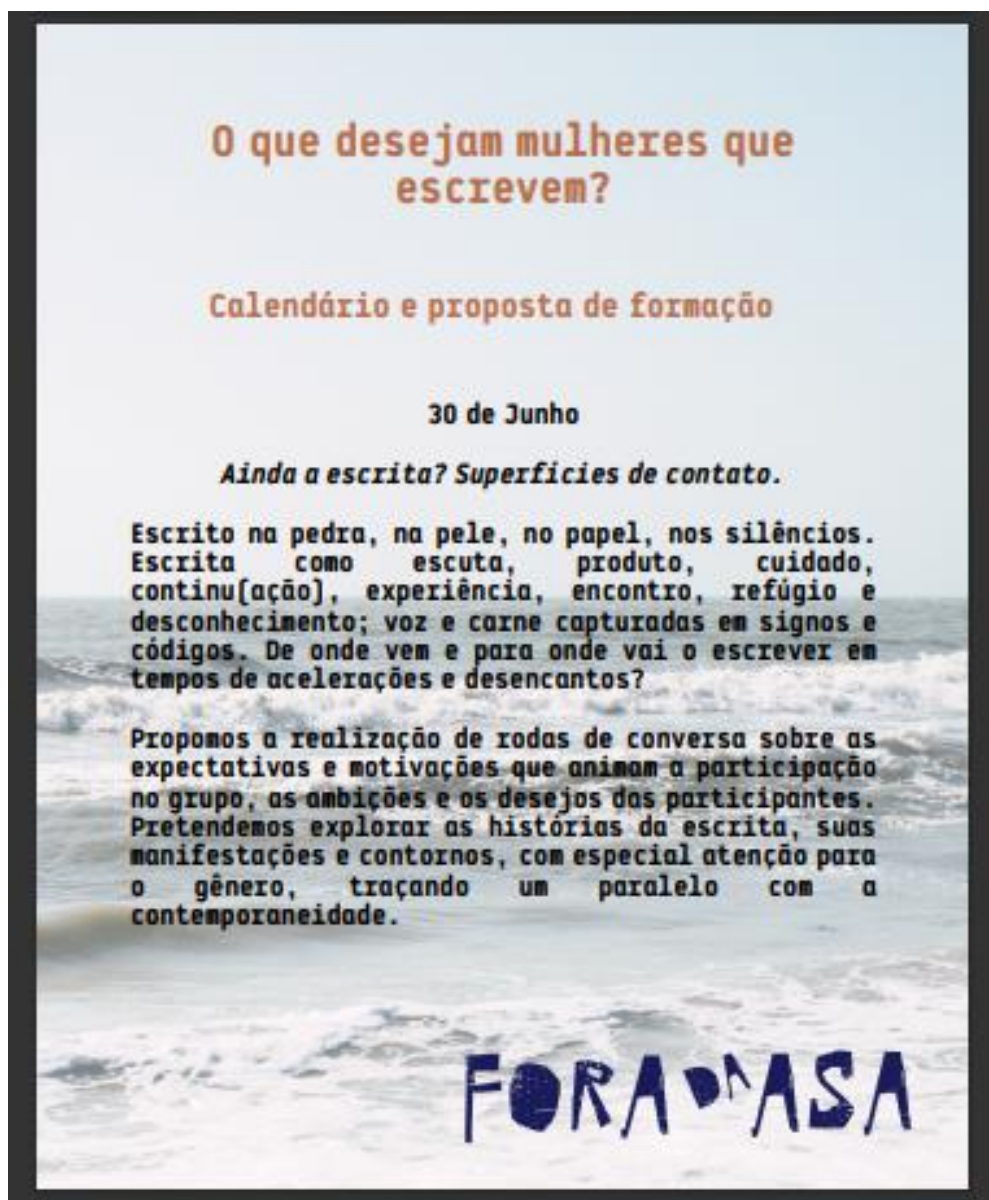


Figura 20 – Segunda página da Programação do Grupo Permanente de Escrita para Mulheres

Os encontros possibilitaram conhecer, para além das escritas das mulheres que ali participaram, parte de seus processos de formação na relação com o tornar-se letra e tornar-se mulher, para si mesma e para a leitura das outridades. Dentro do Grupo Permanente de Escrita para Mulheres, em nenhum momento a ideia foi orientada à produção de uma escrita coletiva, mas a uma relação conjunta com as diferentes escritas que estavam sendo produzidas por cada uma das participantes. A ideia de escrever e ler juntas não tinha um objetivo específico de gerar uma publicação ou algo do gênero, como é o caso nas oficinas de escrita para mulheres, do *TodAs Escrevemos*.

Abaixo apresento um quadro que reproduz o cronograma e as propostas de cada período de encontros. A programação abarcava encontros todas as quintas-feiras. As responsáveis pela atividade eram Miranda e Alyne. Nossas atividades e inspirações foram compartilhadas através de pastas no Google Drive com nossos nomes, nos quais compartilhamos escritas realizadas durante as atividades orientadas e também as inspirações - textos, músicas, escritas outras nossas que nos recordamos à medida que fomos nos encontrando em nossas escritas e leituras umas das outras.

De forma muito simples, a maioria das atividades do grupo consistiam em refletir e contribuir com leituras atentas e escritas feitas a partir da leitura da outra. Duas presenças de mulheres-letras foram constantes: bell hooks e Conceição Evaristo. Muitas outras mulheres e homens foram evocadas, como Audre Lorde, Ana Martins Marques, Michel Petit, Ricardo Aleixo, Jeferson Tenório, entre outros. Além destas presenças acadêmicas e literárias, outras transitaram por entre nossas telas e memórias: as escritas deixadas pela avó de Miranda, a busca pelo sobrenome da avó de Carolina, minha gatinha e Alonso atravessando a sala.

Parece que ao escrever alguma coisa, a gente já leu muita coisa, muito mundo e afinal de contas vai aparecer nessa escrita, o que a gente tem que, ou que a gente quer ou a gente deve fazer. (...) Eu tenho algo de não conseguir ler apenas um livro por vez, ou uma série. Eu leio muita coisa ao mesmo tempo e não quatro ou cinco livros, são uns vinte. (...) Tem um pouco essa coisa contemporânea da internet, das várias janelas abertas. Do querer, “eu quero muito fazer, mas também quero muito fazer aquilo”, do querer fazer tudo, mesmo sabendo que não é possível. Mas tem também algo da incompletude. Eu não começo uma leitura assim, esperando que termine logo. Eu quero que o livro demore. Por isso que talvez eu leia muita coisa junto assim, porque eu demoro. Sabe essas youtubers que fazem resenhas de leitura e elas leem, sei lá, um livro a cada dois ou três dias, pra fazer a resenha? Eu seria uma péssima resenhista, eu leio muito devagar e as vezes eu leio devagar, porque eu não quero que acabe mesmo. (Miranda, julho de 2022, Porto Alegre)

Em nossas apresentações neste primeiro encontro, além de nossos nomes, fomos convidadas a falar sobre qual projeto de escrita estávamos trazendo conosco para o Grupo. Algo que esteve presente na maioria dos relatos, independente do formato do projeto – se escrita acadêmica, poesia, autobiografia, entre outros – foi a vontade de encarar a leitura de nossas escritas. Uma vontade de ir além nas trocas, entendendo aquelas reflexões conjuntas como ações, alinhadas as possibilidades de um inédito viável.



**Cronograma de Formação do Grupo Permanente de Escrita para mulheres<sup>45</sup>**

**30 de junho de 2022 - Ainda a escrita? Superfícies de contato**

Escrito na pedra, na pele, no papel, nos silêncios. Escrita como escuta, produto, cuidado, continu(ação), experiência, encontro, refúgio e desconhecimento; voz e carne capturadas em signos e códigos. De onde vem e para onde vai o escrever em tempos de acelerações e desencantos? Propomos a realização de rodas de conversa sobre as expectativas e motivações que animam a participação no grupo, as ambições e os desejos das participantes. Pretendemos explorar as histórias da escrita, suas manifestações e contornos, com especial atenção para o gênero, traçando um paralelo com a contemporaneidade.

**7 e 21 de julho - 4 e 18 de agosto - Saberes possíveis? Imersões**

Saber ler. A leitura da escrita que ressoa em uma caixa craniana, o escutar outras vozes para ouvir a própria; a leitura lida, sem palavras, escolhas que precedem o escrever, a fronteira dos clássicos, o impacto e a degustação de uma obra, o ler como hábito habitado. Ler melhor para ler sempre? Ler sempre para ler melhor

**1º, 15 e 29 de setembro - 13 e 27 de outubro – Saber contar**

Saber contar. Ativação das vibrações, vozes e cordas que nunca contaram. Os valores do narrar histórias oralmente, fazer de si encarnação encantada, termômetro e canal de outras presenças. Atenção. Captar e exercer o escutar. Desde quanto a leitura é calada? O que move atravessar guturalmente memórias, lendas, relatos e sensações?

**10 e 24 de novembro - 8 de dezembro – Saber escrever**

Saber escrever. Escrever com os sentidos, ser antena, coador, aparato e arquitetura de um ousar cravar no papel transbordamentos. Costuras. A palavra que amarra intenções e interdições situadas. Escrita permanente, reticências. Coletivizar a escrita para suportá-la? Qual o sentido da técnica.

<sup>45</sup> Informações retiradas do cronograma enviado por e-mail para as participantes do Grupo.

O primeiro encontro foi de apresentações. Me lembro que ele aconteceu no mesmo dia de uma aula presencial do mestrado e isso acarretou um certo malabarismo. Carreguei o encontro em meu celular e pude ver as cerca de 8 mulheres que se aproximaram dessa chamada que era diferente das demais atividades que já tinham sido desenvolvidas no âmbito do TodAs e da Fora. A proposta nasceu, como apresentado por Miranda e Alyne, de uma ideia comum. Alyne se aproximou do coletivo por meio de uma amiga, que participou de atividades junto a Fora da Asa a alguns anos. Entrou em contato com o e-mail da Fora, manifestou a intenção, que foi acolhida por uma vontade que já se fortalecia através da crescente participação nas oficinas do Todas Escrevemos, demonstrando que muitas mulheres estavam querendo esse movimento de escrita e leitura coletiva. A diferença principal do Grupo de Escrita Permanente era que não estava vinculado diretamente a uma publicação coletiva, mas ao acesso e aprendizado sobre a escrita e leitura entre mulheres dentro de nossos projetos pessoais em andamento ou parados por algum motivo.

1º Encontro do Grupo Permanente para mulheres que escrevem – Hoje é quinta-feira, estamos em um dia frito de muito sol. Estou em meio a uma aula do mestrado. “Fugi” para acompanhar o encontro, porque considerei importante não perder esse momento. (...) Paixão pela literatura, vontade de construir juntas; Vontade de entrevistar projetos de escrita; Oficinas que já “vem trabalhando literatura a muito tempo”; universos de transformação subjetiva; Projetos de escrita; Miranda começou um canal no youtube; “Espaço para a escrita começou com a compra de uma mesa”, abrir espaço para a escrita, inauguração de sua escrita. Potencializar. Os encontros serão até novembro, não sabemos como ele seguirá depois disso. Alyne é de BH e está na Itália no momento. “Sair do quadradinho na escrita”, “Poesia concreta”, “Transformar a ação”. Insights. Escritas a qualquer hora. “Escrevo quando vem palavra”. Escritas, leituras, acess. Ponto em comum com a história de vida. “Nossas conquistas”, falar mais sobre nossas conquistas. Alguém cita Sueli Carneiro, “lutamos muito para chegar aonde chegamos”. “Movida por escrever as tuas conquistas”. Carolina quer contar essas histórias, ao se aproximar da Fora, “despertou para contar histórias”. “Não escrevo muito, mas sempre gostei de ler”. (Diário de campo-vida, junho de 2022, Porto Alegre).

O segundo aconteceu no dia 07 de julho de 2022 e começamos conversando sobre o tema do encontro, o “saber contar”, descrito entre os saberes possíveis, acompanhados de um ponto de interrogação, nos convidando a pensar sobre imersões. Neste primeiro momento de discussão, tendo em vista que o primeiro encontro foi dedicado a nos conhecermos, já havia uma proposta de atividade prática, centrada em pensar sobre as relações entre escritas e leituras. Em anotação do diário de campo-vida de 30 de março de 2023, encontrei uma nota, referente ao poema de Ana Martins Marques. Também neste dia conheci, por sugestão de Deise, o nome

de Michel Petit, uma antropóloga que não conhecia. Deise, outra participante do grupo, comentou estar bastante fascinada com o trabalho de Petit. Em suas palavras, havia um livro da autora que estava entre os “clássicos de sua vida”.

Agora relendo o poema, tantos meses depois, ele me lembra aquele dia em que falamos sobre as métricas poéticas da Sam<sup>46</sup>. Aquela forma de cortar as frases, como disse Miranda. Uma forma estranha ao olhar canônico de se fazer poesia. Um jeito estranho de ser poesia “desconstruída”. Estranhamente ela escreve bastante sobre casas. Acho isso interessante (Diário de campo-vida, março de 2023).

Neste exercício (realizado junto ao Grupo Permanente de Escrita para mulheres) era para contarmos a história de nossos nomes, como foram escolhidos. A orientação era livre, mas a intenção era real-ficcionalizar a narrativa, escrever nossos nomes. Esse exercício me lembrou um feito junto ao DEMAC, quando real-ficcionalizamos nosso nascimento. (Diário de campo-vida, setembro de 2022/novembro de 2023, Porto Alegre)<sup>47</sup>

### **Exercício sobre história de nossos nomes**

Meu nome foi escolhido amorosamente por minha mãe. Escutando o rádio, durante um dia de trabalho, ela se apaixonou por uma canção<sup>48</sup>. Gosto de lembrar dela contando essa história, sempre. Especialmente em meu aniversário. A primeira vez que ela me contou, eu tinha 6 anos. “Nome de canção francesa”. Eu gosto muito do meu nome por saber que ele foi escolhido por ela em um momento em que se emocionou com uma música, mesmo em meio a um dia duro de trabalho, me carregando com ela. (Diário de campo-vida, setembro de 2022, Porto Alegre).

O grupo aconteceu ao longo do ano de 2022. Um dos mais dramáticos na história política institucional do país, que desde 2018 vivenciou a ascensão do fascismo e das vontades de morte ao centro da arena da mentalidade e ação política da extrema direita no congresso nacional.

<sup>46</sup> Nome fictício de uma das participantes do grupo, que escreve poesias com métricas marcadas pelo corte incomum no verso. Algo bonito e que foi recordado em um dos momentos de troca, como uma característica que dá a assinatura de Sam a suas escritas. Para compreender melhor esta característica, consultar movimento semelhante feito por Ricardo Aleixo em alguns de seus poemas.

<sup>47</sup> Em diferentes momentos, ao retomar leituras do diário de campo-vida, realizei novas intervenções, complementos, retomadas de memória. Para apresentar o movimento espiralar (Martins, 2021) desse arquivo aqui compartilhado em citação, nomeio os diferentes momentos da palavra: sua anotação primeira, em setembro de 2022 e a revisita complementar, em novembro de 2023.

<sup>48</sup> A canção era Aline, composição de Daniel Georges Jacq Bevilacqua e popularizada na voz do cantor Christophe, em 1965. Disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=seoUs\\_zFI7c&ab\\_channel=LesarchivesdeLaRTS](https://www.youtube.com/watch?v=seoUs_zFI7c&ab_channel=LesarchivesdeLaRTS)

Como já aludido na reunião aberta relatada no tópico anterior, as palavras paciência e esperança foram mantras importantes. A Fora da Asa e todas as mulheres que a compõe ativamente, esteve atuando de maneira intensa, junto a ações de conscientização sobre o quanto o embate político partidário ali representado, era uma alegoria para a escolha da luta pela vida, em chave de mudança. As alternativas pela vida, frente as vontades de morte (Leyva, 2020) foram o centro de tudo que era que realizado e no Grupo, isto significou encontros em outras frentes: muitas das mulheres que compunham o grupo, tanto as que seguiram, quanto as que se afastaram posteriormente, se encontraram em atos pró-democracia, em ações de diálogo com a população na rua, manifestações, entre outras atividades. Este contexto era tema vivo e latente dentro das conversas, nos encontros do Grupo. Alyne, que não vive no Brasil, acompanhava muito desse esperar, através das expressões de cansaço de todas nós. Miranda especialmente, manifestou em diversos momentos o quanto este período, referindo-se aos anos entre 2018 e 2022, haviam sido duramente esclarecedores, no que se refere a ver que “muitos dos meus pares, outras mulheres brancas, não estão encarando e se colocando para a mudança”. O equilíbrio entre a raiva e a paciência, foi um território habitado conjuntamente por nós, ainda que acionado desde distintas percepções, as quais tinham forte relação com a posicionalidade racial de cada uma, ainda que dentro de suas branquitudes. Compreendi pelas palavras de Miranda, um cansaço em perceber que muitas mulheres brancas de seu convívio, inclusive parceiras de caminhada nos movimentos sociais, estavam escolhendo manter-se no privilégio da escolha de não encarar que são parte importante do problema e assumir o doloroso fato de que a ascensão genocida foi estruturada em diversificadas expressões do pacto da branquitude. (Bento, 2022).

No encontro de hoje, estamos realizando um exercício de escrita a partir de uma leitura. Eu recebi um texto da Shirlei<sup>49</sup>, alguém que não conhecia e com quem estou interagindo agora, por meio dos encontros. “Literatura é estranhamento”. Escrever para conseguir escrever. (Diário de campo-vida, agosto de 2022, Porto Alegre)

O encontro de hoje foi muito poderoso. Desde o primeiro encontro, o número de participantes tem diminuído consideravelmente. Estamos sempre eu, Miranda, Alyne, Shirlei, Suelen, Carolina e Patrícia. Hoje Patrícia e Carolina não estiveram presentes. O exercício de hoje era lermos o texto de outra e darmos um retorno sobre. Eu recebi um texto de Shirlei, chamado *Voltar pra casa*. Ela me mandou mensagem um pouco antes do encontro, perguntando sobre o exercício que faríamos hoje. Demorei um pouco para responder, mas assim que possível o fiz. Passei a ela meu Medium, onde estão alguns

---

<sup>49</sup> Nome fictício de uma das participantes do grupo. Ela participou de cerca de três encontros e depois teve de se afastar, pois se mudou para outro país junto a sua companheira. Suas escritas e sua escuta nos encontros eram sempre muito inteiras, muito pulsantes. Ela parecia bastante interessada e movida pelo grupo. Tentei contato com ela para realizarmos uma conversa individual, porém não conseguimos nos encontrar, devido as urgências da mudança dela.

materiais, textos que consegui superar o medo e promover/abrir para o mundo. Hoje durante o encontro conseguimos conversar sobre isso e fizemos/escrevemos uma contracapa para o projeto de quem nós lemos. Foi muito bom. Tem emergido coisas importantes nesses encontros. Na semana anterior, falamos sobre raiva e escrita. Hoje conseguimos falar sobre casa, ecos, encontros e desencontros. Shirlei escolheu de meu Medium, o texto Silêncios<sup>50</sup>. Este texto fala sobre muita coisa. Como ela disse, embora o título seja silêncio, o texto é bem barulhento. Fiquei pensando agora. É isso, a sensação que expressei é de que dentro dos silêncios impostos, existem muitos barulhos. Muito a ser dito. Eu escrevi uma contracapa para o texto dela. Ela se emocionou em ser lida. Isso foi maravilhoso. (Diário de campo-vida, agosto de 2022, Porto Alegre)

### Exercício de contracapa para o texto *Voltar pra Casa*, de Shirlei

Um texto que caminha dentro da gente. *Voltar pra casa* é um convite a caminhar pelas palavras de Shirlei, de mãos dadas com nossas sensações de casa, sonho, amor, coragem e fabulação. Imaginando ativamente, a autora parece que nos convida gentilmente a uma conversa silenciosa, em que ao nos olharmos através das linhas escritas, vamos tecendo uma conversa. (...) *Voltar pra casa* nos faz pensar para além da alvenaria e da madeira, mas da carne, dos ossos e dos músculos. Essa casa da qual inevitavelmente somos moradores. A casa que volta pra casa, forçosamente às vezes, carrega sons, cheiros, vozes e silêncios, que são difíceis de acalantar. A escrita de Sheila nos faz lembrar que as letras podem ser formas de voltar para casa, entendendo que já nada é como foi ali, na casa-alvenaria ou na casa-corpo. A presença do cansaço e da angústia, nos lembram do contexto em que o texto foi escrito. Um momento de distâncias, em que aquilo que foi ficando em nós ao longo dos encontros, vai gritando dentro da gente. Como a autora escreve, “voltar para casa é voltar no tempo, pois o antes ficou ali”. (...) Um trajeto que te convida a caminhar, junto consigo nesta volta pra casa. Escrever pode ser como abraçar a nós mesmas. (Exercício do encontro 4, agosto de 2022, Porto Alegre)

Em maio de 2022, houve uma mudança importante em minha rotina: assumi um novo trabalho, tendo em vista necessidades de aumento de minha renda, para poder custear entre outras coisas, a retomada a minha terapia, algo urgente para seguir não somente o mestrado,

---

<sup>50</sup> Texto disponível em <https://medium.com/@linymourar/sil%C3%AAsncios-714f3bc1f569>. Escrito e publicado por mim, em fevereiro de 2022. Neste mesmo link é possível encontrar outros textos meus, de diferentes momentos da vida.

como a vida. Consegui negociar com a empresa na qual trabalho, as manhãs de quinta-feira, quando realizava trabalho de campo junto ao grupo. E assim, consegui seguir acompanhando os encontros, até o fim da agenda. Obviamente, isto impactou consideravelmente sobre as minhas condições de saúde, as quais consegui equilibrar e seguir. A escolha foi difícil, mas valeu a pena, pois consegui de fato retomar meu acompanhamento terapêutico, sem o qual não teria conseguido seguir.

Hoje é dia de campo. Minha cabeça está muito cansada. Sinto uma pressão do lado esquerdo que não sei como explicar. Às vezes, tenho certeza de que o dia de um infarto ou um derrame está chegando. Estou tentando assumir uma postura positiva perante a vida, mas está complicado. Voltando ao campo, não fiz o exercício de hoje e tentarei observar mais, ficar mais quietinha. Não quero ficar falando muito, seja por como me sinto, seja pela vontade de ouvir mais que falar. Neste momento, sinto vontade de ouvir mais do que falar. (...) Exercício de pré-figuração: como contaria nosso projeto de escrita para outra pessoa? Contar como se cada uma ali não se conhecesse. Como a gente vai narrar nosso projeto? (Diário de campo-vida, junho de 2022, Porto Alegre)

À medida que as conversas e atividades avançavam, íamos adentrando cada vez mais em um tipo de intimidade, uma relação com as subjetividades ali reunidas. Pairava entre nós, brancas e negras, mais explicitamente em umas que em outras, a pergunta de Donna Haraway, “com o sangue de quem foram feitos os meus olhos?” (Haraway, 1995, p.25). Apresentarei aqui, a exemplo de outras partes da dissertação, algumas escritas que foram inteiramente elaboradas em meu diário de campo-vida, durante a realização das observações participantes.

#### **Anotações sobre ontem**

Na manhã de ontem, quando cheguei ao encontro, estavam presentes todas as gurias: Miranda, Alyne, Sam e Carolina. O assunto era a sensação e a vibração de esperança que estavam sentindo nessa semana do segundo turno<sup>51</sup>. Nas palavras de Miranda, “desaguavam as sensações”. Cheguei com uma sensação pesada, de cansaço mental e físico, um grande-pequeno mundo de sensações ruins que resumi dentro de mim como desesperança e cansaço com a humanidade. Talvez seja exagero dizer toda a humanidade, mas uma grande parcela dela. Carolina comentava que tem se sentindo melhor, que ter encontrado com Sam na caminhada com Lula<sup>52</sup> foi especial pra ela. Uma mulher mais velha descobrindo o mundo, é assim que sinto ela ali. Às vezes sinto que entramos em choque. A esperança dela parece vir

<sup>51</sup> No ano de 2022 houve eleições presidenciais no Brasil. Talvez um dos pleitos mais dramáticos e intensos da história do período democrático no país. Felizmente, o voto pela vida venceu. Em uma votação extremamente acirrada, Luiz Inácio Lula da Silva foi eleito como novo presidente do Brasil.

<sup>52</sup> Última atividade de campanha do presidente Lula em Porto Alegre, naquele pleito.

do mesmo lugar do meu cansaço: as pessoas. Os dela geralmente estão brilhando, entre desafiadores e infantis, no melhor sentido da palavra. As demais gurias pareciam vibrar na mesma energia de esperança ativa. Me senti mal, pensando que sempre me traio. Penso em não falar, mas minha boca as vezes é incontrolável. Falei como me sentia, com muitos acenos de cabeça em concordância vindos de Miranda, sobretudo. Mas em Carolina e Sam, sinto/vejo/leio que o choque entre meu cansaço e a esperança pulsante delas, secou sorrisos. A velha e conhecida sensação de “pesar o rolê”. Miranda disse algo que me chamou particularmente a atenção: “nessas semanas de encontros, a gente começa a se perceber mais. Quando a Ale coça a sobrancelha, parece dizer ‘ishi!, isso aí é mais difícil do que parece!’”. Eu não contive o riso, de áudio fechado. Eu gosto das manhãs de quinta-feira com elas. Ontem fiquei pensando em começar as conversas direcionadas da pesquisa e pensei em fazer isso de um jeito diferente. Pensei em me convidar para ir a casa delas. Começando por Miranda, com certeza. Fiquei pensando que a pesquisa acabou caminhando de um jeito diferente do que eu pensava. Não é sobre a Fora, é sobre essas mulheres tentando estar juntas. A palavra tentativa é muito importante na pesquisa. Estamos todas tentando. Ao seguir falando sobre a panela de pressão que temos vivido, de novo Miranda falou da raiva. Da raiva, da tristeza e decepção com a branquitude, com a sensação de “ainda estar esperando mulheres brancas de meu círculo descansarem para poder lutar”. Me identifico com o cansaço dela, mas fico me perguntando como deve ser se dar conta de que algo que te constitui como ser é assassino. Como deve ser se dar conta de que sua existência toda, em muitos aspectos, é facilitada por meios genocidas. Como deve ser lidar com isso sem sucumbir e paralisar. Escrevendo isso agora, me lembrei das duras conversas que tive com uma querida amiga, Dani<sup>53</sup>. A confusão mental, a linha tênue entre a ignorância programada e o real choque com o espelho, vidro, algo assim. Por que isso me interessa? A pergunta melhor a fazer é: “porque não me interessaria?” (Diário de campo-vida, outubro de 2022, Porto Alegre).

---

<sup>53</sup> Dani Cassali é bióloga, Mestre em Botânica e Licencianda em Biologia pela UFRGS. Uma pessoa não-binária branca, de família caxiense. Algumas semanas antes dessa anotação, tivemos um importante diálogo pessoal, talvez a mais profunda que já tivemos nos anos de nossa amizade, que remonta a 2017. Falamos e nos ouvimos sobre limites, incômodos, cansaços, sobretudo em relação a branquitude e relações-raciais. Aproveito para agradecer, porque essa conversa, assim como muitas outras tecidas “fora” do campo, em meus círculos íntimos, nutriram muito minha sensibilidade analítica e desenho de estratégias para ouvir pessoas brancas sobre relações raciais. Não posso deixar de mencionar os diálogos e livros trocados com a cientista social Lu Kârana Souto da Silveira, amiga de longa data e que vem trilhando pesquisas, ainda na graduação em Ciências Sociais, sobre gênero e branquitude, através de um olhar para as relações entre cisgeneridade, não-binariedade e relações raciais. Um abraço especial a essa família Casa Verde, que seguiu nutrindo tantas trajetórias.

## FEMME ERECTA

Há quanto ao tempo pertença?

Só esses anos? Impossível.

Quantas cronologias marcam meu corpo.

Infinitas....

Senão, porque tanta expressão

Sensação imprevisível. Átomos em explosão

Decerto não saberia, como sei identificar

Foram precisos muito sentir

Armas a adquirir, para por-se de pé.

(Nascimento, 2015/1990, p. 78)

Em mais um grupo de anotações de livres sobre o que observei em um dos encontros realizados em outubro de 2022, encontrei Beatriz Nascimento. Entre as conversas, quando falávamos sobre memória e trajetórias, tema iniciado no encontro anterior. Miranda trouxe o quanto estava encantada em ter conhecido recentemente a produção poética de Beatriz Nascimento e citou um de seus poemas, *Femme Erecta*. A presença de outra autora se coloca em nossas conversas nos encontros seguintes: Leda Maria Martins. Sobre o tema da narração, a autora diz que “a narração é, pois, sempre movediça ponte entre o individual e o coletivo, o plural e o singular” (Martins, 1997, p. 63).

*Femme Erecta* – “quantas cronologias cabem em mim?”; Construção é imprevisível; Tempo infinito; Visão do tempo é diferente para pessoas negras e brancas; Crenças estruturantes rompidas com estabelecimento de conexões; Tatiana Nascimento, palavra, narração. Destruição que traz vida, construção de um mundo novo; Faltam apenas quatro encontros para finalizar a primeira edição do grupo. Para semana que vem, encontrar/ler Leda Maria Martins. “Vale a pena lutar pela memória”. (Diário de campo-vida, outubro de 2022, Porto Alegre)

Estamos na metade dos encontros. Vou tentar ser objetiva. Ontem estávamos eu, Miranda, Alyne e Carolina. O grupo tem reduzido, começamos em muitas e no final diminuimos bastante. (...) A proposta era dar continuidade ao tema do narrar. A Alyne começou falando/convidando a gente a pensar sobre como a narrativa oral estava presente em nossa escrita. Quem eram os narradores que habitaram nossas vidas? Miranda trouxe a imagem de seu tio, “tropeiro e gaudério”. O contraste entre a grosseria, a ignorância e a poética fina de quem fala da lua iluminando a caminhada. Senti Alyne um pouco perdida, um pouco tonta. Às vezes parece que ela fica um pouco embriagada com as palavras. Carolina sempre traz muitas imagens, faladas e mostradas mesmo. “Se essa rua, se essa rua fosse minha...”. Pausa para uma lembrança. Miranda trouxe



algo, quando falamos do tempo. Senti muito presente o pensamento de Leda Maria Martins durante este e outros encontros. Ela, Miranda, disse como foi que aprendeu o tempo sendo uma mulher branca. A imagem de seu pai buscando liberar logo a casa da avó para poder vender e as relíquias que a avó deixou pra ela, como a agenda, por exemplo. (Diário de campo-vida, outubro de 2022, Porto Alegre)

Em certa medida, a conversa conjunta que tivemos presencialmente na Fora da Asa, encerra o ciclo do primeiro Grupo Permanente. Na conversa, ocorrida em março de 2023, retomamos memórias, nos reunimos, conversamos e foi poderoso para a pesquisa e para mim, que depois de muitos meses, estava começando a rever outras pessoas pessoalmente. Sair do casulo, (começar) a sair do isolamento. Organizei os tópicos de nossa conversa, a qual pode ser acessada na íntegra no capítulo 3, nos seguintes subtemas: Potência do inédito: Invenção é diferente de substituição, de mudança de rumo (p. 118); Autoria e Agência – Autoria como inclusão (p. 123); Diferença e Semelhança: fazer diferença como meio de instituir legado (p. 130); Branquitude e negritude.

Hoje lancei-me ao grupo. Lancei ao grupo do WhatsApp do Grupo Permanente de Escrita, o convite para entrevistar as gurias. As primeiras que responderam foram Miranda e também Carolina. A Carolina foi a primeira, seguida pela Miranda. Sobre a conversa com Carolina, penso que será uma troca bem interessante, inclusive por esta própria experiência de fronteira que ela expressa sempre. Este lugar de ser lida como branca por uns e negra por outros. Lembrei do trabalho da Laura enquanto escrevia. Café com leite. Isto me lembra uma música do Martinho da Vila, que tocava em uma fita cassete de minha mãe, quando era pequena. (Diário de campo-vida, janeiro de 2023, Porto Alegre)

Mais cedo recebi uma mensagem de Alyne, agradecendo (pela conversa coletiva) e se colocando novamente à disposição para conversar comigo, individualmente. Fiquei feliz com esse movimento dela. Em suas palavras, ela se sentiu afetada e disse ter voltado muito aos questionamentos que fiz no dia da entrevista. (Diário de campo-vida, março de 2023, Porto Alegre)

A inventividade estaria relacionada a essa busca e reescritura de uma rede que talvez não tenha virado letra antes. Uma rede que conecta fotos, memórias, conversas e diários de diferentes membros da família. Cada nova notícia, cada novo pedaço vai sendo tecido nessa história que é pessoal, mas também coletiva, na qual uma pequena-grande chave importa muito: o sobrenome da bisavó. Na compreensão de Carolina sobre inventividade, as conversas com as primas mais velhas e o reencontro com cartas e outras relíquias trocadas, inventa não somente o livro “dela” que vai nascendo, mas também esse “sonho que se sonha junto e vira realidade”, conforme suas palavras.

Alyne diz que inventário é a primeira palavra que emerge ao pensar sobre inventividade. Como um sanduiche, camadas e camadas de quem se é e de quem se quer ser, que vão se costurando e sendo possíveis de serem inventariadas e assim, inventadas. Olhar essas camadas como arquivos da memória que se criam no visível ou não. Essa noção de inventário me remeteu diretamente ao trabalho antropológico de construção de uma escrita etnográfica, em que *work* e *labour* (Wagner, 2012) se mesclam e se confundem. Áudios, vídeos, anotações, fotografias, prints e trechos soltos, vão inventariando encontros e inventando sujeitos em diferentes posições dentro dessa relação de encontro em campo. Inventariar também as emoções e os aprendizados, se embrenha nessa mescla de criatividade e invenção, a inventividade.

Então, ao falar de inédito viável, todas essas palavras estão enredadas nesse inédito viável. Em *Pedagogia do Oprimido*, onde emerge o termo inédito viável, como já coloquei, não há um detalhamento do pensamento de Freire nessa obra, sobre isso. (...) Ao falar dessa categoria em *Pedagogia do Oprimido*, Freire busca dialogar com esses outros autores. Fala também da consciência que o homem tem de si e do mundo, dos condicionamentos e sua liberdade, ao se deparar em sua atividade de si mesmo, ao ter o ponto de decisão, eles ultrapassam situações limite, para que possam sonhar esse inédito viável. Na nota que a Nita Freire<sup>54</sup> faz sobre o inédito viável, ela diz que o inédito viável, a partir do que ela compreende do pensamento do Freire, é na verdade “uma coisa que era inédita, ainda não claramente conhecida e vivida, mas quando se torna um percebido destacado, pelos que pensam utopicamente, o problema não é mais um sonho, ele pode se tornar realidade”. (Guedes, 2023, s/p)

Miranda recorda o conceito de inédito viável, ao escutar os primeiros passos da conversa e a inventividade entendida por Carolina e Alyne. O inédito viável é uma concepção intimamente ligada à de situação limite, em Paulo Freire, elaborado e discutido por Anita Freire também. Em uma das palestras do projeto Café com Paulo Freire, organizado por diferentes instituições acadêmicas e sociais, entre as quais a Fora da Asa, a Prof. Marilde Queiroz Guedes comenta sobre estas duas concepções, as quais se aprofundou ao buscar não apenas em Paulo Freire, mas em seus leitores e admiradores, eixos conectivos que deem conta de dialogar com o que vem a ser o inédito viável. A Prof. Marilde vai chamar estas tramas, de achados textuais que vão enredando esta compreensão do conceito/categoria/palavra inédito viável, a qual está

---

<sup>54</sup> Ana Maria Araújo Freire, é mestre e doutora em Educação pela PUC-SP. Viúva de Paulo Freire e sucessora legal de sua obra, Dona Nita, como é carinhosamente conhecida, tem trabalhado desde o falecimento de Freire, na continuidade de seu legado, organizando, traduzindo e fazendo publicar seus livros inéditos, desde 1997, ano em que Freire faleceu. Não posso deixar de comentar a dificuldade que tive em encontrar trechos biográficos de Dona Nita. O conhecer em dois cliques é mais difícil quando se trata de mulheres. Entre os materiais encontrados, destaco a entrevista publicada na revista *Contrapontos*, em dezembro de 2007, a qual constará nas referências desta pesquisa.

permeada por outras categorias/conceitos/palavras, tais como sonho, utopia, luta, esperança e prática. Após a finalização dos encontros, ficamos com a expectativa de retomar e abrir uma segunda edição do Grupo Permanente, a partir dos aprendizados, erros e acertos vivenciados nesta primeira edição. Ensaíamos um retorno em 2023, porém devido a diversas urgências, entre as quais a finalização desta etnografia, entendemos como importante respeitar os tempos. A semente e a vontade de que ele aconteça de novo seguem vivas e animadas por quase todas nós.

Encerro este tópico, na certeza de que ainda faltou muito mais a dizer sobre o Grupo Permanente de Escrita para Mulheres, pois não haverá espaço dentro dessas páginas e talvez nem mesmo palavras para algumas das experiências. Como disse algumas vezes as gurias, elas bagunçaram um pouco minhas ideias iniciais. Segui por outras vias, as quais transitaram na distância, uma cartografia que cruzava os bairros Partenon e Cidade Baixa, em Porto Alegre, com os trânsitos de Alyne, entre Itália e Estados Unidos. Assim nós estabelecêssemos relações de proximidade, cuidado e curiosidade entre as três. Mais do que encontros, sentimentos de saudade, raiva, alegria, tristeza, ansiedade e amor. Partilhamos um esperar, o qual saboreei com desconfiança e reaprendi a tatear. Finalizo este tópico, porém o Grupo Permanente seguirá nas demais partes desta etnografia.

## **CAPÍTULO 2 – LEITURAS, ESCRITAS E ENCONTROS**

### **PRECARIZAÇÃO VERSUS POESIA**

(...)

Sou poeta de cabeça  
mas nem tanto de escrita.  
Porque escrever exige tempo,  
mas não é prioridade,  
quando a vida é cheia de precariedade.  
(Vidal, 2020, p. 41)

\*\*\*

Um fundo com livros em uma estante feita de caixas de feira reutilizadas, pintadas a mão. Nas paredes, papéis coloridos com diversas notas de leitura. Eventuais passeios de uma gata preta sobre a mesa, miados e uma sombra que passava eventualmente da sala para a cozinha. Ao lado da mesa do escritório improvisado, uma janela que dá para os demais prédios próximos. Dali é possível ver o céu, um pedaço do Morro, apelidado carinhosamente de “Morro

da Dani”<sup>55</sup>. Este foi o cenário no qual a dissertação foi escrita e onde os encontros aconteceram. Fazer esta pesquisa durante a pandemia trouxe para o universo da etnografia alguns sujeitos diferentes, como minha gata, Lua e meu namorado, Alonso. Os demais moradores do apartamento do qual me conectava todas as quintas-feiras de manhã, das 9h às 12h, para o encontro do Grupo.

Essa mediação entre a permanência e o caminhar, ainda que estivesse na sala de minha casa, com meus livros ao fundo, as múltiplas telas do computador, do notebook, do celular, logo em frente, traziam essa angustiada sensação de estar falando sozinha, mesmo que acompanhada. Agradeço agora por ter decidido corromper os usos do diário de campo, pois reencontrar essas alegorias que por ora não faziam sentido e que agora, quando tecidas junto a continuidade da minha relação com estas mulheres e os espaços vividos nestas janelas de nós, me parece movimento de água cruzando tudo.

Existe toda uma trama de diálogos acontecendo simultaneamente e isto é muito característico, mas não limitado ao espaço virtual. O que quero dizer com isso é que, enquanto estavam acontecendo as atividades, as pessoas iam conversando, o debate ia ficando mais acirrado, tocando em pontos mais nevrálgicos e delicados, ficava muito com uma sensação de que outros diálogos estavam acontecendo em paralelo, em outros meios digitais como o WhatsApp, por exemplo. Tenho que tomar cuidado para não ir além e tentar interpretar o que eu não estou vendo, não tentar falar do que eu não estou vendo, porque eu não estou do outro lado da tela e tão pouco sei o que a pessoa está falando no seu WhatsApp. Mas existe uma relação que às vezes se expressa nos olhares, que são muito difíceis de ser observados dentro do espaço digital. Mas o que também deixa pistas é a corporeidade da pessoa, na forma com que se relacionam por ali, se conectam. (Diário de campo-vida, janeiro de 2022, Porto Alegre)

Em sua dissertação de mestrado em Antropologia Social, Joyce Souza Lopes, em diálogo com Jemima Pierre e com João H. Costa Vargas, posiciona suas escolhas metodológicas no âmbito da pesquisa ativista/militante, que conforme Lopes (2016), “dilata o sentido de envolvimento pessoal e propõe uma inversão semântica, que também é metodológica.” É neste mesmo sentido que procurei seguir nesta etnografia, mesmo com as limitações de relações mediadas por telas. Ao evocar a escrevivência no âmbito não somente da forma de palavrrear essa história vivida, mas também considerando esta uma escolha metodológica, adotei a forma

---

<sup>55</sup> Menção ao Morro da Polícia, próximo ao bairro Aparício Borges, em Porto Alegre. Trata-se de uma brincadeira feita com uma querida amiga e companheira de mestrado que mora neste bairro e ao visitar minha casa, sempre menciona que sua casa fica próxima aquele morro.

que considere mais adequada de equacionar estas intenções e o que foi possível realizar. Compreendendo que o tipo de ativismo e militância experienciado em minha pesquisa se difere da empreendida na pesquisa de Joyce, ainda que estejamos próximas de um tema comum, advogaria que as escolhas de apresentação e as disponibilidades de interação no campo fazem também desta etnografia uma pesquisa ativista/militante.

Segundo Jemima Pierre (2008) uma antropologia ativista/militante parte de um ponto de vista que insira no fazer etnográfico uma posicionalidade racial crítica. Desse modo, tal prática reacende a discussão em torno de como minhas experiências pessoais e, sobretudo, minha posicionalidade, não só interferem na pesquisa, mas também a qualifica, elencando novas amostragens etnográficas e construindo, conseqüentemente, inovadoras abordagens ético-políticas. Segundo Pierre, “o que parece mais importante para explorar a relação entre ativismo e pesquisa é que nós reconhecemos o ativismo como um processo integrado, como uma combinação de posicionalidade/experiência e política” (Pierre *apud* Lopes, 2016, p. 55).

A transitoriedade entre realizar observações participantes ou participações observantes oscilou constantemente ao longo da realização da pesquisa. De certo modo, parti de uma participação observante, sempre como participante das atividades, na condição de “apoiadora” e inscrita nas atividades. De todo modo, a intenção de minhas inscrições esteve informada desde os primeiros momentos. Essa foi uma preocupação inicial, pois havia a possibilidade de simplesmente me aproximar e observar, tendo em vista a constante abertura das atividades a receberem quem se aproxima. Mas aí está o fator diferencial de uma participação orgânica e uma prática de observação em pesquisa. A negociação de entrada em campo funcionou como um pacto, não somente com a ONG, mas também comigo mesma. Ao reposicionar esta relação, que diferia da forma de estar na construção da Coletânea do Todas Escrevemos por exemplo, em que participei como autora, assumi a posicionalidade de antropóloga explicitamente, como parte do desenho ético de relação que queria estabelecer com o espaço, o projeto e as pessoas envolvidas. Neste sentido, cabe recuperar o que Claudia Fonseca comenta, em diálogo com Akhil Gupta e James Ferguson:

De certa forma estes autores estão colocando em questão o “eu estive lá” realçado por Geertz (1989 [1973]) como pilar do trabalho etnográfico no início dos anos 1970. Eles sugerem que as clássicas narrativas de “como entrei” e “como vim embora” do campo reforçam a ideia de distância entre o mundo do etnógrafo e o dos etnografados. O olhar “orientalista” estaria

inscrito nas próprias convenções do contar da aventura<sup>56</sup>. (Fonseca, 2017, p. 438)

Os contextos nos quais a pesquisa foi realizada foram marcados por incerteza, medos e reacomodações. Por contextos me refiro: ao contexto global de pandemia de Covid-19, que impactou de diferentes formas as vidas das interlocutoras, assim como a minha vida; o contexto político-social do Brasil, nos últimos dois anos de (des) governo de Jair Bolsonaro, cometendo atrocidades das mais distintas ordens; contexto pessoal, marcado por adoecimentos meus e de familiares, sobretudo no âmbito da saúde mental; contexto da Fora, marcado por mudanças organizativas e impactos financeiros e sociais da pandemia sobre as atividades. Continuar a pesquisa e mesmo o mestrado era uma dúvida constante, principalmente porque as urgências que se colocavam eram da ordem da vida ou da morte em todos estes contextos e outros. Tudo que não fosse “essencial”, parecia não ser digno de seguir apostando vida, o que colocava algumas questões acres: Em que medida realizar esta etnografia seria algo “essencial”? Qual a importância de uma pesquisa realizada em um grupo de escrita para mulheres, durante a pandemia?

Confrontar nossas próprias limitações. Há um limite para o que posso fazer em um dia. Luisah Teish<sup>57</sup>, dirigindo-se a um grupo no qual feministas brancas predominavam, disse a respeito da experiência das mulheres do terceiro mundo o seguinte: “se você não se encontra no labirinto em que (nós) estamos, é muito difícil lhe explicar as horas do dia que não possuímos. Estas horas que não possuímos são as horas que se traduzem em estratégias de sobrevivência e dinheiro. E quando uma dessas horas é tirada, isto significa não uma hora em que não iremos deitar e olhar para o teto, nem uma hora em que não conversaremos com um amigo. Para mim, isto significa um pedaço de pão” (Anzaldúa, 2000, p. 231)

Sempre que estas questões atormentaram o juízo, recorria ao pensamento social tecido e mantido por pesquisadoras e pesquisadores negros no Brasil. Acompanhar os esforços e as alternativas desenvolvidas por professores e cientistas das mais diversas áreas durante este período foi combustível para não desistir de responder a estas perguntas, assim como de dar continuidade a uma trajetória de estudos que tem promovido uma inversão importante na

---

<sup>56</sup> Opto por reproduzir aqui também a nota de rodapé inscrita pela Prof. Claudia no texto original, por considerar um complemento necessário: “É evidente que essas reflexões críticas sobre o ‘local’ da etnografia se encontram na Antropologia, inclusive brasileira, desde os anos 1980 (...) Tomamos o texto de Gupta (indiano) e Ferguson (sul-africano) escrevendo para leitores majoritariamente norte-americanos como provocação que recoloca questões que precisam se manter em aberto.” (Fonseca, 2017, p. 438)

<sup>57</sup> Luisah Teish (Iyanifa Fajembola Fatunmise) é uma mulher negra pesquisadora, professora e autora, nascida nos Estados Unidos. Ela é autora do livro *Jambalaya: the Natural Woman’s Book of Personal Charms and Practical Rituals* (Wikipédia).

equação trazida por Alberto Guerreiro Ramos há tantos anos: “negro tema, negro vida”. Sobretudo recorri às contribuições literárias e acadêmicas de mulheres negras, as quais produziram pesquisas seminais, tais como Sueli Carneiro (2011), Conceição Evaristo (2009;2011;2017), Leda Maria Martins (1997;2021), Lélia González (2018[1988]; 2022 [1982]), bell hooks (2022 [2013]), Beatriz Nascimento (1987; 2021 [1974-94]) e muitas e muitos outros que estiveram presentes em diferentes momentos desta pesquisa.

O conceito de *escrevivência* desenvolvido pela professora e escritora Conceição Evaristo em sua dissertação de mestrado sobre poéticas negras, tem influenciado tanto do ponto de vista metodológico, quanto epistêmico, debates sobre as escritas de nós, portanto, as leituras de registros de si, do outro e do contexto. Meu especial interesse está no papel moderador que as produções acadêmicas e não acadêmicas de autoria de mulheres negras têm para imaginar futuros, alternativas e interpretações de ser na América Latina, sobretudo a partir do olhar leitor de mulheres diferencialmente racializadas em relação as autoras, no caso, a leitura feita por mulheres brancas, sobre as escritas de mulheres negras.

## 2.1 Caminhos Metodológicos

A participação na Coletânea TodAs Escrevemos ecoava como algo genuíno, que parecia reunir muito do que estava presente também nestas conversas “pré-campo” com mulheres de outros encontros antropológicos da vida. Identifiquei na ação política de oportunizar um espaço para publicações de mulheres, uma preocupação em agir para além de falar. O projeto se apresentou como uma articulação política amorosa, no sentido que bell hooks nos ensina, do amor como luta política. (hooks, 2019). De certa forma, o peito aberto para ficar com o problema (Haraway, 2016) e manuseá-lo de forma profunda, por meio da trajetória de cada uma que se envolveu no projeto do livro, pareceu se alinhar as minhas intenções presentes na linha do tempo que antecederam a realização desta etnografia, desde desde as primeiras incursões na pesquisa científica, entre os anos de 2017 e 2019. Durante o trabalho de campo, estes objetivos se direcionaram a um interesse central: aprender sobre a forma como mulheres brancas exercem seu antirracismo, também através das escritas e leituras em suas vidas.

As personalidades de quem produz conhecimento sobre raça e relações raciais, assim como todos os demais “temas” no campo acadêmico, permaneceram naturalizadas durante muito tempo, mesmo com produções tratando sobre essa neutralidade tácita na construção do pensamento sócio-histórico no Brasil (González, 1984; Nascimento, 2007 como citado em Ratts, 2007; Ramos, 1954). A possibilidade de uma iniciação científica juntamente a uma equipe de professores com uma (suposta) posição crítica em relação a quem tem

pesquisado sobre relações raciais e racismo enquanto categorias de análise para os saberes acadêmicos, fez com que eu me sentisse extremamente feliz por ter sido selecionada como bolsista<sup>58</sup>. Mas dialogando com Guerreiro Ramos (1954), diria que entre o negro-tema e o negro-vida, existe uma suposta criticidade propositalmente mal resolvida por parte de muitos intelectuais que se dedicaram a contribuir para “resolver os problemas” da população negra na sociedade brasileira. Esse tipo de postura de pesquisadores brancos (as) é conceituado por Cardoso (2010, p.610) (...) Não se trata, portanto, de teoria sobre relações raciais, trata-se de uma abordagem unilateral, feita muitas vezes por prestigiados pesquisadores brancos preocupados em analisar o “problema do negro”. (Rodrigues, 2020, p. 74)

Entre as mulheres com quem convivi no Grupo Permanente, destacaria que Miranda foi a primeira pessoa com a qual, nos termos do que coloca Roberto Cardoso de Oliveira, passei de uma relação de informante-chave a de interlocutora, estabelecendo uma dialogicidade que entre antropóloga e informante ainda não havia, estabelecendo assim um novo relacionamento (Oliveira, 1996). Desde o primeiro contato, foi com ela que tratei mais. Ao longo do campo, fui descobrindo sua presença na trajetória de várias pessoas de meu círculo pessoal, as quais foram alunas de Miranda em cursos pré-vestibulares nos quais deu aula entre os anos de 2013 e 2014. Foi no espaço da Fora da Asa que aconteceu a primeira apresentação pública do curta de uma destas pessoas, minha irmã. Um momento que reafirmava uma certa ondulação constante entre o campo e a minha vida pessoal. Aquela suposta distância sobre a qual li nos livros basilares na formação antropológica era desafiada constantemente pelas proximidades simbólicas e materiais, ao habitarmos “bolhas sociais” muito semelhantes e muito diferentes ao mesmo tempo, seja pela participação em movimentos sociais, seja pela trajetória de Miranda como educadora.

Com Carolina, as relações se deram mais diretamente ao longo dos encontros e se mantiveram em espaços de oficina e outros, sempre intermediados pela Fora. Sinto em Carolina uma vontade de palavra que as vezes me lembra essa sede que também sinto, de virar letra. Isto se expressou pela sua disponibilidade em sempre trocar mais e contar mais, sobre sua trajetória e este movimento de redescoberta da relação com sua história familiar e ancestral, através da escrita de seu livro. Ainda que ela também viva em Porto Alegre, não nos encontramos muito nos espaços comuns, que não fossem nas atividades da Fora. Além disto, um importante fator nesse cruzar de caminhos é sua relação com a identidade étnico-racial e a aproximação com coletividades de mulheres negras. Ainda que se reconheça ativamente como uma mulher afro-

---

<sup>58</sup> Aqui me refiro ao período em que fui bolsista de iniciação científica junto ao Centro de Referência em Gênero, Raça e Sexualidade (CRDH – Nupsex), do Instituto de Psicologia da UFRGS, entre os anos de 2016 e 2017. Esta foi minha primeira experiência como pesquisadora vinculada a um projeto de pesquisa na universidade.



indígena, Carolina tem certa dificuldade em se sentir confortável em espaços coletivos, nos quais por vezes já foi questionada sobre sua identidade. Autonomamente, ela se insere em diferentes articulações, muitas das quais mediadas por sua inserção política próxima a partidos de esquerda na cidade, em especial o Partido dos Trabalhadores (PT), espaço no qual conheceu seu marido, no final da década de 70. Sua aproximação com a Fora se dá durante a pandemia, por meio da coletânea *TodAs Escrevemos* e das máscaras de tecido que ela fazia para doar, deixando algumas na Fora para serem distribuídas a quem estivesse necessitando.

Alyne foi um encontro completamente tecido através do Grupo Permanente. A conheci no primeiro encontro e em certa medida, desde aquele momento, nos conectamos. Sua forma encantada de lidar com as palavras, olhar para as palavras, sempre me chamou muita atenção. Em nossos diálogos, tanto durante os encontros, quanto nas conversas que tivemos fora deles, Alyne demonstra esse gosto pelo transitar. Como disse em nossa conversa, ela gosta de ser essa pessoa que circula mundos e quer conhecer sempre mais. Vivendo há alguns anos a experiência de estar fora do país, sobretudo por sua trajetória profissional e acadêmica, ela relata em diferentes momentos saborear as dimensões agrídoces de ser estrangeira. Como comentei em outro trecho, ainda que seja a única que não conheço “carnalmente” – nos termos de Carolina – minha sensação nos diálogos com Alyne, os quais ela também relata em nossas conversas, é de que estávamos próximas. Duas janelas abertas, uma em Porto Alegre - Brasil e outra em Catânia-Itália.

As mulheres da Fora estavam buscando meios de reestruturar as condições de sobrevivência ao seu redor, promovendo ações em parceria com outras instituições próximas. Neste momento, as redes sociais tornaram-se uma extensão do espaço físico, acolhendo não somente as divulgações, mas discussões em rede com outras mulheres organizadas em coletivos e instituições, em sua maioria, OSCs e ONGs: ações de arrecadação para compra de alimentos, distribuição de comida as pessoas em situação de rua e manutenção da vida da Fora, que se faz através das atividades que desenvolve. Os projetos e espaços são feitos por pessoas. Com o adoecimento e afastamento de muitas, um dos desafios do campo foi equalizar as pausas. Acolher um processo descontínuo, compreendendo que a etnografia deve ser finalizada dentro de prazos e parâmetros que a burocracia institucional demanda.

Hoje fiz um desenho ou gráfico, tentando dar conta das redes que se inter cruzam, pelo menos na minha cabeça, em relação ao meu projeto. Ando preocupada, pensando em como conectar as entrevistas, conversas com mulheres mexicanas/no México e as observações na Fora da Asa. Talvez eu esteja querendo colocar a caneta na frente dos bois. É que o tempo passa muito

rápido e já estou entrando no meu segundo e último ano do mestrado. Assusta um pouco. Como disse Handerson, “o jogo já começou” (Diário de campo-vida, fevereiro de 2022).

Ao retomar todos os documentos e registros, vejo que entre o projeto inicial e o texto final da etnografia, houve mudanças significativas, sobretudo em relação ao objeto. Anteriormente, apresentei-o como sendo as práticas de leitura e ação desenvolvidas por mulheres brancas de um coletivo feminista interseccional de Porto Alegre, bem como as narrativas de mulheres brancas que desenvolvem ações de leitura, escrita e publicação de mulheres em contextos mexicanos (Rodrigues, 2022). Em um primeiro momento, compreendia que o foco seria no papel desempenhado pelas escritas de autoria de mulheres negras em processos de letramento racial de mulheres brancas. Pensava acompanhar uma atividade em específico, o Leiturações, desenvolvido entre as membras efetivas da Fora da Asa.

O diálogo entre idiomas culturais (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1998) parcialmente distintos, adiciona a esta pesquisa uma constante ondulação mareada entre identidades interseccionais, ao passo que a pesquisadora é uma mulher negra cisgênera que escreve, acompanhando e estando junto a práticas mobilizadas em sua maioria, por mulheres brancas e cisgêneras. Próximas pela cisgeneridade, distantes pela racialidade e conectadas por uma dualidade co-existente: o ler e o escrever. (Rodrigues, Projeto de pesquisa, 2022, p. 20)

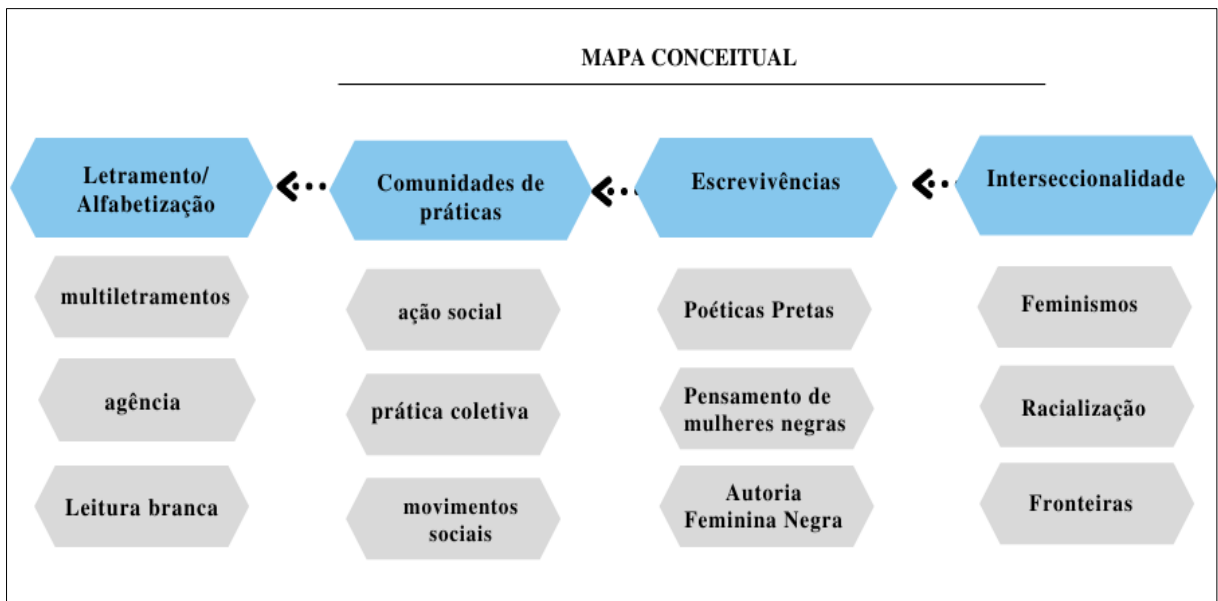


Figura 21 - Mapa conceitual do projeto de pesquisa, realizado no 2º ano do mestrado.

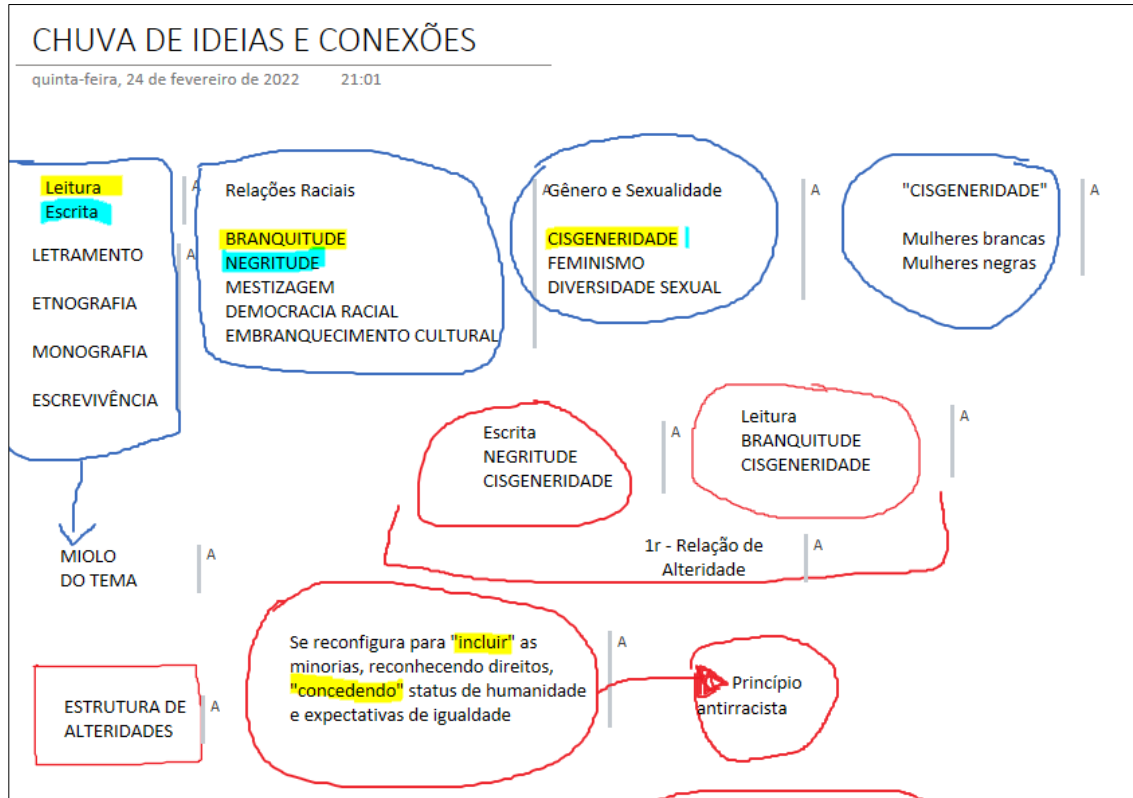


Figura 22 – Esboço de mapa mental da pesquisa – Chuva de ideias e conexões. Fevereiro de 2022.

À medida que o campo foi se centrando mais nas trocas vivenciadas no Grupo Permanente de Escrita para Mulheres, o recorte foi se reconfigurando. Ainda é uma pesquisa realizada com o olhar direcionado a recepção e expressão de mulheres brancas a partir de suas aproximações com as escritas de autoria de mulheres negras. Todavia, a dimensão das produções de subjetividades por meio de projetos de escrita tomaram um espaço maior do que a centralidade em processos diretamente formulados para promoção de letramento racial, como seria o caso do Leiturações, que foi descontinuado durante os anos em que acompanhei atividades da Fora.

O presente projeto se insere em agendas de pesquisas socioantropológicas de viés interseccional e interdisciplinar, com destaque para o âmbito das relações étnico-raciais, os novos estudos de letramentos e os estudos de gênero, por meio da aproximação a comunidades de prática de leitura e trajetórias de vidas de mulheres brancas leitoras. Os movimentos de mulheres brancas, sobretudo movimentos feministas na contemporaneidade, estão envolvidos em práticas simultâneas de reflexão, ação e mudança de formas de se relacionar com a diversidade social, inclusive dentro da suposta semelhança que a categoria “mulher” apresenta. O estudo de suas práticas de busca, acesso e difusão de escritas e leituras de outras

mulheridades – neste estudo, especialmente as escritas de mulheres negras – se relacionam com as pesquisas sobre multiletramentos, escrevivências e educação para as relações étnico-raciais. (Rodrigues, Projeto de pesquisa, 2022, p. 21)

Trago a seguir, algumas anotações de vontades que não se concretizaram nesta escrita, mas foram degrau para as elaborações que aqui couberam ser desenvolvidas. Acolher e incorporar as incompletudes também pode ser uma maneira de pensar antropológicamente.

Aqui posso escrever sobre o que seria esta antropologia dos encontros - cabe relacionar com a etnografia do particular, de Lila Abu Lughod (Lughod, 2018) - um olhar direcionado ao encontro em si e não a ele como ferramenta de análise. Este olhar para a produção de um espaço não tangível. Pensei mesmo na metáfora do ima, daquilo que se aproxima, que atrai, mas que também se repele. Uma sensação de atração e recusa simultânea. A raiva e o prazão, a alegria do encontro e a boca seca pela memória do racismo. Uma sensação estranha de assumir que se viu no que é diferente. Entender que flores tem espinhos, encontros tem espinhos, machucam. Mas também assopram. A mãe curando as feridas nas costas da patroa que apanhou do marido e que foi a mesma que roubou anos de contribuição que impediram ela de se aposentar. O que fazer com essa sensação de adentrar a raiva, ir além da raiva, encontrar e dialogar com a raiva, a dor e o cansaço. Lembrei Audre Lorde. Importante, urgente. (Diário de campo-vida, outubro de 2022, Porto Alegre)

Escutando e aprendendo com Cidinha da Silva, penso também na dimensão dessa remuneração pela nossa escrita. Em certa medida, algumas posturas progressistas que pensam estar retribuindo ou agindo de forma antirracista ao ler autorias negras. De toda forma, muitas vezes se negam a remunerar esse trabalho, esse movimento intenso e difícil de quantificar, mas que envolve necessidades de dedicação, incluindo rede elétrica, internet e comida. Escrever profissionalmente é uma dimensão importante. Ter retorno financeiro para estabelecer autonomia e dedicação nesse fazer demanda muitas energias e muitas entregas, entre elas, de saúde física e mental. (Diário de campo-vida, agosto de 2023, Porto Alegre) Os encontros vividos durante esta etnografia foram realizados majoritariamente no ciberespaço, através da utilização de ferramentas como Google Meet e Zoom, tanto para acompanhamento dos encontros do Grupo Permanente, quanto de reuniões organizativas do coletivo e outras atividades. O e-mail e WhatsApp foram espaços complementares, através dos quais desaguava o que não cabia no âmbito dos encontros de 4 horas cada, todas as quintas-feiras pela manhã: imagens de lugares, poemas que nos recordamos e queríamos compartilhar com as outras, músicas, entre outros. Também através destes canais, mantive contato com Miranda, Carolina e Alyne, após o fim dos encontros do Grupo. (Diário de campo-vida, outubro de 2022, Porto Alegre)

Acessei de forma sistemática as redes sociais do Coletivo e ONG Fora da Asa, principalmente suas contas de Instagram e Youtube. A partir destas perambulações pelas redes, foi possível organizar intenções de diálogo e, conseqüentemente, direcionar as observações a

um foco, no qual as mulheres brancas iam se destacando. Fui mesmo listando nomes, traçando os porquês destes nomes se apresentarem e Tateando um universo de pesquisa, ainda antes das primeiras negociações para realizar observações participantes junto as atividades. Entre os conteúdos, todo o material em vídeo das lives de lançamento da Coletânea TodAs Escrevemos e outras fontes de dados não-estruturados e semi-estruturados, possibilitaram recompilar e relacionar as conversas e relações tecidas durante o campo no Grupo Permanente de Escrita para Mulheres, com as ideações e invenções que se movem através do projeto TodAs Escrevemos. Alguns dos questionamentos da equipe fundadora do projeto pareciam paráfrases de pensamentos que vinham se estruturando, pouco a pouco, dentro ali (Luna, 2015), em mim. Em relação às conversas mais direcionadas à pesquisa, realizadas entre março e abril de 2023, para fins de análise e sistematização das conversas, foram utilizadas ferramentas de transcrição de áudios, os quais foram revisados em paralelo a escuta dos áudios e dos vídeos destas conversas em específico. A conversa coletiva foi gravada somente em áudio, com anuência das pessoas presentes. As conversas individuais, em vídeo e áudio.

Os caminhos metodológicos foram se desenhando e redesenhando. Se iniciei o mestrado com a proposta de pensar mais diretamente em processos múltiplos de letramento social, terminei por abandonar pontas soltas que não caberiam no escopo de uma dissertação e que podem animar uma futura investigação no doutorado. Os caminhos metodológicos de uma pesquisa que coexistiu com a reestruturação de processos tanto na minha vida pessoal, quanto do coletivo e das pessoas humanas e não-humanas que compuseram este percurso direta ou indiretamente comigo, foi desmembrado aqui, buscando destacar as oscilações no caminho, os desenhos toscos e as tentativas de organizar esse mar agitado que foram os anos do mestrado. De certa maneira, optei por ficar e documentar o problema, contar para quem me leia no futuro, que o percurso metodológico dessa pesquisa foi oscilante, mantendo firme, porém, os compromissos com a realização de uma confessa ficção-verdade, embebida da intenção de uma escrita etnográfica que descreveria como uma das expressões possíveis de uma poética etnográfica negra.

## **2.2 Escrevendo uma etnografia em Porto Alegre**

Entre os livros mais marcantes da Antropologia – pelo menos foi assim que ele ficou registrado em minha trajetória de formação como antropóloga – está *A interpretação da cultura* (2015 [1973]) de Clifford Geertz. No conhecido capítulo sobre a descrição densa, ele nos diz que o fazer do antropólogo – acredito que subentendido está a antropóloga também – é

interpretar interpretações, as tais piscadelas sobre piscadelas. Estabelecendo um diálogo entre a afirmação de Geertz e o trecho de Grada Kilomba que cito a seguir, surgiram questões importantes que acompanharam o processo de realização desta etnografia: Como equalizar esse excesso de mim na escrita? É possível realizar interpretações sobre relações raciais me mantendo à parte do fato de ser uma pesquisadora negra entre interlocutoras em sua maioria brancas? Quais os limites a serem estabelecidos para não tornar esta pesquisa uma etnografia “minha”?

Interessante, mas acientífico; interessante, mas subjetivo; interessante, mas pessoal, emocional, parcial: “Você interpreta demais”, disse uma colega. “Você deve achar que é a rainha da interpretação”. (...) A colega branca estava me advertindo que eu estava interpretando em demasia, extrapolando as normas da epistemologia tradicional e, portanto, produzindo conhecimento inválido. Parece-me que a afirmação “interpretar demais” tem a ver com a ideia de que a/o oprimida/a está vendo “algo” que não deveria ser visto e a revelar “algo” que deveria permanecer em silêncio, como um segredo (Kilomba, 2019, p. 55).

Um dos aspectos metodológicos mais difíceis de definir ou apontar nesta etnografia é o caráter das vozes que nela se expressam. Por uma opção política e poética, na imbricada relação que ambas as dimensões têm na escrita etnográfica, me presentifico em vários momentos desta escrita, por vezes escrito em primeira pessoa, como agora. De todo modo, esta não é uma autoetnografia, mas uma escrevivência etnográfica, na qual minha presença, através de emoções e escolhas, se emaranha também nos encontros com as mulheres que compuseram este campo. O conceito de escrevivência foi desenvolvido por Conceição Evaristo em diferentes obras, acadêmicas e literárias (Evaristo, 2017; 2009; 2020; 2005; 2011). Os primeiros contornos do conceito podem ser acessados em sua dissertação de mestrado em Literatura Brasileira, defendida em 1996, na PUC-Minas. O título de sua dissertação foi Literatura Negra: uma poética da nossa afro-brasilidade (Evaristo, 1996). Conceição Evaristo é mestra em Literatura Brasileira e Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense.

A palavra poética é um modo de narração do mundo. Não só de narração, mas antes de tudo, a revelação do utópico desejo de construir outro mundo. Pela palavra poética, inscreve-se, então, o que o mundo poderia ser. E, ao almejar um mundo outro, a poesia revela o seu descontentamento com uma ordem previamente estabelecida. Há momentos em que a característica subversiva da fala poética se torna tão perceptível que seus criadores são considerados *personae non gratae*, e suas vozes são forçadas ao silêncio, ou ignoradas, como se não existissem. Entretanto, todo indivíduo e toda a coletividade têm direito ao seu auto-pronunciamento, têm direito de contar/cantar a sua própria história. (Evaristo, 2011, p. 8)

Esta é uma discussão teórica e metodológica que não será desenvolvida em profundidade neste trabalho, porém nomeio esta diferenciação, como uma sugestão ou lembrete para pesquisas futuras, as quais também empreendam uma tentativa de diálogo com o que entendo enquanto uma, entre muitas, escritas de uma experiência etnográfica realizada por antropólogas e antropólogos negros. Com isto não quero dizer que esta é uma forma a ser adotada ou que caracteriza a todos nós, pesquisadoras e pesquisadores negras em Antropologia, mas sugerir a partir do crescente diálogo entre as poéticas pretas, tais como a expressada pelo conceito de *escrevivência*, de Conceição Evaristo e as poéticas etnográficas em suas diversas expressões, que a questão das vozes na etnografia escrita por pessoas negras, pode ser ampliada para além das perspectivas etnográficas que definem a presença da antropóloga e do antropólogo no texto, como característico apenas de autoetnografias. Antes me aproximo do que Grada Kilomba diz a respeito de escritos que expressam nuances importantes dos saberes localizados (Haraway, 1995) realizados por pessoas negras: “Eu, como mulher negra, escrevo palavras que descrevem minha realidade, não com palavras que descrevam a realidade de um erudito branco, pois escrevemos de lugares diferentes” (Kilomba, 2019, p. 65).

Percebo que minha trajetória acadêmica foi se fazendo a partir de encontros. Literais, como os vividos com as mexicanas. Ocasionais, como os que vivi no trabalho, nos Ics e também nas aulas e através das letras. Escrever mudou minha vida. Me ler é continuar. (Diário de campo-vida, janeiro de 2022, Porto Alegre)

Recuerdos de como tudo fica mais claro quando é projetado no escuro: Estou aqui me preparando para uma aula que darei amanhã e pensando o quanto caminhei para estar fazendo as coisas que faço. Foi muita letra escrita, falada, gritada, muito mesmo. Ainda dói no peito, dói mesmo. Cansa. Mas é isso. A gente mesma desconhecer a própria caminhada dói. Sonhei muito em realizar um outro futuro possível e eu fico feliz de saber quando uma irmã querida passa no doutorado, depois da gente conversar. Hoje falava com Alonso sobre trajetórias. Ele é uma referência para mim e sinto que lutamos muito juntos para existir. Pra nós, entre nós e para o mundo. (Diário de campo-vida, janeiro de 2022, Porto Alegre)

Ao afirmar que estive escrevivendo uma etnografia, adoto uma posição metodológica na qual diferentes sensibilidades analíticas estão mobilizadas. Como elabora Donna Haraway ao tratar do que chama de “testemunho a partir da posição de um eu”, “não estamos imediatamente presentes para nós mesmos. O autoconhecimento exige uma tecnologia semiótica-material relacionando significados e corpos” (Haraway, 1995, p. 25).

Como acadêmica, por exemplo, é comum dizerem que meu trabalho acerca do racismo cotidiano é muito interessante, porém não muito científico. Tal observação ilustra a ordem colonial na qual intelectuais negros/os residem: “Você tem uma perspectiva demasiado subjetiva”; “muito pessoal”; “muito emocional”; “muito específica”; “esses são fatos objetivos?”. Tais comentários funcionam como uma máscara que silencia nossas vozes assim que falamos. Eles permitem que o sujeito branco posicione nossos discursos de volta as margens, como conhecimento desviante, enquanto seus discursos se conservam no centro, como a norma. Quando elas/eles falam é científico, quando nós falamos é acientífico. (...) Não estamos lidando com uma “coexistência pacífica de palavras”, como Jacques Derrida<sup>59</sup> enfatiza, mas sim com uma hierarquia violenta que determina quem pode falar (Kilomba, 2019, p. 51-52)

Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres negras escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. (Evaristo, 2020, p. 30)

Em termos esquemáticos, antes do século XIX, o etnógrafo e o antropólogo eram figuras distintas. James Clifford nos convida a entender as experiências etnográficas como “caixas de ferramentas”, no sentido que Deleuze e Foucault apresentam. A autoridade experiencial está baseada em uma sensibilidade para o contexto estrangeiro. A etnografia seria a textualização destas experiências de encontro. Nesta textualização da realidade ou das experiências, existem sempre alguéms que escrevem e alguéms que são textualizados. A etnografia poderia ser vista então como um poderoso “gênero científico e literário”. Uma descrição cultural sintética, baseada na observação participante (Clifford, 1998). O autor também diz do sentido gerado pela textualização, através de um movimento circular que isola e depois contextualiza um fato ou evento em sua realidade englobante (Clifford, 1998, p.40). A autoridade etnográfica pode ser entendida como o conjunto de estratégias discursivas utilizadas pelo antropólogo para convencer o leitor de que deve acreditar em seu relato (Coelho, 2016 apud Clifford; Marcus, 2016). Em certa medida, tais afirmativas reiteram o caráter de ficção-verdade que todo o texto etnográfico tem em seu cerne, com a diferença de que é interesse da Antropologia olhar para estas linhas de encontro, as quais se tecem sempre nos terrenos da alteridade.

---

<sup>59</sup> DERRIDA, Jacques. *Positions*. Chicago: University of Chicago Press, 1981. Referência conforme citado por Grada Kilomba, em *Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano* (2019).



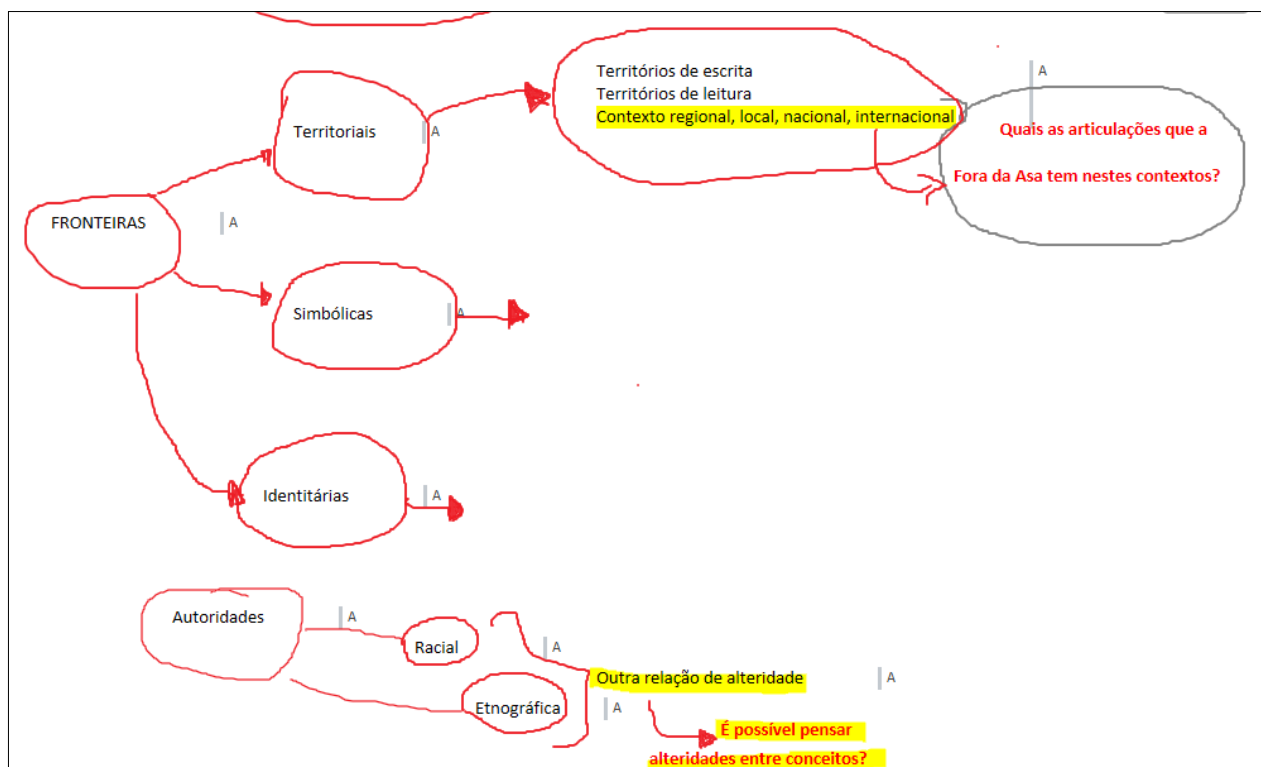


Figura 23 – Chuva de ideias e conexões. Anotações de Fevereiro de 2022

A etnografia enquanto texto tem sido, ao longo do tempo da história da Antropologia, uma das maneiras pelas quais os conhecimentos produzidos em encontros intencionais entre outridades são documentados, permitindo a circulação destes conhecimentos entre comunidades acadêmicas e não acadêmicas de produção de sentidos. No âmbito acadêmico, através destes documentos que recriam detalhadamente escolhas e posições vividas, tem se construído a legitimidade de certas contações de histórias como sendo teoria antropológica, e por tanto, estabelecendo bases para continuidades e descontinuidades de relações coloniais entre a figura do pesquisador em Antropologia e as comunidades nas quais se insere ou reposiciona o olhar para determinado tema.

Mas trata-se de imaginar que a escrita em si não é o lugar de uma experiência própria e que, se o é, a reflexão que nela vem à tona não tem relação com a obra antropológica — o que pressupõe um curioso desdobramento do pensamento. Contudo, parece possível escapar desse duplo obstáculo tentando precisamente articular as duas dimensões — a literatura como referência e a literatura como prática. Para isso, é importante começar (como um bom método etnográfico) pela segunda opção antes de tentar compreender que coerência pode conectar um projeto antropológico a certas experimentações formais. (Debaene, 2023, s/p)

Mas a pergunta que segue é como poderiam experiências tão múltiplas como são os encontros, serem enunciados por uma autoria única? O ocidente não é o único a textualizar outridades através da etnografia, o que já é sabido e discutido a pelo menos trinta anos. Como coloca Clifford, “a ciência etnográfica não pode, em última análise, ser compreendida em separado de um debate político-epistemológico mais geral sobre a escrita e a representação da alteridade” (Clifford, 1998, p. 40). Nesta etnografia, busquei elaborar um diálogo entre pontos de aproximação da teoria etnográfica pós-moderna e elaborações dos estudos das relações étnico-raciais e da literatura de autoria negra, tais como o quilombismo (Nascimento, 2016) e a escrevivência (Evaristo, 2020).

Ler o Geertz me lembrou da minha primeira referente no ato de etnografar: minha mãe, D. Vera. Lembrei especificamente de quando ela me contou sobre sua experiência de acompanhar sua tia costureira, em um atendimento às prostitutas de um “bordel”. As mulheres que ali trabalhavam faziam pães gostosos para ela, que era criança e sobrinha da costureira que ia atendê-las (...) Me lembro da riqueza de detalhes, de quase sentir o sabor do pão feito em casa acompanhado de um copo de leite (Diário de campo-vida, setembro de 2021).

Discutir o modo como o outro é representado é, em um mundo de etnografia generalizada (Clifford, 1998), examinar entre outras coisas, as relações de poder em meio às quais o próprio projeto de compreensão da alteridade é concebido e levado à cabo. (Coelho, 2016 apud Clifford; Marcus, 2016, p. 10)

Ao estabelecer parâmetros etnográficos com base em critérios considerados históricos dentro da disciplina, corre-se o risco de mudar as palavras, mas manter as posições e o *status quo* epistêmico de bases coloniais. Sobre isto, ainda em diálogo com Grada Kilomba, pode-se pensar que a manutenção do trabalho de escritoras/es e intelectuais negros e negras fora do âmbito referencial de programas de formação em Antropologia é uma maneira de reinscrever as fronteiras que resguardam o que é considerado canônico para formação antropológica, do ponto de vista de um estabelecimento de caminhos no tornar-se antropóloga/o. Neste ponto, vale atentar-se ao que seria “obrigatório” e o que seria “complementar”, do ponto de vista de referencial teórico para esta formação. Longe de retomar a discussão já bastante estabelecida sobre a urgente necessidade de reorientação geopolítica do conhecimento, busco aqui refletir sobre escolhas micropolíticas que podem qualificar na prática, a orientação destes olhares dos aprendizes em Antropologia. Sejam aqueles que estão vivenciando sua aproximação com a disciplina através de programas de graduação e pós-graduação na área, seja a comunidade antropológica formada por discentes e pesquisadores experientes e comprometidos com o

presente e o futuro do que as Antropologias podem fazer nos contextos em que se expressam e através das pessoas que as fazem movimento.

A presença “complementar” que o trabalho acadêmico e intelectual de pesquisadores e pesquisadoras negras cumpre dentro de programas de disciplinas, nos quais muitas vezes estão em segundo plano dentro das sugestões de leitura para a formação, é um exemplo deste movimento de resguardo do cânone. Esta estratégia, por vezes delimita as discussões e contribuições de pesquisadoras e pesquisadores negras e negros, a “temáticas raciais” ou ao “complemento racializado” sobre discussões de importância “mais ampla”. Por isto desejo que este trabalho, o qual se insere na agenda de pesquisas sobre as relações étnico-raciais, possa ser lido em profundidade, buscando estabelecer também diálogos com a teoria etnográfica, no que tange as discussões teóricas sobre as presenças dentro do texto, para além de uma crítica das ausências. Busco aqui elucidar que existe um conhecimento a ser melhor acessado dentro das contribuições teóricas que os saberes e fazeres antropológicos negros tem oferecido ao pensamento antropológico brasileiro e latino-americano, tal como a outros alcances geográficos do campo.

Há muito tempo temos falado e produzido conhecimento independente, mas quando há assimetria de grupos no poder, há também assimetria no acesso que os grupos têm a recursos necessários para implementar suas próprias vozes<sup>60</sup>. (...) Enquanto posições de autoridade e comando na academia forem negadas às pessoas *negras* e as *people of color*<sup>61</sup> a ideia sobre o que são ciência e erudição prevalece intacta, permanecendo “propriedade” exclusiva e inquestionável da branquitude. Portanto, o que encontramos na academia não é verdade objetiva científica, mas sim o resultado de relações desiguais de poder de “raça” (Kilomba, 2019, p. 52-53).

Obviamente, falar sobre essas posições marginais evoca dor, decepção e raiva. Elas são lembretes dos lugares onde mal podemos entrar, dos lugares nos quais dificilmente “chegamos” ou não “podemos ficar”<sup>62</sup>. Tal realidade deve ser falada e teorizada. Deve ter lugar dentro do discurso, porque não estamos

---

<sup>60</sup> Aqui a autora cita Patrícia Hill Collins, em seu livro *Black Feminism Thought, Knowledge, Consciousness, and politics of Empowerment* (2000).

<sup>61</sup> A autora faz uso do termo, no sentido de abranger pessoas que não se autoafirmam como negras (no Brasil, pretas ou pardas), mas também não se identificam como brancas. Para maiores aproximações com discussões sobre o uso do termo e as diferentes acepções, ver o artigo publicado a partir do podcast Code Switch, por Meraji, Escobar e Devarajan, 2020. Em seu artigo para a revista *Sapiens, Is the term “people of color” acceptable in this day and age? (O termo “pessoa de cor” é aceitável nos tempos atuais?)*, a Dra. Yolanda Moses explica que “pessoas de cor” foi um termo inicialmente utilizado nos Estados Unidos e no Canadá para descrever qualquer pessoa que não fosse branca, não somente pessoas negras (afro-americanas é o termo utilizado por ela no texto). O termo, como usado na atualidade, abrange e enfatiza os pontos de experiência comum dos sistemáticos racismos vividos por populações que não sejam brancas (Moses, 2016). No entanto, cabe ressaltar as posições contrárias ao uso do termo, por compreender que este eufemizaria de forma homogeneizante, experiências que ainda que se cruzem, tem graves particularidades em termos do impacto da necropolítica em suas experiências de vida. Ambas referências aqui citadas, encontram-se na lista de referências.

<sup>62</sup> Alusão feita ao texto de bell hooks, *Yearning*, do livro *Race, gender and cultural politics* (1990).

lidando aqui com “informação privada”. Tal informação aparentemente privada não é, de modo algum, privada. Não são histórias pessoais ou reclamações íntimas, mas sim relatos de racismo. Tais experiências revelam a inadequação do academicismo dominante em relacionar-se não apenas com sujeitos marginalizados, mas também com nossas experiências, discursos e teorizações. Elas espelham as realidades históricas, políticas, sociais e emocionais das “relações raciais” em espaços acadêmicos e deveriam, portanto, ser articuladas tanto teórica quanto metodologicamente (Kilomba, 2019, p. 58).

O reverendo Harry Middleton Hyatt, um sacerdote episcopal (...) certa vez me perguntou, numa entrevista em 1977, o que acontecera com outra pesquisadora que ele admirava.

- Eu a conheci em trabalho de campo na década de 30. Acho – refletiu por alguns segundos – que o primeiro nome era Zora. Era uma pergunta inocente, e justificada pelo volume de rumores confusos e muitas vezes contraditórios que tornam a lenda de Zora Neale Hurston tão ricamente curiosa e densa quanto os mitos negros que ela tanto fez para preservar em suas obras antropológicas clássicas, *Mules and Men* e *Tell My Horse*, e em sua ficção. Diplomada por Barnard, onde estudou com Franz Boas, Zora Neale Hurston publicou sete livros – quatro romances, duas obras de folclore e uma autobiografia – e mais de cinquenta obras curtas entre meados da Renascença do Harlem e o fim da Guerra da Coréia, quando era a escritora negra dominante nos Estados Unidos. A triste obscuridade em que a carreira de Zora mergulhou então, reflete mais suas posições políticas, de firme independência, do que qualquer deficiência profissional ou de visão. (GATES JR apud HURSTON, 2002 [1990], p. 211-212)

Por isto uma das preocupações que movem o objetivo desta pesquisa é a intenção de pensarmos sobre a forma como as escritas negras têm sido lidas em diferentes circuitos de produção de conhecimento. De que maneira esta vasta trajetória documentada do pensamento social crítico produzido por pessoas negras no âmbito da Antropologia vem sendo mobilizado enquanto referencial formativo para futuras pessoas antropólogas? Olhar para a produção de conhecimento através da leitura de perspectivas negras do mundo, sem delimitar previamente o que e como podemos contribuir nas diferentes áreas acadêmicas em que estamos inseridos. Trago a memória de minha banca de defesa do trabalho de conclusão da graduação, em que um dos membros me alertava sobre o quanto estava falando de medo, de cuidado com as palavras. Acolhi no sentido de entender que não preciso pedir licença para dizer o que tenho a dizer e que tão pouco os temas que posso abordar devem estar restritos a este imaginário prévio sobre os lugares de minhas letras. Talvez nesse interim de tempo, não tão longo entre o fim da graduação e a inserção no mestrado, ainda não tenham permitido que eu torne ato este aprendizado, mas certamente já qualifica meu posicionamento perante os desafios vividos. Os aprendizados são ecos na memória, que muitas vezes permitem retomar coragens e reorganizar os passos.

Ao aproximar escrevivência e etnografia, pretendo seguir os esforços de pessoas pesquisadoras negras interdisciplinares, na produção de conhecimentos que desafiam estereótipos e incidem na reconfiguração de imaginários socializados com base em estruturas de pensamento forjadas no racismo antinegro. Essa aproximação entre escrevivência e teoria etnográfica se soma também aos esforços empreendidos na direção de uma antropologia que se revisita e aprende, retomando e adicionando ao arcabouço teórico-conceitual, autorias que qualifiquem a prática etnográfica, sobretudo do ponto de vista da escrita etnográfica. A escolha das palavras e do formato que se dará ao texto, não se trata apenas de uma questão de forma, mas de subjetividade das mãos que escrevem.

Em um dos trechos do primeiro capítulo de *A invenção das mulheres – construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero* (Oyewumi, 2021), de Oyeronké Oyewumi, a autora diz que “o olhar é um convite para diferenciar” (Oyewumi, 2021, p. 29). Este trecho me remeteu as características do trabalho do antropólogo, apontadas por Roberto Cardoso de Oliveira em *O trabalho do antropólogo: Olhar, Ouvir, Escrever* (Oliveira, 1996).

Assim sendo, procurarei indicar que, enquanto no Olhar e no Ouvir “disciplinados” – a saber, disciplinados pela disciplina – se realiza nossa “percepção”, será no Escrever que nosso “pensamento” se exercitará da forma mais cabal, como produtor de um discurso que seja tão criativo quanto próprio das ciências voltadas à construção da teoria social. (Oliveira, 1996, p. 15)

Considero importante localizar e destacar as experimentações realizadas também no que se refere a forma como me relacionei com os registros do vivido, na expectativa de organizar as ideias frente as observações participantes realizadas. No total, até o fim da escrita da dissertação, foram utilizados dois cadernos de campo. Um utilizado integralmente e outro, mais próximo do fim das páginas do que do começo. Inicialmente me pareceu inapropriado destinar um espaço muito grande dentro da escrita para falar sobre o diário de campo enquanto uma presença neste trabalho. Porém, ao assumir o hibridismo on/off nesta etnografia, se fez necessário elaborar melhor o que chamei durante o processo de *diário de campo-vida*.

Um dos primeiros textos que escrevi na vida foi em homenagem a uma folha de caderno. “Uma homenagem à folha em branco”, era o título da redação escrita na quarta série do ensino fundamental. Nela eu falava carinhosamente desta possibilidade que uma folha em branco tinha. Olhava para a folha, naquela época folha de papel – nada de word – e vislumbrava histórias. Às vezes, conseguia me ver por dentro. Neste exercício em que reencontro as páginas dos diários,

já preenchidas de desenhos e perguntas nas quais derramei meus registros de campo e vida<sup>63</sup>, volto naquela mesma relação com a folha em branco. Para registrar os caminhos desta pesquisa e organizar as dimensões intersubjetivas vividas, revisitei essa sensação do passado, para impulsionar à ponta da caneta a ponto de virar palavra escrita. Neste movimento percebi que a vontade de ocupar páginas em branco, não se apagou. Em alguns momentos durante a realização da pesquisa, os pensamentos foram muito semelhantes aos relatados por Grada Kilomba: “estava furiosa e exausta. Quantos obstáculos ainda faltavam? Quantas mentiras e mal-entendidos? Quem pode, de fato, entrar nesse centro? E quem tem permissão para produzir conhecimento?” (Kilomba, 2019, p. 61).

Estes aprendizados foram se fazendo também a partir de inventividades, como as vividas durante as trocas com as gurias e nossas conversas. Um exemplo interessante é o retorno de Carolina sobre ter conhecido o termo Antropologia das Emoções em nossas conversas.

Aliás tem algo do trabalho que eu gostei muito que é isso de Antropologia das Emoções, eu gostei muito, foi o que mais me pegou. Eu sou muito do emocional e eu acho que essa Antropologia das Emoções também tem muito dessa inventividade né, de tu inventar outras maneiras de te aproximar, de acionar o outro. As invenções vão sendo percebidas à medida que elas aparecem. Eu acho que não vem antes, sabe? Aquela invenção tradicional que já foi inventada. (Carolina, março de 2023, Porto Alegre)

Carolina também trouxe elementos de como tem acolhido a fuga da linearidade no processo de pesquisa que tem empreendido na realização da escrita de seu livro. Ativando uma sensibilidade analítica, ela consegue tecer os mosaicos compostos entre fotos e informações fragmentadas, nos quais vislumbra pouco a pouco, preciosidades como o sobrenome de sua avó, personagem chave da história de sua família. Esta mesma fuga da linearidade foi adotada no fazer desta pesquisa, tanto do ponto de vista da realização das conversas, quanto do processo de escrita.

Como também mexeu no passado, uma carta que eu fiz pra minha avó. Olha, o inventar, sem saber que tá inventando, né? Quando eu escrevo uma carta, quando eu dou um parabéns, quando eu faço alguma outra coisa, que não é um ato linear da pesquisa tradicional, né, de fazer uma pergunta e eu ter uma resposta, no meu ponto de vista, parece que ia ser tão natural só responder, né? Tem sido de outro jeito. Por outros caminhos. Por outros caminhos, que tá tudo certo e eu tô amando isso. Amando esse tempo. (Carolina, março de 2023, Porto Alegre)

---

<sup>63</sup> Meu primeiro diário durante a pesquisa de mestrado foi uma antiga agenda, artesanal, pintada a mão e com algumas frases e reflexões ao longo das folhas. Na capa deste diário se lê: “O que além das estrelas você deixou de ver?”.

Ao avançar na transcrição e escuta das conversas, os trechos foram se tecendo nos diferentes capítulos, que estruturados anteriormente, vão se reordenando e produzindo sentidos sobre o tema investigado e outros, que convidam a novas conversas com essa etnografia.

### **2.3 Diário de campo-vida**

A releitura dos diários, em que encontrei além das observações externas, também as emoções experienciadas durante o processo, possibilitou balancear presenças e ausências no texto final desta etnografia. Quando iniciei o processo do mestrado, tinha planos bastante pragmáticos em relação ao uso que faria do diário de campo, ainda que compreendesse que tudo que se planeja, sempre sai diferente. Tinha uma ansiosa vontade de registrar tudo, contar desse processo, do antes, do durante e do depois. Olhando para meus diários de campo ao final do processo de escrita, vejo que cumpri parcialmente com esta intenção. Uma realização alinhada ao que coloca Glória Anzaldúa: “La história como un ciclo serpentino, más que como una narrativa lineal” (Anzaldúa, 2016).

Os rapazes das ciências humanas chamam essa dúvida a respeito do auto presença de “morte do sujeito”, este ponto unívoco de ordenação da vontade e da consciência. Essa avaliação me parece bizarra. Prefiro chamar essa dúvida gerativa de abertura de sujeitos, agentes e territórios de estórias não isomórficas, inimagináveis da perspectiva do olho ciclópico, auto saciado do sujeito dominante. (Haraway, 1995, p.25)

Para quem devo escrever? E como devo escrever? Devo escrever contra ou por alguma coisa? Às vezes, escrever se transforma em medo. Temo escrever, pois mal sei se as palavras que estou usando são minha salvação ou minha desonra. Parece que tudo ao meu redor era, e ainda é, colonialismo. (Kilomba, 2019, p. 66)

O diário de campo-vida, é uma forma de elaboração de um imaginário antropológico sobre a metodologia de registro e acompanhamento do campo realizado. Foi anotando no diário de campo-vida que muitas vezes a pesquisa foi revivida em mim, porque mais do que sistematizar as observações, tinha a possibilidade de respirar. Muitas vezes foi ele a testemunha das dores de cabeça, da síndrome de impostora, das alegrias de sentir que estava caminhando naquilo que me propus a fazer. O diário era a presença tátil de algo que vivi majoritariamente na distância, entre telas. Ao anotar pensamentos, observações e trechos de leituras, quase sempre datados, fui tentando entender como ser antropóloga em tempos fragmentados e através da Internet.

Ao assumir uma postura contemporânea em relação a escrita em Antropologia, permeada por giros e mudanças na forma como os seres, inclusive os humanos, interagem nos encontros, questões como os regimes de possibilidade da pesquisadora durante o fazer da pesquisa se movem de possíveis notas de rodapé, para o corpo do texto, sem medo a ferir o rigor científico. Ao contrário, a incorporação desta presença amplia o escopo da observação da leitora/leitor que acesse a etnografia, gerando assim, abertura para novas perguntas interrelacionais. Assumir um corpo de texto tecido com a pesquisadora como personagem também do vivido, implica pensar a fronteira da palavra como possível espaço de habitar novas gramáticas sociais, tais como as desenvolvidas no bojo da escrevivência.

Está um calor infernal em Porto Alegre. Reflexo dos constantes assassinatos ambientais. Estou com algumas pendências acadêmicas e pessoais me corroendo o juízo. O mestrado é um lugar solitário. Vejo que isso é mais complexo do que parece. O mestrado é um sem-fim de ausências presentes. Tenho que me sentir parte de uma comunidade acadêmica que no atual contexto não pode nem se ver pessoalmente. (...) A tela com aquelas várias janelinhas me fazem pensar em um palco. Cada vez que abro a câmera, é como se a cortina-máscara caísse. Me sinto desconfortável, mas ao mesmo tempo, mais livre para falar. Eu sabia que seria difícil, mas o contexto pandêmico tornou tudo ainda mais complicado. (Diário de campo-vida, janeiro de 2022)

Registro de diário. As vozes de Maria e Cherrie chegam da cozinha e caem nestas páginas. Eu posso ver a Cherrie andando em seu quimono, lavando os pratos de pés descalços, batendo a toalha de mesa, passando o aspirador. Enquanto sinto um certo prazer em observá-la fazendo estas simples tarefas, fico pensando, eles mentiram, não existe separação entre vida e escrita. (...) O perigo ao escrever é não fundir nossa experiência pessoal e visão do mundo com a realidade, com nossa vida interior, nossa história, nossa economia e nossa visão. O que nos valida como seres humanos, nos valida como escritoras. O que importa são as relações significativas, seja com nós mesmas ou com os outros. Devemos usar o que achamos importante para chegarmos à escrita. Nenhum assunto é muito trivial. O perigo é ser muito universal e humanitária e invocar o eterno ao custo de sacrificar o particular, o feminino e o momento histórico específico. (Anzaldúa, 2000, p. 233)

Trago alguns diálogos com outras produções que se dedicaram a pensar este dispositivo de interação. Para alguns, um acessório, para outros, uma ferramenta indispensável e ainda há aqueles para quem o diário de campo é um repositório. Aqui entendo a presença do diário de campo-vida de forma complexa, como arquivo e ferramenta, assim como agente de diálogos intersubjetivos, que permitem pensar, no meu caso, a materialidade da folha, tinta e movimento, como uma personagem a mais na tessitura de uma etnografia.



(...) Reencontrei cadernos e escritos. Coincidentemente, são de 2017. Antes do fim do mundo ou do retorno de saturno. (...) Admiro carinhosamente minha forma de escrever, isso me alegra. Cada reencontro destes me faz lembrar das palavras de Yashodan<sup>64</sup>: “escreva Aline, escreva sobre tudo”. (Diário de campo-vida, março de 2021)

Timidamente volto a escrever sem rumo. Pegar caneta e abrir caminho. São coisas que preciso retomar porque me fazem eu. Cada letra de regresso e um pouco um recarregar de esperanças. (...) Sinto que fiquei largo tempo distante disso. Do frenesi, do incômodo, da angústia, do palavrório excessivo. Viver entre palavras ditas e que calam. Retorno para a carinhosa e necessária prática de escrever. (Diário de campo-vida, julho de 2021)

Em artigo que trata das escritas e caminhos utilizados por Lévi-Strauss para equilibrar encantos e desencantos vividos entre campos, o da vida pessoal e o da realização de suas empreitadas de encontros, Vincent Debaene comenta sobre as densas descrições de pores do sol, feitas por Lévi-Strauss em um trecho específico de *Tristes Trópicos*. Após um primeiro apontamento que diz respeito a anterioridade da preocupação com a escrita na Antropologia, que comumente se atribui a uma tomada de decisão que a disciplina teve no pós-modernismo, Debaene comenta sobre o procedimento de escrita e inserção de trechos do diário de campo na escrita de Lévi-Strauss. Segundo Debaene (2023), “Por si só, o capítulo *O pôr do sol* indica que é insuficiente definir o pós-modernismo como uma ‘mudança de paradigma’ fundada em uma acessão repentina à lucidez, como se nos anos 1970 e 1980 os etnógrafos tivessem percebido de uma só vez que escreviam”.

Meu primeiro diário de campo durante o mestrado foi uma agenda antiga, cheia de rabiscos e com folhas coloridas (Figura 12). Por algum tempo achei que isso pudesse me atrapalhar. Em certa medida, pensar junto com um caderno já rabiscado por outras perguntas me instigou a olhar diferente para a forma com que estava realizando o trabalho de campo, “meio híbrido”. O fundo da folha me fazia lembrar que estava acontecendo muita coisa ao mesmo tempo e que seria necessário entender os tempos do campo. Ver as folhas do diário ocupadas por cores e desenhos me estimulava a também utilizar o diário de forma criativa. Não apenas na forma de registrar, mas na maneira de lidar com as presenças excessivas e as ausências de espaço. Criar estratégias de ocupar essas folhas de caderno.

---

<sup>64</sup> Yashodan Abya Yala, Yalásé da Nação Muzunguê CoMpaz. Essas palavras de orientação, vieram em um encontro de cuidado, no qual reencontrei Yashodan após tê-la encontrado no II Encuentro de Mujeres que Luchan, em 2019, em uma comunidade zapatista, em Chiapas/México. Para saber mais sobre a Nação Muzunguê CoMpaz e o Kilombo Território de Mãe Preta, acessar o ambiente virtual da comunidade: <https://moradadapaz.wordpress.com/videos/>



Figura 24 – Capa do 1º diário de campo-vida desta pesquisa

Para exemplificar: havia algumas páginas muito cheias, sem espaço para escrever, porque traziam desenhos e fotografias. Nestes momentos, eu tinha que folhear, saborear e revisar o que queria escrever, até encontrar uma próxima página livre. Era como caminhar no caderno. Me trazia essa sensação das interrupções, do movimento aleatório do cotidiano em que você pretende anotar algo, mas logo é interrompido pela chegada do ônibus ou por uma nova conversa, igualmente interessante e que te desloca da observação feita alguns minutos atrás. Esse caderno desenhado foi meu companheiro de pesquisa do início de 2021 até metade de 2022.

O tempo tem passado vertiginosamente e eu sigo escrevendo a caneta. Enquanto escrevo agora, me pergunto se ainda fabricarão canetas no futuro. (...) Tenho sentido um medo estranho de que me silenciem a caneta (Diário de campo-vida, setembro de 2021, Porto Alegre)

Para preparar esta parte do capítulo, revisei também leituras antigas, dos primeiros anos da graduação. Em meu primeiro caderno, de Sociologia, encontrei estas anotações de uma aula sobre artesanato intelectual, a partir de Wright Mills, em *A imaginação sociológica* (Mills, 1982). Entre várias notas soltas, sobretudo a respeito do apêndice, intitulado *Do artesanato intelectual*, reencontrei a sensação de quando um elemento já presente em nós é deslocado para um novo ambiente, talvez essa nova figura que fui me tornando ao longo dos anos de estudo. De certa forma, a imaginação sociológica e o conceito de artesanato intelectual, estão entre os aprendizados que mais articulo quando estou remexendo as letras e dentro do peito e da cabeça.

Neste caso, era o encontro entre dois tipos de diários em minha vida: aqueles que nutria desde que comecei a escrever, ainda antes de ingressar na escola e aquele que era ferramenta do cientista social, no qual iria organizar e planificar as observações e leituras, assim como trechos de conversas. A primeira anotação que encontrei diz: “Pensamentos marginais: várias ideias que podem ser subprodutos da vida diária, trechos de conversas ouvidas”.

Para fazer o exercício final da disciplina da Vi Grunvaldi<sup>65</sup>, comecei a digitar/ou transferir para o word meu diário de campo antigo. Isso me forçou a encará-lo. Me forçou a identificar entre outras coisas, os excessos de mim. Acho que preciso de ajuda. Vou escrever ao meu orientador amanhã. (...) Acabo de perceber algo, ou melhor, conseguir palavrear pra mim isso. O período em que se intensificou minha experiência como antropóloga, coincidiu com talvez o pico mais dramático da minha vida. Eu estava aos pedaços quando fui para o México fazer trabalho de campo. Eu estava me despedaçando quando estava na SEDES<sup>66</sup>. E agora, quando comecei a reunir um pouco mais as pecinhas, tenho que me afastar um pouco mais de mim, para conseguir fazer a pesquisa. Isso precisa ser mais bem elaborado, mas tem que estar presente na metodologia do trabalho. Acho que as anotações de 12/09/2021 podem ser mais bem elaboradas e desmembradas. Cabe um resuminho, contar para mim e para o Handerson o papel destes momentos na construção da ideia. (Diário de campo-vida, agosto de 2022)

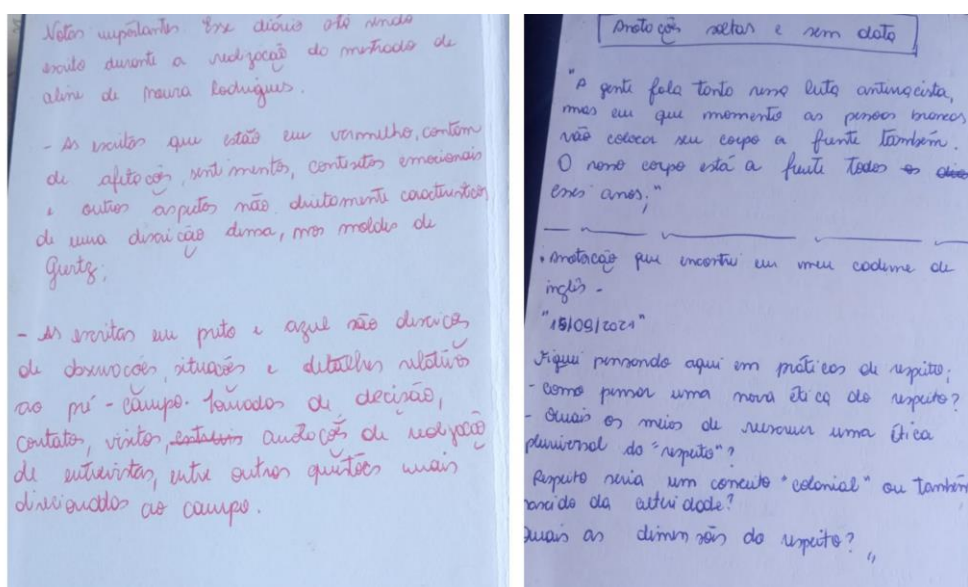


Figura 25 – Páginas inaugurais dos dois diários de campo que utilizei durante a pesquisa.

<sup>65</sup> Professora Vi Grunvaldi, do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRGS. No terceiro semestre do mestrado fui aluna da disciplina Antropologia, Imaginação e Imaginário.

<sup>66</sup> Sigla para Secretaria de Desenvolvimento Social de São Leopoldo. Aqui me refiro ao período entre 2017 e início de 2019, quando fui estagiária de Ciências Sociais junto a equipe de Vigilância Socioassistencial. Especialmente do final de 2017 até julho de 2018, estive acompanhando o agravo do adoecimento de minha mãe, que veio a falecer no mês de julho de 2018.

Ao reler, sobretudo o primeiro diário de campo desta pesquisa, vejo que o utilizei também para registrar as linhas de raciocínio, o que foi se conectando através da busca de um termo, a dúvida sobre algo dito durante o campo ou observado nas redes sociais do coletivo. Muitas vezes, optei pelos diários de campo falados, os quais escutava e depois transcrevia, o que por si dava um grande trabalho. De todo modo, permitia novas conexões, que geravam novas anotações e novos caminhos. Assim foi durante todo o período de realização da pesquisa, que efetivamente iniciou ainda antes do mestrado.

Ao dar seguimento ao processo de escrita do projeto, procuro pela palavra “glocal”. Pensava ela relacionada com Boaventura de Souza Santos e então dou um google no termo. Qual não é minha surpresa quando encontro um site chamado “Glocal”, com a breve descrição abaixo: “Encurtamos as distâncias entre você, no seu contexto cultural dentro dessa cidade maluca e a pessoa de Jesus Cristo”. Foi uma intensa quebra de expectativa entre o que estou fazendo/buscando e o que encontrei. Levo então minha busca para o Google Scholar, onde encontro alguns textos interessantes sobre Literatura pós-nacional, sobretudo em língua espanhola. Conectando uma coisa a outra, fico me perguntando como pensar gramáticas que não sejam suscetíveis a este tipo de cooptação de conceitos. Fiquei pensando no perigo inverso ao da história única. O perigo do esvaziamento de histórias por meio da fragmentação. (Diário de campo-vida, fevereiro de 2022, Porto Alegre)

Trago a seguir, a título de fechamento deste capítulo, alguns dos trechos mais longos do diário de campo-vida, para os quais muitas vezes atribui um título. Em sua maioria, são trechos de amadurecimento de reflexões. Tentarei, na medida do possível, reproduzir inclusive as alterações, os trechos que foram modificados. Uma tentativa de guardar e partilhar o processo de feitura dos pensamentos aqui letreados.

**Notas de inauguração do novo diário de campo**

(Diário de campo-vida, agosto de 2022, Porto Alegre)

Hoje é domingo. Dia dos Pais. O cheiro do carvão pré-churrasco inunda meu apartamento. Esse lugar onde estou despejando tinta em forma de letra é meu novo eleito caderno de campo vida. Antes de passar a ele, fiz o exercício de reler meu diário antigo. Percebi que muito do que está lá tem mais a ver comigo do que com as observações que fiz até hoje. Ainda busco o equilíbrio entre minha presença e minha ausência em meu trabalho. Na verdade, estou bastante insatisfeita comigo em termos da minha dissertação. Imaginei e projetei algo grande e agora me sinto um pouco perdida, mas jamais desistirei. Como escrevi antes, algo muito ruim tem acontecido. Tenho sentido dores nas mãos quando escrevo e alguns tremores involuntários que têm prejudicado minha mão de escrever. Minha letra mudou muito por causa disso. Mas enfim, esse escrito é só para contar, inaugurar as linhas.

**Reacomodando ideias I<sup>67</sup>**

(Diário de campo-vida, janeiro de 2023, Porto Alegre)

A ideia de ~~escrever~~ pesquisar sobre o papel das escritas e leituras entre mulheres nasce de muitos lugares acadêmicos e não-acadêmicos, na trajetória daquela que se entremeia nessas letras. O aprendizado da mulheridade é processo constante e errante, no qual nos descobrimos no encontro com ~~espelhos~~ a diferença. Ao ler a primeira vez a chamada para publicar no site TodAs Escrevemos, pensei primeiro no quanto aquilo era um convite difícil de aceitar. Na hora olhei para um texto que por muito pouco não foi uma carta de despedida. Olhar a chamada me fez olhar para o texto de novo. Sem saída.

**Reacomodando ideias II**

A ~~trajetória~~ forma como Tatiana<sup>68</sup> se faz presente/está presente e é mantida na memória, mesmo daquelas que não a conheceram, sempre foi um pouco intrigante para mim. Da ordem do que não deve mesmo fazer sentido. Mas aqui recupero isso porque me parece um exemplo perfeito do papel das palavras ditas, escritas e lidas entre mulheres. Quando estas palavras são também de autoria destas outras mulheres, é como se expandissem lugares. É a imagem do som que sai da concha e me chama a contar histórias<sup>69</sup>. Ainda me sinto dando voltas.

**Reacomodando ideias III**

CONSTANTE VONTADE DE INVERSÃO, MAS QUE INVERSÃO É ESSA? QUAIS? Elas parecem ao mesmo tempo explícitas, gritantes, mas ainda tenho que dizê-las. Viver em um mundo invertido.

<sup>67</sup> As palavras riscadas estão assim propositalmente, visando registrar as ondulações de escolhas e termos, o movimento que na escrita a mão, vai deixando borrões de borracha e riscos de cores coloridas, se entrecruzando. Um exercício imagético daquilo que por vezes se perde no fazer de uma escrita em ferramentas computacionais, como o Word. Deixei assim para resguardar os rabiscos que habitam meu diário de campo-vida.

<sup>68</sup> Me refiro a Tatiana Machado, a nossa Atinuké primeira. Mulher negra, ativista feminista e farmacêutica. Infelizmente não tive a oportunidade de conhecê-la pessoalmente neste plano espiritual, mas foi por meio dela e das mulheres negras que fazem existir o Coletivo Atinuké, que a sinto e aprendo com ela, desde 2018. Tatiana Machado ancestralizou em 2011.

<sup>69</sup> Fotopalavrear de uma memória: uma das atividades da penúltima turma do curso Atinuké, em 2022, guiado pela arte educadora, comedianta, atriz e contadora de histórias, Mayura Matos. Para maiores informações, ver @matosmayura.

Dedicar um subitem inteiro a esses dois companheiros feitos de folha com linhas e desenhos, os quais me acompanharam desde os primeiros respiros como mestranda, foi uma tentativa de elaborar uma presença não-humana importante aqui. As lágrimas, suores, sorrisos e palpitações partilhadas entre telas com as interlocutoras desta pesquisa, estiveram materialmente dentro destas folhas. Cada letra, vontade de caminho. E ainda, retornar no tempo as páginas, fez com que eu pudesse exercitar a leitura dessa escrita entremeada que é uma etnografia, mesmo quando escrita em várias partes, em primeira pessoa. Essa primeira pessoa pluriversa – a sujeita antropóloga que vai surgindo – é feita em partes, dessas folhas, dessas canetas e tintas, o que faz de mim um pouco árvore, um pouco coisa aberta a ser relida, rabiscada, reencontrada e habitada por mais encontros, pois no tempo, assim como um livro, os diários de campo-vida estarão abertos a novos olhares meus e daquelas com quem considerar pertinente abrir esse infinito particular<sup>70</sup> que são as anotações de campo e vida de uma recente etnógrafa.

#### 2.4. Carta de uma antropóloga negra – Porto Alegre, 2023

##### INFINITO PARTICULAR<sup>71</sup>

Eis o melhor e o pior de mim, o meu termômetro, meu quilate  
 Vem, cara, me retrate, não é impossível  
 Eu não sou difícil de ler, faça sua parte  
 Eu sou daqui eu não sou de marte  
 Vem, cara, me repara, não vê tá na cara  
 Eu sou porta-bandeira de mim  
 Só não se perca ao entrar, no meu infinito particular  
 Em alguns instantes, sou pequenina e também gigante  
 Vem, cara, se declara, o mundo é portátil pra quem não tem nada a esconder  
 Olha minha cara, é só mistério, não tem segredo, vem cá, não tenha medo  
 A água é potável, daqui você pode beber. Só não se perca ao entrar, no meu infinito particular.  
 (Monte, Antunes e Brown, 2014)

Procurei o melhor lugar entre as páginas deste trabalho para escrever sobre algumas coisas as quais não poderiam ficar fora desta etnografia, esse texto um tanto metido a besta que a gente tece durante e depois de uma avalanche de encontros, desencontros e desconfortos. Inspirada pela dissertação realizada pela pesquisadora e psicóloga Roberta da Silva Gomes<sup>72</sup>

<sup>71</sup> Marisa Monte – Infinito Particular, 2014. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=dLQ33EHkypU&ab\\_channel=MarisaMonteVEVO](https://www.youtube.com/watch?v=dLQ33EHkypU&ab_channel=MarisaMonteVEVO)

<sup>72</sup> Tive a felicidade de ler ainda antes da publicação a dissertação de mestrado defendida por Roberta a alguns meses atrás. Em breve ele estará disponível para acesso através do Repositório digital da UFRGS, o Lume. De todo modo, não teria como deixar de citar a inspiração para este subitem final do capítulo 2.

(Gomes, 2023), parte das cartografias tecidas no âmbito do Coletivo e Grupo de Estudos bell hooks: formação e políticas do cuidado<sup>73</sup>, resolvi escrever uma carta que acolha aquilo tudo que não caberia recortar dentro dos capítulos. Uma carta alinear, às vezes mais acadêmica nos moldes das firulas, às vezes menos. Esta é uma forma bonita de retalhar as dores de se colocar pra jogo com a alteridade. Se em meu trabalho de conclusão de curso, inseri o que chamei de uma Fotocronografia (Rodrigues, 2021) para que o texto final da monografia acolhesse momentos que não caberiam em outros capítulos, aqui palavreio algumas imagens, sensações, ritmos e cansaços de escrever academicamente atravessada pela poesia – sem romantismo – dos encontros vividos no âmbito da vida, a qual incluiu nestes anos entre 2021 e 2023, também o mestrado.

Enquanto finalizava esta escrita, coisas muito intensas aconteciam, perto e longe de mim, geográfica e simbolicamente. Uma ocupação LGBTQIAPN+ era invadida pela polícia, com bombas de “efeito moral” atravessando um grupo de gentes que estava buscando fazer na prática o “outro mundo possível”, um outro futuro<sup>74</sup> ou algum presente através da autonomia. Dias antes de escrever esse capítulo, uma destacada novelista palestina foi assassinada, não sem antes deixar um poema escrito: “A noite na cidade é escura, exceto pelo brilho dos mísseis; silenciosa, exceto pelo som dos bombardeios; aterrorizante, exceto pela promessa tranquilizadora da oração; negra, exceto pela luz dos mártires. Boa noite. (ANRED, 2023)”.

Podemos aprender a agir e falar quando temos medo da mesma maneira como aprendemos a agir e falar quando estamos cansadas. Fomos socializadas a respeitar mais o medo do que nossas necessidades de linguagem e significação, e enquanto esperamos em silêncio pelo luxo supremo do destemor, o peso deste silêncio nos sufocará. (Lorde, 2019, p. 55)

A Aline à beira dos trinta anos, enxerga tristeza. Enxerga saudade e um sonho pintado em uma tarde na Casa Verde. Ela se agarra a essa imagem futura a qual às vezes também dúvida viver, em que vai estar em uma rede, na casinha sonhada com seu amor, descansando e ouvindo Leli correr pelo pátio. Vai chorar de cansaço, mas de um jeito feliz. Vai olhar pra si e para essa vida sonhada, com orgulho. Vai estar aconchegada em seu denço, sendo olhada com carinho por ele que vai dizer que sempre soube que aquela realidade ali era possível e que se concretizaria. Tenho fé nessa vida que sonho todos os

<sup>73</sup> O Coletivo bell hooks é um espaço de formação e de nutrimento de políticas de cuidado, que também se caracteriza enquanto projeto de pesquisa e extensão, coordenado pela Prof. Luciana Rodrigues e vinculado ao Programa de Pós-graduação em Psicologia Social e Institucional da UFRGS.

<sup>74</sup> Me refiro aos ataques que o espaço Ocupa Kaliça, localizado na Cidade Baixa, em Porto Alegre, sofreu no dia 20 de outubro de 2023. A Ocupação é um espaço socio-cultural construído e mantido majoritariamente por pessoas LGBTQIAPN+ e mulheres sexo-dissidentes. Para mais informações sobre o momento relatado, ver matéria de Fabiana Reinholz para o portal Brasil de Fato, publicado no dia 20 de outubro de 2023.

dias. Essa que me faz acordar e, mesmo confusa, querer continuar viva. (Rodrigues, A. 2021, p. 45)

Mas pela minha janela vejo apenas tetos de casas e prédios ao redor. Existe silêncio e às vezes gritos de um vizinho que exala seu machismo contra a esposa e o filho. Penso comigo: “eu preciso terminar essa dissertação”. Saio para o trabalho no escritório, onde das 9h às 18h atendo pessoas por telefone e e-mail<sup>75</sup>. Pessoas que muitas vezes se revoltam porque tiraram meio ponto a menos em um teste online de suas pós-graduações. Respiro, visto o personagem da estudante-trabalhadora, que leva o livro e o diário de campo-vida dentro da mochila, para tentar, em algum intervalo, seguir pensando e avançando pois a todo minuto vem essa angústia em forma de frase: “eu preciso terminar essa dissertação”. Olho para as janelas das redes sociais, para o grupo do GT que participo, vejo que mais e mais mortes e violências se somam. Das fronteiras de Tapachula<sup>76</sup>, até a João Alfredo<sup>77</sup>. Um meme, no *story* seguinte diz: “é fogo no parquinho”. Imagens de alegria, riso, pessoas negras felizes. No frame seguinte: “assassinato de lideranças quilombolas e indígenas”. Um card com letras vermelhas grita: “É preciso escrever novas e nem tão novas narrativas”. Fico sabendo da colega escritora que não seguiu seu curso de mestrado. Travesti. Mais um dia. Toca o telefone de novo. Outra nota que não atualizou no sistema da instituição. “Sistema imprestável”, eles dizem. Volto a olhar para o relógio e pensar: “Preciso chegar em casa, descansar um pouco e voltar para dissertação. Eu preciso terminar essa dissertação”. É o que me resta, em respeito a cada mulher que cruzou meu caminho. A cada pessoa negra que batalhou para que hoje eu pudesse viver. Somos sementes carregadas de responsabilidade e que precisam seguir semeando vidas. Somos gentes em encontros de vida e morte. Vida e morte. Vida e morte. Importante recordar que esta etnografia foi toda permeada pela pandemia de Covid-19, o que impactou intensamente o planejamento. A insegurança e as urgências da vida e da morte, se apresentavam acres, demandando um

---

<sup>75</sup> Em maio de 2022 tomei a difícil decisão de abrir mão da bolsa de mestrado, frente a uma proposta de trabalho que me possibilitaria melhores recursos de sobrevivência, como pagar meu aluguel e poder comprar comida de forma mais tranquila. Comecei a trabalhar como assistente de relacionamento em uma empresa de educação, focada na estruturação de ambientes virtuais de graduação e pós-graduação para grandes universidades do país. Ainda enquanto finalizo esta escrito, estou trabalhando neste local.

<sup>76</sup> Aqui me refiro as múltiplas violências vividas pelas pessoas migrantes, sobretudo haitianas, hondurenhas e de diferentes países do continente africano, ao chegar na fronteira sul do México. Sobre uma recente abordagem antropológica do tema, ver o artigo *Diásporas negras: las negritudes en movimiento y los movimientos de las negritudes* (Audebert, Joseph, Miranda, 2023). Também indico a série de programas realizados pelo podcast Afrochingonas, em que é abordado o tema das migrações, pela ótica de diferentes pessoas negras mexicanas e em trânsito no país. (Afrochingonas, 2023).

<sup>77</sup> Rua localizada no bairro Cidade Baixa, em Porto Alegre.



equilíbrio bastante complexo nas relações sociais, assim como na sanidade mental. Estive à beira do caos, diversas vezes. Escolhas. Angústias. Raiva. Afeto. Cansaço. E letras.

Agora pensei que não quero que meus cadernos apodreçam. Quero eles acessos. Chama. Letra escrita para ser rasgada por uns, abraçada por outros, mas não apodrecidas dentro de mim. Não quero sentir culpa por ser honesta e fiel com minha trajetória. Todo mundo se sente à vontade para dar letrinha sobre coletividades que não sentem rasgar na pele e por dentro. Estou cansada. Isso já virou quase minha assinatura. (Diário de campo-vida, fevereiro de 2022, Porto Alegre)

Achava que estava escrevendo esta etnografia para minha mãe, mas descobri que não. Ela é só uma dissertação. Um monte de desenhos gráficos em uma folha em branco, contando como eu decidi apostar em um encontro, que começou por causa de uma outra folha em branco, cheia de letras que em algum momento pensei ser uma carta de despedida, a qual deixaria endereçada a gentes específicas<sup>78</sup>. Um trabalho feito na força do amor e da raiva. Da saudade e da vontade de futuro. Uma escrita que cuidou o quanto pode para não machucar quem abriu as portas, ainda que virtuais, para receber olhos curiosos. Raiva, afeto, cansaço e letras. Talvez devesse ser esse o título dessa dissertação. Uma forma de nomear o que foi fazer um mestrado dos 31 aos 33 anos, entre os anos de 2021 e 2023, acompanhando um grupo de mulheres, em sua maioria brancas, que se formou coletivamente em uma ONG, na cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Aquele mesmo estado que por muito tempo, ainda que o Grupo Palmares tenha sido formado por aqui, se acreditou ser terra de gente branca. Nesta terra de pesquisadoras como Petronilha Gonçalves e Silva, Luiza e Fernanda Bairros, Nina Fola, Fernanda Oliveira, Giane Escobar, Yasmin Teixeira, Vera Rodrigues, Maria da Conceição Fontoura, Thuila Farias, Marlete de Oliveira, Maíne Alves, Lilian Rocha, entre muitas mais, ainda por vezes somos tratados como se nossas trajetórias de pesquisa não fossem importantes o suficiente para ser referencial teórico nas formações de antirracismo dentro da cidade. Felizmente existem mulheres que escrevem e mulheres que leem.

Não que essa responsabilidade tenha que ser nossa, nós mulheres, substantivo incomum de muitos gêneros. Mas na diferença que a branquitude adiciona a vida de mulheridades brancas, nas intersecções com as demais identidades sociais que as compõe, há que se entender que mesmo sendo professora de capoeira, mesmo dizendo e versando antirracismo, ele está ali, o racismo entre nós mulheres. Mas também estão entre nós as letras-mulheres, diferencialmente

---

<sup>78</sup> Aqui me refiro ao texto que publiquei na Coletânea TodAs Escrevemos, intitulado *Sem saída*.

racializadas e escreventes, seja na palavra escrita, seja nas oralituras (Martins, 2003; Semedo, 2010). Olhar para a escuta e a leitura brancas, se faz necessário para que talvez, pouco a pouco, se possa quebrar com a necessidade de mediação para que as palavras negras, acadêmicas e não acadêmicas, sejam consideradas em suas tramas complexas de contribuição ao ser humano no mundo. Não adianta dizermos de peito aberto que todos somos humanos, se ainda existem palavras mais humanas que outras e o imaginário auditivo segue sendo “universal”, vulgo, branco. E nós, mulheres muitas, que escrevem a muito, dizemos e dissemos muito, a bastante tempo. O cansaço de ter que voltar ao básico, de explicar termos nitidamente racistas, para quem se abriga na epistemologia da ignorância (Sullivan, Tuana *et al*, 2007), não é um cansaço de hoje. É a incompatibilidade entre a lógica e a socialização do conhecimento. Como já nos disse Lélia González:

Ora, na medida em que nós negros estamos na lata de lixo da sociedade brasileira, pois assim o determina a lógica da dominação, caberia uma indagação via psicanálise. E justamente a partir da lógica proposta por Miller<sup>79</sup>, ou seja: por que o negro é isso que a lógica da dominação tenta (e consegue muitas vezes, nós sabemos) domesticar? E o risco que assumimos aqui é o do ato de falar com todas as implicações. Exatamente porque temos sido falados, infantilizados (infans é aquele que não tem fala própria, é a criança que se fala na terceira pessoa, porque falada pelos adultos) que nesse trabalho assumimos nossa própria fala. Ou seja, o lixo vai falar, e numa boa. (González, 2018, p. 193)

Como disse uma das interlocutoras durante as perambulações prévias ao campo, não basta empretecer o catálogo, é necessário que neste fluxo de trocas de saberes, a equidade seja a balança e não a manutenção da necessidade de mediação branca desses dois pesos e duas medidas, que o racismo estrutural impõe a nossas vidas, de todas nós.

---

<sup>79</sup> Aqui a autora se refere a citação que faz logo antes deste trecho que aqui reproduzo. Uma citação de Teoria da Alíngua (Miller, 1976) em que o autor fala sobre a relação entre análise e lógica: “a análise encontra seus bens na lata de lixo da lógica” (Miller como em González, p. 17)

### CAPÍTULO 3 – SUJEITAS: REENCONTRO COLETIVO E INDIVIDUAL

#### SUJEITA

Crescer estando sujeita,  
 mas sem a permissão de ser sujeita.  
 Estar sujeita aos não  
 de ser mulher,  
 de ser pobre,  
 de ser negra.  
 Uma tela preta  
 a qual insistem  
 (en)cobrir  
 com projeções  
 do racismo genderizado,  
 do patriarcado branco,  
 da heterossexualidade compulsória.  
 Não estou sujeita à humanidade.  
 Estou sujeita àquilo que quer me cristalizar,  
 me conformar,  
 me sujeitar,  
 me proibir de ser sujeita.  
 Estou sujeita, mas reivindico ser sujeita.  
 Sou sujeita do meu destino.  
 Teimosa, insurgente,  
 determinada, urgente,  
 subo  
 sem que me deem permissão,  
 movo as estruturas,  
 and still I rise – Maya Angelou que me disse.  
 Sou sujeita.  
 De intersecções.  
 Abrigo so  
 la  
 van  
 cos  
 sem me deixar deslizar.  
 Vertiginosa no meu linear.  
 Não maldigo o choro  
 que se põe pra fora,  
 assim como abenço  
 a água que se bebe  
 e que me molha  
 do lado de dentro.  
 Umidificando  
 e transbordando.  
 Sou sujeita –  
 aceita!

(Vidal, 2020)

\*\*\*

O livro *Sujeita* de Brenda Vidal, o qual aludo no título deste subcapítulo, simbolicamente traz à tona nesta etnografia as sujeitas de pesquisa com as quais compartilhei, na simultaneidade implícita do verbo compartilhar, histórias de vida, memórias, raivas, amores, vontades e acima de tudo sonhos de quem faz do ato simples, aquela grandiosidade necessária em tempos sombrios. Retomando algumas notas que deixei pelas paredes durante a feitura deste trabalho, encontrei uma que diz: “sujeito é um conceito relacional e relacional não é necessariamente binário, assim como binário não é necessariamente sinônimo de dual”. Nessa abertura ao múltiplo incomum de um gênero, a mulheridade toma parte nessas trajetórias aqui ecoadas, como processo através do qual se descobrem coisas de si na outra e da outra em si. Longe de terem sido encontros românticos, esses letreamentos em grupo permitiram cruzar uma geografia que conecta Porto Alegre, Belo Horizonte, Caxias do Sul, Rio Pardo, Catânia, Caxambu e São José del Rei.

Nesta parte do trabalho, apresentarei um pouco destas nossas conversas, ainda que elas estejam diluídas ao largo de toda a escrita. A exemplo do modelo que adotei na primeira vez que escrevi uma etnografia<sup>80</sup>, buscarei contar um pouco de cada uma de nós, mulheres que compuseram esta experiência conjunta de encontros, permeados pelas letras, as escutas, as falas e os silêncios. As conversas permitiram que chegássemos ainda mais perto das histórias umas das outras, algo que dentro do grupo, emergia eventualmente. Algumas deixavam entrever ao longo do tempo, detalhados momentos e partes de suas vidas, outras compartilhavam de forma cirúrgica pontos autobiográficos, com bastante polidez. Nas entrevistas, fomos costurando juntas estes pontos e indo além em outros.

As conversas direcionadas foram realizadas em dois momentos: no primeiro, que foi coletivo e presencial, juntas no espaço da Fora da Asa falamos sobre alguns dos conceitos e temas que emergiram após a leitura conjunta do projeto de pesquisa e em outros momentos do grupo. O segundo momento foi a realização de entrevistas com três das participantes do grupo, aquelas que estiveram do primeiro ao último dia do Grupo Permanente de Escrita para Mulheres.

Alguns dos temas que se repetiram, sobretudo nas conversas individuais, foram os trânsitos, as cidades e os encontros. Na trajetória compartilhada pelas três mulheres, estes eixos se cruzam com suas subjetividades, em que as cidades da memória, se presentificam no ato de recontar-se para alguém. É como se cada espaço fosse também se tecendo nas possibilidades

---

<sup>80</sup> Aqui me refiro ao capítulo *Afrochingonas*, do meu trabalho de conclusão de curso em Ciências Sociais, intitulado “Encontros entre Améfrica y Abya Yala: negritude e mexicanidade de mulheres negras mexicanas” (RODRIGUES, A. 2020).

de ser, no sentido de fazer-se existir através da narrativa de cada uma. Suas ações, seus afetos, vontades e descobertas, vão se abrindo em meio as conversas. A Belo Horizonte conhecida e desconhecida por Alyne. As cidades de Caxias e Porto Alegre como contrapontos de centro e periferia na vida da Miranda. As ruas do centro da capital gaúcha habitada pelos desejos de autonomia de Carolina.

As conversas, a conjunta e as individuais, vão se somando a sensação de mosaico que os encontros das quintas feiras também traziam. De certa forma, caminhando nas narrativas de cada uma e retomando os nossos escreveres juntas, reflexos vão se apresentando, pois foi impossível ouvi-las e em certa medida, por meio das diferenças e semelhanças, não me ver um pouco também. Era como uma roda. Todas trouxeram, ao final das conversas individuais, que este espaço que tivemos durante cerca de duas ou três horas juntas cada uma, foi importante para conseguir pontear em si mesmas, algumas memórias que se refletem nas suas buscas e ações do presente, em ser as pessoas que são e buscam ser, mais ativamente conscientes das alteridades em seu dia a dia.

### **3.1 Conversa coletiva encarnada: encontro além das telas**

“Pessoalmente não, carnalmente. Pessoalmente já nos conhecemos”. Foi isso que Carolina disse quando ao encontrá-la fora das janelas do Google Meet pela primeira vez, falei que era um prazer nos conhecermos. Essa frase dela significa muito para mim, que em vários momentos ao longo da realização do campo, me questionei sobre sua validade e sobre o estabelecimento ou não de laços cabíveis de animar uma etnografia. Nossa conversa foi assim, encarnada. Uma ideia conectando na outra, fomos tecendo pontos importantes nessa trajetória de passar cerca de seis meses juntas, escrevendo e lendo coletivamente. Os projetos de cada uma foram afetados por um grão da outra.

A conversa coletiva foi realizada no dia 11 de abril de 2023, um sábado. Estava bastante nervosa, pois foi a primeira vez que encontrei pessoalmente Miranda e Carolina, assim como o espaço da Fora da Asa, no contexto da pesquisa. Levei anotados os seguintes temas, a título de tópicos para discussão: inventividade; autoria e agência; diferença e semelhança; negritude e branquitude; referências literárias; escrita e leitura. Como havia uma limitação de horário para nossa conversa naquele dia, fomos até onde conseguimos.

Quando cheguei de carro em frente ao pequeno sobrado antigo, um pouco depois das 15h, o portão estava aberto. A longa escada da entrada desafiou um pouco meus pulmões

cansados. Ao subir, me deparei com o hall, onde tem uma pequena estante com vários livros, que desta vez não folhee<sup>81</sup>. As paredes do pequeno-grande espaço estavam cheias de quadros e frases como “Fora Bolsonaro” e a palavra esperança, em destaque. No salão um pouco maior, com uma grande janela que dá para uma árvore bonita – que depois aprendi ser um pé de ameixas brancas – Miranda July e Carolina Maria de Jesus estavam arrumando as coisas para receber mais tarde a D. Iracema Gãh Té Nascimento, liderança Kaingang<sup>82</sup>. Era um dia um pouco nublado. Como disse, no começo da conversa, me sentia um pouco enferrujada no trato presencial, nessa coisa de contato humano direto. A agitação de realizar uma conversa presencial, depois de meses de interação através das telas de computadores, revolvía minha ansiedade. Talvez por isso, avancei o máximo possível na realização dos encaminhamentos referentes a esta fase de diálogos diretos.

A primeira que abracei foi Miranda July. Sua voz acolhedora e firme se expandiu no abraço. Logo depois, abracei Carolina Maria de Jesus, também com muito carinho. Na chegada, antes de iniciar a conversa coletiva, Carolina tentou me acalmar, com bastante segurança de quem “sempre participa de pesquisas”, como repetiu algumas vezes. Ela diz gostar de contribuir com pesquisas pela possibilidade de aprender. Fica nítida a agitação curiosa dela em trocar e oferecer suas perspectivas sobre o que estiver sendo conversado. Uma moça, a qual sei que é moradora de rua na Cidade Baixa, em Porto Alegre, subiu as escadas e entrou na Fora, um pouco antes de iniciarmos a conversa. Ela é negra, com um olhar sumamente curioso e ao mesmo tempo sabedor, seguro e aconchegante. Ela subiu dizendo: “gurias, o portão está aberto, viu? Tem que cuidar, ainda bem que era eu né?”. Ela buscou pelo banheiro, cumprimentando a Miranda. As guias me orientaram a ir conectando a internet e ligando o computador para receber virtualmente a Alyne, enquanto elas terminavam de arrumar o salão. Sentei-me em um pequeno sofá vermelho que fica no hall de entrada. Por um momento entendi que faríamos a conversa ali mesmo, mas logo Miranda disse que já havia reservado outra sala para nossa conversa.

Computador ligado, colocado sobre um pequeno banquinho vermelho, em diagonal com a cadeira perto da porta e o sofá vermelho. Janela virtual criada, através de Google Meet, para receber virtualmente a Alyne, que como de costume, falava conosco de algum outro lugar do

---

<sup>81</sup> A vez que folhei foi outra, muito tempo antes da realização da pesquisa, quando fui a Fora da Asa pela primeira vez, para buscar o exemplar que tinha comprado do livro da Brenda Vida, *Sujeita*. Naquele dia, fiquei encantada com o espaço e com a pequena estante onde vários livros, todos de autoria feminina, estavam disponíveis para serem acessados e lidos. Folhei alguns enquanto esperava naquele dia.

<sup>82</sup> Naquela tarde, depois de nossa conversa, haveria uma atividade presencial na Fora, protagonizada por D. Iracema. Por este motivo, estivemos reunidas das 15h às 18h, horário em que iniciaria a atividade com D. Iracema.

globo. Na ocasião, ela estava em Catânia, cidade onde vive com o companheiro na Itália. Ao chegar, enquanto Miranda organizava algumas outras coisas para a recepção de D. Iracema que aconteceria mais tarde, ficamos na sala eu, Alyne e Carolina. Falamos sobre a “ferrugem” nas relações presenciais, após tanto tempo de isolamento. Aline diz que gosta bastante da expressão enferrujada. Em suas palavras, “eu hoje vejo o ferro como algo que dá a vida, sabe? É piração, mas eu fico pensando, o ferro produz vida, há de ser bom estar enferrujado”. Iniciamos nossa conversa com um preambulo meu, apresentando uma proposta de rumo para nosso diálogo, o qual foi imaginado com base nas dinâmicas de troca vivenciadas nos encontros do Grupo Permanente. Em poucos minutos de conversa, fomos nos desferrujando juntas, retomando as dinâmicas de trocas que já vínhamos tecendo.

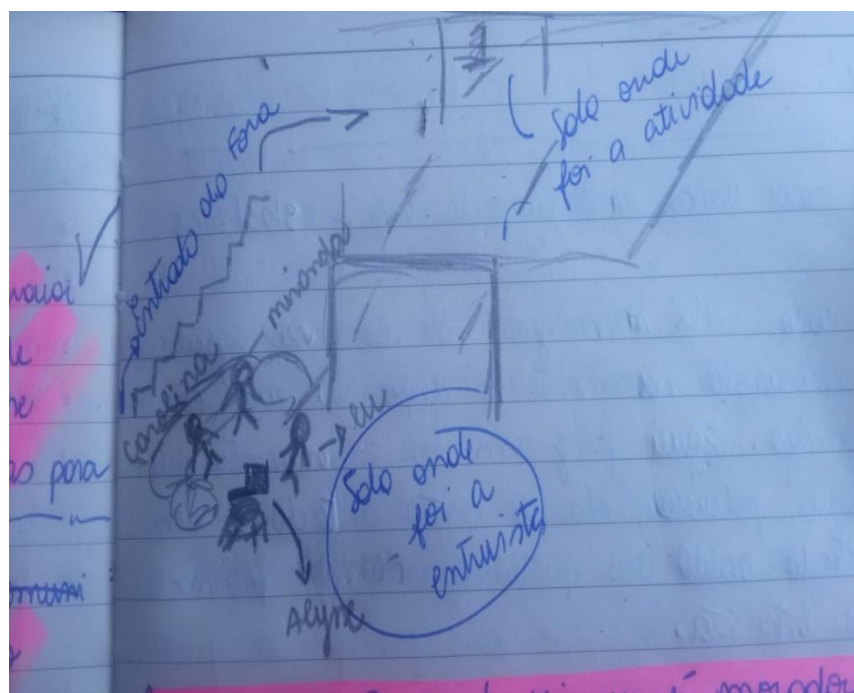


Figura 7 – Desenho do espaço e salas em que estivemos no dia da conversa conjunta. Fonte: Diário de campo-vida, 11/03/2023.



Figura 26 – Foto da conversa com parte das mulheres do Grupo de Escrita Permanente. Foto tirada por Miranda July para as redes sociais do TodAs Escrevemos e Fora da Asa.

Organizei a seguir os trechos da conversa coletiva que tivemos, na qual durante o próprio diálogo elaboramos juntas pensamentos e inquietações, as quais ordenei pelos tópicos temáticos que abordamos. Começamos a conversa falando de inventividade. Carolina traz para a roda a inventividade a partir de sua relação com a história de sua família, a qual ela tem pesquisado e a partir da qual tem tecido seu primeiro livro. Como mencionado por ela durante a conversa, a escolha de como vai contar essa história sua e de seus ancestrais, tem uma dimensão de invenção.

Optei por apresentar na íntegra os diálogos que foram tecidos, organizados por subtítulos que buscam além de ordenar os momentos, sintetizar pontos do que se pode apreender do diálogo.

*Potência do inédito: Invenção é diferente de substituição, de mudança de rumo*

#### POEMA COLOFÃO

Como parece diferente,  
leitor  
este livro agora que  
já não estás  
(Marques, 2015)

\*\*\*



**Eu:** Tá, vamos lá. Vou começar. Eu anotei alguns tópicos, mas também queria que vocês se sentissem a vontade no que vocês quiserem trazer. Principalmente, eu acho que faz algum tempo já que a gente viu o projeto juntas, mas eu queria muito escutar vocês também sobre sentimentos, tá? Acho que é uma coisa que emergiu muito durante as nossas trocas, né? Essas emoções também dentro desse processo de escrever e ler, entre mulheres, que interesse nessa construção. Então, eu trouxe alguns focos, mas também queria que vocês se sentissem a vontade pra vir trazendo, né? Uma primeira coisa que eu tinha anotada aqui pra gente conversar um pouquinho, que é um pouco também essa conversa pra abrir minha cabeça junto com vocês. Que é em relação à questão da inventividade, que acho que é uma coisa que eu coloquei no projeto. Eu acho que a própria construção do grupo tem a ver com isso, o processo de se inventar e inventar junto com a outra, né? Mas queria ouvir um pouco de vocês, sobre como ressoa para vocês a ideia de inventividade. A partir desse encontro, um encontro como o do grupo, por exemplo, né? Não sei se fez sentido isso. Eu pergunto muito isso, você sabe, né?

**Carolina:** Pois é, eu tô pensando, né? Porque a gente falou um pouco várias vezes, né? É como eu cheguei no grupo. Inventividade ou se reivindicar, né, acho que são sinônimos, de alguma maneira, não sei se é, mas tá me passando na cabeça, né? Sabe, eu tive também que me inventar da maneira como eu queria, de verdade. Escrever a minha história, dos meus ancestrais, assim. E é curioso, assim, que agora, 8 de março, né? Porque as pessoas sabem que eu vivo procurando saber qual é o sobrenome da minha avó, né? Pergunto aqui, pergunto lá, eu descobri um pedacinho aqui, outro pedacinho lá, tem situações que não fecham, né? E agora, no dia 8 de março, fui dar um feliz dia das mulheres para minhas primas. E uma das primas que eu sei que mais poderia achar lá no documento, no atestado de óbito da sua mãe, como era o nome da sua avó, que lá aparecia minha avó também, mas que não consegue, por algum bloqueio emocional. Não consigo achar outra razão, de não querer, né? Ela me pede para fazer uma árvore geológica da família, das mulheres. E daí o que que eu disse? Daí que eu ia me inventar, né? Na hora que me veio à cabeça, com uma inventividade né, assim, “Tu podes me ajudar, é só tu me dizer qual era o nome da tua avó”. Que eu venho perguntando há muito tempo, né? Ao menos vocês que fazem parte dessa história, né? E daí ela pega e escreve para uma outra irmã dela, e ela fala G. E aí eu junto, G. E eu acho que daí eu fiquei pensando naquela coisa que a gente canta muito: “sonho que se sonha junto vira realidade, né?” E essa invenção também, né? Eu vejo assim, que eu não posso ir pelo caminho mais, como eu diria, mais linear, na minha pesquisa, até com as pessoas da minha família, porque

muitas vezes, não é nem uma questão de afeto, é outras coisas, que tu descreves no teu trabalho. Agora não estou com a pasta aberta, mas eu gostei muito, né? A antropologia das emoções, foi a coisa que mais me pegou, porque eu sou muito emocional, né? E essa antropologia das emoções eu acho que também vem nessa inventividade, né? De tu inventar outras maneiras de descobrir, de aproximar, de acionar o outro, né? Porque não tem uma fórmula mágica, por exemplo, que traz com as minhas primas, né, que a gente consiga com uma parte da família fotos e alguns dados, e eu fui conseguindo, agora nessas férias, exatamente, algum pedacinho de alguma arqueologia, assim, né? Agora, de repente, eu consigo uma coisa que eu nem imaginava que eu vinha, né? Então eu acho que a gente também acaba tendo que inventar algumas coisas, meia, sem saber como, mas esse querer inventar vai dando meio corda para algumas coisas, sabe? Elas (as inventividades) vão vindo e daí sim, tu vai reconhecendo elas quando elas aparecem.

**Eu:** Vai percebendo as invenções nisso?

**Carolina:** É, a invenção não vem, no ponto de vista, acho que não vem antes, sabe? Aquela invenção tradicional que já foi inventada, a invenção do novo, né? Só descobre ao fazer alguma coisa e vê que alguma coisa tem um certo, por algum momento, tá centralizado naquilo, né? Querer muito aquilo.

**Miranda:** Lindo a ideia da Carolina da inventividade como um resgate, que não tá dado, não sei se eu consegui entender. Bem bonito, bem bonito.

**Carolina:** O inventar assim como algo que não tá totalmente dado, né? Tu vais construindo. E ao construir e conseguir aquilo que tu tá buscando, tudo reconhece, no caso do que eu estou pensando, como uma inventividade, que me faz aprender até para outros processos. E pelo linear, realmente, principalmente eu consigo coisas com essas pessoas, que são pessoas com um afeto muito bom, muito legal, sabe? Não é aquela que tu tens que bater na porta, "ah, a gente tá..." Não é, não é isso que sabe, que pede as pessoas, é adicionado às pessoas. Não é também uma coisa de não vontade, de processo.

**Carolina:** Eu posso me mostrar, mas nunca ninguém vai saber meu eu interior internamente. Porque é o meu eu interior, o meu ser, o meu ser, né? E isso implica também nessas respostas, né? Nessas disponibilidades as vezes das pessoas naquele momento. Então, mesmo por ser o dia da mulher, não sei, acho que isso também pesou, sabe? Pesou, né? Pra minha prima lá do Rio de Janeiro, né? Foi exatamente por ali que eu mandei aquele mesmo card que eu mandei pra vocês também, da liberdade das mulheres, da Simone de Beauvoir. E foi aquilo que mexeu com ela. Como também mexeu no passado, uma carta que eu fiz pra minha avó. Olha,

o inventar, sem saber que tá inventando, né? Quando eu escrevo uma carta, quando eu dou um parabéns, quando eu faço alguma outra coisa, que não é um ato linear da pesquisa tradicional, né, de fazer uma pergunta e eu ter uma resposta, no meu ponto de vista, parece que ia ser tão natural responder. Não, né? Tem sido de outro jeito. Por outros caminhos. Por outros caminhos, que tá tudo certo e eu tô amando isso. Amando esse tempo.

**Alyne:** Eu tô pensando... Desculpa, gurias, porque eu realmente. É, pegando um pouco o que a Miranda e a Carolina estão falando, eu não consigo não associar inventar, a inventividade, a inventário, né? A isso de talvez resgatar, como a Miranda disse, e ao mesmo tempo projetar, né? E também situar-se nesse processo. Situar-se entre quem se é, quem se quer ser e quem se é consigo e considerando uma estrutura também, né? Assim, tudo um pouco um sanduíche que vai criando essas camadas, mas assim... Não sei, me despertou isso, essas falas de vocês, assim... Mas esse conceito de inventividade, de inventar, eu realmente gosto muito, assim, pelo inédito dele, né? O que traz também, não sei.

**Carolina:** E tu falou uma palavra bem importante agora, o inédito. É isso que eu tô me fazendo, que eu tô gostando muito, pelo inédito. Sabe? Porque daí tu descobre uma potência na coisa, né? Nesse inédito, né? Sabe? Algo não tão pensado assim, mas...Acho importante tu ter um objetivo, né? O meu objetivo, permanece o mesmo. Várias nuances desse objetivo.

**Eu:** Sim, a invenção não é como abrir mão de outra coisa, né?

**Carolina:** Exato. Exatamente. Não é abrir mão do que eu quero.

**Eu:** E ia comentar com vocês até porque que eu tinha pensado, né? Tinha pensado muito isso num bate-bola, assim, com vocês. Eu pensei em inventividade, em trazer essa...Esse pensar sobre isso. Porque em alguma medida, a gente inventou uma rede. Ela já existe. Talvez existisse. Ela não tava completamente visível. E acho que essa inventividade se deu no conhecer o que significa, por exemplo, escrever a tua história pra ti, o que que significou. Então, fiquei muito pensando por aí, assim. Aí eu digo, vou levar para a gente conversar juntas. Que acho que é uma dimensão que é muito bonita.

**Carolina:** Para mim, Fora tem tudo isso, né? Fora, apareceu na minha vida, assim, exatamente nesse viés. Eu sempre repito, o espaço mais democrático, mais inusitado, entre aspas, né? Mas esse inédito que a Alyne falou assim.

**Miranda:** Eu não consigo, agora que a Carolina falou no "inédito", eu não consigo não pensar no inédito viável do Paulo Freire. Que é isso, acho que a noção de inventividade, pensando por aí, vem em criar a mudança que é necessária, mas lidar com as demandas desse espaço que é concreto, que existe, que existe, que tem exigências. E que é, é, são contradições,

complexidades. Acho que pensando que ser inventivo... Enfim, ser inventivo no Brasil, ser mulher, ser da classe trabalhadora e aí com outros recortes mais marginalizados ainda, é tarefa dura. Exato. Exato, exige tempo que é o que não se tem quando se trabalha muito e se ganha pouco. Exige fôlego, que é o que falta nesse... Exige espaço nesse cérebro compartilhado com tantas coisas. É difícil ser inventivo. Mas eu concordo com a Carolina, sonho que se sonha junto, se sonha de verdade. Então, quando tu estás junto com pessoas que querem abrir esse espaço, construir esse inédito que Paulo Freire, ele é o inédito viável. Isso que é necessário fazer, mas é o que precisa ser feito. Antes do que reinventar a roda, é o que precisa ser feito que vai mudar alguma coisa significativamente. Acho que é importante. Quando acontece, é uma dádiva, assim, quase que uma dádiva. Então, é muito legal começar pensando que o nosso grupo tem essa dimensão.

**Carolina:** E ele mesmo diz em algum livro dele que eu li, em que ele falou assim, que não tem que abandonar o nem velho, nem o novo, mas aproveitar na medida em que eles são bons. Então, acho que isso é... E agora tu falando me veio uma coisa aqui na menta, não sei se tu concluíste... Eu fiquei pensando assim, que na verdade eu tô falando, eu e minhas prima, todas queremos a mesma coisa, todas interessadas na mesma coisa, o que diferencia talvez, pensando assim na minha pessoa, é que eu estou a fim de escrever. Eu acredito que ao menos uma delas até escreveria quando ela conseguir, eu consegui trazer ela para a Fora também, escrevendo (...)

**Miranda:** É a F?

**Carolina:** É a F. E é uma das primas que mora na casa da minha bisavó. A F. Eu consegui, eu vivo convidando-as pra vir aqui na Fora, virem virtualmente, porque elas não moram aqui, mas enfim. Dessa vez eu consegui, na ousadia necessária. Mas eu fiquei pensando agora assim: T. lá... Vocês não imaginam o que eu descobri da história da minha prima e que passou mais de uma hora, depois disso, porque ela foi atrás de foto. Eu mandei uma foto da minha bisavó, ela mandou de umas outras pessoas que conhecia de Porto Alegre, e assim foi. Nós fomos desenrolando uma história, um diálogo tão bonito, a partir de uma pesquisa, quem é M, como foi, onde estava, porque que não se encontra, porque os nomes não fecham, o que as histórias não fecham...A história fecha, o que não fecha é a oficialidade, gurias. Sabe a oficialidade? Então a bisavó tem nome lá, F<sup>83</sup>. Meu primo, pai dessas minhas primas, é J. E eu sempre achei que minha avó deveria ser Silva, e é. Agora eu descobri, no dia 8. Sabe, quando meu pai era Oliveira e não tinha o nome da mãe, também foi registrado com o nome

<sup>83</sup> Os nomes de familiares de Carolina foram suprimidos, visando preservar o anonimato destas pessoas.

de outra mãe. E a mãe delas, que é Santos, é Santos porque uma madrinha que gostava muito, decidiu que ia botar Santos, porque era pra ser Silva também. Minha prima é Santos Bento, às vezes parece que as coisas não se fecham e elas se fecham. Mas quando tu vais por essa coisa, por esse viés que a gente está conversando agora,

**Eu:** Não vai direto só como é um dado, né?

**Carolina:** É, você vai juntando assim... não vou dizer que é um quebra-cabeça assim, porque é impossível, não vai encaixar totalmente. Mas um mosaico bem-feito, acho que vai dar. Quebra-cabeça não dá, gente. Quebra-cabeça é muito certinho, não tem na escrevivência né. Não tem né? É um mosaico, né, gente?

**Miranda:** Muito. Lindíssimo.

**Carolina:** Lindíssimo. Eu tô cada vez mais apaixonada.

### *Autoria e Agência – Autoria como inclusão*

#### AUTORIA

Fiz meu retrato em fotografia  
e bordei palavras por cima  
pois não sou imagem-única  
que cabe em moldura.

Escrever é sina de quem sente  
tudo quanto é coisa da vida,  
dos outros, pois de si mesma  
mas sabe escrever uma linha.

Sou rascunho antes do poema  
entre uma palavra e outra  
é na aresta que me encaixo –  
indefinida, sempre mutável.

Não nasci mulher e me tornei escritora  
nasci escritora e me fiz mulher.

(Fonseca, V. 2021, p.43)

\*\*\*

**Eu:** Aí, gurias. Vamos em frente, então. Uma outra coisa que eu queria também pensar com vocês, e se em algum momento não tiverem confortáveis ou alguma coisa, podem falar, fiquem à vontade. Que é a dimensão... Uma relação entre autoria e agência. Acho que, em alguma medida, enfim, pensando, por exemplo, na antropologia mesmo, tem toda uma discussão, né, sobre de quem é autoria de algo. De um texto, especificamente, o texto etnográfico, quem é o autor, né? É uma pergunta que tá colocada. E aí eu, dentro do... Eu não sei nomear muito bem, dessa relação (sinalizo uma circularidade, para expressar que me refiro a relação que nasceu entre nós no grupo permanente) que surgiu, eu fiquei me perguntando se a gente pode pensar essa autoria também, de quem é a autoria de algo que é... né, porque, bom, o primeiro impulso vem num rechaço a autoria como algo de dar conta, de dizer "é meu", né? Mas por outro lado também há de se pensar que existiram muitos roubos de autoria, né? Sobretudo também de escrita de mulheres, né? Então eu trouxe pra também pensar com vocês, assim, como que vocês entendem a autoria, qual a relação que vocês têm com essa palavra. E assim, muito pra além da questão teórica, obviamente. Mas, né, o que que é essa autoria? Como é que a gente pode pensar é bom, é ruim, não sei, né? O que que a gente faz com a bendita da autoria? Eu tinha colocado uma relação entre autoria e agência, que eu acho que elas estão muito conectadas, mas não sei também, né?

**Carolina:** O que tu estás entendendo por agência?

**Eu:** Tô pensando, aí falando muito fora de conceito em si, mas pra mim dessa ação de agir como autor de algo, que pode ser uno ou coletivo. Eu entendo que agência, eu tô pensando aqui e pensei por aí, né? Porque às vezes me dá um trabalho imenso lá porque eu tenho que "nossa, agência é um troço chato pra...".

**Miranda:** Parece. Parece uma coisa difícil de palavrosear, né?

**EU:** Então, enfim, era um pouco pensar assim. Acho que tem muito a ver com as coisas que a gente veio discutindo com as outras mulheres que estão pensando. Acho que disse isso nos encontros também, né? Tem a gente, carne e osso aqui, mas também tem as de papel que foram carne e osso talvez em algum momento, né? E elas mexem com essas coisas dentro da gente, eu acho pelo menos falando, por exemplo, de mim. Eu sempre gosto de dizer esse eu que não é uno, né? É sempre o meu bastante pluriverso mesmo. Mas, enfim, pensando autoria. O que que é autoria? Como vocês pensam? Se pensam também, se daqui a pouco também... meio que dane-se a autoria também (risos de todas ao mesmo tempo)

**Carolina:** Se encaixou só por encaixar não vale né.

**Eu:** Exatamente. Não importa também, pode ser, né? Enfim.

**Miranda:** Ah, eu penso bastante nisso, Ale, na real. Eu penso mais de maneiras diferentes, assim. Jeitos às vezes mais sérios, às vezes mais certos. Algumas coisas que me ocorrem agora é os meus alunos pequenininhos e não só os pequenos, né? Eu estou falando muito pequenos porque eu estou muito envolvida com eles, assim. Envolvida mentalmente, emocionalmente, muito envolvida com os meus alunos do sexto, porque eu peguei três turmas do sexto ano numa das escolas. E estou com muita coisa. E um dos projetos do ano, que eu fiz no ano passado e que agora meio que decidi que vou fazer enquanto eu tiver naquela escola, que é uma coletânea. Em um momento do ano a gente estuda poesia e eu fiz uma coletânea no ano passada e eu disse "eu vou fazer de novo". E aí vou melhorando um pouco a ideia de como fazer essa coletânea. Mas... Eu tenho os meus alunos também os adolescentes, eu acho que a experiência de ser autor de alguma coisa, de se reconhecer como autor de alguma coisa, de ver o seu nome na capa, de assinar como responsável por aquela feitura é revolucionária. Queria que todo mundo tivesse essa experiência. E queria também que depois... E aí é que tá, a ideia de uma autoria compartilhada nem chega a ser discutida porque a gente ainda tem que pensar esse sujeito, o empoderamento desse sujeito. Porque eu acho que a gente só... Não sei, a gente como todo, mas me parece que o que eu tenho visto quando se pensa em autoria, só se pensa em autoria, agência ou uma autoria compartilhada ou uma forma de assinar sobre a criação de alguma coisa diferente do "eu fiz e isso é meu", depois que tu já tens esse "eu" aí. E como nas experiências que eu tenho de ensino, isso está longe de acontecer. Muitas vezes eu trabalho com a noção de autoria como um grande empoderamento. Quero muito que o nome deles apareça no trabalho que eles façam, que o nome deles... Por exemplo, eu odeio a ideia, isoladamente odeio a ideia de concurso, mas eu adoro a ideia de concurso na escola. Eu odeio a ideia de uma competição de poesia ou de qualquer coisa que seja, mas eu adoro quando isso acontece na escola e há uma disputa saudável pela criação de alguma coisa. É muito doido, né? Então na escola pra mim a autoria é um trabalho contínuo e não só literário, eu sou professora de literatura, mas não só, então... Enfim, de tudo na verdade. O que esse nome diz quando ele aparece? Que coisas eu posso criar? Então na escola acho que a autoria tem uma força incrível e grande, e revolucionária. Mas em compensação fora da academia assim, nos movimentos sociais, por exemplo, aqui na Fora, eu acho que a autoria tem que ser muito questionada. Eu acho que, por exemplo, eu lembro que eu estava num movimento de questionar isso, mas eu não fiz isso intencionalmente. O meu livrinho não tem meu nome na capa. E eu pedi pra pessoa que me fez a diagramação, que foi a Iris, eu disse "Iris, não quero meu nome na capa, põe meu nome

só na lombada". Mas eu fiz isso no feeling mesmo. Não fiz isso pensando "ah, autoria é lá". Não, no feeling mesmo. E agora eu já tenho pensado no porquê desse movimento. E eu acho que tem alguns grupos sociais que têm que pensar autoria ainda mais severamente. Que são justamente os grupos sociais que já roubaram conhecimento, que já atropelam, que até têm a sua parte na criação, mas que atropelam processos e aí assinam essa autoria. Tem um caso que me veio agora, que daria pra dar vários, mas me veio um caso bem específico agora e que me chama muito a atenção, que eu acho que é um movimento bem comum na universidade, que é um professor orientador, orientar muitas pessoas, e as pessoas fazem um trabalho árduo e é o nome dele que aparece em destaque. E eu pensei o exemplo, mas como são vários, não cabe dizer o exemplo específico, mas foi o F<sup>84</sup>. E aí...

**Eu:** Já ouvi algumas coisas.

**Miranda:** É, então eu acho que esse é o lugar que a autoria tem que se questionada

**Carolina:** Isso é uma prática muito presente na universidade. Eu sei por que já ouvi, também casos.

**Miranda:** Muito! E a gente está falando, enfim, nesse exemplo que eu trouxe, eu estou falando do professor branco com alunos brancos, mas é nesse modelo que acontece. E quando não se trata até de pesquisas, que tem o conhecimento afrocentrado, enfim. E tem uma outra coisa que agora eu estou pensando também mais ainda, ela é o terceiro movimento, que é... Que eu acho que a gente precisa... a gente que já tem, né.... a gente que já passou por todos esses processos, a gente teve a privilégio e a felicidade de conseguir chegar na universidade, fazer essas reflexões e ter acesso a uma série de espaços. Eu acho que a gente tem que reconhecer que a gente vive em contato, em construção. E ainda que não se rastreie, porque isso é uma coisa que a gente fala muito, mas ainda que a gente não consiga rastrear, porque é isso, as vezes o conhecimento acontece em tantas camadas que a gente não consegue rastrear de onde veio essa ideia, e ela veio de algum lugar, que provavelmente não é meu. E aí, por exemplo, eu gosto dos exemplos bem concretos porque aí ajuda, a coletânea que a gente organizou, eu a Carolina, a ideia do tema, a chamada...me ajuda Carolina...

**Carolina:** Com coragem, esperamos.

**Miranda:** Com coragem esperamos, é isso, né? Esse "com coragem", depois eu rastreei de onde ele veio, porque a Carolina deu a ideia e aí a gente colocou a ideia do "esperançar" e a gente colocou o "com coragem".

---

<sup>84</sup> Aqui Miranda citou o nome de um conhecido professor da área da Literatura, o qual reiteradamente realiza este tipo de prática extrativista acadêmica.



**Carolina:** E foi juntando né...

**Miranda:** E aí eu fiquei pensando, de onde veio esse "com coragem"? Um dia eu recebo um e-mail de um grupo que eu faço parte lá do Rio de Janeiro, elas assinam um e-mail "com coragem", elas sempre escrevem um e-mail e no fim tem escrito "com coragem". E aí eu disse, tá aí, foi daí que eu peguei a ideia, porque eu acho maravilhosa essa forma de assinar e eu recebo e falo que eu vi os e-mails delas, mas... E aí me deu assim...Hã, o que eu faço agora? Enfim, eu acho que existe ética, existe...Aí eu mandei uma mensagem para a Verônica, que é a pessoa que manda os e-mails, "Veronica, olha só, recebi um e-mail de vocês e me dei por conta de onde veio a ideia da Coletânea e tal". E ela, "que maravilhoso!", enfim... Mas aí até teve um momento que eu pensei assim, "poxa, deveria ter me dado por conta disso antes para mencionar na Coletânea". Mas não me lembrei. Mas aí eu acho que é isso, acho que pode haver um outro movimento posterior a isso, que mostre, né? E esse é um movimento contínuo, não só em relação a essa Coletânea, né? A tudo que se faz, não só... É uma coisa específica que eu sei de onde veio, mas todo nosso conhecimento veio de algum lugar que não é nosso. Então eu acho que a autoria chega nesse lugar que não importa, tá? Ela pode ser profundamente questionada. Ou compartilhada, ou democratizada, ou, não sei, revista, revisitada, sabe? Mas da forma como ela é colocada hoje, é muito cruel, porque quem se beneficia dela é uma pequena parcela que ganha dinheiro com ela, quem se beneficia dela, enquanto está lá os meus alunos pensando se eu posso por meu nome na capa. É uma das perguntas que eu mais ouço dos meus alunos. "Sora, meu nome vai na capa?" Eu disse "Ué, mas vai aonde? Não foi tu que escreveu? Vai colocar onde? Contracapa? Fim?" Então é um pouco isso, então penso bastante.

**Carolina:** Tu trazes um pouco a ideia de inclusão, né? De autoria como inclusão. Não é do nada que ele te pergunta isso, se vai na capa. Porque ele não tem essa experiência anterior. E certamente se tu explicar que vai ser valorizado se seu nome estiver na capa. Pra ele e pra toda a família dele, pra quantas relações que ele atravessa.

**Alyne:** Eu acho assim, aí gente, eu amo esses nossos encontros, muito estimulantes (risos). Mas por quê? Porque eu estava pensando primeiro nessa questão da autoria, até muito centrada na ação humana. Quando a Aline fala dessa agência, eu fico pensando quantas condições ambientais que estão atravessando a gente, inclusive e que talvez se poderia complexificar, inclusive essa questão da autoria em si mesma. O que é afinal, se talvez existam outros elementos que a gente não se dê conta que fazem com que a gente escreva, que exerça uma agência sobre a gente mesmo. Mas a parte disso que seria talvez viajar um

pouco, eu não consigo dissociar a questão da autoria, isso que a Miranda disse, as relações de poder. Que tem o seu lugar como afirmação em certas ocasiões, mas também de exclusão. De fechar mesmo, de dizer que existe um limite entre o que é meu e esse acúmulo inclusive, que a autoria, digamos assim, é um fechamento. É um acúmulo autorreferente de algum conhecimento, de uma pretensão de conhecimento. E que é isso, tem que ser colocado em questão totalmente. Até mesmo pela questão de ser geralmente uma noção hegemônica de autoria, uma noção hegemônica que é excludente, que é, enfim, uma autoria que não abre o espaço para a diferença. Enfim, eu acho que anda mais ou menos para o imprevisível, eu não sei, acho que anda mais ou menos aí. Então realmente o tema é muito, muito bom de se trazer.

**Eu:** Eu fiquei pensando bem rapidinho, pensando agora com o que vocês falaram, um pouco também essa dimensão de que há uma diferença para distinguir. Hoje, acho que é um pouco, não hoje assim em geral, mas em alguns mundos que nós conhecemos, todos assim, o que nos estão mais acessíveis, parece que essa diferença é para distinção. Não é uma diferença no sentido de um encontro, de tessitura. Então quem pede que essa autoria seja coletiva, de uma forma mais ampla.

**Carolina:** Me passaram alguns elementos agora, eu não posso falar de conceitos, mas alguns conceitos me vieram, a da minha parte, que eu sou da área da saúde também né. Eu tenho que escrever para não esquecer. Eu acho que eu sou um pouco, eu posso estar errada, eu gosto de ter que me ler. Eu lembrei do conceito de instituído e instituinte. E o outro que a gente trabalhava era a governabilidade, o que era da minha governabilidade, o que não era, o que era do meu núcleo de ação. E o campo de ação, a sociedade, a saúde, como todo o campo. O núcleo, digamos assim, era da assistente social que perpassava aquilo. E isso perpassava também pelas questões que a gente construía. E eu sempre gostei de escrever sobre o que eu fazia, isso era coisa do meu jeito. Mas eu estava pensando assim, que essa era uma pergunta que eu ando me fazendo, também na construção dessa minha história, porque eu aciono tantas pessoas, vocês viram, né? "Vem aqui, vai para cá, vai para lá, vai para aqui, vai para cá, para cá". E daí eu pensei assim, que a autoria não seria só minha, mas se tivesse que ter algum nome, sei lá, algum momento ou alguma coisa assim, eu poderia contar que eu tive a iniciativa, sabe? Em termos de valor mesmo, sabe? Eu tive a iniciativa de querer fazer isso. Estou colocando trabalho nisso, estou colocando energia nisso e estou contando com outras pessoas. Mas eu tive sim, e ainda continuo tendo, né? Essa persistência, essa inventividade, tudo que é, sabe? Então assim, eu acho que vai ser uma autoria coletiva, mas num momento eu vou escrever que eu tive essa iniciativa, sabe? Porque daí eu acho que também não tira o

teu papel, sabe, nessa coisa do... Eu estou instituindo um movimento, né? Estou falando desse conceito de que estou até instituído. O instituído para mim era não saber todos os dados da família, né? É isso que tem instituído, né? "Você não mora aqui, não sei o que mais, o papai, tudo solto, e se foi assim, papapá", que vai muito em encontro ao que eu penso, né? Acho que a gente tem que... Acho que pode cavoucar essa terra, né? Ir lá, busca a seiva, enfim, né? E ao fazer isso, tu está instituindo. E aí também tu está tendo uma autoria nesse fazer, né? Nesse ser e nesse fazer, na realidade. Que talvez cruze com esse agenciamento como foi colocado aqui também, sabe? Eu acho que uma coisa, uma autoria e o agenciamento para mim, para eu contribuir, partindo desse meu processo especificamente, né, não são excludentes. Mas muita gente, muito se sabe que na sociedade a maior parte do que é colocado é exatamente para ser excludente, né? É a história. O professor que colocou o nome, o aluno que fez a pesquisa, mas o primeiro nome vai lá, pro currículo lattes do professor, né? Trabalho do professor, né? Às vezes ele nem tocou, né? Sabe? Então, sim, tem uma guerra de autorias. E isso eu acho que é Foucault, assim.

**Eu:** Também acho.

**Carolina:** É, e tem também um b alguma coisa que eu não vou lembrar agora, que fala sobre isso também, mas que... É a questão do micropoder, né? É o Foucault, né? Que vai falar do micropoder, enfim, sabe? Então, assim, ao menos a gente sempre lutou nesses espaços de trabalho muito opressores, mesmo que eu fosse uma funcionária pública do governo. Não basta ter uma política social maravilhosa se aqui não querem executar isso, né? Então eu tinha que achar o meu único poder, que era quando eu estava na frente com as pessoas, nos grupos que eu fazia, pra ser, aplicar aquela política, né? Ir atrás daqueles valores, né? E isso eu me senti a autora daquele trabalho e ficava feliz com isso, meu retorno, sabe? Do prazer de fazer a coisa, sabe? Muito mais até do que escrever lá meu nome, sabe? Mas o prazer do processo, da abertura de empoderamento, do fortalecimento. Acho que são conceitos a Miranda colocou ali, sabe? Que perpassam por isso, sabe? Então, assim, era usar, entre aspas, o meu poder, o meu conhecimento com aquelas pessoas com as quais eu trabalhava, porque eu trabalhava com meu trabalho, era com questão social, com garantia de direitos. Então, de uma certa forma, eu era mais detentora que aquelas pessoas dos direitos que elas tinham, e elas não sabiam que tinham. Então eu tinha uma certa autoridade, até os olhos deles, de alguma maneira, mas tudo depende do como tu trabalha essa autoridade, né? Inclusive, ela pode ser muito perversa, sabe? Então, usa outros elementos, outros valores aí do meio, acho.

### 3.2 Conversas individuais: adentrar as casas, ser escuta e palavra

Todas as conversas individuais aconteceram em abril de 2023, sempre virtualmente através da plataforma Zoom, na qual pude gravar os vídeos e os áudios de nossas conversas. Acostumadas que já estávamos de visitar as casas umas das outras através das janelas virtuais, desta vez tivemos a oportunidade de nos demorar um bocado mais. Cada uma das entrevistas teve uma duração aproximada de duas horas, sendo que com Miranda e com Alyne, foram realizados dois momentos. A conversa com Carolina foi a primeira e a que durou mais. Passamos quase que uma tarde inteira juntas. Pude ver a luz mudando, o sol baixando aqui na janela de minha casa e no cômodo em que ela estava.

Para todas as conversas eu havia construído um breve roteiro, que se constitua de alguns pontos orientadores da conversa. De todo modo, tinha em mente que me permitiria sentir o rumo da prosa e construir da forma mais confortável possível, na tentativa de recriar a intimidade que a distância impunha a nós. E assim, movida também pelos ecos de temas e formas de cada uma se tecer ali comigo, fui nutrindo as conversas a partir de temas trabalhados nas conversas anteriores. Por exemplo, na conversa com Carolina, o tema dos trânsitos entre campo e cidade foi expressivo e então, quando realizei a primeira conversa com Miranda, acrescentei esse tema ao nosso diálogo e alterei um pouco o roteiro.

Esta flutuação permitiu que as conversas fossem mareadas, conectando pontos centrais para pensar as diferentes relações étnico-raciais que estas mulheres tinham consigo mesmas, com suas famílias e com as cidades em que habitam ou habitaram em algum momento.

Aproveito para fazer um pedido: como não apresentarei os nomes reais de vocês no trabalho, inspirada por uma oficina incrível mediada e ministrada pela Rosa<sup>85</sup> e pela Miranda July sobre literatura e relações étnico-raciais, peço que pensem em uma mulher que escreve e que seja importante para vocês. Usarei este nome para representá-las no trabalho, a título de codinome. Se quiserem me dizer por aqui ou me enviar um áudio contando quem seria essa mulher, eu agradeço. (E-mail enviado em 30 de abril de 2023)

---

<sup>85</sup> Rosa é escritora e pesquisadora da literatura afro-brasileira. Uma das primeiras atividades de observação que participei foi uma oficina sobre literatura e relações étnico-raciais conduzida por Rosa e por uma das interlocutoras da pesquisa. Um dos momentos da oficina nos foram apresentadas as fotos de cinco escritoras, entre elas Hilda Hilst, Carolina Maria de Jesus e Clarisse Lispector. A dinâmica era nos apresentarmos escolhendo duas destas autoras, contando um pouco de nós e um pouco delas.

Os codinomes foram escolhidos pelas entrevistadas após a realização das entrevistas individuais. Enviei um mesmo e-mail para todas, agradecendo à disposição em conversar e solicitando que indicassem o nome de uma mulher que admirem para representá-las neste trabalho.

### 3.3 Miranda July: “Eu sou mais montanha. Ela é vento”



Figura 27 – Foto de Miranda July<sup>86</sup>

As Mirandas são duas mulheres brancas, com um olhar profundo e azul. Aquela com quem convivi durante esta pesquisa, nasceu em Caxias do Sul, em meados da década de 80. É uma trabalhadora, professora, escritora e aprendente. Esse último adjetivo fui eu que adicionei a sua descrição. Me chamou a atenção que a Miranda gaúcha não tenha escolhido Hilda Hilst, autora que a acompanha a muitos anos. Miranda é uma das fundadoras do espaço que hoje abriga muitas iniciativas autônomas, passageiras ou não: a Fora da Asa. Ela me emprestou primeiro uma manhã de quinta-feira e depois, uma manhã de domingo pré-feriado de Dia do Trabalho.

Eu escolhi a Miranda July, porque ela escreveu um livro que gosto muito, O escolhido foi você. Me senti assim contigo... Esse livro é uma série de entrevistas que ela fez com pessoas comuns, moradoras de LA, a partir de um

---

<sup>86</sup> Fonte: Mubi. Miranda July, miniapresentação. Disponível em: <https://mubi.com/pt/cast/miranda-july> Miranda July é uma roteirista, diretora, escritora e atriz, nascida no Reino Unido.

anúncio no jornal. É muito, muito emocionante. Escolho também por ela ser uma pessoa que gosta de fazer umas performances, umas fotos estranhas, e por ser branca. Ela é amiga da Kim Gordon, que é a artista favorita da A. (Miranda, abril de 2023, Porto Alegre)

Durante nossa conversa, o dado de se definir como parte da classe trabalhadora vem atrelado a construção de suas inquietações críticas de construção de subjetividade, perpassada pela alteridade. Isso fica bastante destacado logo no início de nossa conversa, quando comenta a respeito do baixo quantitativo de pessoas negras entre seus familiares. Paralelamente ao caráter racista de boa parte de sua família, Miranda destaca que foi com seu núcleo familiar que ela aprendeu o que era solidariedade e vivenciou a experiência encarnada da desigualdade social.

Quando comecei a primeira conversa com Miranda, foi em uma manhã de quinta-feira, virtualmente. Ela estava na casa dela, com os cabelos molhados, tomando seu café da manhã. Ela já havia combinado comigo que seria rápido este primeiro momento, pois ela daria uma aula por volta das 10h da manhã. Ela conta que naquela semana em que conversamos, se aproximava seu aniversário. O que trazia consigo lembranças de sua mãe.

#### **Parte das conversas individuais com Miranda – Abril de 2023**

**Eu:** Essa reunião está sendo gravada. Te perguntar, né? Te pedir para dizer seu nome, se você aceita que a gente grave essa entrevista que vai fazer parte aí da pesquisa do mestrado, do meu mestrado, enfim, aqui do Programa de Pós-Graduação e Antropologia Social. E se você aceita que gravemos?

**Miranda:** Meu nome é Miranda July e eu aceito que a gente grave.

**Eu:** Perfeito. Vamos lá então. Então, Miranda, para te comentar muito rapidamente, antes de mais nada te agradecer, né? Mesmo na correria conseguir esse tempinho. Agradeço. A entrevista, pensei ela em quatro blocos, com certeza a gente não vai dar conta de todos. Mas uma primeira parte, pra te conhecer um pouquinho mais, mais diretamente. Falar um pouquinho sobre a tua trajetória pessoal, profissional. Um item aí para a gente pensar essa relação com a escrita, com a leitura na tua vida, né? E também as relações com a tua identidade, com a tua construção de identidade como pessoa, visões de mundo e tudo mais, né? Então, de forma bem mais direta, assim, começar querendo te escutar sobre... Me conta quem é Miranda, né? Pensando naqueles itens também mais sociodemográficos, assim.

Como que tu te define, né? Enfim, em termos de tua idade, enfim. Se faltar alguma coisa daí eu te interpele.

**Miranda:** A Miranda é uma mulher que já se questionou se de fato é uma mulher, mas que hoje não briga mais com isso e se sente confortável sendo mulher. A Miranda também é uma pessoa da classe trabalhadora. Minha família nunca dispôs de heranças e riquezas, então, o que eu me entendi muito cedo é que eu precisaria ir atrás e que isso não seria nada fácil, para ter condições mínimas de viver e tal. Eu lembro quando eu era mais jovem, de sempre ser uma questão na minha família a grana, como conseguir grana, qual iria ser a grana do próximo mês. Era um papo que a gente tinha inclusive em família. Meu pai era caminhoneiro e a gente se reunia para falar sobre isso, sobre as contas das casas, sobre o que teríamos que fazer pra dar conta das contas da casa, então eu estava justamente me lembrando esses dias que a gente fazia um bocado de coisas! Eu sempre estudei em escola pública. Eu e minha mãe, lembro de minha nunca contratar uma pessoa para ajudar a gente na casa. Eu também, socio demograficamente me defino como uma pessoa da classe trabalhadora e por isso eu quero dizer que esse lugar também me define ideologicamente. Eu acho que é possível sim, em alguma medida, ter uma consciência crítica sendo da elite, mas eu acho mais difícil, porque é um lugar muito confortável, então desde cedo eu não estive nesse lugar confortável, o que me fez também questionar várias coisas desde bem jovem, até mesmo o fato de eu ser branca. Ela (minha família) se constitui majoritariamente por pessoas brancas, exceto pela minha cunhada, que é uma mulher negra, mas os demais, todos, são brancos, inclusive os terceiros. Então, se eu pegar a família do meu pai, tem uma mulher negra, que é esposa do meu tio e a filha deles também é uma menina negra. Mas na parte da minha mãe, só minha cunhada. É uma família grande, porque meu pai tem oito irmãos. A minha mãe tinha menos, ela tinha três irmãos, mas também se for colocar tudo numa listinha, certamente são umas cem pessoas e dessas 100 pessoas, três serem negras é realmente algo que sempre me chama atenção, desde bem jovem. De pequena, a única discussão que eu lembro que eu tive com meu vô, meu vô era uma pessoa muito amável, muito querida, também teve uma vida um bocado difícil, mas como um todo, minha família toda sempre foi bastante racista e o meu avó uma vez fez um comentário bem racista, e eu lembro de estar sentada assim, na sacada da garagem da minha casa assim, onde eu, a minha mãe, meu irmão e meu pai morávamos, somos quatro, e lembro de ter questionado ele e ele ter ficado irritado com meu questionamento e eu lembro que eu era muito pequena, deveria ter nove anos, algo por aí e eu ter dito, “não vô, não é isso”, tipo algo assim e ele ter ficado muito irritado, ter me repreendido por ter corrigido ele,

ter questionado, ter ficado inclusive magoado, porque ele não achava que a neta dele faria esse tipo de comentário, que pra ele foi muito violento, muito ofensivo e tal. E assim se seguiu né. Um dos comentários, por exemplo, na minha família recorrentemente é que eu me casaria com uma pessoa negra e que isso seria um abalo para a família. Isso era um comentário recorrente e todo mundo tinha a expectativa de que eu fosse mãe e eu sempre dizia que eu não ia querer ser ter filhos e isso era o segundo abalo da família, tanto que eu não tenho filhos e meu irmão sim. Então é isso. Eu lembro de ter essa consciência do outro diferente de mim, branca e o outro negro e questionar essa diferença, dada como algo que hierarquizava a sociedade. Mas em compensação umas coisas que não têm muito sentido, em compensação eu lembro de ter aprendido com essa mesma família, sobretudo a família mais próxima, minha mãe, meu pai, minha vó, a ser muito solidária. Eu lembro que meu pai e aí tem a ver com outra questão, também sociodemográfica, que é minha família toda cristã, por cristã eu digo católica. E eu também me entendo como uma professora, acho que outro ponto dessa construção de quem é Miranda é que eu sou professora. Eu estou tentando não ser, sabe Ale? Eu passo por crises, que não são tão impactantes, porque quando eu tenho crises nessa identidade, eu passo por várias crises na minha identidade. Eu tô toda hora me questionando, mas agora eu acho que tá mais em voga é o sujeito branco e a sujeita professora. Eu queria muito não ser professora. Eu queria assim, rapidamente. A minha questão é toda é que demora né. Eu inclusive vou começar uma outra graduação. A minha vontade é de ser outra coisa amanhã, assim sabe? De fazer coisas diferentes do que eu faço e mudar para amanhã fazer outra coisa. Eu acho que embora eu queira muito mudar, eu tenho percebido o quanto essa função exige da gente, eu me realizo muito sendo professora. Eu ontem mesmo estava terminando de escrever um texto que eu escrevi a um ano e meio, mais ou menos, atrás, porque eu fiz.... na pandemia, pra mim, foi muito impactante em vários sentidos a pandemia e uma das coisas que eu aproveitei, como muita gente tentou, alguns conseguiram, outros não, é fazer formações e tal, e eu fiz uma formação em EREER bastante longa durante a pandemia, ela era oferecida pelo Colégio de Aplicação, ali, tem um núcleo de EREER e a gente ficou o ano inteiro se encontrando, a gente se encontrava semanalmente, mas tinham tarefas, leituras, então era praticamente uma especialização, exigiu muito assim e aí eu tava revisando um texto que eles vão agora reunir para publicar um livro e tal, e esse texto se chama Quando me descobri uma professora branca, e fazendo alusão a um texto da Bianca que é, Quando eu me descobri negra, eu escrevi esse texto, Quando eu me descobri uma professora branca. Então é isso, embora eu queira muito não ser mais professora, eu me realizo e aprendo muito



sendo professora, porque agora eu acho que encontrei um lugar onde eu quero trabalhar. Acho que até então, eu tava tendo dificuldade de encontrar esse lugar onde quero trabalhar. Eu já trabalhei em tudo, então justamente por não ter condições básicas, eu não tenho um lugar fixo pra morar, não tenho carro, não tenho porra nenhuma, mas já trabalhei em tudo, então tudo que caia, eu trabalhava e não só como professora, já trabalhei de tudo um pouco. Eu já trabalhei em tantos lugares e eu ainda não tinha achado, um “tá, é aqui que eu quero trabalhar, é com essas pessoas que eu quero trabalhar”. Eu sempre senti que estava trabalhando com as pessoas erradas, sabe? Porque eu trabalhava muito em contextos privados e trabalhar na educação privada é a coisa mais indigesta que pode haver e eu não me dava por conta, não me dava por conta no sentido de que eu sabia que tinha algo indigesto.

### 3.4 Alyne<sup>87</sup> : “Na universidade, eu conheci outros mundos”



Figura 28- Foto de Aline de Moura<sup>88</sup>

Alyne foi entre as entrevistadas, aquela com quem senti uma profunda abertura em sentir o processo. Desde o princípio, logo no primeiro encontro do grupo, ela estava com uma certa

<sup>87</sup> Usarei a grafia utilizada pela interlocutora, como maneira de manter fielmente a escolha dela, embora a grafia de meu nome, que fui a escolhida por ela para representá-la nesta escrita, seja grafada com i e não com y.

<sup>88</sup> Foto de acervo pessoal. Aline de Moura Rodrigues, além de ser aquela que escreve essa dissertação, é também cientista social, escrevente e coletiva. Faz parte do Coletivo Atinuké Pensamento de Mulheres Negras, desde 2018.

energia de descobrir através de nós, quais os horizontes e pontes que o escrever pode proporcionar. Mas a surpresa maior e que me colocou um desafio interessante, foi quando ela escolheu meu nome para se contar nessa etnografia. Entre mim e a parceira de campo que escolheu meu nome para se nomear aqui, existem muitas distâncias: geográficas, de formação, de tempo no mundo e de autodeclaração étnico-racial. A Alyne com y, é uma mulher branca, mineira da Zona Oeste de Belo Horizonte, formada em Direito, pela PUC-Minas. Atualmente vive na Itália, onde está finalizando seu doutorado em Ciência Política. Ela se define como uma mulher cisgênera e heterossexual, ainda que nomear-se do ponto de vista de gênero e sexualidade tenha sido um processo complexo, a partir do momento em que começa a estudar e se aproxima da complexidade conceitual das experiências humanas, por meio da universidade. Se diz segura de sua cisgeneridade e heterossexualidade, porém se considera uma pessoa aberta. Alyne, nestes trânsitos que a levaram a Itália, vai se descobrindo na potência poética que a habita.

Vou tentar te dizer de uma forma bem elaborada, porque do Alyne, porque na verdade foi a primeira coisa que me veio, porque falando sobre o processo de escrita e processos transformativos.... Você me pediu, né? Nesse âmbito dessa sua pesquisa, o nome de uma mulher, que me inspire. Foi isso que eu pensei. Na verdade, uma mulher escritora que me inspire. E, poxa, me deu na verdade, sei lá, uma vontade de alguma forma te retribuir essa experiência com você, porque foi para mim muito, muito, muito linda. Realmente entrou em contato com parte de mim que ainda não tinha pensado e me senti bem acolhida. Também me coloquei em dúvida em muitos pontos. (...) Foi ótimo, realmente. E aí eu falei, poxa. Isso tem dedo da Aline. Então vou colocar essa mulher escritora maravilhosa (...) A um áter ego que talvez eu mire, né? Que um pedacinho eu queira ser, quero ter também dentro de mim. E essa pessoa é você porque bom, isso né? Essa mulher doce, mas que também é muito determinada, o pouco que eu conheci, tive oportunidade de conhecer, né? Muitas mulheres são muito famosas e outras seguem um pouco no anonimato, mas são famosas de outras formas e outras maneiras, de como toca na vida de cada um. E isso é mais do que números, é intensidade. Então, enfim, essa volta toda abstrata pra dizer que talvez a primeira pessoa que eu pensei foi tu ali. (Áudio de Alyne, março de 2023, Porto Alegre/Scicília)

Nunca estive geograficamente próxima de Alyne, ainda que ela seja uma das presenças mais expressivas nos encontros e uma das mais nutridoras de aprendizados durante a pesquisa. A conversa individual, assim como a de Miranda, foi realizada em dois momentos. Em ambos ela estava nos Estados Unidos, por motivos profissionais e acadêmicos. A primeira vez foi na casa de uma amiga que a estava recebendo durante esse período. A segunda, foi em um coworking. No intervalo entre o último encontro do Grupo e a realização das entrevistas, Alyne foi a pessoa que mais insistiu para seguir trocando sobre minha pesquisa e para termos essa

conversa. As conversas foram realizadas no final de abril de 2023. Começamos falando de sua trajetória de vida, cidade onde nasceu, formação acadêmica e categorias sociodemográficas, entre outros pontos mais genéricos. Assim como da primeira vez e nas demais entrevistas, não me apeguei muito ao roteiro. Deixei que a conversa fosse fluindo, seguindo os caminhos que o encontro permitisse, porém atendo-se a retomar pontos chave para conhecer Alyne e tentar tecê-la em letra aqui.

Ao falar de sua relação com Belo Horizonte, sua cidade natal, entramos em um diálogo sobre as “Belos Horizontes” vividas por ela e as Porto, nem tão Alegres vividas por mim. Dois bairrismos diferentes, carregados de amor e dor pelas duas cidades.

Sua trajetória profissional começou na faculdade com iniciação científica, estágios, grupos de estudo, já no âmbito do Direito, curso no qual não se arrepende de ter ingressado, pois foi onde se reorientou em relação a um plano de vida. Mas afirma ter se encontrado profissionalmente somente quando realizou seu Mestrado em Direitos Humanos na Espanha. Embora sua trajetória tenha iniciado e se mantido por um certo período no âmbito acadêmico, diz que não pretende seguir trajetória nesta dimensão da profissão, tendo interesse por atuar profissionalmente com o Direito, sobretudo no diálogo com o Direito ambiental, tema de seu trabalho final de mestrado sobre justiça climática e ecocídio. No doutorado, seu objeto de pesquisa são processos de mineração.

É interessante que ao começar a contar de sua família, a qual ela categoriza como uma família branca classe média de Belo Horizonte, ela rapidamente começa a falar mais de sua vó, que seria a exceção, uma mulher negra, cuja negritude e identidade não eram discutidas ou mencionadas dentro da família. Essa mesma avó negra, vista por ela como “morena”, foi a figura de referência na vida dela ou aquela que ela destacou em nossa conversa.

A exemplo das demais sujeitas desta pesquisa, segue abaixo a íntegra de nossas duas conversas individuais.

<b>Primeira conversa com Alyne – 22 de abril de 2023</b>
--

<p><b>Eu:</b> Te perguntar antes, você aceita que a gente grave? Gravação, reprodução... Para fins burocráticos, nesse sentido, a nossa entrevista. Eu não acredito que ela vai para outras pessoas, vai ficar só comigo. Depois o produto dela, claro, eu vou degravar, me relacionar com a entrevista, mas te pergunto, te peço que você possa dizer que aceita para ficar agora</p>
--

que está com a sua gravação, para ficar registrado que você aceita participar da entrevista e ser gravada aqui.

**Alyne:** Sim, sim. Sim. Eu aceito participar da entrevista e aceito a gravação tanto do vídeo quanto do áudio.

**Eu:** Perfeito. Antes de entrar na entrevista, mesmo te dizer sobre como fechou a conversa aquele dia. Ela está gravada ali, até acho que é, se tu quiseres... Outro dia eu fui escutar, tive que também voltar algumas vezes, né, ela? (me refiro ao áudio da nossa conversa coletiva, da qual Alyne teve que sair um pouco antes de terminarmos). Mas é importante deixar ela compartilhada para todas ali também, para além da pesquisa.

**Eu:** Então... Deixa eu abrir aqui. Eu tenho um roteirinho, mas roteirinhos meio que são mais base, né, tu sabes bem disso, mas vou tentar seguir um pouquinho eles. Pensei em quatro núcleos. Provavelmente a gente não vai dar conta de todos eles. Se preciso for, já te digo, talvez eu vá te incomodar um pouquinho para uma outra conversa. Que vai ser a última, porque meu orientador também está meio... Tudo bem que a Ilha, como é que estamos ali, né, aquela coisa? Mas que eu talvez acho que vai ser importante. Eu sei que quando a gente começa a conversar, vai. Então talvez tenha algum pontinho outro que a gente possa marcar um outro momento também. Mas hoje estou bem livre, como te disse, a perspectiva da... Eu não sei se eu te falei isso, mas a perspectiva um pouco do tempo, no mínimo uma hora, duas horinhas talvez. Mas o que ficar confortável para ti no momento que você disser assim "Aline, realmente preciso sair um pouco antes ou precisamos interromper aqui". A gente interrompe.

**Alyne:** Sem problema. Não tem problema nenhum.

**Eu:** Colocar os óculos aqui. Eu pensei, da gente começar falando um pouquinho sobre tua vida. Quem tu é, onde nasceu, onde tu vive, o que tu faz. Quem tu é, de diferentes perspectivas categóricas aí da vida. E pensar um pouco da trajetória pessoal e profissional. E também, claro, relação com a escrita, né. E relações com a identidade, sua identidade. Então, provavelmente as coisas vão se mesclar, né. Mas mais ou menos esse universinho geral que tinha pensado pra gente conversar hoje. Tá bom? Começo te perguntando assim, com quantos anos tu tá hoje? E qual é tua nacionalidade? Tu é brasileira mesmo? Porque tu está pelo mundo também né, então, melhor saber [Risos conjuntos].

**Alyne:** Não é nada. Eu tenho 29 anos e sou brasileira, brasileira, brasileira. Único passaporte, única origem. Único laço, digamos assim, desses que são criados. Impostos, quem sabe.

**Eu:** Impostos. Nação é uma questão, né.

**Alyne:** É, é. Nação é uma questão bem mais, bem menos geográfica do que nos fizeram acreditar quando a gente era pequena ou foi crescendo mesmo. [Risos]

**Eu:** E onde é que tu nasceu? Em que cidade aqui do Brasil? Me conta um pouquinho.

**Alyne:** Já tinha esquecido de trazer meu bairrismo pra frente. [Risos] Eu nasci em Belo Horizonte, Minas Gerais. Cidade que eu amo, amo, amo, amo Belo Horizonte, amo Minas Gerais. É... Isso. Amo e odeio também. Tem também um pouco essa dubiedade porquê.. Bom, falar em termos assim tão opostos é um pouco difícil, né.

**Eu:** Sim, tão extremos.

**Alyne:** Mas é uma cidade que eu passei a amar mais depois que saí de lá. Na verdade. Talvez pela falta, pela saudade, mas... Também é uma cidade que traz inquietações, vamos dizer assim. Porque sempre foi uma cidade que me sufocou um pouco, em certos sentidos. Mas Minas Gerais assim, eu acho que... Eu me identifico mais no Minas Gerais, né. Mas Belo Horizonte é isso, é uma cidade de contrastes como eu tô, imagino, né, praticamente todas as cidades do Brasil. É uma cidade que eu tive a oportunidade de viver como adulta, né, assim. Nasci, cresci, vivi lá até meus 25 anos. Então, tive a oportunidade de ver outras Belo Horizonte, né. Mas sim, sempre morei... Nasci num bairro de classe média, morei numa casa mesmo. Meu último ano lá, que eu me mudei para um apartamento. E sim, sempre foi por ali a coisa.

**Eu:** Queria te escutar um pouquinho mais sobre essas Belo Horizonte. Até porque também em alguma medida me faz lembrar minha relação com Porto Alegre. Acho que... Enfim, eu como tu sabe, né, eu sempre digo, é entrevista, mas eu tenho que sempre me cuidar porque eu falo pra caramba.

**Alyne:** Não, mas é assim, é diálogo.

**Eu:** Mas queria te escutar um pouquinho mais sobre essas diferentes Belo Horizonte que tu viu nesses tempos da tua vida lá.

**Alyne:** Sim, ótimo. Assim, eu... Eu nasci e fui criada numa família muito... Uma família branca, assim. Depois que eu fui me dar conta, né, que a minha avó era uma mulher negra, porque isso eu acho que eu já trouxe, inclusive no grupo. Era... Era algo que não existia, não era algo discutido, né, assim. Ela não tinha também essa identidade, digamos assim, não se reconhecia como uma mulher preta, mas... A gente vê isso depois, né, assim. Eu acho que eu comecei a ler isso, inclusive é triste, porque foi depois que ela morreu, né. Assim, nas pequenas coisas que ela fazia, né, assim, essas coisas, não só nas pequenas coisas que ela fazia, mas na própria história da vida dela, assim, hoje percorrendo de novo, né. Mas assim,

nas pequenas coisas que ela fazia, de como ela administrava a economia da casa, porque eu nasci e cresci com a minha avó, assim. Eu acho que eu diria que ela foi até mais referência pra mim do que a minha mãe. E de certa forma era uma família muito fechada, assim, muito conservadora, né. E aí só trouxe isso da minha avó pra dizer que era exceção à família branca, apesar de novo, né, dela... Porque como o pai dela era um homem preto e a mãe uma mulher parda, vamos dizer assim, ela teve toda essa questão... Como é que eu posso dizer?

**Eu:** De miscigenação?

**Alyne:** É, da democracia racial brasileira. De ser lida como a morena, ou ter essa questão do colorismo, né. Era uma mulher que tinha o cabelo liso, mas tinha demais, assim, o fenótipo, cor de pele, enfim. Mas pra dizer isso, assim, a exceção que eu acho, assim, que eu aponto foi a minha avó e que foi ótimo eu ter tido um outro contato, que eu só elaborei depois, inclusive depois da morte dela. Ela morreu, eu tinha 20 anos. E então o Belo Horizonte pra mim, nos meus primeiros anos de vida, foi esse Belo Horizonte muito da família que vê o perigo, né, vê a violência, que diz que o mundo é perigoso, que a gente não pode confiar. E inclusive, eu lembro de episódios, de aquela clássica história, né, assim: você tá andando na rua, vem uma pessoa preta na sua direção, é atravessar, né, falar "ai, Alyne, olha aí o perigo", enfim. Então eu sempre tive uma vida muito, digamos assim... até eu ir pra universidade com 18 anos, muito pressionada, assim. E isso, assim, como escola católica, escola particular católica praticamente toda a minha vida. Eu sempre estudei no ensino particular, inclusive pra dizer isso pelo seguinte. A gente nunca pôde, assim, ter um padrão de vida de classe média, vamos dizer assim, na verdade, a minha família nuclear, eu, minha mãe, meu pai, meus irmãos. Se não fosse meu avô e os trabalhos de cuidado da minha avó dentro de casa, se não fosse meu avô pagando literalmente essas escolas e tudo mais, essa saúde, enfim. E por muitos anos, e minha avó com os trabalhos de cuidado dentro de casa, provavelmente a história seria diferente, né, porque minha mãe também tinha isso, né, assim, uma aversão ao ensino público, dizia que a gente não poderia estudar em escola pública jamais. Então assim, pra dar um pouco o tom de como foi se apresentando o que que era a realidade, uma descrição de realidade. Então Belo Horizonte era aquele circuito um pouco fechado, até eu ir pra universidade privada católica, com 18 anos.

**Eu:** Que curso que você fez? Foi letras, né?

**Alyne:** Não, foi direito, menina.

**Eu:** Ah, guria eu jurava que era Letras. Guria. Olha aí, viu? a entrevista é boa mesmo, que a gente acaba sabendo.

**Alyne:** Mas, por exemplo, eu era aquela que estava fazendo direito, mas me infiltrava no programa de pós-graduação de direito e literatura, enfim, vamos lá. Mas, justamente, após isso, (para a família, sobretudo para a mãe) qualquer outra coisa que fugia do padrão, vamos dizer assim, seria “você vai passar fome, você tem que ter uma forma de ganhar dinheiro na sua vida”, enfim. E então, na universidade eu fui apresentada pra outros mundos, porque foi curioso. Ainda que tenha sido uma universidade católica, eu digo que realmente foi um divisor de águas pra mim, foi essa professora que eu tive no primeiro período já, uma professora de Filosofia que era feminista, que é feminista e me apresentou aos feminismos. Num primeiro momento, os feminismos brancos, assim, o trabalho todo dela era sobre esse mundo de Beauvoir. Mas eu vou te dizer que já abriu, assim, o universo pra mim, né? Eu já vinha de uma trajetória anterior de querer ter uma forma de mundo assim. Sempre quis sair e ter conhecido isso, né? Ter ido pra universidade, abriu muito, assim. E aí eu comecei a ver, né? Assim, é impressionante como que, por exemplo, comecei a ter mais independência de visitar lugares, visitar realidades em Belo Horizonte que eu até então não conhecia, né? A Belo Horizonte que eu conhecia era Belo Horizonte de Shopping Belo Horizonte, né? Da zona oeste, que é a zona onde eu nasci. Obviamente é curioso, assim, eu já tinha uma noção do que era outras Belo Horizonte, porque eu tenho parte da família pobres, assim. Meu pai, por exemplo, ele nasceu na zona oeste num lugar muito marginalizado. Aqui eu só tenho que fazer um parêntese que eu tenho dois pais, né? Meu pai biológico e meu pai. Então, quando eu digo pai, eu tô me referindo ao meu pai de criação, porque ele se casou com minha mãe, se juntaram, quando eu tinha um ano e meio. O meu pai, por exemplo, nasceu na zona oeste. Eu já via uma diferença, né? Assim, porque ele nasceu numa zona realmente que tem comunidades ali, muito dentro praticamente. O pai dele era um homem descendente de indígenas. Então, a família, por exemplo, do meu pai é bem mestiça, assim, né? Bem bastante mais, assim. Pele vermelha. E ali eu já tinha essa outra referência de realidade. Mas era algo também visto como “poxa vida, olha só”. Sempre, né? Assim, dentro de casa era sempre “nossa, olha onde seu pai nasceu, que lugar”. Eu nunca, então, eu nunca pude ver, por exemplo, chama Casa Branca, esse bairro onde meu pai nasceu. E ali é um bairro, assim, Belo Horizonte tem muito morro, né? Muito morro pelo relevo. Mas assim, era assim, sabe? Esse bairro dele, assim. E aí eu sempre falava assim “nossa, puxa vida, que coisa”, né? E eu não conseguia, e era difícil, porque eu como criança, eu tenho essas memórias, assim. Eu adorava a casa do meu avô. Ele morreu, eu era ainda criança. E vivia até uns oito... não, mais, dez anos, mais ou menos. Mas eu lembro que tinha a jabuticabeira na casa dele, eu

adorava. Eu lembro que meu pai tem essa irmã que tinha uma casa, que tinha uma piscina, mas era assim, era, sabe, esse negócio de plástico, né? Um negócio assim. Mas eu falava assim "gente, mas como que minha mãe fala que é horrível esse lugar, assim? Eu tô me divertindo", né? E era até mais legal que a minha casa mesmo, mas enfim. Mas era esse bairro, assim, bem marginalizado de Belo Horizonte. Eu tenho outra parte da família também, da minha mãe, que, enfim, mora também numa região muito complicada de Belo Horizonte, que é um conjunto habitacional. E ali também, já tinha pessoas negras. Inclusive hoje eu relembrei umas certas coisas, assim, como coisas já que estavam atravessando, né? Assim, o racismo dentro da família. Porque eu tenho esse primo que é um homem preto e a minha mãe detestava a relação da minha avó com ele, assim. A minha avó ajudava muito ele. Porque ele era sobrinho dela. E ele, por exemplo, a família dele, né? A mãe dele de comunidade lá em Belo Horizonte. Então assim, tinha esses pontos, mas eu sempre vi como lugares de perigo, lugares que eu não quero pra minha vida, lugares onde as pessoas são perigosas, enfim. O aspiracional era sempre outras zonas da cidade, né? Zonas mais ricas. Mas voltando, é até curioso, assim. E aí eu fui conhecer outras Belo Horizonte. Eu, por exemplo, namorei um homem preto e conheci, por exemplo, ele morava numa comunidade. E foi inclusive um choque isso, né? Assim, não preciso dizer. Mas já foi, tipo assim... ele, por exemplo, já me trouxe outros elementos. Eu lembro uma vez que ele contou pra mim, que eu vi uma foto na casa dele, do tio dele, né? E ele me contou, desse tio dele que um dia viu um cara decapitado. Umas coisas assim, sabe? E aí eu fui, tipo assim, mas isso eu tô falando não pra reproduzir violência, mas eu tô falando pra dizer, primeiro, dar narração em primeira pessoa, né? Não foi o que foi transmitido pra mim. Mas também pra dizer que eu mesma me coloquei em outros lugares, né? E aí depois eu comecei a frequentar mais a zona oeste, zona leste de Belo Horizonte, que também é uma zona histórica, né? Assim, muito interessante, muito rica de história. O centro de Belo Horizonte, eu comecei a viver mais o centro de Belo Horizonte. Eu até então não vivia, não andava assim com autonomia pelo centro de Belo Horizonte. E também... mas aí que tá.... Começando a trabalhar com as amigas da universidade, também frequentei bastante a zona sul, né? Assim, são esses contrastes assim brutais, né? Brutais, brutais, brutais, brutais, que também comecei a me inteirar deles, assim, enquanto caminhava, enquanto frequentava os espaços. Meu avô sempre morou também num bairro, antes dele, porque depois que minha avó morreu, meu avô veio morar com a gente, porque ele e minha avó eram separados por parte de mãe.



E meu avô também sempre morou num bairro... chamava Vila Oeste, era uma vila, né? Assim, é... Porque depois que ele e minha avó se separaram, isso a décadas, né? Minha avó ficou com a casa e ele se mudou, foi fazer outras coisas na vida, mas já quando idoso foi pra essa Vila Oeste. E também era um lugar já, assim... já.... E é curioso que hoje eu penso em certas coisas, né? Agora, hoje que eu trabalho com Justiça Ambiental, né? Depois a gente pode talvez chegar aí, mas assim... Como Belo Horizonte também, nesse aspecto, tem muitas injustiças. Porque, por exemplo, o bairro onde meu pai nasceu, né? Cruz, assim, bem perto do rio Arrudas, que é um rio extremamente poluído. E também tem o trem que passa, assim, carregando minério. Ou seja, é uma zona muito... como é que eu posso dizer? Vilipendiada. E a questão do transporte público, né? Assim, eu também comecei a notar muito mais essas coisas. Eu já, desde nova, desde os meus 11 anos, já pegava ônibus. Minha avó me levava para outras zonas da cidade, de ônibus e tudo mais. Pegava até sozinha. Mas depois também de começar a pegar ônibus e percorrer a cidade de ônibus, foi aí que realmente, né? E, assim, onde tem mais árvore na cidade, onde tem mais acesso a serviço público, hospital, escola, tudo isso? E qual que é a qualidade desses lugares? Então, é assim que eu fui vivendo outros Belo Horizontes, assim, com o tempo. E, sobretudo, quando eu consegui um pouco cortar essa influência da família.

**Eu:** Compreendi. Nossa, já fiquei muito... Sabe por que eu fiquei pensando enquanto te escutava? De quando você estiver no Brasil, a gente tem que marcar "eu quero passear em Belo Horizonte com você". Me deu vontade, porque eu fui anotando os lugares para depois ver. Agora, a tecnologia nos possibilita dar uma olhadinha, né? Vou dar uma passeada lá pelo Google Street. Para conhecer um pouquinho.

**Alyne:** E Belo Horizonte é muito curioso, assim, porque mudou muito. Eu, pelo menos, assim, da paisagem que eu tinha na infância, mudou muito. A minha rua, por exemplo, eu lembro quando eu era criança, tinha muitas casas, mas essas casas que você vê que foram construídas, tipo, anos 50. Porque meu avô, quando comprou lote, era terra, assim, sem lei, né? Assim, era chão de terra mesmo, assim. Inclusive, o bairro chama Gameleira, eu imagino porque tinha muitas Gameleira, né, na época. Inclusive, eu já vi uma Gameleira lá.

**Eu:** O que é "Gameleira"?

**Alyne:** É uma árvore, é uma árvore. É uma árvore gigante, é uma árvore gigante. E, por exemplo, eu lembro quando eu era criança, a gente tinha, era grade, né? No portão era grade, era grade vazada, então você via. Então minha avó ficava do lado de fora, tinha, por exemplo, a costureira, que, assim, ainda era um bairro "pobre", entre aspas, assim, porque tinha isso

dos barracões, sabe, assim? Até mesmo na minha casa tinha barracões e, por exemplo, ia na costureira, que aí você entrava no portão, mas aí pegava a esquerda, pegava a direita, entrava nos becos, chegava, sabe? E de frente da minha casa tinha um posto de gasolina, algo assim. Enfim, louco pensar um posto de gasolina hoje em dia, porque depois, com os anos, construíram um hotel, porque o parque de exposições é relativamente perto da minha casa, parque de exposições de Belo Horizonte. Então teve esse empreendimento. Então, pra dizer que foi também assim, a cidade também mudou muito, pelo menos o meu entorno, o meu bairro, mudou muito, muito, muito, muito, muito. Porque as pessoas também foram morrendo. Eu lembro, por exemplo, pessoas que minha avó conhecia. A gente tinha uma vizinha de frente que agora eu não lembro o nome dela, morava sozinha, morreu e aí a casa, né, transformaram em comércio, enfim. Um bairro que mudou bastante também, assim, mas sempre se manteve um pouco, sempre esse mesmo, digamos assim, nível, vamos dizer assim. Tinha também gente de todos os tipos, de todas as origens. Eu lembro, eu acho que a Madeline, uma mulher que sempre tava na varanda, fumando cigarro. Essas pessoas que são parte da cidade, daquela cena, da paisagem.

**Eu:** Eu tô vendo aqui, eu tô vendo... (enquanto a escutava, procurei imagens no Google Street, da Gameleira e dos bairros que ela citou). Mas vamos em frente. Uma coisa que eu ia te perguntar, muito lembrando do que aprendi ou reaprendi ontem com a Carolina<sup>89</sup>, é sobre essa relação também com outras cidades dentro do estado. Tem alguma referência de relação, seja na infância, na adolescência, com outros lugares, em Minas, que outros lugares seriam esses?

**Alyne:** O que eu lembro, é que o mais lógico é de Cachambú, não, Cachambú não, Caburu. É zona da mata, vertentes, perto de São João del Rei, Tiradentes. Que pra mim era... Nossa! Eu amava também. Amava, amava, amava, amava São João del Rei. Amava poder ir lá pras férias, ver primos, família, outra família. A natureza foi ali que eu, por exemplo, tive uma outra dimensão, de um outro tempo, de um outro ritmo, pessoa que tinha horta em casa, pessoa que fazia broa e queijo e café. E essas coisas bem típicas que uma pessoa tem, né, do estereótipo de Minas Gerais. Eu fui assim, até um período muito breve, eu não lembro, porque eu era bebê. A gente morou em São João del Rei, minha mãe e meu pai biológico, quando eu nasci. E eu te digo, inclusive foi uma cidade que eu até considerava, né, assim, às vezes, quando tava em crise na minha família, em Belo Horizonte, falava "Nossa, quem sabe um dia mais". Meu pai é uma pessoa muito... Meu pai biológico, enfim, é uma pessoa muito

<sup>89</sup> A conversa com Carolina Maria foi no dia anterior, uma sexta-feira.

particular. Ele nunca foi pai, de verdade, né? Então, não seria possível. Mas foi assim, uma referência, pra além dele. Eu acho que foi um lugar muito meu, que eu tomei muito pra mim. E roça, tio que tem roça, que tem vaca, cheiro de esterco mesmo. Amava, amava essa região, assim, eu tenho essas lembranças. E também, até mesmo uma cidade como São João, como uma cidade de cento e algo de habitantes, né, eu já via todos os contrastes, já me eram passados os contrastes, assim. Então, a família é muito.... toda a família, todas as pessoas da família eram muito humildes. Então, tinham casas pequenas, algumas pessoas em lugares complicados, violentos, outras que já estavam com uma condição um pouquinho melhor. Mas todo mundo, assim, muito, muito humilde, humilde, humilde, humilde mesmo. Meu pai, biológico, por exemplo, foi o único da família que fez um curso superior. Depois teve duas filhas que fizeram, que buscaram fazer Pedagogia, mas já foi um outro momento histórico, vamos dizer assim. Mas para dizer um pouco assim, todas, todos brancos, todas e todos, assim, uma família branca. Mas isso, bem, bem, bem humilde, assim, do interior mesmo.

**Eu:** Só uma coisa que eu fiquei em dúvida: essas vezes que tu ias, era com teu pai e tua mãe?

**Alyne:** Aham, sim, sim, biológica.

**Eu:** Enfim, como é que era, como era isso, vocês iam juntos, até que idade era isso, mais ou menos? Se não quiser falar também sobre isso, qualquer coisa, também.

**Alyne:** Eu, eu... Não, eu te falo se tiver alguma coisa que eu..., mas, não, não. É, eu sempre fui de ônibus, assim, meu pai, biológico, ou ele vinha para Belo Horizonte me buscar, ou eu ia de ônibus, assim, quanto mais eu crescia, foi mais, né, era mais fácil de ônibus.

E isso foi até, assim, meus 19, 20 anos, assim, eu ia com certa frequência lá, certa regularidade, feriados, às vezes férias. Mas eu vou te dizer que essa família do meu pai, em particular, eu meio que perdi nos últimos anos que eu estive no Brasil, porque aconteceram coisas um pouco trágicas, muita gente morreu do nada, assim. Começou com uma tia que teve um câncer de pele, depois uma outra que morreu num acidente muito trágico, depois uma outra que morreu com uma parada cardíaca, uma outra que depois teve que ser internada, uma outra que depois teve câncer de mama, teve que passar por todo o processo de quimioterapia, tudo mais. Só que por algum motivo, teve algum problema psiquiátrico em algum lugar e aí foi internada, inclusive em Barbacena, né, que tem um histórico aí de questões mentais, assim. Então, uma família que se fragmentou, de uma hora para a outra. A minha avó teve um AVC e aí ela que era ativa e tudo mais ficou muito debilitada, dependente, teve dois AVCs, na verdade. E meu pai teve câncer e quase morreu. Então, assim, meu pai biológico, né? Então, eu acho que uns cinco anos para cá, vou dizer, assim, cinco não, até um

pouco mais, eu tive um primo também que morreu, um primo que quando eu era adolescente e depois do início da minha juventude, ele era uma referência minha lá e ele morreu, assim, do nada, né? Ele tinha AIDS, mas não se tratou e pegou uma pneumonia e morreu. Então, assim, eu perdi um pouco esse lugar, né? Essa última vez que eu tive lá em São João, por exemplo, que quando eu fui para o Brasil, eu fui para lá, por exemplo. E é muito louco, assim, porque primeiro só a viagem, porque eu tenho lembrança da viagem, né? A viagem já mudou toda a paisagem, assim, a mineração já tomou conta de outros espaços que até então não tinha tomado conta. E chegar na cidade também, por mais que certas coisas são iguais, a cidade também já está em outro lugar. Parece aquela coisa de uma sobreposição, não sei, eu tenho essa sensação também em alguns lugares que eu voltei depois de muito tempo. Parece aquela sensação de sonho, não sei se sabe, que às vezes quando sonho é aquela sensação de “mas o que que isso aqui está fazendo aqui”, sabe?

**Eu:** Sim. Uma mescla de paisagens. Um patchwork, assim, uma coisa assim.

**Alyne:** Exato. E foi isso, foi para esse lugar, São João Del Rey, um lugar um pouco nebuloso, eu diria. Mas sempre, mas eu ainda guardo como esse lugar que eu tinha um respiro, um tempo da minha família de Belo Horizonte e do que é Belo Horizonte. Aquela outra parte, entre o amor e o ódio que eu tô comentando no começo, né? Os momentos de "ai, ai, ai, ai". Certo.

**Eu:** Nossa, assim e é interessante, só um parêntese, que eu nunca fui a Minas, é um sonho. Eu tenho muita vontade. Lugar no Brasil que eu quero conhecer, Minas está na minha lista desde pequena. E é diferente, porque eu nunca cheguei também a pesquisar sobre a geografia, a cidade, mas sempre me chega. Então, quando tu fala os nomes, eu nunca fui, mas estranhamente eu conheço. Então é uma coisa interessante, assim, parece que eu conheço esses pedacinhos. Mas vamos lá, vamos em frente. Bom, eu já sei a resposta a uma pergunta para registro, que hoje você não vive, né, na cidade em que você nasceu. Onde é teu CEP hoje?

**Alyne:** Onde é que eu tenho o pouso hoje? Meu pouso é em Catânia. Catânia, na Sicília, Itália. Oficial, residente, vamos dizer assim. Onde me buscariam.

**Eu:** Certo, onde a gente manda cartas. É pra Catânia. [Risos] E me conta um pouquinho assim, há quanto tempo tu tens residência fixa lá? Eu acho que sei um pouquinho, então se quiser resumir. Mas pra me contar um pouquinho como é que foi isso de ter pouso em Catânia. Fica à vontade, mas do ponto que tu quiseres.

**Alyne:** Sim, um pouco antes de dizer então do pouso em Catânia, eu tenho que dizer, imagina assim, um pouco dos deslocamentos, né, eu saí do Brasil. Saí do Brasil em 2019 e até chegar em Catânia em maio de 2022, eu estive morando em outras cidades. Morei em Sevilha, morei em Pisa, morei em Iglesias, que é uma cidade na Sardenha, morei até mesmo em Vazante, em Minas Gerais, tudo por causa da pesquisa de doutorado. E agora tô em Catânia desde 2022, desde o ano passado. E foi uma decisão um pouco aleatória, porque eu e meu companheiro decidimos morar juntos e estávamos considerando um lugar possível dentro da Itália, porque é o único lugar fora do Brasil que eu posso ter residência, né. E considerando o custo de vida, considerando que a gente queria ter uma experiência no sul da Itália, porque tem uma cisão entre o norte e o sul da Itália muito forte, assim. E como a gente queria ter essa experiência no sul mesmo, e flexibilidade, a gente tem esse privilégio de poder trabalhar home office, porque seria já um período que eu teria finalizado o meu campo, que eu teria só que escrever e ele que trabalha remoto. E aí a gente falou "ah, bom, vamos pra Catânia". É um pouco aleatório, assim. Eu nunca tinha pisado ali, mas foi por exclusão e tal, e aí rolou, assim. Foi, e a gente já tá lá tem um ano praticamente, nem parece, assim. Mas foi um pouco por essa via, assim, esse percurso que me levou, o percurso do coração.

**Eu:** E nessas outras cidades que tu comentaste, que tu viveu, tu já tava com ele ou não?

**Alyne:** Não. Com ele eu tô desde julho, desde julho, assim, é difícil, eu não sei falar desde quando, mas eu acho que eu diria desde julho do ano passado. Porque tem sempre as datas que são oficiais e as que são não tão oficiais. Não, julho do ano passado não, julho de 2021. Julho de 2021. É que eu também me confundo ainda, às vezes eu penso em 2022, como se fosse 2021. Desde julho de 2020.

**Eu:** Fiquei curiosa, mas aí é uma curiosidade também, sobre essa cisão. Em que sentido? Uma cisão política, uma cisão...

**Alyne:** A Itália é um país muito, aqui dentro da Europa é curioso, é um país muito particular, porque é um país pequeno, se você pensar uma bota, né? Mas ele foi unificado recentemente, a unificação da Itália foi no final do século 19. E Brasil já era, por exemplo, independente antes mesmo da unificação da Itália. A Itália eram vários reinos, né?

**Eu:** Sim, sim.

**Alyne:** Então foi do nada caras, homens, que decidiram "vamos unificar", obviamente, com violência, com despossessão, enfim. Inclusive um muito famoso aí no Rio Grande do Sul, que é o Garibaldi. Que quis exportar o que ele já tinha feito na Itália.

**Eu:** Sim, sim, sim. Exatamente, a expertise, né?

**Alyne:** Sim, e a Itália, o sul da Itália tem uma conexão muito forte com o Mediterrâneo. Assim, a Europa tem essa história longuíssima com o Mediterrâneo, né? E o Mediterrâneo também é África. Então, você tem o sul da Itália com uma presença árabe, uma presença histórica, né? Uma presença árabe, uma presença de outros povos, né? Muito forte, assim, pela migração do Mediterrâneo, pelas imigrações, assim, do Mediterrâneo mesmo. Então é realmente, houve muita, como é que eu posso dizer? Intercâmbio, troca... Muita troca, isso, assim, entre culturas e povos diversos, assim, durante milênios, né? Gente do norte da Europa, gente da África, enfim.

E então, o sul da Itália, que é considerado a região do Lázio, que é onde está a Roma, para baixo, é muito mediterrânea, é muito mesclada, assim. E tem a Sardenha também, né? Que é uma ilha onde eu morei ali, que eu fiz a minha pesquisa, que também é muito particular, porque é um povo, né? É um povo mesmo, assim. E então teve isso, assim. E aí o norte da Itália, que é a parte do centro, aí tem o centro, tem o norte, que é a parte mais rica, a parte mais europeia mesmo, a parte que é considerada racialmente superior.

**Eu:** E a parte do sul, que é essa, né? Que é a porta de entrada das pessoas africanos, que estão migrando, né?

**Alyne:** Então tem essa parte da polêmica aí, política, né? Que a política cria essa crise migratória. Então o sul é o do atraso, é onde está a crise... Perdão, atraso é atraso. Mas é mais agrícola, menos industrializada. Tem muitas questões, assim. A questão meridional, né? O Granchi trabalha isso, assim. Vendo mesmo a diferença entre o norte e a sul da Itália, ele vem com esse conceito, assim, do meridional. Porque também depois da guerra, assim, teve um plano, foi criado o plano de renascimento na Itália. E era mais ou menos uma industrialização forçada do sul, né? Para compensar o atraso. E na verdade foi algo muito falho, né? Assim, que gerou muita destruição, que, enfim, que não trouxe desenvolvimento. Mas, enfim, para dizer essas diferentes assim, geográficas dentro da Itália.

**Eu:** Não, super, valeu muito a pena porque acabou também me lembrando várias coisas. É interessante porque não da mesma forma com suas particularidades históricas, obviamente. Mas essa... Não vou te dar uma decisão, mas essas diferenças entre norte e sul, enfim, já estão mais do que documentadas por muita gente. Mas me fez pensar muito no contexto mexicano também. Que é um paralelo nítido sobre... Bem com essas mesmas características, então. Em cima está lá a situação do muro, né? A divisão com os Estados Unidos, e na entrada por Chiapas, Tapachula, todo o pessoal que também está no processo de migração. Isso na contemporaneidade, né? Pensando, subindo por ali. A migração também interna das pessoas

do sul e sudeste para cima, para trabalhar em Monterrey, em Baja Califórnia e outras regiões. Então achei muito interessante. Mas isso aí dá outra pesquisa. [Risos]

**Alyne:** Eu quero saber do México também.

**Eu:** Nossa! Sim, guria, tem muito a ver com a minha pesquisa do TCC, né? Porque tem uma camada aí toda na relação da construção de nacionalidade, né? Que está implicada aí. Mas que eu dei um stand-by para poder retomar com fôlego, de repente, no doutorado ou em outros meios também. Mas vamos lá. Muito obrigada por sanar essa minha dúvida.

**Alyne:** Perfeito.

**Eu:** A gente agora vai falar um pouquinho sobre gênero, sexualidade. E depois a gente entra um pouquinho mais densamente em pensar autodeclaração étnico-racial e o processo. Mas em termos de gênero, acho que a gente falou em alguns momentos de forma mais sutil, em alguns encontros, né? Mas queria te escutar de uma forma diferente de só te perguntar como tu te define, mas me contar como foi que tu começou a te pensar com a autodefinição de gênero que tu tenha hoje, né? A que hoje tu te apresenta para o mundo em termos de gênero. Nos mesmos termos, sua sexualidade, mas se quiser falar um de cada vez, fica à vontade.

**Alyne:** Ótimo. Bom, eu... Curioso, assim, porque esses contrastes, né? Talvez eu vou tentar fazer uma narrativa um pouco histórica para explicar, né? Porque tem uma questão, assim, tem esse lado que eu expliquei da minha família complicada, mas ao mesmo tempo tem um outro lado. Que a minha mãe é uma pessoa que fez Design, era uma pessoa que viveu num meio muito variado. Em termos de orientação sexual, por exemplo. Gênero, assim, não se falava mesmo, mas de orientação sexual, sim, tanto é que ela tinha, por exemplo, algo que eu acho que poucas amigas minhas tiveram, ela tinha uma amiga lésbica que era casada com outra mulher e a gente visitava. Ela tinha um... a gente tinha na família uma pessoa, um homem gay que... em uma família super conservadora sofria preconceito. E eu sempre lembro da minha mãe muito carinhosa com ele. E a minha mãe em si, assim, sempre foi uma mulher nesse ponto, assim, aparentemente muito aberta, né? Ela sempre se vestiu diferente, se vestia com roupa de homem. Eu não era uma criança, assim... eu era uma criança de cabelo curto que vestia coisas assim... não era nada de princesa, não foi muito, isso não foi muito assim, sabe? Barbie, não, não, né? E foi curioso, assim, né? Depois foi até um susto pra mim, porque depois eu comecei a me relacionar, assim, ter muitas amizades diferentes, né? As pessoas são diferentes, então, se você quer ter amizades com pessoas, que são diferentes... aí aconteceu de eu, por exemplo, ter uma amizade com, por exemplo, na universidade, uma mulher lésbica e aí eu lembro que minha mãe já não gostou disso. Quando era comigo, né, ou seja, com a

filha, né, assim, com a filha não. Era tipo... Ficou da porta pra fora, né? Sim, eu lembro até que essa minha amiga me chamou pra dormir na casa dela, minha mãe falou assim, "Ah, não." E eu, de verdade, ela tinha 18 anos, 18, 19 anos, você tá entendendo, assim? Mas pra dizer que, assim, ao mesmo tempo que tinha essa criação de homem, mulher, o casal tinha isso, né. Meu pai era super machista e homofóbico, muito mesmo, assim, melhorou nos últimos anos, mas sempre foi muito machista e homofóbico. E então, ao mesmo tempo, tinha um pouco essa mistura de coisas, né? Só que eu, assim, obviamente.... que hoje eu me defino como uma mulher cis, heterossexual... mas pra mim só veio a ser uma questão a nomear, a ser nomeada, depois que eu comecei a estudar sobre isso, entender um pouco, né, assim. E sobre travestis e pessoas trans, eu comecei a ter um pouco mais de contato também na universidade, com os casos, uma amiga minha trabalhava numa clínica de direitos humanos e aí tinha a questão do Transpasse, questão. Eu mesmo, por exemplo, é curioso porque eu fui muito pra esse lado do gênero, inclusive meu TCC foi sobre a Ala rosa, que é uma ala pra mulheres trans, dentro de um presídio em Belo Horizonte e aí era uma questão justamente sobre essa... de o que fazer, né, com essas pessoas que são mulheres trans, mas dentro de um espaço masculino, que só tem muita violência, enfim e eu até mesmo assim, fui bastante pra esse lado, sempre me interessei muito pra esse lado de gênero, pra esse lado de orientação sexual. Por exemplo, né, pensei por um período, que eu comecei a falar assim, mas será que eu sou bi? Será que eu gosto de mulheres? Mas não foi algo que veio de criança, foi algo que depois que eu comecei a estudar, o que é, por exemplo, a monogamia compulsória, o que que é a heteronormatividade, então eu falei assim, bom, mas então deixa eu rever aqui se aconteceu alguma coisa que me, né? Mas eu nunca, pelo que eu li né, do que é uma experiência de ser trans ou uma experiência de ser uma pessoa de uma pessoa LGBT, eu hoje digo que trans, assim, jamais, nunca foi uma questão de transgeneridade. Mas a questão de orientação sexual, é. Hesitei de perguntar assim, né, se talvez seria, mas hoje assim, eu creio que não, no sentido de definição, né. Ao mesmo tempo eu fico pensando assim, essas categorias, como são fluidas né. Eu por um período falei assim, "não, o negócio é gostar de pessoas, né". Eu sempre coloquei isso também, assim, eu sempre me coloquei muito aberta, pra dizer assim. O negócio pra mim é, se eu sentir uma atração e quiser bancar isso e ter essa pessoa do meu lado, eu acho que eu vou ter ferramentas e instrumentos hoje pra poder, digamos assim, sustentar, mas ao mesmo tempo eu sei qual que é a importância da definição em termos estruturais, né, porque eu sei que uma mulher lésbica, que se define como lésbica, sapatão, tem uma outra, um outro lugar na sociedade, então, eu não quero também



desqualificar o que é ser uma pessoa LGBT, dizendo que "ai, eu sou fluida, a questão é me apaixonar por pessoas". Enfim, mas hoje eu tô nessa relação hétero estável e é o que realmente assim, enfim...

**Eu:** O que te define. Eu achei bem....enfim, esse é um ponto também que eu sempre gosto muito de conversar nas entrevistas. Nas outras que eu fiz também na vida, também sempre me remexe muito, mas essa é uma pergunta que sempre me dá mais vontade de pesquisar, porque eu adoro escutar as pessoas sobre as suas definições, como elas se pensam em termos de gênero, sexualidade. Uma hora outra, fora da pesquisa, tem muitos cafés agendados aí pra gente conversar, porque é uma troca muito potente, que às vezes esse lugar dentro de um roteiro de pesquisa, às vezes ele parece muito direto, acho que ainda tem uma leitura quando a gente apresenta um trabalho acadêmico, que se espera que a gente defina e diga como que a pessoa é isso, a pessoa é aquilo e é importantíssimo. Eu sou uma pessoa LGBTQAPN+. Enfim, extremamente importante, mas ao mesmo tempo eu fico pensando que essa escuta, poder saber como que as pessoas estão se dizendo, assim como a gente está fazendo e vai fazer daqui a pouco, a gente pensar sobre autodeclaração étnico-racial, é um mundo, porque é uma reflexão que precisa ser feita pela pessoa. Felizmente já tiveram algumas experiências que ao estarmos aqui conversando, a pessoa começou a pensar sobre isso, muito menos desse lugar de se definir dentro daquela caixinha, mas de fazer aquelas inversões boas, tipo pensar em que momento a pessoa se reconheceu mais seguramente na sua cisgeneridade, que acho que é uma pergunta que a gente está acostumada a fazer para pessoas transgêneres, eu acho que é uma inversão interessante e que eu até puxaria para a gente pensar que acho que tu me contextualizou historicamente, mas eu achei muito bacana o jeito que tu coloca o quanto ir aprendendo sobre gênero com esses encontros também, que estão na tua infância, que estão no teu encontro com as pessoas na universidade e fora da universidade também, vão te ajudando a pensar "opa, mas eu acho que eu estou afim de olhar essa parte de mim". Então eu quero dizer assim, tu não foi projetando isso a partir apenas do contraste, mas sim de olhar para ti a partir desses encontros, se eu entendi bem, é isso que tu me comenta assim, né?

**Alyne:** Foi exatamente isso, foi exatamente isso, foi exatamente, de pensar que não era algo que era dado como certo, né, assim, de pensar "ok, tenho uma vagina, sou mulher" ou "tive relações sexuais com homens, sou uma mulher heterossexual", enfim. Foi realmente de ir escutando outras experiências, entender que existem outros fatores que influenciam e que a heteronormatividade, né, ela é imposta e a cisgeneridade e pensar que é importante esse

momento de hesitação, foi importante para mim esse momento de hesitação, né, assim, de olhar para dentro, e pensando nisso até lembrei aqui, eu acho que mais, eu gosto muito assim também, isso me traz muito também a dimensão material, assim, eu acho que parece que pode parecer abstrato discutir essas questões assim, mas me traz muito corpo em questão, e eu gosto muito disso. Eu até lembro, tem um texto da Lorde que ela fala, tem hora que ela e isso é interessante assim, né, que ela diz que tem momentos que ela queria ter um pênis para saber o que ia penetrar, por exemplo. Eu não lembro, eu não sei dizer muito bem, mas assim, para dizer que a experiência do corpo, ela também, ela é trazida em questão com tudo isso assim e então foi muito, muito, muito interessante. A experiência do seu próprio corpo e do seu corpo com outros corpos e o que um outro corpo é para você, assim e sempre, sempre, sempre, sempre me chamou muita atenção esse tema, por isso, porque ele faz com que as coisas não sejam tomadas como sempre, né.

**Eu:** Sim, sim, sim, eu acho que é muito interessante também a gente pensar o quanto uma conversa sobre isso, quando tida desta maneira, muito menos protocolar do que a gente tem que ser burocraticamente nas interações, seja para acesso a uma política pública ou outro espaço, nos possibilita que a gente construa isso, se vendo como é que eu posso dizer assim também, a pensar o quanto um outro não define a nossa sexualidade e que é um processo aí que precisa, precisaria ser tocado com mais, poderia ser quebrado enquanto tabu, por exemplo. Eu tenho muita vontade de saber mais o que que é uma experiência de uma pessoa heterossexual na sociedade, na sua vida, não só na sociedade, mas nessa história, nem é que tu me conta da tua vida, sabe. Então, saber como é que foi isso, como é que é essas interações, não só com, “ah, eu, né, eu me relacionei com essa ou com aquela pessoa, mas eu me percebi olhando rapazes”, que eu acho que é uma coisa que a gente, né, às vezes não tem essa referência, a gente tem essa referência na outrificação, né, de dizer “ah, puxa, ela, como que se construiu essa lesbianidade” por exemplo, né. Ela é muito representada nesse lugar de “ah, eu comecei a perceber que eu comecei a gostar de meninas, ia olhar para elas”, mas eu queria também ouvir, eu como uma pessoa que, enfim, não sou heterossexual, entender como é que foi esse processo, às vezes isso é muito lançado como por meio de uma jocosidade, assim, vamos fazer essas inversões, eu acho elas maravilhosas, porque elas têm o potencial da gente se conhecer efetivamente, né, então ouvir me ajudou a pensar isso de uma maneira bacana e diferente do que eu já tinha pensado até hoje, olhar historicamente essa tua construção como pessoa do ponto de vista de gênero e sexualidade.

**Alyne:** É genial, porque assim, eu vou te dizer, né, do mesmo jeito que a branquitude não reconhece a questão da raça, né, assim, porque a raça neutra, por excelência, eu não sei se é essa expressão, mas assim, a heterossexualidade não é questionada, né, assim, pra nada, é naturalizada totalmente e vou te dizer que a minha inserção, digamos assim, no mundo da heterossexualidade, aconteceu assim, diria eu, quando eu tinha 15 anos que dei um primeiro beijo, porque todas as amigas já tinham beijado 15 anos, 14, 15, não sei, aí eu tenho que fazer, acho que eu tenho que fazer uma regressão, Aline, que é assim: eu tive uma primeira infância e um início de uma adolescência muito complicado, em termos de muitas rupturas, muitos abandonos e então outras coisas, eu acho que estavam me ocupando, aa minha subjetividade, vamos dizer assim, né. Eu não sei do quê, por exemplo, eu não tinha essa coisa do namoradinho na escola, eu não lembro, eu lembro na verdade, aí sim eu lembro um, foi meu primeiro... ah! essa história é maravilhosa, assim, eu com 10 anos de idade que eu lembro, que eu gamei num garoto e eu gamei nele. Assim, minha mãe falava assim, “logo esse Augusto, Alyne, ele parece o Fred Mercury!”, e eu assim... [Risos] Sim, sim e porque tinha uns dentinhos, assim, de coelhos, sabe? Eu sempre fui uma pessoa esquisita gostando de gente esquisita, entendeu, assim, é... Então, assim, de algo que eu lembro, assim, né, foi... Mas até antes, eu acho que eu tenho que fazer uma segunda regressão na regressão, assim, eu lembro pequena, pequena, tinha um namoradinho na escola, esse sim eu lembro disso, assim, que era Vinícius, o nome dele, que tinha, o quê, quatro anos, no Padre Machado, num colégio onde eu estudei. Mas eu não tenho muita lembrança mesmo, assim, o que eu tenho lembrança é que com seis anos, eu não sei o quanto que isso, assim, acontece com outras pessoas, mas meu primeiro beijo foi em uma mulher. Na época, era neném, criança, né, digamos assim, seis anos, mas eu tinha essas duas colegas de sala, que era Paloma e a Natália, e aí eu lembro que tinha tipo um... era uma casa, o colégio era uma casa, a escola era uma casa, e aí tinha tipo um sótão, e a gente ia lá pra beijar e eu também beijava a Natália na casa dela, que eu ia visitar ela. Era beijo na boca, assim, mas era só beijo na boca e era aquele negócio assim, “beijo de língua”, mas assim, que é outra fase, né?

**Eu:** Sim, sim.

**Alyne:** Isso eu acho que é... eu realmente não sei, assim, hoje pensando, agora que a gente está conversando, veio isso, essa imagem que é algo que eu... tem anos que eu não falo, na verdade, eu acho que eu nunca falei isso, assim, é... Eu tô pensando que, não sei se eu já tinha falado isso antes ou não, mas assim, essa questão da sexualização da infância, não sexualização da infância, sexualização da infância.

**Eu:** Sim, entendi. O processo de... De construção da sexualidade.

**Alyne:** De construção da sexualidade, exato, de exploração, né, de exploração. Mas isso, com essas colegas, foi algo que eu lembro que a minha mãe descobriu, eu acho que eu falei com ela ou algo assim, não... é muito difícil, assim, é uma memória muito turva, assim e aí cortou a amizade e sai do colégio também, assim, eu acho que não sei se... Acho que coincidiu, já era final de ano, alguma coisa assim, eu realmente não lembro. Mas sempre ficou na minha cabeça como algo errado, assim, né, ter feito isso. Mas de qualquer forma, de dizer atração, assim, que não é algo de descoberta de corpo, eu não sei como eu colocaria isso hoje, mas de dizer assim, “poxa, quero ver”, eu lembro que foi com esse Augusto. Depois, alguns anos passam e aí foi meu primeiro beijo esquisito, assim, eu lembro que foi no final de semana que Michael Jackson morreu. Eu acho que eu posso, acho que eu quero resgatar. E aí daí foi, mas vou te dizer que eu só comecei a ter prazer sexual nesse meu relacionamento de agora. Até então, todos os meus relacionamentos foram com homens, mas pra te dizer, assim, de ter um relacionamento de qualidade, né, sexual afetivo, foi só agora, assim. E eu lembro um episódio quando eu tinha 15 anos, que eu tava saindo com esse cara, devia ter uns 23, ele era alguns anos mais velho que eu e aí a gente começou a se pegar e tal<sup>90</sup> (...) E eu lembro que eu fiquei meio assustada e não disse não, mas ele seguiu e tava uma coisa me incomodando (...) E depois disso, assim, realmente, falei com ele "não, não quero mais" e tal, mas pra dizer, assim, que não foi algo necessariamente, assim, essa descoberta, digamos assim, essa definição da sexualidade não foi algo prazeroso, ou algo, digamos assim, confortável, cômodo.

---

<sup>90</sup> Em respeito à detalhes íntimos que foram relatados, subtraí o trecho do relato de Alyne.

### 3.5 Carolina Maria de Jesus – “Reescrevendo a história familiar”



Figura 29 - Foto de Carolina Maria de Jesus<sup>91</sup>

A conversa com Carolina foi a primeira das três individuais. Ela como sempre, muito disponível para conversar. Entre nossas janelas virtuais, vimos o anoitecer chegar, a luz caindo aqui no Partenon e na Zona Sul de Porto Alegre, onde mora atualmente. Uma jovem senhora de 63 anos, disposta a trocar e com muitas chamas de vida. Sem dúvida, conviver com Carolina durante estes dois anos do mestrado foi importante em diferentes níveis. Nem sempre foram escutas confortáveis, sobretudo em relação as diferenças de perspectiva sobre as relações raciais. Foi um dos encontros intergeracionais mais genuínos que tive nos últimos anos e minha vida. Era bonito ver o brilho no olhar dela a cada partilha sobre um pedacinho a mais que descobriu de sua história familiar, a qual ela resolveu escrever, buscando que essa escrita seja coletiva. As conversas com as primas, o reencontro com fotos e caminhos nesta Porto Alegre que mudou tanto, desde ela morou e estudou pelas ruas do centro.

Aline, o nome que escolho é Carolina Maria de Jesus. Então estarei muito bem representada, pois Maria, lembra a madrinha que me alfabetizou com todo o carinho. Carolina foi escritora negra, compositora e poetisa brasileira. Une tudo que gosto. A primeira publicação dela eu tinha um aninho. Ela defendia os direitos sociais. O livro Quarto de despejo: diário de uma favelada. (Carolina, março de 2023, Porto Alegre)

---

<sup>91</sup> Fonte: Site do Instituto Moreira Salles. Disponível em: <https://ims.com.br/titular-colecao/carolina-maria-de-jesus/>. Carolina Maria de Jesus foi uma escritora nascida no Brasil.

A autodeclaração étnico-racial de Carolina como uma mulher afro-indígena, por vezes me gerou alguns questionamentos, baseados nos pressupostos a partir dos quais ela constrói essa definição de si. Segundo ela, sua definição com uma mulher afro-indígena vem do fato de que em sua família existem “elementos de negritude e elementos indígenas”. Buscando mais sobre o termo e sua emergência enquanto categoria êmica, encontrei os trabalhos de Cecília Mello (2003) e o um curto artigo de Márcio Goldman, no qual dialoga com a dissertação de Cecília. O uso do termo por Carolina me instigou, tendo em vista meus interesses de pensar construções de categorias étnico-raciais em âmbitos nacionais, como foi o caso de minha pesquisa de graduação (Rodrigues, 2021).

Ela pôde aprender, assim, que “afro-indígena” quer dizer muitas coisas, “uma origem mítica, um modo de descendência e uma forma de expressão artística” (Mello, 2003, p. 73). Que não se trata de uma simples “justaposição de duas influências ou formas de expressão [...] distintas e irreduzíveis”, mas de “uma terceira forma, com características próprias”. Que a “relação que o grupo estabelece entre afros e indígenas é não apenas uma relação de proximidade entre dois mundos paralelos”, mas “uma fusão ou intersecção entre esses dois mundos” (Mello, 2003, p.96). (...) Em suma, que ele mesmo é “uma técnica de reaproveitamento ou de reatualização por bricolagem” (Mello, 2003, p.102)

É importante um comentário geopolítico de atenção a construção da categoria em diferentes regiões do país. A discussão sobre a autodefinição étnico-racial enquanto *afro-indígena*, sobretudo no contexto de elaborações raciais tecidas nos centros urbanos do sul do Brasil, com lógicas e senso comum bastante permeados por descrições racistas em relação a pessoas negras e indígenas, difundidas no seio cultural do Rio Grande do Sul e outros estados da região por branquitudes críticas e acríicas (Cardoso, 2020), torna complexa a apropriação do termo e convida a novas investigações sobre os significados de se autodefinir a partir deste termo, sob risco de reproduzir argumentos como os utilizados por pessoas fraudadoras de políticas de ações afirmativas, ao advogarem que por ter parentes negros, são dignos de acessar esta política de reparação delineada considerando-se os impactos do racismo na vida de pessoas negras, em sua diversidade de tonalidades e existências.

Ao recordar de seus primeiros escritos, mais acadêmicos, Carolina percebe o quanto o escrever seu projeto de um primeiro livro autoral, juntamente a sua família, recoloca a escrita em outros lugares em sua vida. Ela se autodeclara como uma mulher afro-indígena. Suas falas

por vezes me lembraram o tom de algumas narrativas de minha mãe, ao falar de situações “carinhosas” vividas com pessoas brancas, mas que estavam na verdade nitidamente envenenadas pelo racismo vivido por ela.

**Parte da conversa com individual com Carolina – abril de 2023**

**Eu:** Deixa-me ver se vai... "Recorded in progress". Eu gosto de imitar a voz do Zoom. [Risos]

**Carolina:** O que significa isso? Quer que eu aperte o "go" e o "it"? Não precisa...

**Eu:** Ah, sim, você pode apertar para concordar. Significa que você está aceitando gravar essa chamada.

Carolina: Que é esse "go" e "it", né?

Eu: Isso, aí você clica no botãozinho azul, se você tiver de acordo.

**Carolina:** Isso, vai traduzindo para mim que fica ótimo. Eu não entendo nada de inglês.

**Eu:** Eu também não muito, mas... Tive que me emaranhar por esses rumos. Eu tive que estudar.

**Carolina:** É que eu sou muito revoltada com essa coisa de tudo estar em inglês, tô nem aí para o inglês.

**Eu:** Eu vou te ser sincera também. Eu estou agora... A gente está... Estou acompanhando uma irmã. A gente ano passado também estava tentando estudar aqui, porque a proficiência no meu programa só pode ser inglês, inglês ou francês. E aí, ao menos o *To be* eu tive no colégio. Agora o francês ficaria um pouco mais complicado. [Risos] ficaria um pouco difícil para mim, mas talvez um dia.

**Carolina:** Meu filho que está estudando francês, mas ele está fazendo doutorado, o Marcelo, esse aqui, artista visual.

**Eu:** Ah, sim, pois é.

**Carolina:** Ele já fez inglês no Mestrado, e agora..., mas para ele interessa, porque tem muita coisa das artes. Da França, né? Então resolveu estudar todo o francês por causa disso.

**Eu:** É, tecnicamente, na Antropologia também, né? Boa parte da literatura, principalmente do que a gente estuda aqui no Brasil, é uma literatura que dialoga muito com produções que são em língua francesa, né? Então, sei lá, um Levi Strauss da vida, um pessoal aí que, no fim das contas, seria interessante. Eu tenho vontade, mas dentre as atuais urgências, o espanhol e o inglês vão ter essas prioridades. Mas antes de dar continuidade...

**Carolina:** Tu reparou que tu tá de lado para mim, não está me olhando de frente, né?

**Eu:** Eu reparei, sabe por quê? Vou te dizer, gambiarras da vida do pesquisador. Eu não estou no... Que aqui, eu estou no celular, o meu celular é a minha câmera. Então, normalmente, eu estou no computador da empresa, e aí eu vejo vocês de cara, por isso que... E aqui parece que eu estou olhando para cima, mas eu estou olhando para ti.

**Carolina:** Ah entendi, parece que tu estás olhando de lado [risos]

**Eu:** Deixa eu ver, tu está...

**Carolina:** Mas hoje de manhã, eu pensei a mesma coisa, eu faço terapia online, né? Daí, quando a terapeuta falou: “eu estou no celular, então vou tentar arrumar, porque se não parece que eu estou olhando para o lado, mas eu já estou te olhando”. E eu, tá bom, né? Tu imagina fazer uma terapia assim, né?

**Eu:** Sim, a terapia 360°, né?

**Carolina:** [risos] Será que tá me ouvindo mesmo? A pessoa...

**Eu:** Mas se te incomoda, eu posso dar um jeito...

**Carolina:** Não, não, era só para tu saber que tá desse jeito, não, tudo bem.

**Eu:** Tá, mas antes de mais nada, ia te perguntar aquilo de praxe, né? Só que você possa dizer se você aceita que a gente faça essa entrevista gravada aqui pelo Zoom, que vai ser utilizada aí só para fins de pesquisa mesmo, para a construção dessa última etapa, estamos chegando aí na reta final da dissertação, né? E aí te pedir se tu possas dizer, né, teu nome completo e dizer que aceita participar da entrevista aqui gravada.

**Carolina:** Certo, então, meu nome é Carolina e eu aceito... Eu considero isso muito importante a pesquisa e o conhecimento.

**Eu:** Perfeito. Então, vamos lá, né? Vai ser um pouco diferente do que foi a primeira, né? Aquela primeira nossa que foi já muito incrível, não sei se tu chegaste a escutar de novo, eu deixei ela lá no nosso drive, tá lá o áudio, porque achei que, para além da ser da pesquisa, aquela conversa nossa teve muito a ver com o nosso processo juntas, né?

**Carolina:** Com certeza, muito legal.

**Eu:** E daí hoje a gente vai falar um pouco mais sobre ti, acho que a gente já falou muito... Eu tenho essa sensação de que eu já te conheço bastante, um pouquinho bom assim, mas a gente vai entrar em coisas mais detalhadas da tua biografia, da tua vida, né? E óbvio dessa relação com os livros e com a identidade étnico-racial, como que é esses percursos todos que a gente meio que veio aprendendo, aprendi muito sobre a tua trajetória e a partir disso também do que eu estava pensando e estou pensando na pesquisa, então acho que a gente vai se embrenhar um pouquinho mais por aí, tá bom?



**Carolina:** Tranquilo, está ótimo.

**Eu:** Outra coisa que eu ia te comentar é uma coisa também mais burocrática, mais de praxe, é que depois, eu deveria ter enviado antes, mas enfim, vou enviar para ti o termo também, né, de consentimento. Termos de consentimento. Acho que é bem importante e aí tu podes assinar digitalmente depois e me mandar.

**Carolina:** Tá.

**Eu:** Olha, eu por enquanto, eu desenhei aqui quatro blocos para entrevista, se der para a gente fazer tudo hoje, ótimo, se não der, a gente marca um outro momento e se... Eu por mim não tenho problema nenhum, quanto mais puder te encontrar, melhor, né?

**Carolina:** Aí sim, isso é muito bom.

**Eu:** Mas assim, digo por que, também pensando em ti, para que se ficar alguma coisa muito cansativa ou se, né, você pode me acionar em algum momento.

**Carolina:** É, não, assim, é, tipo assim, só se eu ficar cansada, né? Porque hoje está hiper tranquila na minha casa, só estou eu e a minha filha, estou aqui em cima e ela também embaixo, então você entra na Santa Paz, não tem nenhum cachorro latindo, então...

**Eu:** Ah, coisa boa.

**Carolina:** Tô de boas, não tenho nenhum outro compromisso, tá bom?

**Eu:** Show de bola, então. Vamos lá, né? Vou começar com esse primeiro bloco, que é te conhecer, algumas coisas que queria te ouvir sobre um pouco mais de dados mais gerais, né? Teu nome eu já sei, né, tu comentaste já, mas assim, tua idade, né, nacionalidade, começar falando um pouquinho dessa tua composição, como que tu te define enquanto gênero, enquanto sexualidade, né, como que tu te declara e também em termos étnico-raciais. Então comentar um pouquinho aquela parte mais sociodemográfica, poder te saber como categorias.

**Carolina:** Eu vou respondendo, daí se tu achar que não está completo, por favor, fica à vontade e diz, "Ah, fala um pouquinho mais sobre tal coisa".

**Eu:** Perfeito.

**Carolina:** Então tá, eu tenho 64 anos, recém completados, nasci em 21 de março, signo de aries, último dia de aries. Sou a filha do meio, tenho uma irmã mais velha, 7 anos mais velha que eu, 7 não, 6 anos mais velha que eu. Um irmão mais moço, 2 anos mais moço que eu. Mas meus pais já são falecidos, meu pai estaria, poucos dias atrás, dia 19, fazendo 93 anos se ele fosse vivo, mas ele morreu muito jovem, morreu exatamente com essa idade que eu tenho, 64 anos. A minha mãe já, graças a Deus, viveu um pouco mais, né, fazem 7 anos que ela faleceu. E daí assim, já que eu posso falar um pouco da origem também, a minha família

toda, eu consigo identificar através do meu olhar, da minha pesquisa, de observar várias coisas, são naturais de Rio Pardo, no Rio Grande do Sul, onde tem, acho que 90% da população é negra lá, muitos negros ali, na realidade tem quilombo. Sendo que o meu avô materno, esse eu falava pouco, esse sim era bugre, né, indígena, tinha uma descendência indígena e os demais, por parte da minha mãe, todos negros, exceto meu avô, né, no caso, e do meu pai eu tenho pouquíssimas, pouquíssimos não, eu sou exagerada, mas enfim. Mas teve um aumento com meus primos, enfim, mais próximos, né, são todos negros também, né, meu pai tinha a tez um pouquinho mais clara, esse Oliveira acho que tem a ver com português, sabe o que, né. Mas eu sei da minha avó, só por saber, que ela também tinha traços indígenas, por parte do meu pai e aquelas coisas que é só por saberes também, né, não tem assim, né, a formalidade da coisa, pra dizer que é realmente era. Porque ela faleceu quando ele nasceu, enfim, se eu fosse mais próxima destes familiares, eu só acabei não tendo contato com a minha bisavó, que realmente tinha alguns traços, assim, um pouco mais, varia para dizer, né, que poderia ter um pouquinho de indígena, um pouco de negros também. De negros sim, porque eu fiquei sabendo que ela nasceu na Lei do Ventre Livre.

**Eu:** A tua tata?

**Carolina:** A bisavó, minha bisavó paterna, que no caso essa eu conheci e convivi por dez anos.

**Eu:** Poxa, que massa poder conviver com a bisa, né?

**Carolina:** Eu convivi com ela, claro que ela não estava naquele estado de diálogo assim, tinha algum esquecimento, eu não sei o que que era, ela brincava com bolhas de sabão, acho que é o que mais marcou na minha vida, lembrar de brincar com ela com bolhas de sabão. Mas essa casa eu frequento até hoje.

**Eu:** Essa seria aquela casa que tu, não é aquela casa da foto, eu lembro que tu... Que tinha a árvore, né?

**Carolina:** É da foto mesmo. Isso. Uma árvore no meio, dois muros, eu tenho essa imagem na cabeça. Tem a árvore, tinha...

**Eu:** Aqui em Porto Alegre essa, não?

**Carolina:** Não, não, não, não, tu tá confundindo.

**Eu:** Ah, então não é a mesma.

**Carolina:** Mas eu tenho a foto com a bisa e a avó com ela, com meus filhos juntos eu tenho. Deixa eu pensar depois que eu tenho... Mas eu tenho essa foto ali. Que mais que eu precisava falar mesmo?

**Eu:** Sobre ti, assim, um pouco, aquela questãozinha. É, como que tu te defines enquanto gênero e sexualidade.

**Carolina:** É, na realidade, por ser a mais antiguiinha, não tinha muito na minha época essa questão de “sou isso ou sou aquilo”. Outro dia eu tive que responder alguma coisa e eu perguntei pros meus filhos. Daí dizem eles que parece que é cis, né? Uma mulher que se achava que....

**Eu:** Certo e o que tu te...

**Carolina:** Eu sempre me senti uma mulher, sabe, como mulher mesmo, não tive uma outra identidade, assim, sabe? Que eu tenha estado ou sentido assim, não. Então eu não sei te dizer os nomes assim, mas parece que é cis, né? Por favor, tu corriges pra mim.

**Eu:** Não, não. Aqui...

**Carolina:** Essa nomenclatura não fazia parte do meu vocabulário.

**Eu:** Claro, mas assim, uma coisa que é importante sempre é... E aí compartilhando, sabe, que eu também sou tri falante, né? Porque sempre tenho que me cuidar, porque senão eu falo mais que a pessoa. Ai, tenho que me cuidar um pouquinho. Mas é uma coisa bem interessante. Eu gosto muito dessa parte, porque parece que ela é... essa parte da pesquisa, em outras entrevistas que eu já fiz, porque a gente, sei lá, às vezes se imagina que vai ser uma coisa muito protocolar. “Ah, eu sou isso, isso, isso e aquilo.” E, na verdade, pra mim, interessa mais tu me falar até mesmo... O que que significa isso pra ti, cis? Se daqui a pouco o cis não faz sentido, tipo, tu já tinha pensado sobre ti, sobre teu gênero, sobre tua sexualidade, se em algum momento isso já passou por ti, independente do nome que tu der, assim.

**Carolina:** É, então realmente, como eu já tava te dizendo, isso nunca me passou, isso na realidade, né? Eu sempre me identifiquei com isso, mas eu acho que essa identidade então vem muito também da questão das mulheres da minha família, né? Eu acho que isso é uma coisa bem importante da minha vida, assim. Da minha família e daquela minha madrinha, que as vezes... Que eu tô só no caso, sabe? Que era minha vizinha do lado. Então, assim, não sei, é porque como eu tenho esse meu perfil então, que é a Carolina, né? Uma Carolina que sempre foi muito observadora desde criança, né? Consigo me vê como muito observadora, muito curiosa. Muito querendo sair pra... Eu sou, eu sou de ir pra rua, não tem jeito. Eu sou de interagir com as pessoas, eu não me sinto uma pessoa extrovertida, eu nem me acho tanto, mas eu gosto de interagir com pessoas, né? Bem que isso eu peguei um pouco do meu pai também. Mas a minha mãe também gostava de falar com pessoas. E ela gostava dessa parte da educação, né? Porque tinha toda o viés machista, meu pai, claro que não fugiu disso, um

homem de 1930, principalmente. Ele tinha uma mente avançada pra muitas coisas, gostava de poesia, de escrever, não sei o que mais, essas coisas que eu também gosto, mas quanto a essa relação entre homem e mulher, assim, sobre a questão da convivência e do respeito até, né? Tinha essa questão bem machista, assim, que tinha em casa. Mulher tinha que ficar em casa e o homem tinha que ser o provedor. Aquilo pra ele era um motivo de orgulho, sabe? Não era uma questão muito de... eu acho, do meu ponto de vista, do meu sentimento, propriamente, de dominação, como dominar, como em alguns casos é, né? A gente sabe que é, né? Sabe? Tipo ciúme, isso e aquilo, não era bem isso. Sabe, era alguém que queria se firmar num mundo como homem, de que podia manter a sua família. Ao menos na minha leitura é.

**Eu:** Sim, sim.

**Carolina:** E daí a leitura dele em relação a mim, né? que daí divergia muitas vezes exatamente era isso, né? A mim, a minha irmã também, que é mais velha, mas eu vou falar mais de mim. Eu acho que o sentimento a gente fala da gente, né? É meio complicado falar dos outros, né? Pode imaginar coisas que talvez sejam assim, mas são assados. Como nós somos duas mulheres bem diferentes uma da outra, na maneira de interpretar o mundo, eu também vou falar de mim. Então, assim... Meu pai achava, então, que mulher tinha que ficar em casa, cuidando dos filhos, sei o que mais e que homem tinha que ser o provedor. E ele sempre me dizia que ia me casar com o marido rico, que ia me dar tudo e que não precisava estudar. Mas, e eu que era isso??? A minha mãe não, ao contrário, ela sabe que toda mulher deveria estudar, enfim. Então isso foi uma coisa muito forte, porque se o pai dizia que não, a mãe dizia que sim, né? Me estimulava e ia atrás pra... Sabe? Ele achava que mulher podia estudar até o segundo e grau já tava bom. Não que ele me dissesse que não pudesse estudar nada, não. Também não era assim, né? Mas a perspectiva de vida era de dependência do macho e não a tua independência, a tua autonomia.

**Eu:** Uhum, uhum, sim, sim.

**Carolina:** E isso assim é que às vezes a gente se bateu, muitas vezes na adolescência, eu e ele. Na verdade, nós somos extremamente parecidos, né? Sabe? Extremamente parecido, porque ele era o cara que ia atrás, trabalhava, mas que gostava de escrever, que gostava de viajar, que gostava de interagir pessoas. E eu me vejo assim, igual a ele, sabe? Eu tenho uma identidade também. Agora, eu me sinto, né, como eu falei, feminina, mas assim, entre o pai e a mãe, eu herdei muitas coisas da minha mãe, essa coisa de artesanato, eu gosto de fazer, enfim. Tem várias coisas bem legais da minha mãe. Mas eu vejo uma identidade, assim, uma

cabeça muito masculina, entre aspas, vamos chamar assim, um ponto de vista de identidade masculina, que eu conheci, no caso.

**Eu:** Sim, sim.

**Carolina:** Não precisa ser só de feminina, não sei se eu consigo, não estou conseguindo.

**Eu:** Consigo, acho que tu, acho que tu é entendendo. Me gerou algumas outras perguntas, mas eu acho que está ótimo.

**Carolina:** É, eu acho que a referência que eu tinha, de como é que as mulheres agiam, mas também entendi que as mulheres podiam agir daquele jeito que elas tinham esse limite de não poder sair para trabalhar, não sei o que mais, porque se saíssem talvez fosse diferente. Então sobrava ele, do ponto de vista daquilo que eu me identificava, porque eu queria ser Carolina e não me importasse, se era de homem ou de mulher, é o que eu quero dizer.

**Eu:** Sim, eu entendi. Era um pouco também esse olhar para essa, para essa... Não sei, tu me fala e me dá essa sensação de liberdade, não é bem liberdade a palavra, mas...

**Carolina:** Não, mas é liberdade, tu usaste a palavra certa.

**Eu:** É, de que a pessoa que ia, que fazia os correios que escrevia, mas também era o cara que estava nesse lugar de vou trazer o sustento para casa. Entendi.

**Carolina:** Claro, com o apelo que tinha que ter, não é? E tu usou a palavra certa que tava faltando ali, é liberdade, eu sempre acho que todo ser humano tem que ser livre, sempre achei, sabe, independentemente de ser homem, ser mulher, essas coisas. Mas no caso, quem é que eu via livre? O homem, né?

**Eu:** Entendi, essa imagem tava nele, né? Pelo que ele...

**Carolina:** Sim, exatamente. Claro, e tinha uma outra mulher que, no caso, era livre, que era a minha madrinha, mas ela era viúva, então tinha a condição de ser viúva, não sei, mas ela tinha sido professora, professora das primeiras séries iniciais, enfim. Mas só que ela já era viúva quando foi assim, mas foi uma mulher que foi adiante, que trabalhou, então foi uma referência também.

**Eu:** Num tempo, que naquele momento era uma coisa nossa! Como assim ela....!

**Carolina:** Eram poucas, né? Só que assim, ela não era negra, né? É italiana, né? Também tinha isso. Porque ela morou em Tapes, ela casou com um cara, um homem que era Coronel que era o viúvo, não sei o que mais, então assim, ela trabalhou como professora, depois ficou viúva, mas tinha condições financeiras boas, em função do trabalho dela e da pensão lá do marido, enfim, daí foi morar aí com a colega. Morava ali quando a gente foi morar ali do lado. Eu senti que tem toda uma estrutura social diferente da nossa. É, que tava ali e depois

as outras mulheres, que a única pessoa que eu conhecia emancipada, vamos chamar assim, era ela. As outras todas, até as que trabalhavam, né, as minhas avós, eram lavadeiras, cozinheiras, as empregadas do patrão do meu pai, que eram todos negros, todo mundo era negro e trabalhava como doméstico, enfim. Sabe, então, assim, até onde a mulher podia alcançar? E eu, Carolina, olhava pra aquilo, né. Tinha em casa que ajudar a mãe, trabalhar para papai, que eu não gostava, eu fazia, mas não gostava. Ter que passar roupa, aquelas coisas de ajudar a mãe, gente.

**Eu:** Sim, sei, conheço.

**Carolina:** Era aqui de quase um tipo de trabalho infantil.

**Eu:** Eu sei, eu sei, eu conheço, conheço, conheço bem.

**Carolina:** E eu não gostava daquilo, mas daí tinha o meu temperamento, né. Como eu te falei, fomos três irmãs, cada um de um jeito. A minha irmã se revoltava pra aquilo, mas ela falava pro papai, naquela época ou fazia alguma coisa, naquela época as pessoas levavam surras, né, apanhavam. Mas eu não apanhava, eu não. Mas eu também não me revelava daquele jeito. Era mais estratégica, né, mais cuidadosa. Eu tinha certeza de que eu ia apanhar, não queria apanhar. E eu escondia até a bainha pra eles não apanhar, porque eu não queria apanhar. Eu não apanhava, digamos assim, fisicamente falando, mas eu apanhava toda vez que tinha alguém chorando. Com certeza, era tão sofrido, né, assim. Então assim, mas aquilo foi formando essa Carolina. É isso que eu tô te falando, dessas coisas que eu acho tão importantes. Foi formando uma Carolina que observou, que sabia, que cedo eu sabia onde é que eu queria chegar. Como é que eu ia me libertar daquilo? Eu tô usando aquela palavra que me ajudou exatamente nisso, sabe? Como é que eu ia me libertar daquilo? E eu me dava conta que eu só ia me libertar se eu estudasse. Se eu tivesse a provisão, se eu fosse uma mulher independente.

## CAPÍTULO 4 – MULHERIDADES E RELAÇÕES RACIAIS

### 02 – INTERLÚDIO I

Minha palavra é a flexa de Oxossi  
 Banhada nas água de Oxum  
 Minha palavra é a flexa de Oxossi  
 Banhada nas água de Oxum  
 Minha palavra faz zoom  
 Minha palavra faz zoom  
 Minha palavra não é só minha não  
 Minha palavra não é só minha não  
 Ela é um espaço-tempo comum  
 Que conecta a mente e o coração  
 O ayé e o orun  
 (Aleixo, 2019)

\*\*\*

O tema das relações raciais entre mulheres chega a esta experiência de vida encarnada em 32 anos especialmente por dois meios: as narrativas de minha mãe a respeito das relações de trabalho em casas brancas e meus próprios relacionamentos afetivo-sexuais com duas mulheres brancas. Ambas as aproximações se dão na ordem da intimidade, do compartilhar de sonhos e perspectivas, além do acesso ao corpo, espaço cheio de significações. O ato de encarar as diferenças expressas no cotidiano de relações entre mulheridades diferencialmente racializadas se deu através também do reencontro com escritas de mulheres como a poeta Cheryl Clark. Em seus poemas ela destaca, com humor, acidez e ativo uso literário do erótico, experiências sensoriais, imagens de encontro entre corporalidades diferentes, na suposta semelhança. Nos apresenta um cenário em que as relações afetivas entre mulheres cisgêneras<sup>92</sup> trazem em si, nas práticas da intimidade em todas suas facetas, poesia e ensinamentos agrídoces. Ao mesmo tempo, em diálogo com outro poema da autora, me pergunto: como lidar com as “velhas animosidades”, quando convivemos no conflito entre os privilégios da branquitude vivida pelas mulheres brancas e as opressões genocidas direcionadas à negritude vivida pelas mulheres negras?

Que não nos escondamos por detrás das farsas de separação que nos foram impostas e que frequentemente aceitamos como se fossem invenção nossa. Por exemplo: “Provavelmente eu não posso ensinar literatura feita por

---

<sup>92</sup> Importante fazer essa demarcação, tendo em vista que a abordagem e compreensão de mulher presente na obra de Cheryl Clark é limitada a relações afetivo-sexuais entre mulheres cisgêneras.

mulheres negras – a experiência delas é diferente demais da minha”. E, no entanto, quantos anos vocês passaram ensinando Platão, Shakespeare e Proust? Outra: “Ela é uma mulher branca, o que teria para me dizer?”. Ou: “Ela é lésbica, o que meu marido, ou meu chefe, diria?” Ou ainda: “Essa mulher escreve sobre os filhos e eu não tenho filhos”. E todas as outras incontáveis maneiras de nos privarmos de nós mesmas e umas das outras. (Lorde, 2019, p. 55)

Ao nomear este capítulo de mulheridades e relações raciais, procuro pensar algumas dimensões que entremeiam as possibilidades de conhecimentos advindas de encontros escritos através do estabelecimento de conceituações de existência a partir da raça e do gênero, sendo foco deste trabalho os encontros entre essas ficções conceituadas enquanto mulheres. Daí o uso do termo mulheridades, como estas muitas maneiras de se reconhecer e se afirmar a partir de mais uma ficção persuasiva produzida enquanto verdade universal. Como aponta Oyèrónkẹ Oyěwùmí em diálogo com a genealogia da ideia de degeneração no pensamento europeu realizada por J. Edward Chamberlin, a constituição de conhecimentos ocidentais é sumamente visual, estabelecendo as diferenças entre as vidas em todos seus aspectos, animais e não-animais, enquanto degeneração. No capítulo sobre teorias ocidentais e sujeitos africanos, Oyèrónkẹ Oyěwùmí traz que uma das consequências desta concepção da diferença é que “quem está em posições de poder acha imperativo estabelecer sua biologia como superior, como uma maneira de afirmar seu privilégio e domínio sobre os ‘Outros’” (Oyěwùmí, 2021, p. 27).

Consequentemente, uma vez que o corpo é o alicerce sobre o qual a ordem social é fundada, o corpo está sempre em vista e à vista. Como tal, invoca um olhar, um olhar de diferença, um olhar de diferenciação – o mais historicamente constante é o olhar generificado. Há um sentido em que expressões como “o corpo social” e “corpo político” não sejam apenas metáforas, mas possam ser lidas literalmente. (Oyěwùmí, 2021, p. 28).

Ao pensar nas dimensões da continuidade das articulações sociais entre mulheres, em meio a contextos de quarentena, como os vivenciados durante os anos de realização desta pesquisa, algumas perguntas se apresentam: de que maneira nos conectamos sem a internet atualmente? As articulações transnacionais entre coletivos editoriais de mulheres, como é a Fora, é feita hoje através dessa rede? Que tipo de sanção de poder a internet impõe?

Nós, mulheridades em movimento, inclusive através das letras, estamos em distintos pontos geopolíticos e geopoéticos, tais como o desterritório da diáspora africana ou maafa, nos



termos de Marimba Ani (Ani, 2017). A questão das articulações transnacionais se expressa também no campo, quando entre as atividades movidas pela Fora existiu uma oficina de leituras de textos em língua espanhola escrito por mulheres.

Parece não fazer sentido, a partir de um discurso hegemônico globalizante, de interconexão horizontal, pensar em transnacionalidades. Porém, as soberanias nacionais ainda articulam as oscilações nas fronteiras simbólicas. Em certa medida, pode-se pensar as pessoas como tecnologias comunicacionais. Os garotos de mensagem, as estratégias de comunicação de guerra, pautada pela discricção, criação de códigos. O isolamento social atuou como um grande laboratório. Sem internet, metade das circulações não teria ocorrido, em diferentes escalas.

#### **4.1 Leitoras Brancas e Escritas Negras: estabelecendo um branco tema**

Me importa muito em saber como estamos sendo lidas (nós, mulheres negras), porque os usos e desusos são muitos. Me vejo pensando que será difícil encontrar onde desenvolver meu campo de pesquisa. Ainda penso bastante na Fora da Asa. Me parece necessário falar com elas e buscar fazer campo com elas. Eu devo escrever a elas logo. (Diário de campo-vida, dezembro de 2021)

Nos primeiros levantamentos bibliográficos que realizei para a construção do projeto de pesquisa, algo que chamava a atenção era a centralidade do olhar para o público escritor, ou seja, a tematização da escrita feminina negra, por exemplo. Porém, tendo em vista a dualidade relacional que constitui o processo, cabe perguntar-se sobre os aspectos culturais expressados pelas escolhas de leitura, com atenção semelhante a que se dedica a escrita.

Observando artigos e pesquisas sobre branquitude, branquidade e feminismo intersectados, localizo vozes de mulheridades brancas que destacam em suas escritas e dedicações de reflexão o “tornar-se branca” por meio do acesso a leituras de trabalhos acadêmicos, artísticos e demais formas de inscrição social ampla realizada por mulheridades negras e indígenas. Ao tratar do impacto de sua leitura do livro *Quando me descobri negra* (Santana, 2023), Gabriela Mayer conta como a leitura de autoras negras tem sido um canal de abertura de espaços e reconhecimento das questões raciais para pessoas brancas.

Ao ler *Quando me descobri negra*, pensei pela primeira vez – pelo que tenho na memória – sobre a cor da minha pele. Minha experiência é muito diferente da dela. Eu sou branca. Estava no grupo que não tem a cor da pele incluída em nenhuma descrição. Era a garota de cabelos cacheados, ou de manchas no

rosto, ou alta, ou de óculos. Ninguém dizia: é a menina branca. Nunca pensei sobre a cor da minha pele. Ninguém nunca me perguntou sobre ela e nunca foi um assunto na minha família, entre meus amigos, na minha escola. Foram os livros que começaram a me mostrar que isso era um problema. Não racializar minha identidade, para além de relativizar privilégios, também inviabilizava uma luta política (Mayer, 2023, s/p).

A “descoberta racial branca” através dos livros foi algo agriçoce de ler e ouvir ao longo da realização da pesquisa. Ao mesmo tempo que é poderoso saber que as escritas sentipensadas e realizadas por meios sensíveis de expressão de si e de nós, como as feitas por pessoas negras, tem atingido dimensões do social muito difíceis – tais como a desconstrução da subjetividade universalizada das sujeitas e sujeitos brancos, é doloroso pensar que mesmo frente a uma larga e contínua caminhada das faces do genocídio antinegro, foi necessário a alguém branco nos ler como objeto – o livro – para então se ver nesse espelho da alteridade privilegiada de não ser marcado em uma sociedade racista.

Estudar autoras negras certamente faz diferença para percebermos se, no fim das contas, estamos cotidianamente reproduzindo o racismo. E mergulhos literários são potenciais espelhos que nos lembram que é impossível dissociar nossa individualidade do nosso papel como sujeitos sociais. (...) A maior riqueza da experiência literária é que ela pode ajudar nessa busca, ora a partir do acolhimento, ora do confronto (Mayer, 2023, s/p).

Nesse horizonte, ninguém é uma folha em branco. O que acontece é o predomínio de estereótipos e de barreiras nem sempre explicitadas, suscitando o exercício de falar e escrever com qualidade, fundamento e propósito de transformação social. Portanto, é preciso nomear os processos – racismo, patriarcado – e desenvolver uma linguagem adequada para abordá-los. Há uma expectativa de que, nos mais diversos âmbitos – educacionais, políticos, econômicos, culturais, artísticos – o incomum seja não reconhecer o mosaico das diferenças e desigualdades etnicorraciais e de gênero. (Hooks, 2022, p.13)

As discussões em torno do uso das palavras negro, afrodescendente, afro-americano e outros passam por uma dimensão de autoria, assim como de identidade. Ao se questionar quem pode se autodeterminar dentro destas categorias, uma infinidade de fronteiras simbólicas é desafiada, sobretudo em contextos coloniais como é a história social da América Latina. As escolhas políticas do uso de um ou outro termo carrega a historicidade de negociações, estratégias de resistência e de manutenção de posturas frente aos intentos de apagamento cotidiano dos quais os conhecimentos originários são objeto. Ele cabe para a definição de uma literatura etnicamente determinada. O que caracterizaria uma literatura negra? Quais os impactos de se dizer negra ou afrodescendente? Felizmente temos ampla bibliografia dentro e fora do âmbito antropológico, que corroboram com os esforços de trazer à tona o

reconhecimento destes processos, assim como a operacionalizar ativamente as Ciências Sociais nutridas pelo pensamento teórico-prático realizado por cientistas sociais negros, em suas diferentes vertentes e formas de atuar no campo das pesquisas sociais em ciências humanas.

Em certa medida, a literatura negra e suas afro-nacionalidades, tais como a literatura afro-brasileira, performam a posição fronteira de estrangeira de dentro, ou seja, daquela literatura profundamente marcada pela experiência negra localizada em contextos socioculturais específicos que abundarão nas escolhas de palavras e nas imagens do vivido, mas que não se resumem à suposta síntese que a nacionalidade traria. Ou seja, uma forma de bagunçar a lógica racista de leitura seria o seguinte: ao invés de perguntarmos à literatura negra se esta existe ou não, dedicar tempo em questionar em profundidade o que resta de nacionalidade nas literaturas localizadas quando nomeamos contextualmente, do ponto de vista racial, as autorias destas mesmas literaturas.

Um dos principais debates envolvendo essa literatura se dá em relação à sua denominação. “Literatura negra”, “afro-descendente”, “afro-brasileira”, “negro-brasileira”, cada qual com suas justificativas teóricas e políticas, confundem-se nos trabalhos acadêmicos e nas próprias publicações literárias. Entretanto, se nas palavras de Cuti “negro ou afro não tanto faz” (Cuti, 2010), faz-se necessário olharmos atentamente o que está em jogo nesse debate. (Machado, 2010, p. 21)

Como nos ensina Kimberlé Crenshaw, os nomes têm o papel de tornar visíveis dados, pessoas, experiências e desigualdades. Conceitos são palavras que carregam muito mais do que entregam à primeira vista. Seguem abertos a interpretações, porém trazem consigo um legado de diálogos e articulações teórico-práticas, que os complexificam, se pensados à luz de dimensões como a autoria e as trajetórias coletivas que os fizeram ser operadores teóricos (Duarte, 2017) capazes de incidir na elaboração de relações entre história, pensamento e sociedade. Os movimentos de mulheres negras têm histórias marcadas pela intersecção entre distintos espaços de produção de conhecimento, característica que transborda para a escrita feita por estas mulheres.

A primeira atividade oficial de que participei em campo foi uma formação sobre literatura brasileira em perspectiva étnico-racial, conduzida por duas mulheres, uma negra e uma branca. O diálogo foi desenvolvido tendo como eixo o fato de que falar de perspectiva étnico-racial não se tratava apenas de pensar a literatura de autoria negra ou que tematize a negritude, de alguma forma. Falar de perspectiva étnico-racial é trazer à cena as representações, mas também os imaginários produzidos por diferentes experiências raciais de diferentes

autorias. No artigo *Por um conceito de literatura afro-brasileira*, de Eduardo de Assis Duarte, são discutidas as características deste “tipo” de literatura, assim como um levantamento do estado da arte de suas contradições e impasses, seja do ponto de vista da crítica literária e dos estudos de literatura brasileira, seja do ponto de vista de uma definição rigorosa de suas características.

Em resumo, que elementos distinguiriam essa literatura? Para além das discussões conceituais, alguns identificadores podem ser destacados: uma voz autoral afrodescendente, explícita ou não no discurso; temas afro-brasileiros; construções linguísticas marcadas por uma afrobrasilidade de tom, ritmo, sintaxe ou sentido; um projeto de transitividade discursiva, explícito ou não, com vistas ao universo recepcional; mas, sobretudo, um ponto de vista ou lugar de enunciação política e culturalmente identificado à afrodescendência, como fim e começo (Duarte, 2017, p. 202).

Desde a década de 1980, a produção de escritores que assumem seu pertencimento enquanto sujeitos vinculados a uma etnicidade afrodescendente cresce em volume e começa a ocupar espaço na cena cultural, ao mesmo tempo que as demandas do movimento negro se ampliam e adquirem visibilidade institucional. Desde então, cresce da mesma forma, mas não na mesma intensidade, a reflexão acadêmica voltada para esses escritos, que, ao longo do século XX, foram objeto quase exclusivo de pesquisadores estrangeiros como Bastide, Sayers, Rabassa e Brookshaw, entre outros (Duarte, 2017, p. 195).

Alguns dos pontos trazidos pelo Prof. Eduardo de Assis Duarte estiveram presentes na formação ministrada por Flor e Miranda, ainda no início do trabalho de campo. Elementos da literatura afro-brasileira tais como a temática, o perfil crítico, a autoria, o ponto de vista, a linguagem e o público. Isto se relaciona com o que defendia Toni Morrison, ainda que estivesse tratando de uma literatura negra estadunidense. A autora defendia a escrita de livros que não precisassem ser codificados a partir de experiências branco-centradas, ou seja, universalizadas. Por este motivo sofreu muitas críticas como separatismo ou guetização de sua escrita.

Na etnografia que aqui se faz texto, este é um pano de fundo, tendo em vista que para repensar quem lê literatura feita por mulheres negras é necessário entender como essa própria literatura vem sendo nomeada e definida. Em seu livro *Cuirlombismo Literário* (2019), Tatiana Nascimento chama a atenção para a amplitude de possibilidades temáticas que podem ser desenvolvidas por autorias negras, para além daquelas tidas como características do que seja literatura afro-brasileira. Em diálogo crítico com dimensões do quilombismo, como desenvolvido por Abdias Nascimento, Tatiana nos lembra das ausências e da desumanização que significa restringir nossas letras à luta pela vida. Em seu poema *Oriki de Shiva* ou

Apocalipse Cuir, como é mais conhecido, a escritora diz: “mas como erva daninha, a gente teima e sobrevive”. É interessante pensar nesse diálogo crítico estabelecido por Tatiana, à luz do que traz Beatriz, também Nascimento, sobre as significações de quilombo no tempo.

Como antes tinha servido de manifestação reativa ao colonialismo de fato, em 1970 o quilombo volta como código reagente ao colonialismo cultural, reafirma a herança africana e busca um modelo brasileiro capaz de reforçar a identidade étnica. Toda a literatura e a oralidade histórica sobre quilombos impulsionaram esse movimento que tinha como finalidade a revisão de conceitos históricos estereotipados (Nascimento, Beatriz. 2021, p.159).

Relendo o romance de Oxum e Iansã, a transexualidade de Otim, a viadice de Osanha e Oxóssi, proponho a recontação/invenção de histórias negras ancestrais como saída à heterossexualização cisnormativa que discursos “autorizados” do dominador/colonizador impõem à diáspora. A semelhança entre queer e quilombo sugere algo urgente a celebrar y retomar pra nossas lutas e existências, já que os pilares mais rígidos y antigos do racismo colonial são o silenciamento e as expectativas sexuais sobre corpos negros. (Nascimento, Tatiana. 2019, p. 4)

Importante me posicionar no diálogo teórico sobre gênero, raça e literatura. Diferente de outras autoras, como Souza (2017), aqui o interesse não é diretamente o debate sobre representação negra em obras literárias, mas sim a construção de imaginários leitores relacionados a uma consciência de agência envolvida na escrita de um projeto escrito, seja um livro ficcional, uma etnografia ou um artigo acadêmico. Conforme Grada Kilomba, “no racismo cotidiano, a pessoa negra é usada como tela para projeções do que a sociedade branca tornou tabu” (Kilomba, 2019, p. 78).

Os personagens ficcionalizados em peças, contos, poemas e demais gêneros literários são muitas vezes descritos de maneira universal no que se refere a suas características étnico-raciais, deixando em aberto ao público leitor imaginar o personagem. A recente problematização sobre as identidades étnico-raciais de personagens infanto-juvenis como a Hermione<sup>93</sup>, aponta para uma mudança de paradigma representacional, resultado de constantes críticas, inclusive elaboradas em pesquisas acadêmicas no campo da Crítica Literária e das Literaturas Nacionais, sobre o caráter racista da pressuposição geral de que ao não serem

---

<sup>93</sup> Personagem da série de livros escritos por J.K. Rowling, tendo como personagens principais três jovens bruxos, entre os quais Hermione Jean Granger. Entre todos, ela é a única que é meio bruxa, meio “trouxa” (termo utilizado para definir quem é humano de fora do mundo bruxo, por nascença). Em momento algum é descrita explicitamente uma referência a identidade étnico-racial dos personagens, porém quando em 2016 foi anunciado o elenco da peça *Cursed Child*, escrita pela mesma autora dos famosos livros, houve grande discussão e uma série de reações racistas ao fato de que a atriz Noma Dumezweni – uma mulher negra – interpretaria Hermione. Para mais informações sobre o caso, ver o texto de Carolina Gomes, repostado pelo Portal Geledés em junho de 2016, com o título 10 motivos para não ter uma Hermione negra.

marcados racialmente, os personagens seriam brancos. Em uma anotação do diário de campo-vida, escrevi uma dúvida: “Fiquei me perguntando sobre os processos de criticidade de mulheres brancas ao ler escritas de mulheres negras. Existiria uma crítica qualificada e não racista, ou seja, que não fosse marcada por limitações racistas?” (Diário de campo-vida, fevereiro de 2022).

Aprendi com as mulheres com quem tenho me encontrado no campo que a ousadia de escrever pode ser também uma forma de fazer política da vida. (Re)aprendi no campo que palavras nunca são só palavras. Elas são processos de exacerbação de si e do outro, simultaneamente, pois a gente sempre fala para alguém, ainda que esse alguém seja nós mesmos. Não é que não se saiba que autores negros e indígenas não são “um novo movimento”, é que dentro do mercado editorial a presença mais evidente de publicações de autoria negra e indígena, juntamente a uma campanha publicitária impulsionada pela efervescência das redes sociais, torna este movimento de visibilidade a estas publicações, algo novo para novos públicos. Também se trata de uma perspectiva de marketing, tendo em vista que o mercado, ao perceber uma maior busca leitora por livros escritos por mulheres, mais tem dedicado esse espaço para elas. Gloria Anzaldúa, que figura nesta pesquisa como uma presença impulsionadora de dúvidas, é uma das autoras mais recordadas, juntamente com bell hooks e Audre Lorde.

O perigo de vender nossa própria ideologia. Para a mulher do terceiro mundo que, na melhor das hipóteses, tem um pé no mundo literário feminista, é grande a tentação de acolher novas sensibilidades e modismos teóricos, as últimas meias verdades do pensamento político, os semidigeridos axiomas psicológicos da new age, que são pregados pelas instituições feministas brancas. Seus seguidores são notórios por “adotar” as mulheres de cor como sua “causa” enquanto esperam que nos adaptemos a suas expectativas e a sua língua (Anzaldúa, 2000, p. 231).

A inquietação de pesquisa do branco enquanto tema de pesquisa, sua existência de sujeita/sujeito, chega a minha trajetória formativa de antropóloga, por meio da escuta e experiência de convívio com diferentes expressões da branquitude, que na circularidade da alteridade não fixada em padrões de universalidade, possibilitam pensar interseccionalmente as expressões dessa branquitude corporificada e portanto, também posicionada do ponto de vista de gênero, classe e experiência de pessoalidade. Do ponto de vista teórico, alguns referentes precisam ser destacados aqui.

A possibilidade de contar com a orientação cuidadosa do Prof. Marcus Vinícius Freitas da Rosa, na iniciação científica<sup>94</sup> e na graduação, foi um dos estopins para iniciar um caminho de investigação relacionado as dimensões da branquitude. As experiências partilhadas de convívio e formação, além dos diálogos estabelecidos sobre as expressões da branquitude com a qual convivemos em algumas experiências, fortaleceu a vontade de organizar o incômodo em análise. Em artigo no qual apresenta parcialmente alguns recortes de sua pesquisa de pós-doutoramento, Rosa (2019) traz um panorama histórico da construção das identidades brancas no Brasil escravista.

Esse projeto faz parte de um projeto de pesquisa bem mais amplo, ainda em execução, e que tem como objetivo principal analisar a construção de identidades raciais brancas, seus critérios de definição, seus significados e uma ampla variedade de vantagens, benefícios, favorecimentos e privilégios – jurídicos ou não – possíveis a um amplo e heterogêneo conjunto de trabalhadores classificáveis como “brancos” no Brasil durante a primeira metade do século XIX. Busco identificar a atribuição de significados às raças brancas, não apenas por meio de referências explícitas à tonalidade epidérmica, mas também valendo-me de referências às nacionalidades às qualidades, às origens geográficas ou de nascimento e até mesmo através de possíveis silêncios, invisibilidades e omissões a respeito da pele alva nas fontes do período. (Rosa, 2019, p. 1)

Ao contextualizar historicamente a construção das identidades brancas, no plural, a partir de um olhar a fontes historiográficas do período escravagista, Marcus Vinícius nos possibilita traçar um panorama aprofundado do branco-tema (Ramos, 1954) para além do tom por vezes abstrato, das discussões sobre localizações raciais na contemporaneidade. Seu trabalho de pesquisa, continuado nas orientações de dissertações, trabalhos de conclusão de curso e teses, ecoa na qualificação cada vez maior das pesquisas engendradas no âmbito do pós-abolição, através de pesquisas historiográficas realizadas a partir de um escopo teórico-metodológico comprometido com o pensamento social negro, enquanto uma trajetória consolidada, profundamente ampla e plural em contribuições, focos e abordagens (Leão, 2020; Ribeiro, 2020; Santos, 2019).

Originalmente surgidos nos Estados Unidos, os *critical whiteness studies*, posteriormente traduzidos no Brasil como “estudos críticos da branquitude”, propõe tomar a identidade branca como objeto e como problema central do debate racial, enfatizando a sua construção histórica como um padrão normativo, mas principalmente como um lugar de poder a partir do qual são

---

<sup>94</sup> A primeira vez que fui orientanda do Prof. Marcus foi no âmbito do NEABI UFRGS, entre 2017 e 2018 e posteriormente, durante meu trabalho de conclusão de curso, no qual ele me coorientou ao lado do Prof. Caleb Farias Alves. Minha imensa gratidão a todos os aprendizados vividos e a oportunidade de aprender com ele, sempre.

atribuídos os significados e são definidos os lugares sociais para todas as outras identidades e coletividades raciais não-brancas e também como um lugar racial de privilégios presentes em todas as esferas e níveis da sociedade (Ware, 2004; Kolchin, 2002; Roediger, 2005). No Brasil, esse campo de estudos é bastante recente, está em pleno processo de consolidação e aprofundamento. Contudo, já existem alguns balanços historiográficos buscando compreender sua emergência no país (Silva, 2017). (Rosa, 2019, p. 11)

Investigar através de uma abordagem historiográfica, fragmentos da representação e da construção social da identidade branca, sedimenta e ao mesmo tempo é alimentada, por trabalhos de pesquisa das mais diferentes áreas. Por exemplo, ao ler o artigo do Prof. Marcus Vinícius, fui remetida a um artigo de Luiz Silva (Cuti), no qual trata sobre o leitor e o texto afro-brasileiro. Cuti pergunta retoricamente nas primeiras linhas: “que privilégio tem aquele que, no passado, está livre de referências pejorativas sedimentadas pela escravidão e, no presente, pelo preconceito? A fantasia da superioridade e seus frutos advindos da exclusão do outro no processo social competitivo” (Cuti, 2002).

Antropólogos e sociólogos, incumbidos de justificar a escravização colonial e, em seguida, a exploração capitalista do trabalho, esforçaram-se por projetar um país de aparências harmoniosas, escondendo cruéis práticas discriminatórias. (...) Há nesse contexto, silêncio prático e tático. Não se discute nem mais se reivindica, abertamente, a brancura, como se fez no passado. Assume-se uma outra forma: nega-se a necessidade de se discutir a questão racial, partindo-se do pressuposto de que no país tudo vai bem e estamos longe das crises étnicas. O “ser branco” mantém-se incólume, disseminado ideologicamente de cima a baixo da pirâmide social, de lado a lado. E o inconsciente racista reelabora seu projeto de contínuo processo de exclusão, a cada nova circunstância. (Cuti, 2002, p. 20)

O papel das leituras das escritas para contribuir em uma contracorrente do branqueamento cultural (Nascimento, 2011), se opera no ato mesmo do encontro entre alguém e um texto. A leitura, a qual compreendo como este ato de se aproximar de um conhecimento elaborado através de símbolos gráficos, que em uma rede supostamente estanque, movimentase e afeta o conteúdo daquele ser agente que acessa uma escrita, tem potencial de instituir novas imaginações sociais. A partir desse movimento, texto e leitura se reelaboram, em um fluxo espiralar complexo, em que letras podem virar novos gestos e novos olhares. É esta crença que nutre noites e dias de elaboração destes desenhos que lanço digitalmente em um fundo em branco. Letras pretas sob um fundo branco, retecendo miradas.



Uma das contribuições imaginadas desta etnografia, é estabelecer um diálogo entre as dimensões de gênero e raça, considerando um olhar antropológico negro às experiências brancas. Por meio de uma assimetria tácita, estabelecida pelos contratos social, racial e sexual, a posicionalidade social *mulher branca*, merece maior atenção dentro do escopo de pesquisas acadêmicas, sobretudo no âmbito das ciências sociais e mais especificamente, da Antropologia brasileira.

#### 4.2 Gêneros na branquitude – Intersecções invisíveis

Durante um dos encontros do Núcleo de Estudos da Branquitude (Nubrac) da UFMG, conheci o conceito de “epistemologia da ignorância”. Um livro referencial nesta discussão é *Race and Epistemologies of Ignorance* (Sullivan; Tuana, 2007). Este trabalho é composto por diferentes pesquisadoras e pesquisadores que operacionalizam o conceito em suas pesquisas, sobretudo no âmbito das relações entre epistemologia e relações raciais, com ênfase no processo de sedimentação da possibilidade branca de ocupar o lugar da infindável “aprendizagem” sobre as dimensões perversas de sua existência como sujeito branco nas sociedades. O conceito articula normas cognitivas, privilégio estrutural e identidades situadas. A epistemologia da ignorância seria como “a realização plena da necropolítica em sua dimensão simbólica” (Moura, 2023).

A epistemologia da ignorância é um projeto epistêmico orientado a manutenção da branquitude como valor universal no contexto de produção e circulação do conhecimento. (...) Na epistemologia da ignorância, situam-se identidades, a localização social do sujeito e os modos de formação da crença. (...) Contudo, essa estabilidade com feições de verdade ineludível passou a exigir, conforme Mills (2018), que a ignorância branca também seja historicizada e estudada como um fenômeno cognitivo. (Moura, 2023, s/p)

A epistemologia, derivada das palavras gregas *episteme*, que significa conhecimento, e *logos*, que significa ciência, é a ciência da aquisição de conhecimento e determina que questões merecem ser colocadas (temas), como analisar e explicar um fenômeno (paradigmas) e como conduzir pesquisas para produzir conhecimento (métodos), e nesse sentido define não apenas o que é o conhecimento verdadeiro, mas também em quem acreditar e em quem confiar. Mas quem define quais perguntas merecem ser feitas? Quem as está perguntando? Quem as está explicando? E para quem as respostas são direcionadas? (Kilomba, 2019, p. 54)

O processo de racialização para mulheres brancas parece ser encarado como uma escolha, uma tomada de decisão antirracista. Durante o processo da pesquisa, uma dúvida que pairou em relação a algumas das mulheres com quem convivi nas atividades é se essa aparente

possibilidade de escolha é também percebida por elas. O tornar-se branca é algo que precisa ser investigado, não apenas como uma nomeação de parte de sua identidade, mas como um processo de transformação subjetivo e de renúncias políticas constantes, sem as quais a palavra branco se torna apenas um selo de suposta autoconsciência. Quando uma mulher branca se racializa, quais os impactos disso no movimento de mulheres “em geral”? Outro ponto neste sentido é a maneira como a consciência racial de mulheres brancas emerge a partir de suas experiências de gênero. Como recorda Glória Anzaldúa, “não podemos educar as mulheres brancas e carregá-las pela mão. A maioria de nós deseja ajudar, mas não podemos fazer para a mulher branca o seu dever de casa. Isto é um desperdício de energia” (Anzaldúa, 2000, p. 231).

Ao se reconhecer e se perceber como branca, como expressado por Ariane em um dos encontros da oficina-teste do curso sobre Literatura em perspectiva étnico-racial, isto gera reações de desconforto, incômodo e mesmo revolta. Em seu desabafo, em lágrimas ela dizia não entender por que era necessário separar. Em tom quase irônico, ela diz: “eu, enquanto branca, estou aberta a errar, eu posso errar, posso vir a errar, tem que ter espaço para meu erro”. Ela associa a dificuldade em atuar e viver enquanto branca, politicamente, ao cotidiano de cuidar dos filhos, o que a impediria de ter tempo para os livros, “como vocês aí”. Ao apontar que temos tempo para ler a realidade através dos livros, ela demonstra o quanto é necessário que tenhamos disponibilidade para oferecer a ela as ferramentas necessárias para seu aprendizado de ser branca no mundo. Ao apontar esse suposto tempo que teríamos para os livros, Ariane faz aquilo que do ponto de vista dela é feito, quando apontamos sua branquitude: reduzindo “nossas” existências a como ela nos vê, mulheres que leem e tem tempo para os livros. As sobrecargas do cuidado, marcadamente depositados sobre as mulheres em sociedades ocidentais e ocidentalizadas, como é o caso da cidade de Porto Alegre, são mobilizadas como fatores que atrasariam o processo de mudança na mentalidade racial das mulheres, mães, trabalhadoras.

Do mesmo modo que as vulnerabilidades especificamente ligadas a gênero não podem mais ser usadas como justificativa para negar a proteção dos direitos humanos das mulheres em geral, não se pode também permitir que as diferenças entre mulheres marginalizem alguns problemas de direitos humanos das mulheres, nem que lhes sejam negados cuidado e preocupação iguais sob regime predominante dos direitos humanos. Tanto a lógica da incorporação do gênero quanto o foco atual no racismo e em formas de intolerância correlatas refletem a necessidade de integrar a raça e outras diferenças ao trabalho com enfoque de gênero das instituições de direitos humanos (Crenshaw, 2002, p. 173).

A forma como se vai lidar com a consciência do privilégio social branco é experienciada de forma interseccional, tendo em vista que marcadores sociais como gênero e sexualidade influem na posição de privilégio de distintas existências, ainda que não as “anulem”. São muitas mulheridades brancas diferentes, que diferem em seu antirracismo e oscilam em sua posicionalidade, a qual encontra proteção sob a égide do privilégio racial. Sobre isto, a desestabilização da universalidade da categoria mulher, em muito tecida pela produção intelectual e teórica de mulheres negras e africanas em diáspora ou no continente, contribuiu para que as relações de alteridades se deem, em determinados espaços de produção de conhecimento, por meio de gramáticas mais polifônicas. Este projeto advoga as semelhanças entre as reflexões e debates mantidos sobre as mútuas inventividades vivenciadas no fazer da pesquisa antropológica (Wagner, 2012) e a expressão das subjetividades das autorias no texto, do ponto de vista das escritas de mulheres negras, também no âmbito da escrita acadêmica.

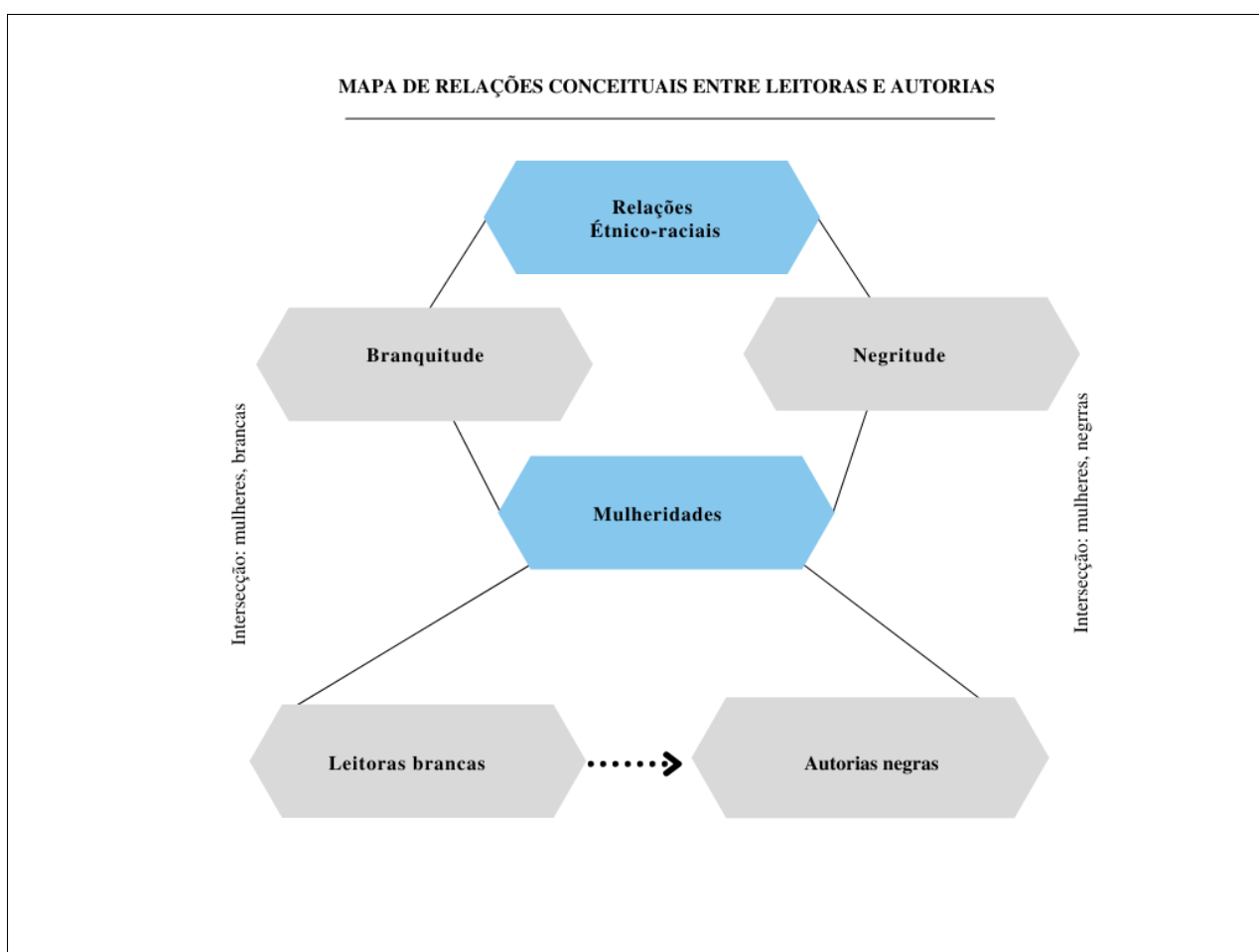


Figura 30 - Mapa de relações conceituais entre leitoras e autorias. Elaborado pela autora (2023).

“Racializar” é verbo ativo e pressupõe relações raciais, ou seja, relações entre localizações raciais diferentes em suas semelhanças também. Esta pesquisa se direciona ao invisível socialmente, a saber, a racialidade feminina branca, performada em ações como a leitura. Deste modo, a pesquisa problematiza uma das dimensões do “estar lá”, como ensina Clifford Geertz: o olhar. Se ao olhar só vemos o que foi imaginarizado como outro do outro, uma larga amalgâma de tessituras fica incompleta, gerando respostas rápidas a perguntas difíceis e, por consequência, reificações de categorias sociais e práticas de interação social abertas a expressões diversas do racismo antinegro. Imaginarizado é um neologismo criado aqui para dar conta da ideia de presença marginal ou marginalizada socialmente. Aqui tem o sentido de apontar a inclusão da negritude como tema no imaginário racial de contextos de pesquisa, tais como o latino-americano – que, em sua heterogeneidade, apresenta um sem-par de exemplos de “coincidências racistas”.

Eu por exemplo, que nasci em família classe média branca tradicional mineira, por exemplo, questão de diferença de raça, classe e gênero, não existia. Pra mim era tipo, foi questão de ter mesmo letramento e seguir nesse caminho, constantemente, não só de letramento, mas também de não deixar que a tendência a homogeneizar tome conta. Porque também tem essa vinda dessa condição de mulher branca, parece que é sempre um mundo único assim, que se tem diante de você. Parece que não existem outras formas de ser, manifestar, não sei. Você meio que é criada nessa orientação, nessa dimensão. É uma tendência até que você leve para a própria vida. E é mesmo ser capaz inclusive de não só identificar o diferente, mas de não dizer que isso não pertence ao mundo. É algo que se é construído, eu não gosto desta palavra, construído, mas é algo que se é... digamos assim, exercitado conscientemente assim. Tem que ser. Veem natural, pelo menos eu acho. (Alyne, abril de 2023, Sicília/Porto Alegre).

O processo de racialização para mulheres brancas parece ser uma “escolha”, uma tomada de decisão antirracista. Minha dúvida é se isso fica “claro” para essas mulheres. O “tornar-se brancas” é algo que precisa ser acompanhado de um processo de transformação subjetiva e de escolhas políticas constantes, nas quais o confronto a desconfortos e traumas coloniais, é parte do processo. Reconhecer seu papel, a partir de uma chave de responsabilidade e não de culpa, é uma das premissas que tem sido mobilizadas por diferentes especialistas em estudos das relações étnico-raciais, a algum tempo (Bento, 2022; Carone, Bento, 2016; Nascimento, 2020).

Trata-se da herança inscrita na subjetividade do coletivo, mas que não é reconhecida publicamente. O herdeiro branco se identifica com outros herdeiros brancos e se beneficia dessa herança, seja concreta, seja simbolicamente (...) O pacto é uma aliança que expulsa, reprime, esconde aquilo que é intolerável para ser suportado e recordado pelo coletivo. Gera esquecimento e desloca a memória para lembranças encobridoras comuns. O pacto suprime as recordações que trazem sofrimento e vergonha, porque são relacionadas à escravidão. Assim, falar sobre a herança escravocrata que vem sendo transmitida através do tempo, mas silenciada, pode auxiliar as novas gerações a reconhecer o que herdaram naquilo que vivem na atualidade, debater e resolver o que ficou do passado, para então construir uma outra história e avançar para outros pactos civilizatórios (Bento, 2022, p. 25).

As interseccionalidades de gênero e raça, no caso de mulheres brancas, deve ser discutida à luz da ideia de que categorias identitárias que são alvo de opressões estruturais, não estão imunes a reproduzir práticas discriminatórias e performar opressões em seu cotidiano. Como alerta Donna Haraway, “as perspectivas dos subjugados não são posições ‘inocentes’. Ao contrário, elas são preferidas porque, em princípio, são as que tem menor probabilidade de permitir a negação do núcleo crítico e interpretativo de todo conhecimento” (Haraway, 1995, p. 23). Ao defender que a alternativa aos relativismos são os saberes parciais, localizáveis e críticos, os quais fomentam a realização do que seria chamado de redes de solidariedade em política e de conversas compartilhadas em epistemologia, Haraway inverte a lógica da fragmentação pela da consciência de lugar. Saber de onde se fala, se escuta, se lê e se escreve, impede ou dificulta que ecos do truque de Deus sigam se propagando em relações interseccionais, como é o caso do que chamo neste capítulo de gêneros na branquitude. Segundo a autora, “o relativismo é uma maneira de não estar em lugar nenhum, mas alegando-se que se está igualmente em toda parte. A igualdade de posicionamento é uma negação de responsabilidade e de avaliação crítica” (Haraway, 1995, p. 24). Fiquei pensando aqui em práticas de respeito; como pensar uma nova ética do respeito? Quais os meios de reescrever uma ética pluriversal do respeito? Respeito seria um conceito colonial ou também nascido da alteridade? Quais as dimensões do respeito? (Diário de campo-vida, setembro de 2021)

Assim como muitas outras feministas, quero argumentar a favor de uma doutrina e de uma prática da objetividade que privilegie a contestação, a desconstrução, as conexões em rede e a esperança na transformação dos sistemas de conhecimento e nas maneiras de ver. Mas não é qualquer perspectiva parcial que serve; devemos ser hostis aos relativismos e holismos fáceis, feitos de adição e subsunção das partes. (Haraway, 1995, p. 24)

Se faz importante ponderar que levar a sério os impactos da racialidade e a racialização não é uma responsabilidade que deve seguir sendo exclusiva de pessoas negras. O lugar das pessoas negras, sobretudo do ponto de vista teórico, é o do ineditismo em buscar lidar com os problemas em suas complexidades, brindando ao pensamento social contemporâneo um sem-par de ferramentas teórico-práticas para elaborar olhares e ações que rompam com a estagnação das existências dentro das fronteiras dos privilégios e das opressões. Sobre isto, cabe recordar o que Cida Bento diz sobre as heranças escravocratas:

Descendentes de escravocratas e descendentes de escravizados lidam com heranças acumuladas em histórias de muita dor e violência, que se refletem na vida concreta e simbólica das gerações contemporâneas. Fala-se muito na herança da escravidão e nos seus impactos negativos para as populações negras, mas quase nunca se fala na herança escravocrata e nos seus impactos positivos para as pessoas brancas (Bento, 2022, p. 23).

No que se refere as interseccionalidades de raça e gênero, no âmbito de movimentos sociais de mulheres, recordar o chamado atemporal de Lélia González para a urgência de se construir uma perspectiva feminista afrolatinoamericana. Neste texto basilar para se pensar interseccionalmente os movimentos sociais produzidos e constituídos expressivamente por mulheres diferencialmente racializadas, Lélia González inicia a conversa a partir das reflexões que emergiam com os cem anos da abolição da escravatura, em 1988. Já naquele momento recorda o quanto a abolição foi uma manobra burocrática, sem uma estratégia de sobrevivência a população negra ex-escravizada, recorda o mesmo ponto trazido por Maria Aparecida Bento: a herança. Avançando na reflexão sobre feminismo e racismo, destacando o quanto o feminismo como teoria e prática, contribuiu consideravelmente para as ferramentas conceituais necessárias a desarticulação dos impactos dessa herança colonial sobre as relações sociais, González (1988) diz que: “ao centralizar a sua análise sobre o conceito de capitalismo patriarcal (ou patriarcado capitalista), ele evidencia as bases materiais e simbólicas da opressão às mulheres, que constitui uma contribuição fundamental para o encaminhamento de nossas lutas como um movimento”. Todavia, Lélia González também atenta a necessidade de ir além, através de uma articulação geopoliticamente localizada, do ponto de vista de reconhecimento de trajetórias teórico-políticas e experiências cotidianas que tensionam as explicações tradicionais do pensamento social sobre movimentos, sociedades e mulheridades.

Mas apesar de suas contribuições fundamentais para a discussão da discriminação com base na orientação sexual, o mesmo não aconteceu diante

de outro tipo de discriminação, tão grave quanto a sofrida pelas mulheres: a de natureza racial. (...) Porém, o que geralmente se observa, na leitura dos textos e na prática feminista, são referências formais que denotam uma espécie de esquecimento da questão racial. Tomemos um exemplo da definição de feminismo: consiste na “resistência das mulheres a aceitar papéis, características sociais, econômicas, políticas, ideológicas e psicológicas que são baseadas na existência de uma hierarquia entre homens e mulheres, da qual a mulher é discriminada” (Astelarra). Seria suficiente substituir os termos homens e mulheres, por brancos e negros (ou índios), respectivamente, para termos uma excelente definição de racismo. (...) Há, então, a questão: como esse esquecimento do feminismo pode ser explicado? A resposta, em nossa opinião, está no que alguns cientistas sociais caracterizam como racismo por omissão e cujas raízes, dizemos, são encontradas em uma cosmovisão eurocêntrica e neocolonialista da realidade. (González, 2018 [1988], p. 309)

Felizmente, o tema das interconexões e interseccionalidades de gênero e raça, direcionados a tematizar a branquitude, não está estancado. Exemplo disto é o trabalho de iniciação científica, realizado pelo licenciando em Ciências Sociais, Lu Kârana Soto da Silveira (2021), a partir de sua inserção em um escopo maior de pesquisa.

Esta pesquisa busca compreender como cor/raça estão subjetivados nas narrativas dos(as) entrevistados(as) autodefinidos(as) como branco(as), assim como, qual a relação que estes(as) farão sobre a branquitude ao narrarem sobre si. (...) A relevância deste projeto, se ampara em sua centralidade em tomar como objeto o branco, esse que historicamente tem se ausentado em tomar-se como sujeito racializado, além disso, legitimado a supremacia branca através da difusão do mito da democracia racial no Brasil (RAMOS, 1995; BENTO, 2002; SCHUCMAN, 2012). Do ponto de vista metodológico, seguimos como técnica de investigação social a análise de discurso, observando as narrativas construídas nas entrevistas abertas (já realizadas), considerando, como base para tanto, conceitos sobre a branquitude e os privilégios sociais viabilizados por ela. (Silveira, 2021, p. 2)

Ao questionar a trajetória “particular” que se entende como norma (Silveira, 2021) fala sobre a necessidade de que a branquitude rompa com a posição epistemologicamente confortável de entender as percepções de si, como as normativas de percepção das outridades. Trata-se de um convite feito por Lu, a que a branquitude se outrifique, partindo de olhar para o espelho e superar a postura de drácula (Cardoso, 2020, p. 161) a qual as condições do contrato racial tácito (Mills, 2023) permite às populações brancas, manter: o pressuposto da invisibilidade, o truque de Deus (Haraway, 1995).

#### DE DENTRO DO APÊ

Ar-condicionado, *macbook*, você vai dizer  
Que é de esquerda, feminista, defende as mulher

Posta lá que é vadia, que pode chamar de puta  
 Sua fala nem condiz com a sua conduta  
 Vai pro rolê com o carro que ganhou do pai  
 Pra você vê, não sabe o que é trabalho  
 E quer ir lá dizer  
 Que entende sobre a luta de classe  
 Eu só sugiro que cê se abaixe  
 Porque meu é tiro certo e vai chegar direto na sua hipocrisia  
 O papo é reto, eu vou te perguntar  
 Cê me responde se cê aguentar, guria  
 Quantas vezes você correu atrás de um busão  
 Pra não perder a entrevista?  
 Chegar lá e ouviu um  
 “Não insista,  
 A vaga já foi preenchida, viu  
 É que você não se encaixa no nosso perfil”  
 Quantas vezes você saiu do seu apartamento  
 E chegou no térreo com um prato de alimento  
 Pra tia que tava trampando no sinal  
 Pra sustentar os quatro filhos que já tá passando mal de fome?  
 Quando foi que cê parou pra perguntar o nome  
 E pra falar sobre seu ativismo?  
 Quando foi que cê pisou numa favela pra falar sobre o seu  
 Fe-mi-nis-mo?  
 Sempre deixando pra amanhã  
 Deixando pra amanhã  
 Há miliano que cês tão queimando sutiã  
 Sempre deixando pra amanhã  
 Deixando pra amanhã  
 Há miliano que cês tão queimando sutiã  
 Sempre deixando pra amanhã  
 Deixando pra amanhã  
 Há miliano que cês tão queimando sutiã  
 Sempre deixando pra amanhã  
 E nós, as mulher preta?  
 Nós só serve pra você mamar na teta,  
 Ama de leite dos brancos  
 Sua vó não hesitou quando  
 mandou a minha lá pro tronco  
 (Ferreira, 2019, s/p)

Entre as pessoas que conheci durante as experiências de observação participante realizadas, tem uma mulher que, embora não tenha convivido muito, é emblemática da figura que eu carregava comigo antes de iniciar a pesquisa. Mulher, branca, mãe, feminista e em movimentos. Porém, ao primeiro sinal de confronto racial, ela se defendia, recorrendo à imagem do “processo”, do desenvolvimento e da aprendizagem sobre temas que, em suas palavras, às vezes são “demasiado acadêmicos”. Os momentos de encontro com essa pessoa trouxeram à tona a necessidade de respirar, olhar para o momento e a intenção dessa pesquisa e entender que empreender uma discussão nos termos que a emoção que sentia, poderia bloquear um



caminho importante de aprendizado que posso ter no convívio analítico com esta pessoa. Não se trata de definir quais as posturas são mais ou menos adequadas, mas de compreender que aquilo que ela expressava ali, ao citar bell hooks para aludir ao fato de que “o feminismo é para todos” e, portanto, é importante ter “paciência e abertura para o diálogo”, representava muito do que os estudos de epistemologia da ignorância nos ensinam a observar (Sullivan; Tuana, 2007). A intencionalidade do racismo é tão perversa quanto a manutenção da possibilidade ininterrupta da fase de aprendizado à qual a branquitude se permite gozar por tempo indeterminado.

E nunca é sem medo – da visibilidade, da crua luz do escrutínio e talvez do julgamento, da dor, da morte. Mas já passamos por tudo isso, em silêncio, exceto pela morte. E o tempo todo eu me lembro disto: se eu tivesse nascido muda, ou feito um voto de silêncio durante a vida toda em nome da minha segurança, eu ainda sofreria, ainda morreria. Isso é muito bom para colocar as coisas em perspectiva. (Lorde, 2019, p. 55)

Eu tenho de sair do país para fazer trabalhos acadêmicos? Ou eu poderia ficar no país, mas fora da academia? Eu conseguiria administrar minha permanência no país e dentro da academia? E quanto a ser uma das poucas intelectuais negras dentro dessa maquinaria branca me custaria emocionalmente? Essas perguntas giravam constantemente na minha mente. (Kilomba, 2019, p. 64)

Abro este subcapítulo com a imagem deste protótipo: mulher, branca, feminista, mãe, trabalhadora. Uma forma de tentar lançar luz a conversas desconfortáveis, mas que ainda são necessárias e seguirão sendo enquanto o ciclo do letramento racial seguir unilateral, do ponto de vista do reconhecimento das alteridades envolvidas neste processo de convivência em contextos tais como o brasileiro, em que parcela da população, de forma mais ou menos direta, demonstra estar nostálgico da democracia racial. A violência como pano de fundo para o estabelecimento da “paz social”. O grande contingente que sofreu as consequências dos arranjos que sustentaram o milagre econômico, eram (são) as pessoas negras (González, 1982).

No Brasil, a gente não pode se dar ao luxo de ignorar a genialidade das mulheres negras”, conclui a pesquisadora Bárbara Paes. “As ideias, as inovações que as mulheres negras têm criado desde sempre são inestimáveis. As soluções para os problemas mais graves que a gente tem não virão das mesmas pessoas, mas das pessoas que estão sendo mais impactadas por esses problemas. No Brasil, eu diria que boa parte das pessoas que estão sendo mais impactadas pela desigualdade são pessoas negras e mulheres negras, não tem como a gente não priorizar a educação delas (Roza, 2021, n/p).

Em *Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro*, Patrícia Hill Collins, ao discutir o uso criativo da posição de marginalidade experienciada por algumas mulheres negras e estabelecida como nosso lugar no imaginário social, também aborda os significados de autodefinição e autoavaliação.

Autodefinição envolve desafiar o processo de validação do conhecimento político que resultou em imagens estereotipadas externamente definidas da condição feminina afro-americana. Em contrapartida, a autoavaliação enfatiza o conteúdo específico das autodefinições das mulheres negras, substituindo imagens externamente definidas com imagens autênticas de mulheres negras. (...) A autodefinição e a autoavaliação não são luxos, são necessárias para a sobrevivência das mulheres negras (Collins, 2016, p. 92).

Aqui caberia pensar a relação entre o quilombamento de mulheres negras e as significações da autodefinição e autoavaliação, como uma prática organizativa, alinhada às onto-epistemes negras diaspóricas. Em palavras mais diretas, o quilombamento pode ser visto como uma maneira de nutrir a autodefinição e a autoavaliação em chave coletiva, não se tratando de uma necessidade individual, mas de reequilíbrio de relações políticas, filosóficas e afetivas marcadas por uma trajetória massivamente contada e recriada através da violência cotidiana contra grande parte da população negra brasileira e em demais contextos nacionais.

Aquilombar é o quilombo tornado verbo. É a ação não apenas de se reunir entre pessoas negras, mas de coletivizar-se em prol de produzir vida, mesmo em meio a atualizações das vontades de morte direcionadas à população negra, aqui dita especialmente no Brasil. Em diálogo sobre o tema no programa Estação Cultura, as pesquisadoras Bianca Santana e Clara Marinho trazem que quilombar é estarmos juntos, produzindo vida para a sociedade em geral, pois o acolhimento é parte intrínseca dos significados do quilombo. É uma forma de reinventar sentidos, a despeito das faltas. Se pensarmos o termo em diálogo com a concepção de Beatriz Nascimento, é possível pensar o quilombar também como ato de consciência de ser quilombo.

Com a publicação de artigo no Jornal do Brasil em novembro de 1974, o Grupo Palmares, do Rio Grande do Sul, do qual participava, entre outros, o poeta Oliveira Silveira, sugeria que a data de 20 de novembro, lembrando o assassinato de Zumbi e a queda do Quilombo dos Palmares, passasse a ser comemorada como data nacional, contrapondo-se ao 13 de maio. (...) Quilombo passou a ser sinônimo de povo negro, sinônimo de comportamento do negro e esperança para uma melhor sociedade. Passou a ser sede interior e exterior de todas as formas de resistência cultural. Tudo, de atitude a associação, seria quilombo, desde que buscasse maior valorização da herança negra. Hoje, o Vinte de novembro é a data instituída de fato no calendário cívico nacional como Dia da Consciência Negra ou Afro-brasileira. (Nascimento, 2021, p.159)

É movida por esta consciência que o tema das vontades de inversão se apresenta. Como podemos exercitar outros sentidos para olhar as redes políticas entre mulheres, considerando a dimensão étnico-racial como eixo de orientação destas miradas? A proposta aqui é produzir olhares sobre as estratégias brancas contemporâneas de fazer antirracismo e mais especialmente, as práticas empreendidas por mulheres brancas. Olhar para esta experiência estrangeira em comparação a minha, utilizando dos sentidos da alteridade para contribuir com dimensões distintas da estabelecida no imaginário das outridades. É tirar a ponte das nossas costas e colocar ela no chão dos privilégios estruturais, tais como a branquitude, considerando para isso todas as dimensões interseccionais que compõe essas relações.

Ou seja, trata-se de compreender a perspectiva que emerge quando deslocamos o olhar que está sobre os “outros”, racializados, os considerados “grupos étnicos” ou os “movimentos identitários” para o centro, onde foi colocado o branco, o “universal”, e a partir de onde se construiu a noção de “raça”. Esse foi o esforço ao qual me dediquei nos últimos trinta anos e que procuro apresentar neste livro (Bento, 2022, p.15).

Ao abordar o tema do conhecimento e o mito da universalidade, Grada Kilomba traz o exemplo de um exercício que aplica nos primeiros semestres de aula aos estudantes. Neste exercício, em que ela faz uma série de questionamentos de conhecimentos gerais, relativamente simples sobre personagens e momentos históricos como a Rainha Nzinga ou a Conferência de Berlim ocorrida em 1884-85, a localização do conhecimento se expressa, tendo em vista que são as pessoas alunas negras que se destacam nas respostas.

Não surpreende que a maioria das/es estudantes brancas/es na sala é incapaz de responder às perguntas, enquanto estudantes negras/es respondem corretamente à maioria delas. De repente, aquelas/es que, em geral, não são vistas/es tornam-se visíveis, enquanto aquelas/es sempre vistas/es tornam-se invisíveis. Aquelas/es usualmente silenciosas/es começam a falar, enquanto aquelas/es que sempre falam, tornam-se silenciosas/es. Silenciosas/es não porque não conseguem articular suas vozes ou línguas, mas sim porque não possuem aquele conhecimento. Quem sabe o quê? Quem não sabe? E por quê? Esse exercício nos permite visualizar e compreender como conceitos de conhecimento, erudição e ciência estão intrinsecamente ligados ao poder e à autoridade racial. Qual conhecimento está sendo reconhecido como tal? (Kilomba, 2019, p. 50)

Aqui seria possível traçar um paralelo com a concepção de Donna Haraway de saberes localizados, no que se refere a perspectivas epistemológicas ao invés de uma ideia de

epistemologia no singular. Alguns exemplos no que tange ao pensamento feminista branco seriam o paradigmático impacto que o pensamento feminista negro e outras formas de articulação impulsionadas por mulheridades negras e indígenas desde outras gramáticas sociais que não as feministas – a saber, o mulherismo afrikana e as autonomias autorreferentes das mulheres zapatistas, entre outras – tem operado dentro dos movimentos de mulheres em diversas partes do mundo e especialmente na América Latina.

Fazer essas perguntas é importante porque o centro ao qual me refiro aqui, isto é, o centro acadêmico, não é um local neutro. Ele é um espaço branco onde o privilégio de fala tem sido negado para as pessoas negras. (...) Não é que nós não tenhamos falado, o fato é que nossas vozes, graças a um sistema racista, têm sido sistematicamente desqualificadas, consideradas como conhecimento inválido; ou então representadas por pessoas brancas que, ironicamente, tornam-se “especialistas” em nossa cultura, e mesmo em nós (Kilomba, 2019, p. 50-51)

O olho ocidental tem sido fundamentalmente um olho errante, uma lente viajante. Essas peregrinações com frequência foram violentas e insistentes em espelhos para um eu conquistador – mas nem sempre. As feministas ocidentais também herdaram alguma habilidade ao aprender a partir da revisualização de mundos virados de ponta cabeça pelos desafios transformadores da terra feitos à visão dos mestres. Não é preciso começar do nada. (Haraway, 1995, p.26)

Mas também se faz necessário falar da estranha sensação de traição que vem com encontros de escolher estar junto a mulheres brancas nesta pesquisa. Como trago desde o início, alguns dos motivos profundos dessa etnografia estão atrelados a memórias minhas e de minhas mais velhas, na relação com mulheres brancas, sobretudo gaúchas de Porto Alegre. Essa identidade muitas vezes não vista no espelho, frente às interseccionalidades que parecem operar de forma excludente de privilégios em algumas leituras brancas da intersecção de gênero e raça, se materializou constantemente em meu cotidiano, desde a narração das histórias de vida profissional de minha mãe até as minhas próprias experiências de proximidade com mulheres brancas, nos trabalhos desde os 16 anos de idade e depois na universidade. Porém, aquelas com quem convivi, sobretudo Alyne e Miranda, geraram em mim não apenas desconfortos, mas também aprendizados. O agridoce, palavra que sempre me vem quando retomo a escrita deste capítulo, se apresentou constantemente. Entre o respeito a mulheres que abriram parte de suas trajetórias de vida para mim, assim como algo tão íntimo como suas leituras e escritas, também havia a vigilância constante, aquela sensação de que a qualquer momento estaria frente a uma situação de racismo explícito, talvez inconsciente, que ruiria ou acenderia uma outra chama nesta escrita. Um aprendizado que só se fez possível encarando esta experiência. Em vários momentos me lembrei da pergunta de Lila Abu Lughod: “como deveríamos lidar com a

complicada política e a ética de nos vermos em acordo com *aquelas*<sup>95</sup> de quem normalmente discordamos?” (Abu Lughod, 2012, p. 461). Como colocado por Donna Haraway, “divisão, e não o ser, é a imagem privilegiada das epistemologias feministas do conhecimento científico” (Haraway, 1995). A autora explica que divisão, neste contexto, significa a possibilidade de ser vista, enquanto existência, como multiplicidades heterogêneas.

O eu cognoscente é parcial em todas suas formas, nunca acabado, completo, dado ou original; é sempre construído e alinhavado de maneira imperfeita e, portanto, capaz de juntar-se a outro, de ver junto sem pretender ser outro. Eis aqui a promessa de objetividade: um conhecedor científico não procura a posição de identidade com o objeto, mas de objetividade, isto é, de conexão parcial. (Haraway, 1995, p.26)

Na visão de mundo europeia, e forma de pensar europeia, na forma de ver o universo, seres humanos se tornam indivíduos distintos e separados. A única forma de você conhecer alguma coisa sobre o universo, é se separando dele, tirando a conectividade e criando o que eles chamam de “objetivo”. É tudo que se pode saber, mas esse “objetivo” é uma coisa, que não possui qualquer sentimento ou significado, nem espírito. (...) O que Platão fez, se voltarmos a ele, é que se ele conseguisse que as pessoas concordassem, ali estaria a única verdade. Então o que ele poderia dizer é: bem todas as pessoas próximas dessa verdade, são as pessoas que devem governar sobre as outras. (Ani, 2017, s/p)

Seguindo no diálogo entre Marimba Ani e Haraway, importante recordar que existe um tempero importante, que ainda falta nas dimensões onto-epistêmicas complexas, realizadas no âmbito do pensamento feminista branco: aprofundar as dimensões da reconstrução de humanidade para si e para as sociedades. Ou seja, o descarrilhamento e a deturpação dos significados de ser africano no mundo, bagunçados profundamente em nossas existências como pessoas negras em diáspora, relegaram também um processo de constante paradoxo interior, em que lidamos subjetivamente com a consciência da incompletude das palavras gestadas em uma ontologia distante das formas de ser ancestrais que carregamos. E pessoas brancas? O que a universalidade, ficção persuasiva (Strathern, 2014), gerou na subjetividade branca, na forma como não se vê como existência, mas apenas como ser humano, no sentido normativo do termo, quase sinônimo de branca.

Encerro este tópico refletindo sobre o caso das intersubjetividades na relação com as mulheres brancas em campo, a partir de Alyne. Ao relatar um sem-par de episódios pessoais, sobretudo marcados pelo contexto familiar e a relação com os lugares tidos como perigosos e simultaneamente habitados por um contingente expressivo de pessoas negras na sua cidade de

---

<sup>95</sup> Aqui fiz uma flexão de gênero que não consta na citação, tendo em vista destacar a ideia que busquei apresentar. No texto original, o termo utilizado é *aqueles*.

nascimento, ocorrem afetamentos inversamente proporcionais em nós. Sendo eu uma pessoa negra que tive acesso a uma literatura e uma práxis cotidiana de aprendizados que dizem da socialização de uma imagem de perigo associada a população negra, não foi confortável ouvir coisas que estavam sendo expressas, de maneira necessariamente crua, no processo de elaboração de Alyne sobre o reconhecimento de seus privilégios. Por reconhecimento, me refiro ao momento catártico que a conversa em contexto de pesquisa promove. Esta experiência guiada, a qual em Antropologia é sempre antecedida do estabelecimento de uma relação prévia (Fonseca, 1999), gerava em Alyne um espaço de escuta e acolhimento, enquanto a mim chegava juntamente a emoções como raiva, cansaço e ansiedade.

### 4.3 Escuta negra de palavras brancas: encontros agrídoces

Pensamentos que açoitam  
 E penso: “Será que  
 alguma mulher branca  
 já usou ‘açoitam’  
 como verbo para classificar  
 as dores do seu inconsciente?”  
 Açoitam... outro recurso  
 do colonialismo invadindo  
 minha psique  
 (Vidal, 2021, p. 34)

Eu aprendi  
 a te ler no silêncio,  
 mas não é a mesma coisa  
 que te ouvir.  
 (Vidal, 2020, p. 37)

\*\*\*

Se havia algo que minha mãe odiava era que a chamassem no diminutivo. Em suas palavras, quando alguém a chamava de *Verinha*, era batata: essa pessoa ia decepcioná-la. Guardei isso comigo por muitos anos e confesso que também enxergo com certa desconfiança quando alguém me chama no diminutivo, algo raro de acontecer. Depois de ler e ouvir histórias de outras mulheres negras, mães de amigas, mulheres escritoras e pesquisadoras, sobretudo das ciências humanas, comecei a perceber que esse incômodo habitava também em outras de nós. Como se simbolicamente esse diminutivo funcionasse como uma estratégia de recordar a minoria a que nos querem fazer crer que somos parte, ainda que no Brasil, mais de 50% da população seja composta por pessoas negras – pretas e pardas, segundo o IBGE. Além disto, também é interessante como esse diminutivo, quando vindo de mulheres brancas, alude também

a memórias de coisificação. Talvez por isso o sufixo, “inha” não causava incomodo apenas em minha mãe, D. Vera Lucia, mas também em outras de nós.

Minhas queridas *hermanas*, os perigos que enfrentamos como mulheres de cor não são os mesmos das mulheres brancas, embora tenhamos muito em comum. Não temos muito a perder – nunca tivemos nenhum privilégio. Gostaria de chamar os perigos de “obstáculos”, mas isto seria uma mentira. Não podemos transcender os perigos, não podemos ultrapassá-los. Nós devemos atravessá-los e não esperar a repetição da performance. (Anzaldúa, 2000, p. 229)

Escrever é perigoso porque temos medo do que a escrita revela: os medos, as raivas, a força de uma mulher sob uma opressão tripla ou quádrupla. Porém, neste ato reside nossa sobrevivência, porque uma mulher que escreve tem poder. E uma mulher com poder, é temida. “O que significou uma mulher negra ser artista no tempo de nossas avós? Esta é uma pergunta cuja resposta pode ser suficientemente cruel para parar o sangue”, Alice Walker. Nunca vi tanto poder para motivar e transformar os outros como aquele presente na escrita das mulheres de cor. (Anzaldúa, 2000, p. 234)

Em uma das observações em que uma das ministrantes da atividade era uma pesquisadora e escritora negra, ouvi uma voz branca dizendo: “Ah Florzinha, eu não poderia deixar de vir”. Lembrei do diminutivo. Anotei mentalmente. De todo modo, Flor, a mulher a quem a mulher branca se dirigia, não demonstrou estar incomodada. Compreendi ali algumas dessas importantes nuances que a experiência etnográfica promove. Eu continuei carregando aquela incômoda sensação com o diminutivo, aprendida desde minha mãe e sentida na pele, ainda que poucas vezes. Quando digo na pele, é literalmente. Aquele arrepio que vem da espinha e cruza o corpo, gerando secura na boca e vontade de sair daquele lugar. Mas tampouco era meu papel, seja como antropóloga, seja como pessoa em geral, qualificar a maneira como este mesmo gesto da palavra, o uso deste diminutivo, impactava outra mulher negra. Como na clássica piscadela de Geertz, aquele uso dentro do contexto de relação entre estas duas mulheres, tinha outros sentidos, distintos dos meus. O que não exime um possível caráter racista, ainda que inconfesso, do uso deste diminutivo por parte da mulher branca. Acolher essa oscilação de sentidos é parte do pensar antropológicamente.

Nesta constelação [*de posturas machistas sobre mulheres e discursos racistas sobre a população negra*<sup>96</sup>] é a mulher branca que irracionaliza meu pensamento e, ao fazê-lo, ela define para a mulher negra o que é o conhecimento “real” e como ele deveria ser expresso. Isso revela as complexas dinâmicas entre “raça”, gênero e poder, e como a suposição de um mundo dividido entre homens poderosos e mulheres subordinadas não pode explicar

---

<sup>96</sup> Nota complementar minha, para contextualizar a constelação a qual a autora se referia.

o poder da mulher branca sobre mulheres e homens negros. (Kilomba, 2019, p. 56)

Lembro de uma atividade na qual participei como parte de uma mesa sobre lesbianidade e negritude, muitos anos antes desta pesquisa. Em uma sala majoritariamente ocupada por mulheres cis brancas, o silêncio imperou por largo período e depois, uma das mulheres negras presentes interveio, cansada e um pouco incomodada, dizendo que esperava ouvir mais “de nós, para nós, sobre nós”. Que mesmo quando o tema proposto foi lesbianidade e negritude, “se tornou uma conversa para branca”. Isto sacudiu a todas, movimentou a atividade e gerou muitas questões, porém o silêncio branco seguiu. Ficava expresso o lugar que as mulheres brancas presentes naquela sala pensavam ser o seu, em geral, naquela discussão: o do silêncio.

A gente fala tanto nessa luta antirracista, mas em que momento as pessoas brancas vão colocar seu corpo a frente também. O nosso corpo está à frente todos esses anos. (Diário de campo-vida, s/d, Porto Alegre)

Comecei a duvidar da importância do escrever na minha vida. Toda vez que sinto que propositalmente estão fingindo que não existo, sinto um gosto amargo na boca. É como se imediatamente secasse (...) Mas quando eu penso em todas as entrevistas que não transcrevi, em todos os materiais que não li, também sinto a boca amarga e seca. É com sabor de silêncio que começa o aperto no peito que logo vira angústia e mal-estar. (Diário de campo-vida, setembro de 2021, Porto Alegre).

As pessoas negras são testemunhos vivos da existência do racismo, ainda que o discurso nacional tente ocultar, principalmente por meio das políticas de branqueamento (democracia racial e mestiçagem). “Por isto mesmo, a afirmação de que todos somos iguais perante a lei assume um caráter nitidamente formalista nas sociedades ladinoamefricanas”. (González, 1988) A antropologia nascente no Brasil, durante os diferentes períodos do projeto colonial, instrumentalizou e foi nutrida pela elaboração dos subsídios para as racionalidades administrativas da colônia, assim como em outras partes da América Latina e de África. Neste sentido, nossa constituição como ser no mundo, ao mesmo tempo que consciente da africanidade, se vê engendrado nas teias de um sistema onto-epistêmico operado por uma linguagem universalizante e, portanto, localizada no eixo da ilusão de neutralidade. Aqui cabe o questionamento de Lélia González: “Quanto a nós, negros, como podemos atingir uma consciência efetiva de nós mesmos, enquanto descendentes de africanos se permanecermos prisioneiros, cativos de uma linguagem racista?” (González, 2018, p. 329).

Como nos atrevemos a sair de nossas peles? Como nos atrevemos a revelar a carne humana escondida e sangrar vermelho como os brancos? É preciso uma



enorme energia e coragem para não aquiescer, para não se render a uma definição de feminismo que ainda torna a maioria de nós invisíveis. Mesmo enquanto escrevo isto, me sinto perturbada porque sou a única escritora mulher do terceiro mundo neste livro. Muitas e muitas vezes me percebo sendo a única mulher do terceiro mundo participando de encontros literários, workshops e seminários. (Anzaldúa, 2000, p. 231)

Não se trata somente dos códigos semânticos, mas das priorizações discursivas que animam as categorias sociais que permeiam as inteligibilidades. Se mudar uma linguagem se apresenta como uma tarefa quase impossível, através de escolhas discursivas existem possibilidades de operar fissuras no suposto caráter incontornável de uma perspectiva racista nas formas de ser e estar no mundo. Em outras palavras, através de uma consciência e prática antirracista, desaprendizagens vão ruindo certezas estruturais, racialmente localizadas e utopicamente poderosas. Duvidar do poder enquanto materialidade e apostar no poder enquanto ficção persuasiva (Strathern, 2016). Um dos caminhos através dos quais tais desaprendizagem se dão, é pelas letras escritas. Assim como em minha trajetória pessoal, os livros e bibliotecas foram lugares de conhecer a diferença – histórias, cores e gestos, palavras e também gentes – estes mesmo lugares e outros, podem estar preenchidos de outras imagens da multiplicidade de histórias vividas e escritas por pessoas negras.

Editores e produtores são favoráveis à ideia. Agora, não pense que editores e produtores constituem uma classe especial de descrentes. Isso está longe de ser verdade. As editoras e os promotores teatrais estão no negócio para ganhar dinheiro. Eles patrocinarão tudo o que eles acreditam que vai vender. Eles evitam histórias românticas sobre Negros e Judeus porque sentem que conhecem a indiferença pública a tais obras, a menos que a história ou a peça envolvam tensão racial. Ela pode então ser oferecida como um estudo em sociologia, com o lado romântico subjogado. Eles conhecem o ceticismo, em geral, sobre as emoções complicadas das minorias. O americano médio simplesmente não pode conceber isso, e estaria apto a rejeitar a noção, e os editores e produtores tomam a posição de que não estão no negócio para educar, mas para ganhar dinheiro. Por mais simpáticos que possam ser, eles não podem se dar ao luxo de travar uma “Cruzada”. (Hurston, 2019, p. 107)

O ler se fez presença desde cedo, como estratégia de vida e, aos poucos, tornou-se paixão em passear por outros mundos e pensamentos. Os sebos<sup>97</sup> da Rua Riachuelo, em Porto Alegre, assim como a biblioteca pública, na esquina da mesma rua, foram lugares de rir, chorar e

---

<sup>97</sup> Sebos são pequenas livrarias que revendem livros de segunda-mão, por preços mais acessíveis que nos espaços comerciais de grande porte. Para saber mais sobre os sebos de Porto Alegre, ver artigo *Consumo, colecionismo e identidade dos bibliófilos: uma etnografia em dois sebos de Porto Alegre* (Biasotto; Caballero; Stefanowski, 2007).

conhecer pessoas-letras. Voltando ainda mais no tempo, a biblioteca da Escola Estadual de Educação Básica Gentil Viegas Cardoso, no município de Alvorada, foi o refúgio nos recreios e mesmo durante algumas aulas mais caóticas. Ali me sentei com Shakespeare e Balzac pela primeira vez.

Foi no âmbito do Gentil que nasceram as vontades de pesquisa e o *Projeto Ler é Arte* foi de extrema importância nesse processo. O projeto se caracterizava por propostas desenvolvidas por turmas de todos os anos escolares, relacionadas a obras de determinado autor ou sobre algum tema central a ser desenvolvido criativamente através da literatura. Tendo me formado no colégio em 2008, participei de três anos do projeto, em um dos quais interpretei *Hércia*, em uma adaptação escolar de *Sonho de uma noite de verão*, de William Shakespeare. Ao definir os personagens, me apontei para ser Hércia, uma jovem grega, filha de Egeu, apaixonada por Lisandro, mas forçada pelo pai a casar-se com Demétrio. Frente a minha decisão, apresenta-se o “incômodo” em ter uma Hércia negra. Sustentei e defendi meu personagem, com base no conhecimento sobre a obra e concretizei minha escolha.

Mais do que uma anedota escolar, este trecho de memória remete ao questionamento da “cor do personagem”. Neste caso, em uma leitura crítica racial sobre as dissonâncias entre “claro” e “escuro”<sup>98</sup> na obra shakesperiana, pode-se dizer que ele foi explícito em suas peças neste quesito, definindo a beleza como branca e a feiura como negra<sup>99</sup>. Porém, os personagens em geral representados em escritos literários são descritos de maneira universal, deixando em aberto ao público leitor imaginar o personagem. A recente problematização sobre as identidades étnico-raciais de personagens infanto-juvenis como a já citada Hermione aponta para uma mudança de paradigma representacional, resultado de constantes críticas, inclusive elaboradas em pesquisas acadêmicas no campo da Crítica Literária e das Literaturas Nacionais, sobre o caráter racista da interpretação e representação dos personagens como brancos. Fazendo esses paralelos no tempo, percebo aquele questionamento da Hércia negra como uma semente das inquietações que estão descritas neste projeto.

---

<sup>98</sup> Aqui me refiro as diferenças entre “belo e claro” e “horrendo e escuro”, presente em várias peças de Shakespeare, como no trecho de Lisandro encontrando Helena, após ser enfeitado por Puck: “Como assim? Com Hércia não me deleito/Só sinto tédio diante dos seus defeitos/Helena eu amo, Hércia é um estorvo/Quem trocaria uma pomba por um corvo?” (Shakespeare, 2016).

<sup>99</sup> Importante aqui resguardar as diferenças de tratar sobre raça, etnia e cor. Dimensões distintas que se entremeiam neste trabalho, não de forma nítida, mas possibilitando que pensemos o quanto suas especificidades em termos de pesquisa, se interseccionam nas experiências materiais cotidianas das pessoas em distintos contextos nacionais e étnicos.

## CONCLUSÃO – Raiva, afeto, cansaço e letras

### RE (V) SOLUÇÃO

No dia em que explodirmos,  
vamos nos derramar sobre você,  
vamos ferver.

Um dia,  
você vai ver  
pedaços de nós  
múltiplas invasões  
seu corpo adentro.  
No dia em que explodirmos,  
sangue escorrerá para cima  
e retornará ao chão

Liberdade!

(Ohnmacht, 2021, p. 92)

Nesta etnografia, através de observações participantes e conversas coletivas e individuais realizadas a partir de minha inserção como parte do Grupo Permanente de Escrita para Mulheres, promovido pela ONG Fora da Asa e o Projeto Todas Escrevemos, pude me relacionar com dimensões do papel das leituras feitas por mulheres brancas, sobre escritas de autoria de mulheres negras. O objetivo era conhecer e documentar o impacto destas leituras na reinvenção de conexões entre mulheridades racialmente diferentes e a construção de posicionamentos antirracistas de mulheres brancas, organizadas coletivamente, como é o caso do coletivo de mulheres que mantém ativa a ONG e Coletivo Fora da Asa, localizada em Porto Alegre.

Entre reuniões, conversas e oficinas, acompanhei este grupo heterogêneo, composto por vontades e projetos de vida, intimamente conectados com o reconhecimento de sua posicionalidade de gênero, enquanto mulheres majoritariamente cisgêneras, e sua posicionalidade racial, enquanto mulheres brancas. Que tipo de interações se desenvolvem quando se encara os imaginários que temos umas sobre as outras? Foi possível observar uma vontade antirracista que esbarra nas nuances da diversidade de compreensões da branquitude entre mulheres brancas. Casos emblemáticos e conflitos que geram cansaço, mas também esperança de criar juntas, estratégias de “sonhos que se sonha junto e viram realidade”, como aludido por Carolina e Miranda, em nossa conversa coletiva.

Ao longo de 4 capítulos, esta etnografia buscou captar, principalmente, na textualidade, as coexistências complexas que encontramos entre pessoas tem na tessitura de relações sociais

racialmente conscientes. Seja no reflexo desta complexidade para o realinhamento das relações raciais entre mulheridades, seja no âmbito de uma perspectiva circular de alteridade. Este trabalho foi uma experiência de deslocamentos, enfrentamentos e encantamentos. Sua contribuição se justificou pela vontade de retomar as discussões sobre texto etnográfico, a partir da contribuição visceral que as poéticas negras trazem a todo tipo de textualização do vivido. Uma semente do que pode ser aprofundado como a possibilidade de uma etnografia escreviente.

“Com tantas coisas para falar sobre essa personagem, por que você não discorreu mais sobre ela na dissertação?” – perguntou meu namorado após mais uma tarde de compartilhamento de reflexões que eu acabara de deixar fluir, sobre o trabalho de campo. Eu tinha narrado cenas protagonizadas por Ariane, uma das interlocutoras brancas mais emblemáticas do campo e a partir da qual pude tecer reflexões acerca de um tipo específico de branquitude que ela performava – aquela que usava seus demais atravessamentos sociopolíticos (ser mulher, mãe, trabalhadora etc.) como escudos que tensionavam os limites do antirracismo operado nos encontros vividos entre as oficinas e atividades em que convivemos, promovidas pela Fora da Asa.

Alguns pontos importantes emergem do questionamento de Alonso – por que eu me regulei tanto? Primeiro, acho que em alguma medida eu compro essa mentira branca que Ariane me vende, e ainda não elaborei direito essa transação comercial. Revendo agora minhas posturas ao longo do campo, percebo que constantemente estive com essa necessidade estratégica. Algumas vezes eu estava jogando futebol, no sentido de ser um time, de haver uma intersubjetividade possível, temperada por momentos agrídoces. Outras vezes eu estava jogando xadrez, pesando cada decisão, tentando antecipar jogadas e simular os resultados de determinados cenários. Os momentos de xadrez me trouxeram alguns bloqueios de escrita, num sentido parecido com a forma como as posturas de Ariane eram acolhidas. Pairava no ar uma espécie de limitação, um “com ela, só podemos ir até este ponto”. De modo análogo, eu me dizia internamente: “isso é até onde vou com a elaboração das experiências do campo no âmbito dessa dissertação”. Essa fronteira nebulosa que impus à escrita da minha pesquisa se relaciona com o questionamento de como construir um discurso efetivo para falar dos racismos, sem entrar em choque com um uso um tanto equivocado da interseccionalidade, mais próximo daquilo que já nos alertou Audre Lorde (Lorde, 2019) e o perigo da lógica da hierarquia de opressões. Em certa medida, negocieei na escrita os meios de desviar de argumentos do tipo “Há tantos inimigos pra atacar, não vamos atacar quem está do nosso lado” – algo trazido muito por

Carolina, uma das poucas participantes não brancas do Grupo Permanente de Escrita para Mulheres.

Carolina deixava explícito que ela tem consciência do racismo e dos processos, mas ela faz uma leitura mais atrelada a classes. Contudo, sua postura também é atravessada por um lugar de acolhimento que lhe veio na figura maternal de uma mulher branca que a incentivou e apoiou nos estudos. Ela fala que se inventou contra a vontade do pai de que ela não estudasse. Carolina tem consciência de que viveu uma realidade diferente das outras mulheres negras de sua família. As alegrias e dores que viveu foram outras, facilitadas, em seu ponto de vista, pela presença desta madrinha. Em sua perspectiva, pensar com os conceitos de negritude e branquitude “atrapalha” o foco na sinergia, união, articulação, que seriam muito mais fortes e importantes do que essas “conceituações” diferenciadas.

Entretanto, há outro motivo para eu não ter escrito mais sobre Ariane e o que ela representava. O meu trabalho de campo não foi sobre essa mulher em específico, mas sim sobre mulheres brancas que leem, escrevem e pensam sobre relações raciais, no âmbito de uma, entre tantas iniciativas ao largo do país. Iniciativas estas, aliás, que são gestadas a partir de encontros em que ficamos com problema, em diálogo com o sentido aludido por Donna Haraway. No caso do *TodAs Escrevemos*, são encontros em que interseccionalmente são partilhadas as diferentes posições raciais em uma sociedade de relações tecidas pelo contrato racial tácito, que favorece as vidas de uns/umas e dificulta drasticamente a possibilidade de viver de outros/outras. Então quero resguardar o respeito a esse espaço que tantos aprendizados agridoce.

Entendo este trabalho de campo como uma relação de co-dependência na autoria dos afetos. Tenho responsabilidade afetiva sobre o campo – algo que muitos antropólogos brancos não tiveram, ao invadir com seus olhos curiosos, os mundos daquelas e daqueles que foram outrificados. E tal responsabilidade afetiva me fala que essas mulheres brancas que vim estudando não são o problema em si, mas se beneficiam dele: o pacto da branquitude. O problema é a dificuldade em entender a urgência de letramentos raciais radicais, cuja responsabilidade de lecionar recai sobre pessoas negras. O problema é que seja eu que meça as palavras, e não elas/eles, as ações.

Essas reflexões me levam a pensar que a responsabilidade afetiva é característica de um fazer antropológico negro. Há diversas pesquisas de pessoas negras que perpassam esse olhar sobre si, essa ânsia de retomar memórias, gentes e palavras que não foram consideradas saberes

suficientemente elaborados, para que se tornassem efetivas referências para todos os âmbitos da sociedade, além das relações étnico-raciais. O objetivo da dissertação é evidenciar a responsabilidade afetiva como sensibilidade analítica na realização de trabalhos de campo, em diferentes universos de pesquisa.

Busquei estimular outra forma de fazer antropologia, no modo de se relacionar com a alteridade, enquanto algo circular. Aquela máxima: “se eu sou a outra da branca, a branca é a minha outra”. Não é uma inversão simples, falar desse branco tema. Depois de tanta palavra dita, feita, movida, o que quero é fazer antropologia epistemologicamente de outra forma. Uma forma afetiva e transformadora, do ponto de vista metodológico, teórico e político, para lembrar Vera Rodrigues mais uma vez. O que eu quero gerar? O que eu gero como produto do campo? Fazer implica sentir-pensar, além de categorizar o que de encontro houve. Não quero reproduzir violências científicas. Me nego a reproduzir, por meios de simples inversões, aquele mesmo tipo de coisificação que foi utilizado para tornar as diferentes populações negras, o outro da ciência. Minha mãe usava a expressão "luva de pelica".

Essa dissertação é começo, meio e começo, como já nos ensinou Nego Bispo. Aquela serpente poderosa, parecida com a descrita por Glória Anzaldúa, no capítulo sobre *la reina de las serpientes* (Anzaldúa, 2016). Encerro essa dissertação recordando que esta etnografia não é apenas sobre relações raciais entre mulheres diferencialmente racializadas. É sobre fazer teoria etnográfica baseada em poéticas pretas, real-imaginarizando aqueles outros mundos possíveis que já existem, inclusive gestados por pessoas antropólogas negras.

## REFERÊNCIAS

- ABU LUGHOD, Lila. *A escrita dos mundos de mulheres – Histórias beduínas*. Tradução: Maria Cláudia Coelho. Rio de Janeiro: Editora Papéis Selvagens, 2020.
- ABU LUGHOD, Lila. As mulheres muçulmanas precisam realmente de salvação? Reflexões antropológicas sobre o relativismo cultural e seus Outros. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, v.20, n.2, 2012, p. 451-470. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/yPdFtbPfpQCHyDmh6BjqQDx/?lang=pt&format=pdf> Acesso em 18 out 2022.
- ABU-LUGHOD, Lila. A escrita contra a cultura. *Revista Equatorial*, Natal, v. 5, n.8, 2018, p. 193-226. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/equatorial/article/view/15615/12025> Acesso em 15 out. 2022.
- AFROCHINGONAS. Programa Migración sin revisión ni detención: Episodio 2 - Migración y antirracismo. *Podcast Afrochingas*, 2023. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/254S8hOv0ciurfljFSXqHt?si=88e16eef8c140e3> Acesso em 5 nov. 2023.
- ALAYÓN, Tito Mitjans. (2020) “*La puente prieta*”: *feminismos disidentes y afrodiaspóricos en San Cristóbal de Las Casas*. Tese de doutorado em Estudos e Intervenção Feministas. Universidad de Ciencias y Artes de Chiapas. Centro de Estudios Superiores de México y Centro América. 208f. San Cristóbal de Las Casas, 2020.
- ALEIXO, Ricardo. 02 – Interlúdio. In: 01 – Thiago Elniño – Atlântico (Calunga Grande) (part. Natache)/ 02 – Interlúdio I (Ricardo Aleixo), 2019. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=lmNOMByre\\_c&ab\\_channel=ThiagoElni%C3%B1o](https://www.youtube.com/watch?v=lmNOMByre_c&ab_channel=ThiagoElni%C3%B1o) Acesso em 11 dez. 2023.
- ALEXANDRINI, Camila. *TodAs escrevemos: um projeto de formação político-pedagógica, na área de literatura, com uma perspectiva feminista e antirracista. Histórico - Todas Escrevemos*. 2020. Disponível em: <https://www.todasescrevemos.com/hist%C3%B3rico> Acesso em 29 nov. 2023.
- ANI, Marimba. *Marimba Ani - A Visão de Mundo Africana*. Canal OSH1 Autoimagem, 2017. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=zEpavqubyo&t=2s&ab\\_channel=OSH1Autoimagem](https://www.youtube.com/watch?v=zEpavqubyo&t=2s&ab_channel=OSH1Autoimagem) Acessado em 15 ago. 2023.

ANRED – Agencia de Noticias Red Acción. *Heba Abu Nada, poetisa y novelista palestina, falleció ayer por los ataques en Gaza*. Publicado em 21/10/2023. Disponível em: <https://www.anred.org/2023/10/21/heba-abu-nada-poetisa-y-novelista-palestina-fallecio-ayer-por-los-ataques-en-gaza/>

ANZALDÚA, Gloria. *Borderlands/La frontera: The New Mestiza*. Madrid: Capitán Swing Libros, 2016.

ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. *Revista Estudos Feministas*, v. 8, n.1, 2000, p. 229-236. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880/9106> Acesso em 15 out. 2023.

ANZALDÚA, Gloria. *Los movimientos de rebeldía y las culturas que traicionan*. In: *Otras inaprobables: feminismos desde las fronteras*. Madrid: Editora Traficantes de sueños, 2004, p. 71-81.

AUDEBERT, Cédric. JOSEPH, Handerson. MIRANDA, Bruno. Diásporas negras: las negritudes en movimiento y los movimientos de las negritudes. *Revista Interdisciplinar da mobilidade humana*, Brasília, v. 31, n. 67, 2023, p. 15-35. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/remhu/a/9qxrSMG6XXmYyRVLPGLbQNc/?lang=es> Acesso em 5 nov. 2023.

BATISSTA, Gianluca. Librerías que apuestan por las mujeres y el feminismo. *Canal El País*, 23 de abril de 2018. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=ZnhRDNdeneg&ab\\_channel=EIPa%C3%ADs](https://www.youtube.com/watch?v=ZnhRDNdeneg&ab_channel=EIPa%C3%ADs)

BENTO, Cida. *O pacto da branquitude*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

CARDOSO, Lourenço. A branquitude acrítica revisitada e a branquitude. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores(as) Negros(as) - ABPN*, v. 6, p. 88-106, 2014.

CARDOSO, Lourenço. O branco objeto: O movimento negro situando a branquitude. *Instrumento*, Juiz de Fora, v. 13, p. 81-93, 2011.

CASSAL, Milena. SILVA, Alessandra dos Santos. RICARDO, Dedy. RODRIGUES, Aline de Moura. Atinúkê: um sopro de carinho em nossas batalhas. *Revista Conexão Periferias*, Rio de Janeiro, março, 2022, p. 17-19.

CBL – Câmara Brasileira do Livro. Sindicato Nacional dos Editores de livros. *Produção e vendas do setor editorial brasileiro*. 2021.



CLIFFORD, James. Sobre a alegoria etnográfica. In: CLIFFORD, James. MARCUS, George (org). *A escrita da cultura*. Rio de Janeiro: EdUERJ; Papéis Selvagens, 2016.

CLIFFORD, James. Sobre a autoridade etnográfica. In: CLIFFORD, James. *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998, p. 17 – 62.

COELHO, Maria Cláudia. Sobre tropas e cornetas: apresentação à edição brasileiras de *Writing Culture*. In: CLIFFORD, James. MARCUS, George. (org). *A escrita da cultura*. Rio de Janeiro: EdUERJ; Papéis Selvagens, 2016.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Revista Estudos Feministas*, v.10, Florianópolis, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2002000100011> Acesso em 1 jun. 2022.

CUTI, Luiz Silva. O leitor e o texto afro-brasileiro. In: FIGUEIREDO, Maria do Carmo Lanna. FONSECA, Maria Nazareth Soares (Org). *Poéticas Afro-brasileiras*. Belo Horizonte: PUC Minas, 2002, p. 19-36.

DEBAENE, Vincent. Tradução Daniel Lühmann. Encontrar uma linguagem? Claude Levi-Strauss e a Literatura. *Revista Rosa*. Disponível em: <https://revistarosa.com/7/encontrar-uma-linguagem#notarodap%C3%A91> Acesso em 05 ago. 2023.

DUMARESQ, L. Ensaio (travesti) sobre a escuta (cisgênera). *Revista Periódicus*, [S. l.], v. 1, n. 5, p. 121–131, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/17180>

ESCOBAR, Natalie. DEVARAJAN, Kumari. MERAJI, Sheeren Marisol. Is it time to say R.I.P to ‘POC’?. *Podcast Code Switch*. NPR – National Public Radio, 2020. Disponível em: <https://www.npr.org/2020/09/29/918418825/is-it-time-to-say-r-i-p-to-p-o-c> Acesso em 15 mar 2023.

EVARISTO, Conceição. 2011. *Poemas malungos – Cânticos irmãos*. Tese de doutorado em Literatura Comparada. Instituto de Letras. Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2011. 178f.

EVARISTO, Conceição. *Becos da Memória*. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

EVARISTO, Conceição. Conceição Evaristo: Escrivências. Leituras Brasileiras, 2020. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=QXopKuvxevY&ab\\_channel=LeiturasBrasileiras](https://www.youtube.com/watch?v=QXopKuvxevY&ab_channel=LeiturasBrasileiras) Acesso em 6 ago 2022.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (org.). *Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007. p. 16-21.

EVARISTO, Conceição. *Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade*. Scripta, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2009.

FERREIRA, Bia. *De dentro do apê* – (part. Thata Alves) – [clipe oficial]. 2019. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=xITsc4nm\\_NI&ab\\_channel=BiaFerreira](https://www.youtube.com/watch?v=xITsc4nm_NI&ab_channel=BiaFerreira) Acesso em 8 set. 2023.

FONSECA, Cláudia. “Lá” onde, cara pálida? Pensando as glórias e os limites do “campo” etnográfico. In: BRITES, Jurema. MOTTA, Flávia de Mattos (orgs). *Etnografia, o espírito da antropologia: tecendo linhagens – homenagem a Cláudia Fonseca*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2017, p. 468-466.

FONSECA, Cláudia. Quando cada caso NÃO é um caso: pesquisa etnográfica e educação. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, v. 10, p. 58-78, 1999.

FONSECA, Vitória. Autoria. In: PROJETO TODAS ESCRREVEMOS. *TodAs Escrevemos: uma coletânea*. Porto Alegre: Iasmin Gonçalves Schleder/Selo TodAs Escrevemos, 2021, p. 43.

FORA DA ASA EXPERIÊNCIAS PLURAIS. Radar TVE – 20/04/2023 – TodAs Escrevemos. 2023. Disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=pztBrT3htzM&ab\\_channel=ForadaAsaExperi%C3%AAnciasPlurais](https://www.youtube.com/watch?v=pztBrT3htzM&ab_channel=ForadaAsaExperi%C3%AAnciasPlurais) Acesso em 25 nov. 2023.

GAMBÔA, Thamires. 7 poemas para enviar. In: PROJETO TODAS ESCRREVEMOS. *TodAs Escrevemos: uma coletânea*. Porto Alegre: Iasmin Gonçalves Schleder/Selo TodAs Escrevemos, 2021, p. 80-82.

GATES JR, Henry Louis. Pós-facio – Zora Neale Hurston: “uma maneira negra de falar”. In: HURSTON, Zora Neale. *Seus olhos viam Deus*. Rio de Janeiro: Record, 2002, p. 211-212.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2015.

GEERTZ, Clifford. Estar lá: A antropologia e o cenário da escrita. In: GEERTZ, Clifford. *Obras e vidas: o antropólogo como autor*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

GOLDMAN, Márcio. A relação afro-indígena. *Revista Cadernos de Campo*, São Paulo, n. 23, 2014, p. 213 – 222. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/download/98442/97146/171017> Acesso nov. 2023.

GOMES, Laura Graziela. LEITÃO, Débora Gabriela. Etnografia em ambientes digitais: perambulações, acompanhamentos e imersões. *Revista Antropolítica*, Nitéroí, v. 1, n. 42, 2018, p. 41-65. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/antropolitica/article/view/41884/pdf> Acesso em 15 out. 2022.

GOMES, Roberta da Silva. (2023). *Erguer a voz, escrever e cartografar: memórias de uma mulher negra e lésbica na pós-graduação*. Dissertação de mestrado em Psicologia Social e Institucional. Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 141f.

GOMEZ, Mónica Carrasco. Trabajando con jóvenes en Chiapas: formación, horizontalidad y fortalecimiento académico. *Revista Ichan Tecolotl – Ciesas*, Cidade do México, n. 377, ano 35, 2022. Disponível em: <https://ichan.ciesas.edu.mx/17424-2/> Acesso em ago. 2022.

GONÇALVES, Paulina dos Santos. In: PROJETO TODAS ESCRREVEMOS. *TodAs Escrevemos: uma coletânea*. Porto Alegre: Iasmin Gonçalves Schleder/Selo TodAs Escrevemos, 2021, p.64.

GONZAGA JR, Luiz (Gonzaguinha). *Comportamento Geral*. Disco *Luiz Gonzaga Jr*, 1973. Disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=Cokqqpb8fCE&ab\\_channel=TV Cultura](https://www.youtube.com/watch?v=Cokqqpb8fCE&ab_channel=TV Cultura) Acesso em 30 set 2023.

GONZÁLEZ, Lélia. O golpe de 1964, o novo modelo econômico e a população negra. In: GONZÁLEZ, Lélia. HASENBALG, Carlos. *Lugar de Negro*. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, 1982, p. 11-17.

GONZÁLEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latinoamericano e caribenho. In: GONZÁLEZ, Lélia. *Primavera para as rosas negras: Lélia González em primeira pessoa*. Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2018, p. 307-320.

GONZÁLEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: GONZÁLEZ, Lélia. *Primavera para as rosas negras: Lélia González em primeira pessoa*. Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2018, p. 190-214.

GUEDES, Marcus. “*Indígenas questionam tradicional apelido ‘Bugre’ do Guarani*. Folha de São Paulo, 26 de setembro de 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2020/09/indigenas-questionam-tradicional-apelido-bugre-do-guarani.shtml> Acesso em 11 jun. 2023.

GUEDES, Marilde Queiroz. *Recriar Paulo Freire*. Canal Café com Paulo Freire, 2023. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=G3ssDorux9U&t=162s&ab\\_channel=Caf%C3%A9comPauloFreire](https://www.youtube.com/watch?v=G3ssDorux9U&t=162s&ab_channel=Caf%C3%A9comPauloFreire) Acesso em 03 nov. 2023.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, v.5, São Paulo, 1995, p. 07-41.

HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2013

HOOKS, bell. *O feminismo é para todo mundo – políticas arrebatadoras*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

HURSTON, Zora Neale. BASQUES, Messias. O que os editores brancos não publicarão (tradução) / Zora Hurston e as luzes negras das Ciências Sociais (Texto de apresentação – Messias Basques). *Ayé - Revista de Antropologia*. Acarape, v. 1, n.1, maio, 2019, p. 106 – 111. <https://revistas.unilab.edu.br/index.php/Antropologia/article/view/288>

HURSTON, Zora Neale. *I Love Myself when I Am Laughing... and then again when I am looking mean and impressive: a Zora Neale Hurston reader*. New York: Feminist Press at CUNY, 1979, pp. 169-173.

JULY, Miranda. *Open the World*. 2020. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=xQSacXiRLpY&ab\\_channel=Artangel](https://www.youtube.com/watch?v=xQSacXiRLpY&ab_channel=Artangel) Acesso em 21.05.2023.

KILOMBA, Grada. A palavra N. e o trauma: “Todo mundo é diferente (...) E isso torna o mundo maravilhoso...” – O teatro do racismo e sua triangulação. *In: KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Tradução: Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019, p. 155-166.

KILOMBA, Grada. Cura e transformação: “(...) *Sistah*, ele disse” – Mama África e reparação traumática. *In: KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Tradução: Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019, p. 209-212.

KILOMBA, Grada. Cura e Transformação: “Pessoas negras me cumprimentavam na rua...” – Reunindo os fragmentos do colonialismo. *In: KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Tradução: Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019, p. 205-209.

KILOMBA, Grada. Performando negritude. *In: KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Tradução: Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019, p. 173-181.

LESINA, Eduardo. *Grupo de Estudos Atinúkê aprofunda pesquisa sobre o pensamento da mulher negra*. *Jornal do Comércio*, 22/04/2019. Disponível em: [https://www.jornaldocomercio.com/conteudo/cadernos/empresas\\_e\\_negocios/2019/04/679640-grupo-de-estudos-atinuke-aprofunda-a-pesquisa-sobre-o-pensamento-da-mulher.html](https://www.jornaldocomercio.com/conteudo/cadernos/empresas_e_negocios/2019/04/679640-grupo-de-estudos-atinuke-aprofunda-a-pesquisa-sobre-o-pensamento-da-mulher.html) Acesso em 26 jun. 2023.

LOPES, Joyce Souza. Lugar de branco e o “branco fora de lugar”: Representações sobre a branquitude e suas possibilidades de antirracismo entre negra/os e branca/os do/no Movimento Negro em Salvador- BA. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pelotas. Programa

de Pós-graduação em Antropologia Social. Pelotas, 2016. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/ppgant/files/2017/02/LOPES-Joyce-Souza.pdf> Acesso em 17 abr. 2023.

LORDE, Audre. A transformação do silêncio em linguagem e ação. In: LORDE, Audre. *Irmã Outsider – ensaios e conferências*. Tradução: Stephanie Borges. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2019, p. 51-56.

LUNA, Luedji. *Dentro Ali – Luedji Luna*. Direção e roteiro: Gerson Garibaldi e Luedji Luna, 2015. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=CflFhqEzoEY&ab\\_channel=GersonGaribalde](https://www.youtube.com/watch?v=CflFhqEzoEY&ab_channel=GersonGaribalde) Acesso em 07 dez. 2023.

MACHADO, Bárbara Araújo. 2010. *A literatura negra de Conceição Evaristo: Construindo a identidade diaspórica a partir dos vestígios da memória*. Trabalho de conclusão de curso. Departamento de História. Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2010. 49f.

MANO A MANO PODCAST. *Entrevista com Conceição Evaristo*. Entrevistada: Conceição Evaristo. Entrevistadores: Mano Brown e Semayat Oliveira. 15 jun. 2023. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/4BnaMQUzUXvDo276bkHs3d?si=Y2xdT-IQ4GMhnwWU9InFg> Acesso em 16 jun. 2023.

MARQUES, Ana Martins. Primeiro Poema. In: MARQUES, Ana Martins. *O livro das semelhanças*. Companhia das Letras: São Paulo, 2015.

MARTINS, Leda Maria. *Afrografias da memória: o Reino no Rosário do Jatobá*. São Paulo: Perspectiva, 1997.

MARTINS, Leda Maria. *Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela*. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2021.

MAYER, Gabriela. Quando me descobri branca: a leitura de autoras negras me abriu espaços de reconhecimento e tensão nas questões raciais. *Revista Digital AzMina*, 2023, s/p. Disponível em: <https://azmina.com.br/colunas/literatura-negra-quando-me-descobri-branca/> Acesso em 5 ago. 2023.

MENDÉZ, Amaranta Medina. *Para perderle el miedo a la escritura*. Cidade do México: Libros Demac A.C., 2013.

MONTE, Marisa. BROWN, Carlinhos. ANTUNES, Arnaldo. Marisa. *Infinito Particular*. 2006. Disponível em: <https://www.marisamonte.com.br/composicoes/> Acesso em 14 dez. 2023.

MORAGA, Cherríe. ANZALDÚA, Gloria (orgs.). *This bridge called my back: writings by radical women of color*. New York: Kitchen Table, 1981.

MORAGA, Cherríe. It's the Poverty. In: MORAGA, Cherrie. *Loving in the war years – lo que nunca pasó por sus labios*. South End Press: Boston, 1983, p. 62-64.

MOSES, Yolanda. Is the term “People of color” acceptable in this day and age?. *Sapiens Anthropology Magazine*, 2016. Disponível em: <https://www.sapiens.org/language/people-of-color/> Acesso em 18 set. 2023.

MOURA, Maria Aparecida. Racismo estrutural, epistemologia da ignorância e a produtividade do discurso colonial: cartografia de controvérsias sobre a tentativa de desfazimento do acervo bibliográfico da Fundação Cultural Palmares. *Liinc Revista*, Rio de Janeiro, v.17, n.2, 2021. Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/5789> Acesso em 15 jan. 2023.

NASCIMENTO, Beatriz. O conceito de quilombo e a resistência cultural negra. In: NASCIMENTO, Beatriz. RATTTS, Alex (org). *Uma história feita por mãos negras*. Editora Zahar: Rio de Janeiro, 2021, p. 146-162.

NASCIMENTO, Letícia. *Transfeminismo*. São Paulo: Jandaiara, 2021.

NASCIMENTO, Tatiana dos Santos. (2014) *Letramento e tradução no espelho de Oxum: teoria lésbica negra em auto/re/conhecimentos*. Tese de Doutorado em Estudos da Tradução. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução. Universidade Federal de Santa Catarina. 2014.

NASCIMENTO, Tatiana. *Cuírlombismo Literário*. Brasília/Rio de Janeiro: Padê Editorial/Editora N-1, 2019.

NOGUEIRA, Pablo. Retrato em preto e branco. *Revista Unesp Ciência*. São Paulo, v. 1, n. 11, agosto, p. 18-27, 2010.

OHNMACHT, Taiasmin. Re (v) solução. In: PROJETO TODAS ESCREVEMOS. *TodAs Escrevemos: uma coletânea*. Porto Alegre: Iasmin Gonçalves Schleder/Selo TodAs Escrevemos, 2021, p. 92.



OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. Prefácio a 2ª Edição. In: OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *Do índio ao bugre: o processo de assimilação dos Terêna*. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1976, p. 7-12.

OYÈRÓNKÉ, Oyèwùmí . *A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero*. Tradução: Wanderson Flor do Nascimento. Rio de Janeiro: Editora Bazar do Tempo, 2021.

PEIRANO, Mariza. *Etnografia, ou a teoria vivida*. Ponto.Urbe (USP), v. 2, 2008. Disponível em: <https://journals.openedition.org/pontourbe/1890> Acesso em 25 set. 2022.

PAGOT, Natália. Sentidos Turvos. In: PROJETO TODAS ESCRREVEMOS. *TodAs Escrevemos: uma coletânea*. Porto Alegre: Iasmin Gonçalves Schleder/Selo TodAs Escrevemos, 2021, p. 25-26.

PEIRANO, Mariza. A favor da etnografia. *Anuário Antropológico*, Rio de Janeiro, v. 1992, p. 179-223, 1994.

PREFEITURA DE CAXIAS DO SUL. *Cidade – Apresentação*. 2023. Disponível em: <https://caxias.rs.gov.br/cidade> Acesso em 5 ago. 2023.

QUIJANO, Anibal. WALLERSTEIN, Immanuel. La americanidad como concepto, o América en el moderno sistema mundial. *Revista de Internacional de Ciencias Sociales Unesco*, v. 44, n. 4, 1992, p. 583-592. Disponível em: [https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000092840\\_spa](https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000092840_spa). Acesso em 07 mai 2023.

RAMOS, Alberto Guerreiro. O problema do negro na sociologia brasileira. *Cadernos de Nosso Tempo*, v. 2, n. 2, 1954, p.189-220.

RATTS, Alex. GOMES, Bethania (orgs). *Todas (as) distâncias: poemas, aforismos e ensaios de Beatriz Nascimento*. Salvador: Editora Ogum's Toques Negros, 2015.

RIBEIRO, Ana Elisa. *Palestra Mulheres Editoras no Brasil*. Academia Mineira de Letras. 15 jan. 2019. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=IX-NuYW08sk&list=PLzI29-Lvg4GnhvUB1Rky6ZK\\_M0RtEJ2Z9&index=51&t=559s&ab\\_channel=AcademiaMineiraDeLetras](https://www.youtube.com/watch?v=IX-NuYW08sk&list=PLzI29-Lvg4GnhvUB1Rky6ZK_M0RtEJ2Z9&index=51&t=559s&ab_channel=AcademiaMineiraDeLetras) Acesso em 27 jun. 2023.

ROCHA, Lilian. Medo. In: PROJETO TODAS ESCRREVEMOS. *TodAs Escrevemos: uma coletânea*. Porto Alegre: Iasmin Gonçalves Schleder/Selo TodAs Escrevemos, 2021, p. 48-49.



RODRIGUES, Aline de Moura. 2021. *Encontros entre América y Abya Yala: negritude e mexicanidade de mulheres negras*. Trabalho de conclusão de curso bacharelado em Ciências Sociais. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2021, f. 93. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/225705>

RODRIGUES, Aline de Moura. Iniciação científica: o que aprendi sobre racismo e sofrimento psíquico. In: NARDI, Henrique Caetano. SILVEIRA, Raquel. SILVA, Liziane Guedes. RODRIGUES, Luciana. *Psicologia e Relações raciais: um percurso em construção*. Florianópolis: ABRAPSO Editora, 2020, p. 73-84.

RODRIGUES, Vera. “Quando a mulher negra fala: afeto, teoria e política em (des)construção”. *Portal Pense Humanas*, 2020. Disponível em: <https://pensehumanas.com.br/post/quando-a-mulher-negra-fala-afeto-teoria-e-politica-em-des-construcao> Acesso em 14 abr. 2022.

ROSA, Marcus. 2014. *Além da invisibilidade: história social do racismo em Porto Alegre durante o pós-abolição (1884-1918)*. Tese de Doutorado. Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Campinas, 2014.

ROSA, Thayse Uchôa de Souza. (2018) *Atinúkê: estratégias de comunicação e fortalecimento entre mulheres negras*. Monografia do Bacharelado em Jornalismo. Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 53f. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/190077> Acesso em 01 mar 2023.

ROZA, Gabriele. O muro permanece alto para mulheres negras. *Portal Gênero e Número*. 23/07/2021. Disponível em <https://www.generonumero.media/muro-mulheres-negras/>. Acesso em 31 jan 2022.

SCHIFFRIN, André. *O negócio dos livros: como grandes corporações decidem o que você lê*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2006.

SCHLDER, Iasmin. *Lançamento Coletânea TodAs Escrevemos*. Canal Fora da Asa, 2021. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=RiesWpPvjRM&t=1028s&ab\\_channel=ForadaAsaExper%C3%AanciasPlurais](https://www.youtube.com/watch?v=RiesWpPvjRM&t=1028s&ab_channel=ForadaAsaExper%C3%AanciasPlurais) Acesso em 5 set. 2022.

SEMEDO, Maria Odete da Costa Soares. (2010). *As mandjuandadi – Cantigas de mulher na Guiné-Bissau: da tradição oral à literatura*. Tese de doutorado em Literaturas de língua portuguesa. Programa de pós-graduação em Letra. Pontifícia Universidade Católica de Minas

Gerais. Belo Horizonte. 452f. Disponível em: [http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Letras\\_SemedoMO\\_1.pdf](http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Letras_SemedoMO_1.pdf) Acesso em 10 out. 2021.

SILVEIRA, Lu Kârana. *Branquitude e as percepções de si: Trajetória “particular” que se entende como norma*. Resumo - XXXIII Salão de Iniciação Científica. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/245121> Acesso em 15 nov. 2023.

SOARES, Elza. *Comportamento Geral* - Videoclipe Oficial. 2019. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=Ttn6V\\_r3D9Y&ab\\_channel=ElzaSoares](https://www.youtube.com/watch?v=Ttn6V_r3D9Y&ab_channel=ElzaSoares) Acesso em 14 set 2022.

SOUZA, Florentina. Gênero e ‘raça’ na literatura brasileira. In: JENSEN EBLE, Laeticia. DALCASTAGNÈ, Regina (org). *Literatura e Exclusão*. Porto Alegre: Zouk, 2017, p. 281-290.

STRATHERN, Marilyn. *O efeito etnográfico*. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

STRATHERN, Marylin. Uma relação incômoda: o caso do feminismo e da Antropologia. *Revista Mediações*, Londrina, v.14, n.2, 2009, p.83-104. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/4508> Acesso em 3 ago. 2022.

TV CULTURA. *Programa Estação Livre – Aquilombamento – 04/03/2022*. Entrevista realizada por Cris Guterres. Entrevistadas: Bianca Santana e Cintia Marinho, 2022. Disponível em: [www.youtube.com/watch?v=ETbF5kLZhhE&ab\\_channel=TV Cultura](http://www.youtube.com/watch?v=ETbF5kLZhhE&ab_channel=TV Cultura) Acesso em 20 mai 2023.

URBIM, Luciana. Toda a potência de um coletivo feminino. Portal Literatura RS. Publicado em 20 de maio de 2021. Disponível em: <https://literaturars.com.br/2021/05/20/toda-a-potencia-de-um-coletivo-feminino/> Acessado em 22 jan. 2022.

VIDAL, Brenda. Análise. Site Todas Escrevemos, 2020. Disponível em <https://www.todasescrevemos.com/an%C3%A1lise> Acesso em 17 jan. 2022.

VIDAL, Brenda. Precarização versus Poesia. In: VIDAL, Brenda. *Sujeita*. Porto Alegre: Fora da Asa – Experiências Plurais, 2020, p. 40-41.

VIDAL, Brenda. Solidão: mergulho no profundo. In: PROJETO TODAS ESCREVEMOS. *TodAs Escrevemos: uma coletânea*. Porto Alegre: Iasmin Gonçalves Schleder/Selo Todas Escrevemos, 2021, p. 32-32.

WAGNER, Roy. *A invenção da cultura*. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

WARE, Vron. (Org.). *Branquidade: identidade branca e multiculturalismo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

WOOLF, Virgínia. *Um teto todo seu*. São Paulo: Tordesilhas, 2014.